



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

TADMA LAYS DUTRA GOMES

**ENTRE O MAGISTÉRIO E O TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO:
Classe, Gênero e Docência**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA

2025

TADMA LAYS DUTRA GOMES

**ENTRE O MAGISTÉRIO E O TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO:
Classe, Gênero e Docência**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Políticas Públicas Educacionais

Orientadora: Dra. Tatyenne Gomes Marques

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2025

TADMA LAYS DUTRA GOMES

**ENTRE O MAGISTÉRIO E O TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO:
Classe, Gênero e Docência**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Políticas Públicas Educacionais

Orientadora: Dra. Tatyenne Gomes Marques

Vitória da Conquista, 27 de fevereiro de 2025.

Dra. Tatyenne Gomes Marques

Programa de Pós-graduação em Educação – PPGED/ UESB
(Orientadora)

Dra. Carmem Lúcia Eiterer

Programa Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social – FaE/UFMG

Dra. Berta Leni Costa Cardoso

Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Docente – PPGduF/UNEB
Programa de Pós-graduação em Educação – PPGED/UESB

Dr. Cláudio Pinto Nunes

Programa de Pós-graduação em Educação – PPGED/UESB

G618e

Gomes, Tadmá Lays Dutra.

Entre o magistério e o trabalho doméstico não remunerado: classe, gênero e docência / Tadmá Lays Dutra Gomes, 2025.

198 f.

Orientador (a): Dr.^a Tatyane Gomes Marques.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, Vitória da Conquista, 2025.

Inclui referências F. 143 - 150

1. Educação. 2. Mulheres. 3. Políticas públicas educacionais. 4. Trabalho docente. 5. Trabalho doméstico. I. Marques, Tatyane Gomes. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED. III. T.

CDD 305.43

AGRADECIMENTOS

Gratidão, primeiramente, à minha família, que me deu condições materiais e apoio para galgar o Ensino Superior. Em especial, às minhas irmãs Layla Dutra e Lízia Dutra, à minha mãe, professora Janete Dutra — meu maior exemplo de competência e profissionalismo —, a Carmilton Soares, e ao meu tio e tias, professora Renata Dutra, professor Vaudico Pereira e professora Iara Oliveira.

Aos melhores amigos, Bianca Brito e Diogo Aguiar, que sempre estiveram ao meu lado nos últimos anos.

Aos meus grandes amigos/as e companheiros/as de luta, em especial, ao professor Misael Lacerda, à professora Vanusa Ruas, à professora Vânia Ruas, à professora Suzy Ferraz, Dáblío Ferraz, Joaquim Vieira, Álvaro Gabriel e Eulália Dias. Vocês me proporcionaram uma maior compreensão das lutas e vitórias coletivas, ao passo que também tornaram essa trajetória mais leve e prazerosa.

Aos meus amigos/as, colegas e ex-colegas da Biblioteca Municipal de Belo Campo e da Secretaria Municipal de Educação, em particular, a Anete Rodrigues, Alvaneide Carvalho, Isabella Ferraz, Carlos Eduardo, Lucas Tigre, Jéssica Oliveira, Nayara Santos, Dona Vitória, Nathan Nunes, Eliana, Alisson Ruas e Ricardo Carvalho.

Aos professores e professoras da Escola Municipalizada Roberto Santos.

Aos meus alunos, que tanto me ensinaram.

Aos meus professores e professoras da Educação Infantil até o Mestrado, especialmente, à minha orientadora Dra. Tatyane Marques, uma pesquisadora e educadora potente que me conduziu nesta trajetória, e à coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Movimentos Sociais, Diversidade, Educação do Campo e da Cidade – GEPEMDECC, Dra. Arlete Ramos. Todos os dias, vocês me ensinaram sobre a importância de lutarmos por uma sociedade verdadeiramente justa, equânime e democrática.

Às professoras de Belo Campo, vocês foram a força motriz desta pesquisa.

Cada um/a de vocês tem um ladrilho nesse chão. Obrigada por caminharem comigo.

Agradeço e dedico esse trabalho, por fim, à todas as mulheres trabalhadoras, em especial, à minha mãe, que me ensinou sobre a importância da educação, do trabalho e da luta pela justiça social.

Epígrafe

“Para criar mulheres livres, nós precisamos criar as condições necessárias”.

Delegada Uraimagova durante o Congresso das Mulheres na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas *apud* Goldman, 2014.

ENTRE O MAGISTÉRIO E O TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO:

Classe, Gênero e Docência

RESUMO

Arquitetada sob o Materialismo Histórico Dialético e tendo as professoras da Educação Básica como sujeitos centrais do estudo, a presente dissertação tem o objetivo de refletir acerca da totalidade, contradições e múltiplas determinações que condicionam o trabalho docente feminino na Educação Básica brasileira aliado ao trabalho doméstico não remunerado perante a dominação capitalista, neoliberal e patriarcal. Para tanto, a pesquisa mobiliza um robusto arcabouço teórico marxista e feminista classista – provocando a análise das categorias totalidade, contradição, gênero, trabalho e alienação – e três instrumentos metodológicos – análise documental, questionário e entrevistas semiestruturadas – no sentido de compreender as circunstâncias das mulheres professoras proletárias em suas jornadas contínuas e estafantes que lhes aliena, embrutece, priva-lhes da participação efetiva na vida pública, do aprimoramento intelectual e do protagonismo na construção de um projeto societário emancipador. Como recorte geográfico, temporal e social, a pesquisa centra-se nas professoras da rede municipal de Belo Campo (BA) no ano de 2024, e como as suas experiências são condicionadas pelas relações de produção e reprodução. A análise revela a impossibilidade de compreensão do trabalho docente sem considerar o modo de produção capitalista e o demarcador gênero em meio ao fenômeno da “feminização do magistério”. À vista disso, entende-se que assimilar tais contextos torna-se imprescindível na instrumentalização, no enfrentamento e na superação dessas desigualdades estruturais e na articulação de políticas públicas de valorização da docência e de socialização, desmercantilização e desfamiliarização do trabalho doméstico historicamente atribuído às mulheres.

Palavras-chave: Educação. Mulheres. Políticas Públicas Educacionais. Trabalho Docente. Trabalho Doméstico.

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1 - Fluxo do processo constitutivo do Estado do Conhecimento.....p. 35
- FIGURA 2 - Etapas do Estado do Conhecimento (Etapa 1 a 12).....p. 37
- FIGURA 3 - Descritores no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.....p. 39
- FIGURA 4 - Metodologia do levantamento.....p. 94

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Descritor por banco de dado.....	p. 41
QUADRO 2 - CAPES e BDTD por descritor (DD/DP).....	p. 43
QUADRO 3 - Categorização (TDF + TDFTDNR).....	p. 44
QUADRO 4 - Fluxo do processo constitutivo do Estado do Conhecimento.....	p. 90
QUADRO 5 - Matrículas da rede municipal de Belo Campo por local, etapa e modalidade.....	p. 93
QUADRO 6 – Professores/as de Belo Campo por sexo/gênero.....	p. 102
QUADRO 7 – Professores/as de Belo Campo por faixa etária.....	p. 103
QUADRO 8 – Professores/as de Belo Campo por vínculo.....	p. 104
QUADRO 9 – Professores/as de Belo Campo por cargo e carga horária semanal.....	p. 105
QUADRO 10 – Professores/as de Belo Campo por nível de formação e gênero.....	p. 106
QUADRO 11 – Professores/as de Belo Campo por local de moradia trabalho.....	p. 106
QUADRO 12 - Situação funcional dos/as professores/as de Belo Campo.....	p. 107
QUADRO 13 - Codinomes das entrevistas semiestruturadas.....	p. 116

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Percentual de pesquisas por categoria.....	p. 49
GRÁFICO 2 - Percentual de pesquisas por nível.....	p. 50
GRÁFICO 3 - Frequência das produções por ano – 2014/2023.....	p. 51
GRÁFICO 4 - Percentual de produções por macrorregião.....	p. 51
GRÁFICO 5 - Percentual de pesquisas por Programa de Pós-graduação.....	p. 52
GRÁFICO 6 - Percentual de pesquisas por método.....	p. 53
GRÁFICO 7 - Percentual de pesquisas por natureza.....	p. 54
GRÁFICO 8 - Percentual de instrumentos de coleta.....	p. 55
GRÁFICO 9 - Percentual de autores por gênero.....	p. 56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO E O GÊNERO COMO CATEGORIA	16
1.1 A DIALÉTICA, DIALÉTICA DE MARX E O MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO	18
1.2 HEGEL PARA ALÉM KANT, MARX PARA ALÉM DE HEGEL E O FEMINISMO MARXISTA PARA ALÉM DE MARX: O GÊNERO COMO CATEGORIA	24
2 O ESTADO DO CONHECIMENTO E A SINGULARIDADE DO OBJETO DE PESQUISA	32
2.1 O ESTADO DA ARTE.....	33
2.2 O ESTADO DO CONHECIMENTO	34
2.3 A CONSTRUÇÃO DO ESTADO DO CONHECIMENTO	35
2.4 O ESTADO DO CONHECIMENTO E O PANORAMA EDIFICADO.....	45
3 TRABALHO, ALIENAÇÃO, TRABALHO DOCENTE E TRABALHO DOCENTE FEMININO SOB O CAPITAL: POLÍTICAS PÚBLICAS DE VALORIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO	58
3.1 TRABALHO, TRABALHO ALIENADO E O TRABALHO PARA ALÉM DO CAPITAL	59
3.2 TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA SOB O CAPITAL: A URGÊNCIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE VALORIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO DA EDUCAÇÃO BÁSICA	63
3.3 FEMINIZAÇÃO DA DOCÊNCIA E TRABALHO DOCENTE FEMININO SOB O CAPITAL: A MARCA DO GÊNERO NO MAGISTÉRIO	67
4 TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO SOB O CAPITAL E A SOCIALIZAÇÃO ATRAVÉS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS	72
4.1 DIVISÃO SOCIAL E SEXUAL DO TRABALHO SOB O CAPITAL	72
4.2 GÊNERO, PATRIARCADO E TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO SOB O CAPITAL	76
4.3 SOCIALIZAÇÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO: “DIREITO NOSSO E DEVER DO ESTADO!”	81
5 ENTRE A CASA E A ESCOLA – PROFESSORAS DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE BELO CAMPO: A URGÊNCIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS PELA SOCIALIZAÇÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO E DE VALORIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE	86
5.1 O EU E O MEU OBJETO.....	87
5.2 BELO CAMPO: “A CABEÇA PENSA A PARTIR DE ONDE OS PÉS PISAM”.....	89
5.3 METODOLOGIA.....	94
5.4 A TOTALIDADE: LEVANTAMENTOS A PARTIR PORTAL DA TRANSPARÊNCIA, DO DIÁRIO OFICIAL E DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE BELO CAMPO DE BELO CAMPO.....	101

5.5	QUESTIONÁRIO: O QUE MAIS FALTA DESCOBRIR SOBRE AS PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE BELO CAMPO?.....	108
5.6	FONTE ORAL: AS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS COM AS MULHERES PROFESSORAS DE BELO CAMPO.....	115
5.7	O CENÁRIO CONSTRUÍDO E O PAPEL DAS POLÍTICAS PÚBLICAS: COMO SE TRANSFORMA UMA SOCIEDADE?.....	135
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	138
	REFERÊNCIAS	143
	APÊNDICE 1 – QUADROS DO ESTADO DO CONHECIMENTO.....	151
	APÊNDICE 2 – CATEGORIZAÇÃO DO ESTADO DO CONHECIMENTO.....	174
	APÊNDICE 3 – QUESTIONÁRIO	179
	APÊNDICE 4 – GUIA PARA ENTREVISTAS.....	196

INTRODUÇÃO

E, quando eu estava escrevendo aquela resenha, descobri que, se fosse resenhar livros, ia ter de combater um certo fantasma. E o fantasma era uma mulher, e quando a conheci melhor, dei a ela o nome da heroína de um famoso poema, ‘O Anjo do Lar’.

Era ela que costumava aparecer entre mim e o papel enquanto eu fazia as resenhas. Era ela que me incomodava, tomava meu tempo e me atormentava tanto que no fim matei essa mulher.

[...] foi uma experiência inevitável para todas as escritoras daquela época. Matar o Anjo do Lar fazia parte da atividade de uma escritora.

Mas continuando minha história: o Anjo morreu, e o que ficou? Vocês podem dizer que o que ficou foi algo simples e comum - uma jovem num quarto com um tinteiro.

Virgínia Woolf¹

Arquitetada sob o Materialismo Histórico Dialético e tendo as professoras da Educação Básica como sujeitos centrais do estudo, a presente dissertação pretende refletir acerca da totalidade e múltiplas determinações que condicionam o trabalho docente feminino aliado ao trabalho doméstico não remunerado em uma conjuntura da dominação capitalista, neoliberal e patriarcal. No sentido de compreender as circunstâncias das mulheres professoras/trabalhadoras domésticas, a pesquisa aspira discutir – a partir das categorias totalidade, contradição, classe, gênero e trabalho – um robusto arcabouço teórico que reflete como essas jornadas contínuas, repetitivas e estafantes lhes alienam, embrutecem, privam-lhes da participação política, do aprimoramento intelectual e do protagonismo na construção de um projeto societário emancipador.

Com base nas considerações introdutórias, esta dissertação se organiza em cinco capítulos, além desta breve introdução e das considerações finais.

No Capítulo 1, intitulado de “O Materialismo Histórico Dialético e o Gênero como categoria”, ao antepor seu método, a presente dissertação almeja interpretá-lo, contextualizá-lo, compreendendo suas limitações e dotando-lhe de novas perspectivas. Logo, prioriza obras do próprio Karl Marx sobre o método, bem como estudos de outros pesquisadores que igualmente abordam Marx e o MHD². A princípio, o texto traça a trajetória da dialética, desde a Antiguidade Clássica grega até a contemporaneidade, passando por Kant, Hegel até Karl Marx. Esse percurso tem o intuito de fundamentar a origem e significado de conceitos fundamentais do método, tais como a totalidade, a contradição, o trabalho, a práxis, a essência e aparência, a infraestrutura e superestrutura, as condições objetivas e subjetivas, múltiplas determinações e alienação.

¹ Profissões para mulheres e outros artigos feministas (2020).

² Materialismo Histórico Dialético.

Nesse interim, o capítulo 1 fundamenta a urgência de um “ponto de vista feminista” no seio do MHD por meio de um “sub-conjunto” de estudos que historicizam o método marxista e o abordam aliado à categoria gênero. Essa imbricação possibilita a análise concreta da realidade sem deixar de considerar as desigualdades entre os sexos, bem como os mecanismos pelos quais o Capital se apropriou do trabalho feminino, tanto na esfera da produção quanto na esfera da reprodução social. Essa análise torna-se fundamental ao nos³ unir e nos fortalecer perante as opressões, injustiças e violências, bem como para nos instrumentalizar para transformar a realidade que nos é imposta.

No capítulo 2, intitulado de “O Estado do Conhecimento e a Singularidade do Objeto de Pesquisa”, a presente dissertação propõe edificar as concepções de “Estado do Conhecimento” – discriminando-o de “Estado da Arte” – e estabelecer possibilidades de arquitetar um panorama complexo das pesquisas científicas, a nível de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado), que discutem precisamente o trabalho docente feminino da Educação Básica aliado ao trabalho doméstico não remunerado.

Nesse capítulo, foi imprescindível compreender o Estado do Conhecimento – enquanto instrumento valioso na produção científica e na delimitação do campo de investigação – para traçar um percurso singular capaz de apontar respostas às incertezas latentes acerca da consolidação da temática a nível de pós-graduação. Em 12 etapas, a pesquisa construiu seu próprio percurso no intuito de responder suas próprias perguntas e arquiteta um cenário sobre como as pesquisas brasileiras a nível de pós-graduação exploram a relação entre o trabalho docente feminino na Educação Básica e o trabalho doméstico não remunerado. Nesse interim, ao se autodenominar como original, almeja comprovar sua singularidade.

No capítulo 3, “Trabalho, Alienação, Trabalho Docente e Trabalho Docente Feminino sob o Capital: políticas públicas de valorização do magistério”, discutem-se as concepções teóricas das categorias trabalho e alienação e como essas contribuem para a compreensão do contexto do magistério da Educação Básica brasileira, diante do avanço do neoliberalismo na educação. O capítulo também aborda a “feminização do magistério” como um fator que agrava a alienação do trabalho docente e reflete acerca da necessidade de políticas públicas de valorização do magistério.

No capítulo 4, “Trabalho doméstico não remunerado sob o Capital e a socialização através das políticas públicas”, a dissertação ambiciona discutir a importância do trabalho doméstico não remunerado para o funcionamento sociometabólico do Capital a partir da

³ Aqui incluo-me enquanto mulher-pesquisadora-autora.

percepção do Materialismo Histórico Dialético. Para isso, teoriza a divisão social e sexual do trabalho, o “gênero” enquanto categoria social e o patriarcado. Do mesmo modo, destaca a importância do trabalho doméstico não remunerado para o Capital e a urgência da construção e implementação de políticas públicas que promovam a socialização do trabalho doméstico.

Finalmente, o capítulo 5, “Entre a casa e a escola – professoras da rede pública municipal de Belo Campo: a urgência de políticas públicas pela socialização do trabalho doméstico e de valorização do trabalho docente”, busca entender a exploração das professoras a partir de uma perspectiva prática, analisando suas jornadas desgastantes tanto na esfera profissional quanto na doméstica. Nesse caminho, será apresentada uma metodologia específica, utilizando as mulheres professoras da rede municipal de ensino de Belo Campo como sujeitos da pesquisa.

Este capítulo está organizado em sete seções, que incluem uma narrativa pessoal chamada “O eu e o objeto”, em que explora as motivações da escolha da temática e da abordagem materialista; a seção “Belo Campo: a cabeça pensa onde os pés pisam”, em que contextualiza o território econômico e social de Belo Campo e sua Educação Básica; Em seguida, “Metodologia” apresenta uma produção metalinguística sobre métodos e instrumentos de coleta de dados utilizados; A seção “A totalidade: levantamentos a partir do Portal da Transparência” oferece uma visão geral da docência em Belo Campo com foco de gênero, utilizando dados coletados de diversas fontes oficiais. A seção “Questionário: o que mais falta descobrir sobre as professoras?” analisa as condições de trabalho e o cotidiano das professoras da rede pública municipal. A seguir, a seção “Fonte oral: as entrevistas semiestruturadas” proporciona um panorama do universo doméstico e profissional das professoras. Por fim, “O cenário construído e o papel das políticas públicas: como se transforma uma sociedade?” enfatiza a urgência das políticas públicas de valorização do trabalho docente e para socialização do trabalho doméstico não remunerado.

Em uma perspectiva material da realidade, o texto ambiciona responder a principal questão da pesquisa: como se dá a totalidade e as múltiplas determinações que condicionam o trabalho docente feminino na Educação Básica brasileira? No intuito de responder tal pergunta, a dissertação relaciona a opressão e exploração do trabalho das professoras – que se acumulam e se articulam nas esferas da vida doméstica, assalariada e política – bem como, fomenta a relevância desse fenômeno perante as políticas públicas de valorização do trabalho docente e de socialização do trabalho doméstico não remunerado historicamente atribuído às mulheres.

Portanto, a pesquisa constrói um panorama de como o Capital se apropriou e se apropria do trabalho feminino remunerado e não remunerado, ao passo que relaciona a exploração e alienação do trabalho das mulheres professoras nas esferas assalariada e doméstica. Compreender esse fenômeno, a partir do cenário construído, torna-se crucial para pautar políticas públicas, mesmo que essas sejam vistas como conquistas graduais da classe trabalhadora no contexto capitalista. No entanto, para além disso, a dissertação busca avançar rumo a instrumentalização da classe trabalhadora e a abolição de todas as formas de desigualdade, subalternização, opressão e exploração, em prol de um projeto societário emancipador.

1 MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO E O GÊNERO COMO CATEGORIA

Ignorar Marx é conveniente, mas também é ingênuo e irresponsável.
Ralf Dahrendorf⁴.

Toda pesquisa científica exige a determinação de um corpo teórico-metodológico fundamentado em técnicas que possam orientá-la de modo amplo, integrado e dotando-lhe de forma e significado⁵. Esse corpo não está fundamentado unicamente nas técnicas de pesquisa, mas em uma compreensão mais ampla e integrada. Ao escolher a sua concepção, é indispensável que o pesquisador ou pesquisadora observe três riscos igualmente nocivos para a construção de um estudo objetivo, robusto e sólido: a apreensão da concepção metodológica de forma dogmática e rígida, sem garantir as críticas e problematizações necessárias; isentar-se ou eximir-se de definir uma concepção metodológica; e, por último, o ecletismo, ou “sopa eclética”⁶ vulgar, em que o estudioso decide o que há de válido e inválido em várias concepções metodológicas diferentes. Para Masson (2007), esse último torna-se o mais grave.

Afirmado isso, ao antepor seu método, o Materialismo Histórico Dialético, o presente trabalho não se isenta, muito menos almeja assumi-lo sob uma postura eclética e nem discutí-lo sem problematizá-lo e datá-lo. Ao optar pelo MHD, é necessário, em princípio, interpretá-lo, contextualizá-lo, interrogá-lo, concebê-lo, compreendendo suas limitações temporais e dotando-lhe de novas possibilidades de avanços e perspectivas. Para tanto, admite-se fazê-los a partir de três procedimentos diferentes: priorizar obras do próprio Karl Marx sobre o método; estudar toda a obra de Marx no intuito de compreender e contextualizar como este construiu suas concepções; conhecer estudos de outros pesquisadores/as que igualmente abordam Marx e seu método.

O domínio do método marxiano torna-se mais competente ao optarmos pelos três procedimentos. No entanto, o médio fôlego de uma dissertação é insuficiente para nos aprofundarmos neles concomitantemente. Por isso, o presente capítulo pretende partir do primeiro e do último procedimento, analisando as obras de Karl Marx em que este aborda especificamente os conceitos do seu método, bem como as obras de outros autores que foram seus contemporâneos – como o próprio Engels – ou que vieram depois dele.

⁴ *apud* LUZ, 2008.

⁵ MASSON, 2007.

⁶ LEFEBVRE *apud* MASSON, 2007, p.105.

Embora dedicar-se às fontes primárias tenha sempre um espaço de singularidade, é necessário compreender, de mesmo modo, que outros marxistas e marxianos igualmente construíram máximas sobre o método, as quais o próprio Marx não pode fazê-lo devido às limitações do seu tempo.

A partir do primeiro procedimento, abordaremos, neste capítulo, os dois principais textos de Marx sobre o seu método⁷: a “Contribuição à Crítica da Economia Política”, escrita em 1857 e publicada em 1859; e a introdução e posfácio da segunda edição original de “O Capital”. Ambos escritos revelam pilares do Materialismo Histórico Dialético na interpretação da realidade perante sua totalidade e contradições da sociedade capitalista. Segundo o autor, é a partir da sua interpretação que criaremos as bases para transformá-la.

Em meio ao terceiro procedimento, tencionamos a análise do MHD por intermédio de outros autores que discutiram o método de forma densa e inteligível, como é o caso de Leonardo Konder (2008) na obra “O que é Dialética?”, em que este constrói uma linha do tempo da dialética desde a Antiguidade, passando pelos Renascentistas, Iluministas, Kant, Hegel até atingir as categorias e princípios do método de Marx. Já na obra “A Dialética do Concreto”, Karel Kosik (2010) trilha a vertente marxista investigando suas questões essenciais, tais quais a relação entre essência e aparência e as categorias trabalho, totalidade, contradição e práxis. No livro “Marx: uma introdução”, Jorge Grespan (2021) busca compreender os contextos históricos e condições que moldaram Karl Marx, seus debates e ideais; por último, o artigo “Materialismo Histórico e Dialético: uma discussão sobre as categorias centrais”, publicado na Revista Práxis Educativa de Gisele Masson (2007), apresenta as principais categorias do método marxista e as contribuições deste para as pesquisas em educação.

Dentro desse terceiro procedimento, em que a pesquisa ambiciona interpretar o método marxista por meio de outros autores que não o Karl Marx, criou-se um “sub-conjunto” de estudos: obras que estudam ou abordam o MHD aliado à categoria gênero. Ou seja, obras que desomoginizem a classe trabalhadora, pautando a presença feminina nesta durante a análise concreta da realidade e imbriquem as categorias totalidade, contradição, trabalho e gênero nesse processo. Essa associação aprofunda o entendimento sobre como as relações de gênero e as condições em que as mulheres foram submetidas moldaram-se estruturalmente ao longo do tempo. Essa síntese da realidade revela não apenas as desigualdades e violências entre mulheres e homens, mas também os mecanismos pelos quais o Capital se apropriou do trabalho feminino, tanto na esfera da produção quanto na da reprodução social.

⁷ MASSON, 2007.

Para tanto, tomou-se como referência as obras de Silvia Federici, em especial “O Patriarcado do Salário” (2021) e “Mulheres e Caça às Bruxas” (2019); “As Faces do Feminismo” (2014) de Loreta Valadares; “Mulher, Estado e Revolução” (2014) de Wendy Goldman; “A Mulher na Sociedade de Classes” (2013), “Gênero, patriarcado e Violência” (2004) e “Violência de Gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade” (2004) de Heleieth Saffioti; “Feminismo: o ponto de vista marxista” (1986) de Zuleika Alambert; “Gênero, Trabalho e Serviço Social” (2015) e “Feminismo e Marxismo: apontamento teórico-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais” (2018) de Mirla Cisne; e “A Classe Operária tem Dois Sexos” (1991) de Elisabeth Lobo.

Todas essas obras analisam o MHD e sua importância na compreensão da realidade perante a totalidade e contradições da sociedade capitalista, sem deixar de lado o gênero enquanto categoria que demarca e aprofunda desigualdades, violências e injustiças. Ao considerar a divisão sexual do trabalho, essas leituras observam como as mulheres, ao longo da trajetória humana, foram relegadas a funções invisibilizadas, precarizadas e desvalorizadas, mas como também foram impreteríveis para a manutenção, produção e reprodução da ordem sociometabólica do Capital.

Isto posto, entende-se o Materialismo Histórico Dialético como um referencial teórico-metodológico possível para a análise concreta da realidade, bem como uma ferramenta singular para a luta contra a opressão da classe trabalhadora. Neste mesmo capítulo, a totalidade, a contradição e o gênero demonstram sua força na análise, visto que são todas essas manifestações, categorias e suas múltiplas determinações que deram condições de origem ao objeto de pesquisa: o magistério feminino na Educação Básica brasileira aliado ao trabalho doméstico não remunerado. Este, de nenhum modo, pode ser atingido isoladamente, ou seja, de forma reducionista. Por isso, fez-se necessário abordá-lo de todos os ângulos disponíveis para alcançar a sua essência.

1.1 A DIALÉTICA, DIALÉTICA DE MARX E O MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO

Em Hegel, a dialética está de cabeça para baixo. É necessário pô-la de cabeça para cima, a fim de descobrir a substância racional dentro do invólucro místico.

Karl Marx⁸

⁸ O Capital (1982).

A partir das concepções modernas⁹, a dialética significa o modo de compreender a realidade, suas transformações ao longo do tempo e suas constantes contradições. No entanto, mesmo que as definições de “dialética” no Mundo Antigo¹⁰ grego fossem delimitadas enquanto “a arte do diálogo”, as origens da interpretação Moderna de dialética originaram-se dos fragmentos atribuídos a Heráclito de Éfeso (540-480 a.C.).

O filósofo grego ficou conhecido pelo texto que dizia “ninguém entra em um mesmo rio uma segunda vez, pois quando isso acontece já não se é o mesmo, assim como as águas que já serão outras”¹¹. A época, as meditações de Heráclito tornaram-se, para seus pares, intangíveis. E, enquanto isso, as noções metafísicas da realidade prevaleceram durante a Antiguidade Clássica.

Segundo Konder (2008, p. 9), a metafísica servia aos interesses das classes dominantes do período. Elas estavam sempre preocupadas em organizar e perpetuar as estruturas políticas, sociais, econômicas e ideológicas vigentes, bem como seus privilégios solidificados. Para ele, a metafísica tornou-se hegemônica, pois teorizava – sob o comando desses grupos dominantes – um mundo imutável, incapaz de ser questionado e de ter sua ordem em vigor alterada. Ao invés de Heráclito, os filósofos gregos elegeram os pensamentos de Parmênides, como “a mudança é uma ilusão, pois o ser é eterno e imutável”¹² ou “a aparência das coisas pode nos enganar, mas a razão revela a verdadeira essência do ser”¹³. Tais máximas elucidam a natureza permanente da realidade, em que as transformações só poderiam existir na superfície, mantendo a essência das coisas para a eternidade.

Logo, a dialética foi sufocada, reprimida a posições secundárias e precisou ser adormecida ou coexistir com a metafísica. No entanto, os seus fundamentos não desapareceram, conforme Leandro Konder (2008), em razão do filósofo Aristóteles. Mesmo com os insucessos da dialética perante as ideologias dominantes, o filósofo permitiu que esta – e suas percepções do mutável – não fosse inteiramente abandonada na Idade Antiga e posteriormente na Idade Média. Ainda com as influências de Aristóteles, no Mundo Antigo ou Mundo Medieval, pouco foi refletido acerca da dialética. Visto que os padrões de imobilidade social e o monopólio dos discursos por parte da Igreja Católica não abriam espaço para os debates dessa dimensão.

⁹ O termo “moderno” refere-se à Idade Moderna, período histórico compreendido entre a Idade Média e a Idade Contemporânea, segundo a periodização clássica da historiografia.

¹⁰ O termo “Mundo Antigo” refere-se à Idade Antiga, período histórico compreendido entre o surgimento da escrita e Idade Média, segundo a periodização clássica da historiografia.

¹¹ apud KONDER, 2008.

¹² apud KONDER, 2008.

¹³ apud KONDER, 2008.

Somente nos últimos anos da Idade Média, as noções de “movimento” voltaram à centralidade na filosofia, em especial com o astrônomo Nicolau Copérnico e sua teoria heliocêntrica – que negava a teoria geocêntrica de Ptolomeu – e com o matemático René Descartes e sua teoria do movimento enquanto estado natural das coisas e negação do repouso.

Outros pensadores como Pico della Mirandola e Giordano Bruno também foram essenciais por reacender a dialética. O primeiro por afirmar o homem enquanto um ser inacabado, ficando conhecido pela frase “o grande milagre no homem é que ele pode inventar a si próprio, o homem pode construir a si mesmo”¹⁴; O segundo por indicar o homem enquanto capaz de “suportar dores, transformar o mundo, concretizar seus ideais”¹⁵.

Porém, só o Renascimento, durante a transição entre a Idade Média e a Era Moderna, foi efetivamente capaz de retirar a dialética dos “subterrâneos que tinha sido obrigada a viver durante vários séculos”¹⁶ e de caracterizar a condição humana como instável, dinâmica e contraditória¹⁷. De acordo Konder (2008), os elementos da dialética estão intrinsicamente presentes nas ideias de filósofos renascentistas como Gottfried Leibniz (1649-1716), Baruch Spinoza (1632-1677), Thomas Hobbes (1588-1679), Pierre Bayle (1647-1706), mas também de outros que os antecederam como Michel de Montaigne (1533-1592) que afirmava que “todas as coisas estão sujeitas a passar de uma mudança a outra”¹⁸.

Mais tarde, durante o século XVIII, essas reflexões filosóficas – acrescidas a uma determinada conjuntura social, econômica, ideológica e política – foram impreteríveis para desencadear o que a historiografia denominou de Iluminismo e, a seguir, a Revolução Francesa (1789)¹⁹.

Mesmo com os princípios da dialética voltando aos debates, os iluministas e, posteriormente, os iluministas da Revolução Francesa, a exceção de Denis Diderot e Jean-Jacques Rousseau, não alcançaram maiores abstrações acerca dessas profundas mudanças²⁰ e por isso não fizeram avanços significativos no campo.

Para Leandro Konder (2008), Diderot foi um dos únicos, durante o período, a refletir acerca do indivíduo enquanto ser condicionado por contextos que, por sua vez, estão sempre

¹⁴ apud KONDER, 2008.

¹⁵ apud KONDER, 2008.

¹⁶ KONDER, 2008, p. 13.

¹⁷ KONDER, 2008.

¹⁸ apud KONDER, 2008.

¹⁹ Esses movimentos foram categorizados por iniciar uma série de transformações estruturais na sociedade francesa a época.

²⁰ Tal qual a intensificação da urbanização, a fragilidade das relações feudais, o surgimento de uma nova classe no tecido social, as mudanças culturais devido à perda de poder da Igreja Católica.

se transformando. Durante a sua obra “Sonho de D’Alembert”, ele afirma que “tudo é um fluxo perpétuo”²¹. Junto a Diderot, Rousseau também é apontado por Konder (2008) como um contribuinte do campo da dialética, visto que este observava as desigualdades, conflitos e mudanças sociais perante uma sociedade estratificada.

Após a Revolução Francesa e com as influências do Iluminismo, as questões políticas, anteriormente discutidas unicamente pelos grupos dominantes, passaram a invadir a vida cotidiana das massas. Segundo Konder (2008), esse processo contextualizou a origem de um dos mais importantes – ou o mais importante – filósofos metafísicos modernos: o alemão Immanuel Kant (1724-1804). O pensador teceu reflexões complexas e significativas sobre a consciência humana, a realidade, a “razão pura” e a contradição. Esta última é indicada, no entendimento de Kant, como algo fundamental da consciência e que nunca poderia ser explusa do pensamento humano²².

Posteriormente, Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), uma geração a frente, reitera Kant ao reafirmar que o sujeito é ativo e interfere efetivamente na realidade. No entanto, Hegel o supera ao sustentar que a contradição não era somente uma dimensão essencial na consciência, mas um princípio básico. Hegel igualmente avança nas discussões ao perceber que apesar do homem ser capaz de transformar a sua realidade, ele é inevitavelmente subordinando à sua condição objetiva.

Logo, Hegel explorou os escritos da economia política inglesa clássica, tal qual Adam Smith, e estudos acerca da Revolução Industrial. Essas leituras, em meio as ebulições sociais do seu período, foram cruciais para que Hegel desenvolvesse uma das suas principais teorias: o trabalho é a mola que impulsiona o desenvolvimento humano; é por meio dele que o homem produz a si mesmo; é a forma de interferir na realidade e de ir além da própria natureza; é o que possibilita a relação sujeito-objeto. Para Hegel, é através do trabalho que o homem supera seus instintos condicionados pelas forças naturais, antecipa suas ações e suas consequências e tenta conquistar ou conquista seus objetivos.

Anos depois, essa premissa também foi fundante nos estudos de Karl Marx. No entanto, bem como Hegel superou as ideias de Kant, Marx o fez com Hegel. Ainda que Marx tivesse sido discípulo de Hegel, suas ligações com o movimento operário e suas condições materiais de filho da classe trabalhadora possibilitaram uma assimilação diversa da dialética. Embora a teoria do trabalho enquanto mola do desenvolvimento humano fosse central

²¹ apud KONDER, 2008.

²² KONDER, 2008.

também nos estudos de Marx, ambos discordam acerca da relevância do trabalho intelectual e físico.

Segundo Konder (2008), Marx criticava Hegel pelo mérito dado ao trabalho intelectual e criativo e pelo desprestígio do trabalho manual. De mesmo modo, Hegel vislumbrava a face profícua do trabalho e não movimentou-se para compreender o lado negativo no trabalho alienado, precarizado e desumanizador característicos da sociedade de classes.

Logo, o método marxista propõe uma concepção materialista da história, ou seja, a interpretação de como o ser social determina as formas de consciência sociais. Assim, Marx afirma que são as condições materiais que condicionam a consciência social da sociedade capitalista, sua superestrutura, a vida da dos trabalhadores e da burguesia, as formas de exploração da força de trabalho e a luta de classes no tecido social²³. Para o autor, “o modo de produção da vida material condiciona o processo em geral da vida social, política e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o ser social que determina sua consciência”²⁴.

Para além do trabalho enquanto mola propulsora em uma sociedade que está em constante movimento, outro princípio herdado por Marx e pela dialética marxista é a totalidade. Quando Hegel disse “a verdade é o todo”²⁵, explicitava a necessidade de apreender a totalidade no intuito de conhecer a realidade concreta. Apesar disso, é significativo ponderar que mesmo partindo da totalidade, ela também é provisória, pois se baseia em uma realidade efêmera. Por conseguinte, a realidade não se esgota em si mesma, uma vez que é transitória e deve estar em constante análise a partir de seus novos contextos²⁶.

Na obra “O que é Dialética?”, Leandro Konder (2008) afirma que a totalidade dialética é urgente na pesquisa, no sentido de pautar o nível de totalização – exigido pelo conjunto de problemáticas discutido – e, de mesmo modo, traçar a negação da coagulação ou cristalização das sínteses sobre determinado campo do conhecimento e/ou assunto. Quando as partes vão gradativamente se modificando ao longo da trajetória humana e se acumulando, formam, por fim, uma nova totalidade.

Na pesquisa científica baseada no MHD, faz-se o processo de compor, decompor e recompor o conhecimento, indo do mais complexo ainda abstrado, ao simples e, finalmente, ao complexo já concreto. Este perpassa pela dimensão da aparência imediata do fenômeno até a construção e reconstrução da dimensão mediata. Logo, o complexo concreto torna-se a

²³ KONDER, 2008.

²⁴ Marx no Prefácio de Para a Crítica da Economia Política (1982).

²⁵ apud KONDER, 2008.

²⁶ KONDER, 2008.

síntese de múltiplas determinações, sendo, segundo Marx²⁷, a unidade na diversidade. Ou seja, entende as contradições concretas e as mediações específicas de cada totalidade, sintetizando as diferenças no todo e a unidade entre as partes.

Segundo Georg Lukács²⁸, “não é o predomínio de motivos econômicos na explicação da história que distingue de maneira decisiva o marxismo da ciência burguesa, mas o ponto de vista da totalidade”. É esse mesmo ponto de vista que permite enxergar do aparente e interpretar a realidade. Para Kosik (2010, p. 50),

[...] a compreensão dialética da totalidade significa não só que as partes se encontram em relação de interna interação e conexão entre si e com o todo, mas também que o todo não pode ser petrificado na abstração situada por cima das partes, visto que o todo se cria a si mesmo na interação das partes.

Alcançar as sínteses das totalidades no percurso da história é crucial para o entendimento da realidade e dos seus aspectos diversos, todavia, como o próprio Karl Marx afirmou ao criticar os filósofos na obra “Teses contra Feuerbach” (1845), para além de compreender o mundo, o que importa é transformá-lo. Conseqüentemente, entender a realidade dentro da sua totalidade é instrumentalizar-se para modificá-la. Em Marx, a prática demanda uma reavaliação da teoria e a teoria deve amparar a crítica e mudança da prática. Assim, origina-se a categoria “práxis” no método.

Por isso, o indivíduo que se propõe a usar como lente de leitura o MHD e modificar a sociedade a partir dele deve compreender que, ao analisar a realidade, também é afetado por ela. Portanto, deve aprofundar seu espírito crítico e autocrítico, transformando-se ao passo que transforma o mundo ao seu redor. Este deve ser, fundamentalmente, contestador, subversivo, insurgente, intranquilizando os conservadores e preconceituosos, perturbando os pragmáticos e tecnocratas e desmoralizando as fantasias românticas da ultraesquerda²⁹.

Porém, mesmo a partir da dialética marxista e das suas percepções de totalidade, teoria alguma assegura a verdade última, sem equívocos e integral sobre qualquer realidade. Para além da sua condição transitória, a realidade sempre será mais rica e mais complexa do que qualquer análise possível, pois algo sempre escapará às sínteses. No entanto, a totalidade nos dá a estrutura da realidade em dado recorte temporal, geográfico, temático e ideológico³⁰.

Para além da totalidade, outro fundamento hegeliano adotado por Marx foi a contradição. Na dialética, este se refere ao princípio do movimento pelo qual os seres existem

²⁷ KONDER, 2008, p. 43.

²⁸ *apud* KONDER, 2008, p. 65.

²⁹ KONDER, 2008.

³⁰ KONDER, 2008.

e que vai além do espaço que a lógica pode ocupar³¹. A partir desse fundamento, Marx nota a contradição também defronte ao trabalho: o trabalho que humaniza o homem, que lhe dá condições de dominar a natureza e de mudar a sua realidade; o trabalho que é o seu algoz, sua fonte de sofrimento, de estranhamento, de impotência e de castração³².

Para Marx, essa contradição surge junto à origem propriedade privada e sua consequente divisão social do trabalho e apropriação dos meios de produção. Ao invés de utilizá-lo para construir-se e alterar sua realidade, o homem também se aliena nele, o estranha e torna-se progressivamente mais oprimido. Esse movimento agrava-se com a expansão do capitalismo e das influências do Capital, da competição, das taxas de lucro, do desemprego, da exploração do homem pelo homem e da natureza, do desperdício de recursos, da pobreza, da fome, das violências, da alienação, das desigualdades e das mais diversas opressões e injustiças³³. Conforme o método marxista, o capital é a contradição em movimento, logo “não é possível compreender a sociedade na forma do capital sem um método que possibilite captar tal contradição, já que a realidade não se dá a conhecer de uma vez por todas, ou seja, está além da sua aparente forma”³⁴.

Outro elemento fundamentado por Hegel, com influências kantianas e, posteriormente, apropriado e desenvolvido por Marx é o sentido de movimento. Para os três, a natureza e o homem estão em constante transformação. No entanto, para o último, esse movimento não é espiritual como para Hegel, mas material, pois conota alterações no trabalho, na organização social, nas práticas de vida e nos próprios sentidos humanos que passam a ver, ouvir e sentir coisas que não eram percebidas anteriormente³⁵. Esse movimento ininterrupto é delimitado pelas superações dialéticas perante suas mudanças e permanências, rupturas e continuidades, como “faces da mesma moeda”³⁶.

1.2 HEGEL PARA ALÉM KANT, MARX PARA ALÉM DE HEGEL E O FEMINISMO MARXISTA PARA ALÉM DE MARX: O GÊNERO COMO CATEGORIA

[...] devemos virar Marx de cabeça para baixo.
Silvia Federici³⁷

Não se trata de dividir, tampouco fragmentar a classe, uma ideia que lamentavelmente ainda circula em setores de esquerda, como se a luta feminista

³¹ KONDER, 2008.

³² KONDER, 2008.

³³ KONDER, 2008.

³⁴ MASSON, 2007, p. 107.

³⁵ KONDER, 2008.

³⁶ KONDER, 2008, p. 54.

³⁷ O Patriarcado do Salário (2021).

desvirtuasse o caminho da luta de classes. Trata-se, ao contrário, de entender as particularidades da classe para compreendê-la na sua totalidade, sem perder a sua unidade em particularismos identitários, que ao dar ênfase apenas às diferenças, fragmentam, isolam e perdem o que temos em comum e que nos unifica: a necessidade de um projeto classista e emancipatório.

Mirla Cisne³⁸

De acordo Loreta Valadares (2014), não é admissível conceber estudos a partir do Materialismo Histórico Dialético que ignorem a “profícua produção teórica que analisa a condição da mulher, seu subjugamento e opressão ao longo da história, sua resistência e luta, sua situação atual e perspectivas”³⁹. Essas investigações emergiram em diversos campos do conhecimento – história, economia, política, sociologia – e pautaram, nos últimos anos⁴⁰, a urgência de um “ponto de vista feminista” no seio MHD.

Ainda que, originalmente, o marxismo jamais “tenha feito no plano teórico, para as mulheres o que foi feito para os operários”⁴¹, sua responsabilidade científica – e não de dogma – deve manifestar a força das suas categorias e propor uma análise concreta da realidade que instrumentalize teoricamente a luta pela emancipação da classe trabalhadora, das mulheres e de qualquer outro grupo social em situação análoga. Isto quer dizer que o método de Marx pode e deve construir um projeto para as mulheres trabalhadoras verdadeiramente integrado a estrutura ao seu projeto de sociedade para a classe proletária, sem que este seja tratado como um apêndice ou um complemento.

Em outras palavras, propor o gênero dentro do Materialismo Histórico Dialético não se refere a criar um “Materialismo Histórico Feminista”, como Schulamith Firestone⁴² expressou, e nem mesmo uma incompreensão do método como Loreta Valadares atribui a algumas feministas⁴³, mas é agregar a categoria aos demais aspectos do método que é materialista, é histórico e igualmente dialético. Diferente de outras vertentes teóricas que buscam origens, explicações e soluções isoladas para as desigualdades sexuais, compreender o gênero enquanto categoria do método marxista proporciona o entendimento de como a divisão sexual do trabalho se apropriou, explorou e expropriou de maneiras diferentes os diversos sujeitos da sociedade. Enquanto algumas teorias “encerram o feminismo em uma

³⁸ Feminismo e Marxismo: apontamentos teórico-políticos para enfrentamentos das desigualdades sociais (2018).

³⁹ VALADARES, 2014, p. 37.

⁴⁰ Desde o final do século XX.

⁴¹ apud VALADARES, 2014, p. 41.

⁴² apud VALADARES, 2014, p. 37.

⁴³ Na obra *As Faces do Feminismo* (2014), Loreta Valadares expressa que inúmeras feministas fizeram afirmações infundadas sobre o método de Marx, pois reduziram-no aos estudos econômicos.

redoma”⁴⁴ e apontam “soluções unilaterais”⁴⁵, o método de Marx nos proporciona enxergar o “bosque”⁴⁶, ultrapassando as elucidações da “luta dos sexos”.

Na obra “As Faces do Feminismo” (2014), Loreta Valadares tece críticas severas às feministas que reduziram e limitaram o método de Marx ao seu enfoque econômico da infraestrutura e desconsideraram a complexidade de seu pensamento, que abrange aspectos sociais, políticos, culturais e jurídicos da superestrutura. Para ela, “quem quer que pense que o marxismo afirma que a opressão dos sexos deriva diretamente da economia [...] ou não entendeu o marxismo, ou deliberadamente o rejeita (no que têm todo o direito)”⁴⁷. De fato, algumas feministas – como a própria Simone de Beauvoir⁴⁸ – afirmaram equivocadamente tais máximas, mas isso não isenta o marxismo da discussão rasa⁴⁹ acerca da relação entre capitalismo e opressão das mulheres que este construiu em boa parte do seu percurso, como Valadares não problematiza durante sua obra.

Na obra “O Patriarcado do Salário” (2021), Silvia Federici corrobora que, ainda que exista um vasto arcabouço teórico de alicerce o feminismo marxista, a relação entre feminismo e marxismo não está plenamente resolvida⁵⁰. A estudiosa pauta que muitos revolucionários “subestimavam a importância das atividades reprodutivas e dos efeitos destrutivos do machismo e do racismo”⁵¹ na sociedade de classes. O próprio Karl Marx não ignorou as atividades que reproduzem a vida e a força de trabalho historicamente a mulher, mas essas discussões são deveras escassas nos seus estudos⁵².

Apesar de Marx ter proporcionado a linguagem e categorias necessárias para refletir o sistema capitalista e, como efeito, o desenvolvimento de uma perspectiva feminista que entende o patriarcado como elemento estrutural de manutenção desse modo de produção, pouco – e em momentos muito pontuais – este o fez. Em relação ao trabalho do cuidado e trabalho doméstico, a título de exemplo, o autor compreendia que com a libertação da classe trabalhadora e avanço da tecnologia, em determinado momento, poderíamos reduzir as jornadas de o trabalho necessário e ampliar o tempo dedicado a atividades verdadeiramente importantes, tais como arte e filosofia. Logo, as funções domésticas e de cuidado com o outro

⁴⁴ VALADARES, 2014, p. 45.

⁴⁵ VALADARES, 2014, p. 46.

⁴⁶ ENGELS apud VALADARES, 2014, p. 46.

⁴⁷ VALADARES, 2014, p. 50.

⁴⁸ Em *O Segundo Sexo* (2009).

⁴⁹ Esses debates rasos ou que se isentaram até mesmo corroboram com as afirmações falhas de outras vertentes teóricas.

⁵⁰ MOJAB apud FEDERICI, 2021, p. 15.

⁵¹ FEDERICI, 2021, p. 15.

⁵² FEDERICI, 2021.

poderiam ser atribuídas a aparatos tecnológicos⁵³. Percebe-se, aqui, que Marx e os revolucionários que o seguiam tinha uma compreensão limitada das dimensões da reprodução diária da vida⁵⁴.

O que Marx e muitos dos seus discípulos não constataram é que o trabalho no modo de produção capitalista “nem principia e nem termina nos portões da fábrica”⁵⁵. E, de mesmo modo, que o trabalho feminino no ambiente doméstico está para além da limpeza, visto que foram atribuídas, historicamente, às mulheres as funções de “servir à mão de obra assalariada em termos físicos, emocionais e sexuais, prepará-la para batalhar dia após dia por um salário”⁵⁶.

Nesse sentido, Marx também não conseguiu conceber a família operária no sistema capitalista como a institucionalização do trabalho feminino não remunerado, que aprisiona as mulheres pela dependência financeira e mantém os homens presos aos trabalhos precarizado, com jornadas extensas e de baixa remuneração⁵⁷. É no seio da família que as mulheres alimentam seus maridos para que estes dispostos para o trabalho exaustivo e que educam as crianças, a mão de obra futura, conforme o que o capitalismo determina. Para Silvia Federici (2021), a família e o trabalho doméstico são os “pilares da reprodução capitalista”⁵⁸, pois “por trás de cada fábrica, cada escola, cada escritório ou mina existe o trabalho oculto de milhões de mulheres, que consomem sua vida reproduzindo a vida de quem atua nessas fábricas, escolas, escritórios e minas”⁵⁹.

É possível perceber ainda, de acordo Federici, que nem o avanço da tecnologia e nem o trabalho remunerado “nos liberou do trabalho doméstico”⁶⁰, pois “ter dois empregos só significou contar com menos tempo e energia para a luta”⁶¹, acesso a empregos precarizados, de baixa remuneração e qualificação, e intensificação da exploração e das violências. Essa jornada contínua, entre o trabalho doméstico não remunerado e o trabalho remunerado, tem provocado efeitos devastadores nas mulheres trabalhadoras, aprisionadas “a uma condição de escravidão”⁶².

O Materialismo Histórico Dialético, então, instrumentaliza-nos, nos une e nos fortalece para romper com essa realidade que nos é imposta, uma vez que nossa luta é pelo

⁵³ FEDERICI, 2021.

⁵⁴ FEDERICI, 2021.

⁵⁵ FEDERICI, 2021, p. 28.

⁵⁶ FEDERICI, 2021, p. 28-29.

⁵⁷ FEDERICI, 2021.

⁵⁸ FEDERICI, 2021, p. 33.

⁵⁹ FEDERICI, 2021, p. 29.

⁶⁰ FEDERICI, 2021, p. 29.

⁶¹ FEDERICI, 2021, p. 30.

⁶² FEDERICI, 2021, p. 35.

fim da família capitalista, pela socialização do trabalho doméstico, pela construção de condições verdadeiramente dignas de vida e de trabalho, pelo fim da opressão integral da classe trabalhadora e por uma sociedade verdadeiramente equânime⁶³. De mesmo modo, o método não deve ignorar ou priorizar a categoria gênero, mas entrelaçar as desigualdades entre os sexos na síntese da realidade concreta, entendendo a opressão e exploração das mulheres enquanto social e sexual no âmbito econômico da infraestrutura e no campo cultural, político, ideológico, jurídico e religioso da superestrutura.

Por isso, bem como Hegel alcançou para além das abstrações de Kant, Marx o fez com Hegel e as feministas marxistas estão fazendo com Marx. Antes de partir, Loreta Valadares (1943-2004), advogada comunista e professora da Universidade Federal da Bahia, escreveu: “quando eu me for (se eu me for), vão até onde eu não fui”. De fato, Loreta nunca se foi, assim como Marx ou todos os outros estudiosos revolucionários que sonharam com uma sociedade justa e emancipada, pois eles vivem nas lutas coletivas, nos movimentos sociais, nos sindicatos, nas universidades, nas fábricas, nas escolas, no campo. Lado a lado conosco, estamos indo aonde eles não tiveram fôlego de ir.

Por isso é urgente historicizar o debate e compreender as dificuldades e avanços do MHD em desomogeneizar a classe proletária e pautar a presença feminina nesta. Isto posto, a análise concreta da realidade, na presente pesquisa, é concebida pelas categorias totalidade, contradição, trabalho e, igualmente, pela categoria gênero. Essa imbricação possibilitou a investigação das condições históricas em que as mulheres foram submetidas e como o Capital se apropriou do trabalho feminino no âmbito da produção e reprodução social diante a divisão sexual do trabalho.

Ainda que o debate acerca da exploração da classe trabalhadora perante o Capital tenha se tornado efervescente desde o século XIX, questões como a condição do trabalho feminino só tiveram maior notoriedade no século XX. Segundo Zuleika Alambert (1986), é preciso historicizar o debate, compreendendo que a sociedade humana jamais coloca problemas que não tenha condições concretas de resolver. Interpretaremos nessa dissertação, então, o modo em que o feminismo se tornou responsável por pautar novas questões dentro do marxismo, construindo um “novo marxismo”⁶⁴. Estimulando-o a reconhecer as diferenças e heterogeneidade da classe trabalhadora que se constitui na face de um modelo de sociedade

⁶³ GOLDMAN, 2014.

⁶⁴ ALAMBERT, 1986.

“patriarcal-racista-capitalista”⁶⁵ e que almeja um projeto coletivo feminista, antirracista e emancipatório.

Mirla Cisne (2018, p. 213) identifica que é necessário “entender as particularidades da classe para compreendê-la na sua totalidade, sem perder a sua unidade em particularismos identitários”. Dessarte, é indispensável perceber que a luta contra o patriarcado não traz consigo, necessariamente, a luta contra a desigualdade de classes e, de mesmo modo, a luta contra o capitalismo não é inerente ao fim da opressão contra a mulher, pois as desigualdades se ordenam entre gêneros e intragênero⁶⁶. Assim, a liberação das mulheres mais pobres dependeria de uma transformação social, a qual boa parte das mulheres não está disposta a construir, uma vez colocasse em risco os privilégios que sua classe social lhes facultava.

Em consequência do exposto, ainda que os processos de proletarização da mulher e de feminização do magistério não sejam movimentos hodiernos e estivessem aptos a serem analisados pelo Materialismo Histórico Dialético, pouco este o fez em momentos remotos, visto que tais interrogações ainda eram insuficientes em outros contextos. Conforme Rosa Luxemburgo, é a luta de classes que ampliará os horizontes das mulheres trabalhadoras, implicando no questionamento da posição ocupada por elas na sociedade burguesa, na ruptura com os valores tradicionais e o anseio pela conquista de sua participação política, independência econômica e desenvolvimento intelectual e profissional.

Portanto, essa mesma luta de classes que fomentou a inquietação das mulheres proletárias ao longo dos anos, incitará o marxismo a pautar as questões femininas em seus estudos. Assim sendo, entender a condição das professoras da Educação Básica brasileira é também compreendê-las como trabalhadoras no seio do capitalismo, sujeitas a todos os processos de opressão e exploração que podem ser somados a questões de gênero e raça. Visto que são as mulheres as mais sujeitas a postos temporários de trabalho, baixos salários, abusos, adoecimento e integração de maior carga horária quando somados aos serviços domésticos não remunerados e cuidados com o outro.

Nesse sentido, para analisar a totalidade e as contradições dessa sociedade capitalista complexa, a presente dissertação propõe utilizar a “teoria do nó” de Heleieth Saffioti (1934-2010). Segundo a autora brasileira feminista e marxista, existe uma relação simbiótica entre capitalismo-patriarcado-racismo, em que estas formas de exploração não se somam ou se hierarquizam, mas constituem uma unidade, um único sistema. Dialeticamente, esses produzem desigualdades em diferentes níveis e aprofundamento. Para Saffioti

⁶⁵ O hífen justifica a relação simbiótica entre as três formas de opressão e exploração.

⁶⁶ SAFFIOTI, 1978.

Com a emergência do capitalismo, houve a simbiose, a fusão entre os três sistemas de dominação-exploração. Só mesmo para tentar tornar mais fácil a compreensão deste fenômeno, podem-se separar estes três sistemas. Na realidade concreta, eles são inseparáveis, pois se transformaram, através desse processo simbiótico, em um único sistema de dominação, aqui denominado patriarcado-racismo-capitalismo.⁶⁷

O “nó dialético” de Saffioti⁶⁸ demonstra que o patriarcado e racismo não se originaram isoladamente, mas são frutos de um sistema discriminatório com uma dinâmica própria e que cria desigualdades e opressões entre sexos, etnias e classes. Esses demarcadores de diferença no sistema capitalista, segundo o “nó”, não predominam uns sobre os outros, ou seja, não é possível considerar “a raça em detrimento do gênero, nem o gênero sobre a raça, nem a classe sobre o gênero”⁶⁹, pois essas categorias estão conectadas e se reforçam mutuamente⁷⁰.

Influenciada por Florestan Fernandes, seu orientador, Saffioti introduziu no Brasil a concepção de classe articulada ao gênero utilizando a metáfora do nó. Esta não tenciona a sobreposição ao método marxista, mas a sua assimilação na análise “dialética do movimento das relações sociais que estão constantemente em transformação, demandando o enfrentamento de novas determinações”⁷¹.

O nó formado por estas três contradições apresenta uma qualidade distinta das determinações que o integram. Não se trata de somar racismo + gênero + classe social, mas de perceber a realidade compósita e nova que resulta dessa fusão [...] Uma pessoa não é discriminada por ser mulher, trabalhadora e negra. Efetivamente, uma mulher não é duplamente discriminada, porque, além de mulher, é ainda uma trabalhadora assalariada. Ou, ainda, não é triplamente discriminada. Não se trata de variáveis, mas sim de determinações, de qualidades, que tornam a situação destas mulheres muito mais complexa.⁷²

Dessa forma, Saffioti reitera o nó na relação de interdependência entre classe, gênero e raça perante uma sociedade capitalista que subvaloriza e precariza o trabalho feminino remunerado ao passo que responsabiliza essas mulheres pelo trabalho doméstico não remunerado. Semelhantemente, o racismo, na estrutura capitalista, subordina e explora grupos étnicos de diferentes formas. Ambas opressões são consolidadas e naturalizadas ao longo da trajetória humana sobre as condições objetivas e subjetivas⁷³.

Logo, em uma sociedade capitalista que se reafirma perante as diferenças, injustiças e desigualdades, a luta feminista e a luta antirracista não têm sentido em si próprias e são

⁶⁷ SAFFIOTI, 1987, p. 60.

⁶⁸ Tese “O trabalho docente e o nó dialético: gênero, raça e classe” (2023) de Fernando Sousa.

⁶⁹ SOUSA, 2023, p. 73.

⁷⁰ SOUSA, 2023.

⁷¹ SOUSA, 2023, p. 78.

⁷² SAFFIOTI, 2004, p. 115.

⁷³ SOUSA, 2023.

insuficientes para alterar a estruturas de exploração e expropriação tanto das mulheres, quanto de grupos étnicos historicamente excluídos. Os “particularismos identitários”⁷⁴ e a fragmentação em “guetos” fragilizará as lutas coletivas, potencializará os aspectos individuais, fundamentará a meritocracia e a subjetividade e nos privará da compreensão da unidade da classe trabalhadora⁷⁵.

Portanto, a presente dissertação compreende o Materialismo Histórico Dialético como uma concepção metodológica fundamental para a análise concreta da realidade e instrumentalizar a classe trabalhadora contra a opressão, exploração e subornidação do Capital. Ao aliar-se à teoria do “nó” da socióloga comunista Heleieth Saffioti e edificar o gênero enquanto categoria, a pesquisa busca compreender como as mulheres foram impreteríveis para a manutenção, produção e reprodução da ordem sociometabólica do Capital mesmo, contraditoriamente, tendo suas funções invisibilizadas e desvalorizadas. A partir dessa totalidade, contradições, compreendem-se as múltiplas determinações que deram condições de origem ao objeto desta pesquisa: o magistério feminino na Educação Básica brasileira aliado ao trabalho doméstico não remunerado.

⁷⁴ CISNE, 2018.

⁷⁵ SOUSA, 2023.

2 O ESTADO DO CONHECIMENTO E A SINGULARIDADE DO OBJETO DE PESQUISA

No decorrer da viagem, Alice encontra muitos caminhos que seguiam em várias direções. Em dado momento, ela perguntou a um gato sentado numa árvore:

- Podes dizer-me, por favor, que caminho devo seguir para sair daqui?

- Isso depende muito de para onde queres ir - respondeu o gato.

- Eu não sei.

O gato, então, respondeu sabiamente:

- Sendo assim, qualquer caminho serve.

Lewis Carroll⁷⁶

O Estado do Conhecimento tornou-se, no âmbito da pesquisa científica brasileira, um importante instrumento de mapeamento, discussão e disseminação da produção acadêmica. O/a pesquisador/a, ao fazer uso de suas metodologias, pretende conhecer o caminho já construído, a totalidade de estudos em determinada área, as condições históricas em que estes foram escritos, as múltiplas perspectivas que o tema foi abordado, a pluralidade de ângulos e, de mesmo modo, as incoerências, as saturações, as duplicações, as contradições e, em especial para este capítulo, as lacunas que ainda existem na temática.

Este capítulo, então, objetiva edificar as concepções de “Estado do Conhecimento”, discriminá-lo de “Estado da Arte” e estabelecer possibilidades de levantamento e análise de produção acadêmica a nível de pós-graduação nos catálogos e banco de dados. Essa discussão elaborada consolidará o Estado do Conhecimento da presente pesquisa.

Essa revisão ambiciona edificar um panorama das pesquisas científicas a nível de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) que discutem e refletem pontualmente o trabalho docente feminino da Educação Básica aliado ao trabalho doméstico não remunerado. Para tanto, construiu-se um percurso – uma metodologia – próprio que fosse condizente e respondesse as questões suscitadas ao longo do caminho, tal qual “com que frequência se pesquisa o gênero no trabalho docente?”, “em quais Universidades, Unidades Federativas ou macrorregiões esse tema é mais constante?”, “esse tema está saturado ou é inédito?”, “as mulheres pesquisadoras são maioria no estudo da temática?”, “esse tema é mais discutido em quais Programas de Pós-graduação?”, “essa temática teve um pico ou declínio de publicações?”, “os trabalhos publicados dialogam diretamente ou parcialmente com a temática?”, “as pesquisa sobre a temática se enquadram, em sua maioria, em qual natureza?”, “quais os métodos mais utilizados?”, “com que frequência aparece o Materialismo Histórico Dialético?”, “quais os instrumentos de coleta mais comuns nessas pesquisas?”, “onde se

⁷⁶ Alice no País das Maravilhas (1998).

concentram as discussões desse tema?”, “quem são os sujeitos das pesquisas”, “quais são as fragilidades para pesquisa nos bancos?”, “o que desse tema já foi bastante explorado nas produções?” e “o que ainda não o foi?”. Todas essas questões foram cruciais na construção de uma metodologia própria⁷⁷ que abarcasse as inúmeras interrogações acerca das circunstâncias do tema – trabalho docente feminino na Educação Básica aliado ao trabalho doméstico não remunerado – e que chegasse à singularidade da presente obra: uma dissertação no campo da Educação, na linha das políticas públicas educacionais, escrita no interior da Bahia e que não só analisa a marca do gênero no magistério, mas também tenciona a urgência de políticas públicas de valorização docente e de socialização do trabalho doméstico a partir de uma perspectiva material e feminista classista.

Esse Estado do Conhecimento, então, torna-se impreterível ao inventariar, articular e delinear o que foi discutido até aqui e as outras inúmeras possibilidades de reflexões, ao passo que compreende as tendências teóricas e metodológicas, como essas se dispersam em determinados estados, macrorregiões, universidades, programas, em dados períodos históricos e a relevância da temática ou o apagamento – intencional ou não – dela.

2.1 O ESTADO DA ARTE

Embora ambas tenham a intenção de entender o percurso de determinada temática ou campo, suas continuidades e permanências no processo de construção do conhecimento, Estado da Arte e Estado do Conhecimento não são expressões sinônimas, ainda que por muitas vezes sejam tratadas tal qual.

Na literatura científica, “Estado da Arte” é o termo que caracteriza o levantamento do que se conhece sobre algum assunto perante os estudos e perspectivas de alguma ou algumas áreas⁷⁸. Portanto, ele excede o mapeamento discriminado em diferentes universidades, programas de pós-graduação, anos de publicação, estado e regiões e empenha-se em atingir e assimilar a trajetória de determinado saber científico em um espaço temporal.

De acordo as pesquisadoras Anne Patrícia da Silva, Roberta Souza e Vera Maria Vasconcellos (2021), o Estado da Arte dá origem a uma rica modalidade de revisão bibliográfica pautada em um vasto arcabouço teórico horizontalizado de inúmeros pesquisadores, com diferentes ênfases, graus de aprofundamento e que acompanha as alterações desse saber a partir de vertentes divergentes ou convergentes. Evidentemente, as próprias limitações humanas tornam impossível a investigação exímia do conhecimento

⁷⁷ Ainda que pautada em diversos estudos e pesquisadores.

⁷⁸ BRANDÃO et al apud SILVA, 2021.

último em qualquer campo, portanto, este não se esgota e constantemente requer continuidade, aprofundamento e ampliação em novas produções⁷⁹. Assim, esse arquétipo de pesquisa, para além de identificar tendências, padrões e discrepâncias em artigos de periódicos e eventos, dissertações e teses, possibilita intercâmbio, correlação e contribuições de áreas distintas⁸⁰.

2.2 O ESTADO DO CONHECIMENTO

Segundo Soares e Maciel⁸¹, o Estado do Conhecimento é definido como o estudo que compartimenta e discrimina as publicações. Enquanto o Estado da Arte propõe uma “revisão crítica da literatura específica”⁸², o Estado do Conhecimento tem uma metodologia relativamente mais restrita ao não, necessariamente, refletir sobre os resultados encontrados nos estudos e não analisar suas contradições, avanços e incoerências. No entanto, os dados levantados de inúmeros estudos que se intitulam assim conseguem subsidiar debates acerca da saturação ou insipiência de determinados campos do saber ou temáticas, possibilidades metodológicas, padrões de análise, picos de frequência, concentração em determinadas universidades, estados ou regiões e enfoques temáticos que talvez o Estado da Arte não o faça com tanta proeminência.

Ferreira (2002) aponta que o Estado do Conhecimento se torna pontual enquanto escolha metodológica ao atender às necessidades do/a pesquisador/a de inventariar de forma descritiva produções científicas que ainda são desconhecidas. A partir dele, o/a pesquisador/a pode alcançar um panorama complexo e aprofundado – de natureza quantitativa e/ou qualitativa – do que já foi produzido e seus padrões, tendências, métodos, técnicas, hiatos e suas possibilidades futuras⁸³.

Segundo as pesquisadoras Marília Morosini, Lorena Nascimento e Egeslaine de Nez, no artigo “Estado de Conhecimento: a metodologia na prática” (2021), apesar das especificidades que distinguem as revisões bibliográficas do tipo Estado da Arte e Estado do Conhecimento, é crucial frisar que ambos estão inseridos no campo científico e submetidos às regras e aos critérios da cientificidade moderna. Igualmente, são instrumentos extremamente urgentes e relevantes na produção do conhecimento e valiosos para compreensão e delimitação do campo de investigação. Essas duas esferas também se aproximam ao passo

⁷⁹ SILVA, 2021.

⁸⁰ SILVA, 2021.

⁸¹ Apud SILVA, 2021.

⁸² SILVA, 2021.

⁸³ TORRES; PALHARES apud SILVA 2021.

que estão sujeitas aos desafios das políticas de gestão, produção, financiamento e divulgação das pesquisas acadêmicas em um país que, embora tenha o êxito de contar com pesquisas de alta qualidade, dilapida as políticas públicas de financiamento e os recursos destinados à pós-graduação e à ciência.

2.3 A CONSTRUÇÃO DO ESTADO DO CONHECIMENTO

Segundo Morosini e Fernandes⁸⁴, ainda que a revisão bibliográfica do tipo Estado do Conhecimento – enquanto instrumento de pesquisa científica, pois sua metodologia é definida a partir das questões suscitadas pelo/a pesquisador/a e das suas intenções de investigação. Conforme Silva⁸⁵, o Estado do Conhecimento pode ter um caráter quantitativo ao tabular dados e informações por meio do uso de recursos e técnicas estatísticas – tal qual porcentagem, média, mediana e somatória – como também qualitativo, ao identificar e analisar as temáticas, teorias, métodos e enfoques. Logo, cabe ao/à pesquisador/a construir, fundamentado/a nas suas interrogações, o design – o *corpus* – da análise, selecionando suas fontes, seu recorte temporal e geográfico, seus descritores ou palavras-chave e suas categorias analíticas.

No sentido de auxiliar pesquisadores/as, Morosini e Fernandes⁸⁶ e Morosini⁸⁷ instituíram o “Fluxo do processo constitutivo do estado do conhecimento” (Figura 1), em que estas identificam etapas cruciais do Estado do Conhecimento.

Figura 1 - Fluxo do processo constitutivo do Estado do Conhecimento



⁸⁴ Apud MOROSINI et al, 2021.

⁸⁵ Apud MOROSINI et al, 2021.

⁸⁶ Apud MOROSINI et al, 2021.

⁸⁷ Apud MOROSINI et al, 2021.

Fonte: Imagem produzida para a pesquisa, 2024.

No fluxo, as autoras sugerem a escolha das fontes de produção científica, orientam a seleção dos descritores e/ou palavras-chave, leitura flutuante entre os títulos, organização do *corpus* de análise, organização e sistematização dos dados em forma de quadro, categorização e análise por meio de produções textuais.

Ainda que este modelo seja bastante abrangente e adaptável, são as interrogações pontuadas pelo/a pesquisador/a e as questões sociais edificadas pelo espaço-tempo deste que irão delimitar a trajetória mais adequada para a construção do Estado do Conhecimento. Dessa forma, seria pouco provável indicar, para esse tipo de pesquisa, um método último, fiel a todas situações e capaz de alcançar a totalidade das produções científicas de qualquer temática ou campo de estudo.

Para além do “Fluxo do processo constitutivo do estado do conhecimento” (Figura 1) de Morosini e Fernandes e Morosini, duas outras pesquisas foram cruciais para a construção do modelo de Estado de Conhecimento presente na dissertação:

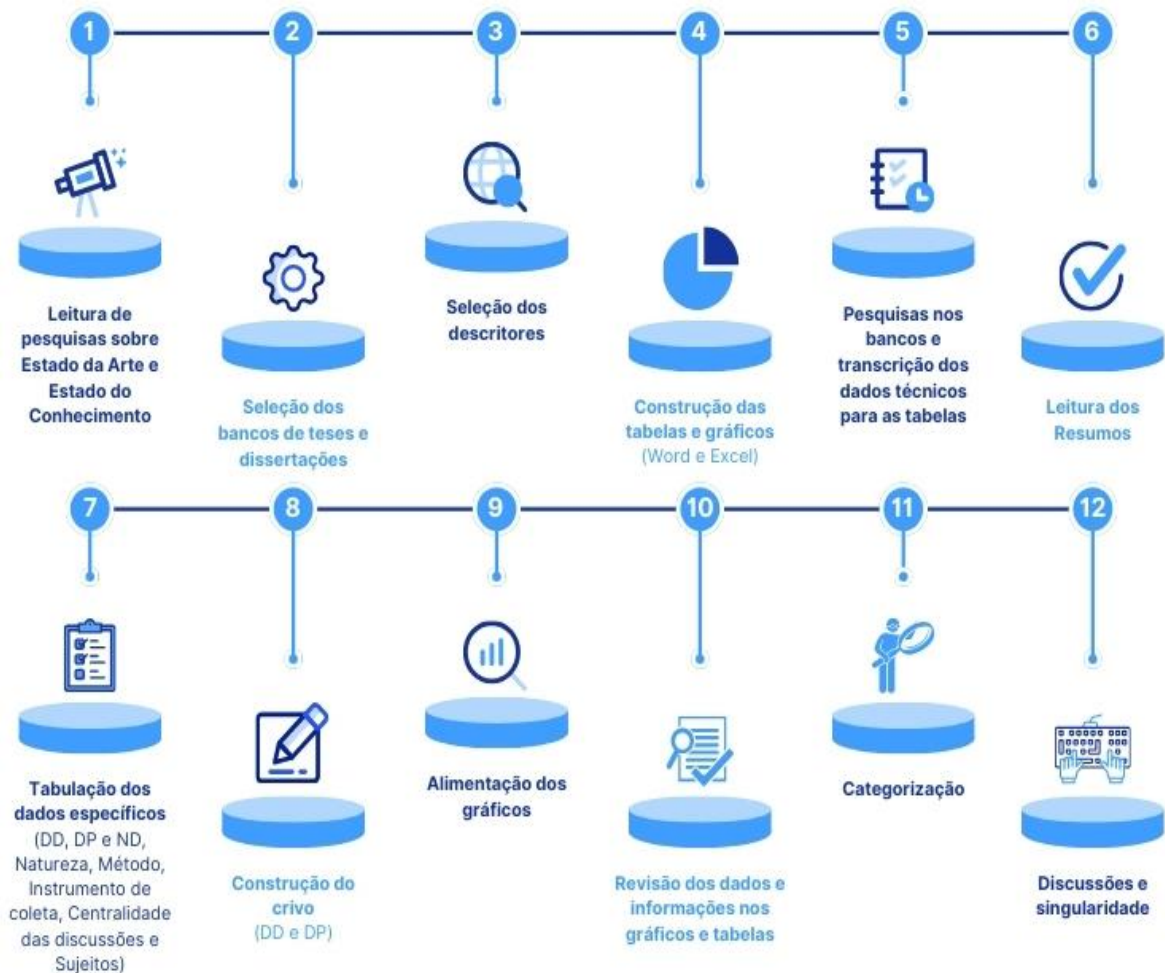
A primeira foi a dissertação “A Agroecologia e a Educação do Campo no Projeto Político Pedagógico de Escolas do Campo em Assentamentos do MST no Território de Identidade do Sudoeste Baiano” (2022) de Ricardo Alexandre Castro no Programa de Pós-graduação em Educação – PPGED da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. No capítulo II, denominado de “Escalando no ombro dos gigantes: o Estado da arte”, Castro delimita as suas bases teóricas e os caminhos percorridos até elas. Inicialmente, evidencia enorme dificuldade em encontrar quantidades significativas de obras acerca da temática, mas consegue contornar esse embargo ao notar as deficiências dos bancos de dados e debruça-se nas pesquisas mais específicas. Ao final, o biólogo chega ao total de 11 trabalhos que ofereceram pertinência ao estudo e que partiam das categorias “currículo na Educação do Campo”, “formação docente e práxis” e “políticas públicas e contradições”.

A segunda foi a tese “O Sistema PDDE Interativo e suas ações agregadas: efeitos da participação de atores escolares na gestão e execução de programas em escolas municipais de Belo Campo – BA” de Vanusa Ruas Freire Viana (2024), egressa do Programa de Pós-graduação em Educação (doutorado) da Universidade de São Paulo e do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGED (mestrado) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. No capítulo 2, “Os caminhos da pesquisa acadêmicas sobre o PDDE no Brasil”, Vanusa Viana dedica-se a analisar trabalhos que cercam a temática inseridos no banco de teses e dissertações da CAPES entre 2011 e 2022. Essa obra foi muito significativa para a

construção do Estado do Conhecimento da presente dissertação, visto sua habilidade em organizar, categorizar e discriminar obras de longo fôlego de forma quantitativa (através de gráficos, quadros e cálculos) e qualitativa (através de análises complexas e rebuscadas dos dados obtidos com o levantamento).

Por consequência, ainda que subsidiado por outras pesquisas e modelos, o Estado do Conhecimento da presente dissertação construiu seu próprio percurso no intuito de responder suas próprias perguntas e edificar um panorama singular sobre como as pesquisas brasileiras, a nível de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado), discutem e refletem pontualmente o trabalho docente feminino da Educação Básica aliado ao trabalho doméstico não remunerado. Confira as etapas percorridas na Figura 2:

Figura 2 – Etapas do Estado do Conhecimento (Etapa 1 a 12)



Fonte: Imagem produzida para a pesquisa, 2024.

O Estado do Conhecimento da presente dissertação foi, então, delineado a partir de 12 etapas, como é possível verificar na imagem anterior (Figura 2). Todas essas foram

constituídas a partir das questões que estavam implicadas na pesquisa desde o início, ainda quando pré-projeto. Não se sabia em que estado estava a temática dentro da academia, se pesquisadores e pesquisadoras da Educação que se alicerçavam no Materialismo Histórico Dialético já estavam travando essa discussão ou se era um debate insipiente. Tudo que se tinha era a dificuldade de encontrar obras mais complexas e densas que relacionassem “trabalho docente na Educação Básica e gênero” ou “trabalho docente feminino e trabalho doméstico não remunerado”.

À época, meados de 2022⁸⁸, uma parte considerável dos trabalhos encontrados caracterizava-se como de curto fôlego, como alguns artigos e Trabalhos de Conclusão de Curso, que eram redigidos por estudantes da graduação e não definiam uma metodologia. Desde o pré-projeto, já havia predileção pelas teorias do Marxismo e pelo Materialismo Histórico Dialético enquanto método⁸⁹, o que tornou a busca ainda mais árdua, visto que o prisma do material detectado, na maioria das vezes, intitulava-se como “perspectivas das professoras”, “narrativas de mulheres professoras”, “processos de subjetivação”, “empoderamento de professoras” ou “olhares das mulheres professoras”⁹⁰. Ainda que consideremos a extrema relevância desses enfoques, a dúvida sobre a relação entre o MHD, o trabalho docente feminino na Educação Básica e trabalho doméstico não remunerado nas produções acadêmicas se agudizava.

Dessarte, embora muitas pesquisas a nível de pós-graduação não se debrucem ou não aprofundem o Estado do Conhecimento, este se fez urgente para apontar respostas necessárias. Cada etapa, entre as 12 delimitadas, transformou-se em um degrau, um avanço, em busca de respostas às incertezas latentes. Por conta disso, esta pesquisa se autodenomina como original, visto que construiu seu próprio percurso no intuito de responder suas perguntas e arquitetar um panorama ímpar sobre como as pesquisas brasileiras a nível de pós-graduação exploram a relação entre o trabalho docente feminino na Educação Básica e o trabalho doméstico não remunerado.

Na etapa 1, “Leitura de pesquisas sobre Estado da Arte e Estado do Conhecimento”, dedicou-se à consulta de obras que analisavam teoricamente o Estado da Arte e o Estado do Conhecimento e a investigação de teses e dissertações que haviam utilizado esse tipo de instrumento dentro das suas obras. Vale ressaltar, aqui, a importância das obras “Estado de Conhecimento: a metodologia na prática” das pesquisadoras Marília Morosini, Lorena

⁸⁸ Quando o pré-projeto dessa dissertação foi construído.

⁸⁹ Mesmo que a noção sobre o MHD ainda estivesse em construção.

⁹⁰ Todos esses termos foram retirados de títulos de trabalhos encontrados em 2022, época de construção do pré-projeto.

Nascimento e Egeslaine de Nez (2021); “Estado da Arte ou Estado do Conhecimento” de Anne Patrícia da Silva, Roberta Souza e Vera Maria Vasconcellos (2020), “As pesquisas denominadas o Estado da Arte” de Norma Sandra Ferreira (2002), “Importância do uso correto dos descritores nos artigos científicos” dos pesquisadores Ricardo Brandau, Rosângela Monteiro e Domingo M. Braile (2005), “O Sistema PDDE Interativo e suas ações agregadas: efeitos da participação de atores escolares na gestão e execução de programas em escolas municipais de Belo Campo – BA” de Vanusa Ruas Freire Viana (2024) e “A Agroecologia e a Educação do Campo no Projeto Político Pedagógico de Escolas do Campo em Assentamentos do MST no Território de Identidade do Sudoeste Baiano” de Ricardo Alexandre Castro (2022). Todas essas leituras foram fundamentais para compreensão do Estado do Conhecimento enquanto instrumento de exploração, mapeamento, discussão e difusão da produção acadêmica no Brasil.

Na etapa 2, “Seleção dos bancos de teses e dissertações”, foi feito um crivo dos maiores bancos e repositórios de teses e dissertações do país, dos mais utilizados nas pesquisas de pós-graduação e dos que tinha a melhor qualidade nos filtros de pesquisa. Logo, optou-se pela Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), pelo banco da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pelo banco do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Os dois primeiros foram escolhidos por sua relevância e pela quantidade de produções armazenadas, uma vez que a BDTD possui mais de 913.000 teses e dissertações e a CAPES possui mais de 450.000. Já o banco do PPGED/UESB foi selecionado por ser o PPG no qual a presente dissertação está inserida. Assim, nada mais coerente que a pesquisa analise como os debates entre gênero e docência foram firmados em um Programa de Pós-graduação em Educação.

Na etapa 3, “Seleção dos descritores”, a pesquisa dedicou-se em encontrar os melhores termos a serem inseridos nos bancos selecionados. Como muitos termos são ambíguos e os filtros dos bancos podem apresentar equívocos, a escolha equivocada desses pode dificultar ou impossibilitar um mapeamento fiel e eficaz. Por isso, alguns descritores foram testados, como é possível constatar nas imagens (Figura 3) feita em novembro de 2023⁹¹.

Figura 3 – Descritores no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

⁹¹ As palavras gênero e professoras foram utilizadas em caixa alta para evidenciar a diferença.



Fonte: Reprodução da tela do catálogo de teses e dissertações da CAPES produzida para a pesquisa, 18 de dezembro de 2023.

Na primeira opção, com os descritores “trabalho docente” AND “gênero” AND “educação básica”, o banco acabava por direcionar o sentido de “gênero” para o “gênero textual” e apresentava pesquisas da área de linguagens. Já na segunda opção, com os descritores “trabalho docente” AND “professoras” AND “educação básica”, o banco filtrava “professoras” e direcionava para “professores” de modo geral, sem fazer o crivo das flexões de gênero do substantivo. Após algumas tentativas, os descritores que mais se aproximaram do crivo esperado foram “trabalho docente” AND “mulheres” AND “educação básica” e “trabalho docente” AND “mulheres” AND “trabalho docente” para a CAPES e BDTD. No caso do banco do PPGED/UESB, os descritores “trabalho docente”, “mulheres” e “trabalho doméstico” foram inseridos separadamente⁹².

Na etapa 4, foi possível construir os quadros (Quadro 1) no software Microsoft Word com todas as informações necessárias para a análise que se pretendia fazer, tais como o banco de dissertação, data da pesquisa, os descritores, a quantidade, tipos de trabalhos, o ano, o título, o nome do/a autor/a, o programa de pós-graduação, a macrorregião, a universidade, o estado, a relação com a temática – Trabalhos que dialogam diretamente com o tema (DD), Trabalhos que dialogam parcialmente com o tema (DP) e Trabalhos que não dialogam com o tema (ND) –, a natureza da pesquisa, o método, os instrumentos de coleta, a ordem no banco (ordenado por relevância), o gênero dos autores, a centralidade das discussões e os sujeitos da

⁹² No banco do PPGED/UESB, a pesquisa é feita pelo título e não por descritores ou palavras-chave. Logo, não é possível colocar mais de um descritor por vez.

pesquisa. Ainda na etapa 4, todos esses quadros foram transformados⁹³ em gráficos através do no software Microsoft Excel.

Quadro 1 – Descritor por banco de dado

BANCO:										
DESCRITORES								DATA		
TRABALHOS			DISSERTAÇÕES			TESES				
Nº	%		Nº	%		Nº	%			
ANO DE DEFESA (2014-2023)										
2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	
TRABALHOS POR PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO										
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO								Nº	%	
PESQUISAS POR MACRORREGIÃO DO BRASIL										
MACRORREGIÃO	Nº	UNIVERSIDADE					UF	Nº		
Centro-oeste										
Nordeste										
Norte										
Sudeste										
Sul										
TRABALHOS E RELAÇÃO COM A TEMÁTICA								Nº	%	
Trabalhos que dialogam diretamente com o tema (DD)										
Trabalhos que dialogam parcialmente com o tema (DP)										
Trabalhos que não dialogam com o tema (ND)										
NATUREZA DA PESQUISA (DD e DP)								Nº	%	
MÉTODO (DD e DP)								Nº	%	
INSTRUMENTO DE COLETA (DD e DP)								Nº	%	
GÊNERO DOS/AS AUTORES/AS (DD e DP)								Nº	%	
Mulher (Cis/trans)										
Homem (Cis/trans)										
Outro										
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO				AUTOR/A - GÊNERO			
INSTITUIÇÃO						MACRORREGIÃO		UF		
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO										
NATUREZA DA PESQUISA										
MÉTODO										
INSTRUMENTO DE COLETA										
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES										
SUJEITOS										

Fonte: Quadro produzido para a pesquisa, 2023.

⁹³ Nesse momento, os quadros foram deixados em branco, mas podem ser encontrados na íntegra no Apêndice 1.

Na etapa 5, o Quadro 1 foi alimentada por sete vezes: a primeira com o descritor “trabalho docente” AND “mulheres” AND “educação básica” no banco da CAPES; a segunda com o descritor “trabalho docente” AND “mulheres” AND “educação básica” no banco da BDTD; a terceira com o descritor “trabalho docente” AND “mulheres” AND “trabalho doméstico” no banco da CAPES; a quarta com o descritor “trabalho docente” AND “mulheres” AND “trabalho doméstico” no banco da BDTD; a quinta com o descritor “trabalho docente” no banco do PPGED/UESB; a sexta com o descritor “mulheres” no banco do PPGED/UESB; a sétima com o descritor “trabalho doméstico” no banco do PPGED/UESB. Nessa etapa, só foram transcritos os dados técnicos do próprio banco, como data da pesquisa, descritores, quantidade, ordem no banco (ordenado por relevância), tipo, ano, título, nome do autor, programa de pós-graduação, macrorregião, universidade e estado.

Na etapa 6, foi feita a leitura dos resumos disponíveis nas plataformas, sendo 28 da CAPES com o descritor “trabalho docente” AND “mulheres” AND “educação básica”; 16 da BDTD com o descritor “trabalho docente” AND “mulheres” AND “educação básica”; 2 da CAPES com o descritor “trabalho docente” AND “mulheres” AND “trabalho doméstico”; 8 da BDTD com o descritor “trabalho docente” AND “mulheres” AND “trabalho doméstico”; 11 do PPGED/UESB com o descritor “trabalho docente”; 5 do PPGED/UESB com o descritor “mulheres”; 0 do PPGED/UESB com o descritor “trabalho doméstico”. Totalizando 70 resumos.

A leitura dos resumos na etapa 6 subsidiou a etapa 7, dedicada a alimentação dos dados específicos do Quadro 1, tais como a natureza da pesquisa, o método, os instrumentos de coleta, o gênero dos autores, a centralidade das discussões, sujeitos da pesquisa e a relação com a temática (DD, DP e ND). O trabalho foi classificado como DD (Trabalhos que dialogam diretamente com o tema) ao dialogar diretamente com a temática gênero e magistério, ainda que não faça a discussão do trabalho doméstico não remunerado. O trabalho é classificado como DP (Trabalhos que dialogam parcialmente com o tema) ao dialogar parcialmente com o tema, ou seja, abordando questões relacionadas ao trabalho docente, mesmo que não faça menção ao gênero. O trabalho é classificado como ND (Trabalhos que não dialogam com o tema) ao não dialogar com as temáticas “trabalho docente”, “gênero e trabalho docente” ou “trabalho docente e trabalho doméstico”.

Na etapa 8, é feito o crivo dos trabalhos encontrados na CAPES e na BDTD em mais dois quadros, utilizando o modelo do Quadro 2. Nesse modelo é possível retirar os trabalhos encontrados que não dialogam com o tema (ND), discriminar os trabalhos DD e DP e tabular as especificidades desses trabalhos (tipo, ano, PPG, macrorregião, estado, universidade,

porcentagens, garantindo que nenhum equívoco afete o resultado final do Estado do Conhecimento.

Na etapa 11, a partir do Quadro 3, foi feita a categorização dos trabalhos classificados com DD (Dialoga Diretamente). Estes foram subdivididos em duas categorias: trabalhos que têm como enfoque o “Trabalho docente feminino” e aqueles que tem como enfoque o “Trabalho docente feminino e trabalho doméstico”. A partir desse último crivo, foram feitos os quadros e gráficos finais que serão apresentados na presente dissertação⁹⁴. Cabe salientar que nenhum trabalho do PPGED/UESB avançou para essa etapa, visto que todos foram classificados nas fases anteriores como ND (Não Dialoga) ou DP (Dialoga Parcialmente).

Quadro 3 – Categorização (TDF + TDFTDNR)

CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A	PPG/ UNIVERSIDADE/UF	MÉTODO/NATUREZA/ INSTRUMENTOS
Trabalho docente feminino (TDF)						NATUREZA:
						MÉTODO:
						INSTRUMENTOS DE COLETA:
Trabalho docente feminino e trabalho doméstico não remunerado (TDFTDNR)						NATUREZA:
						MÉTODO:
						INSTRUMENTOS DE COLETA:

Fonte: Quadro produzido para a pesquisa, 2023.

Finalmente, na etapa 11, é possível fazer a discussão aprofunda e complexa a partir dos dados, informações, gráficos, quadros e categorizações levantadas ao longo do percurso. Para além de compreender os padrões, a frequência, os hiatos, concentração em determinadas universidades, estados ou regiões, os enfoques temáticos, este Estado do Conhecimentos tem o objetivo de sinalizar a originalidade da presente obra no campo da Educação, das políticas públicas educacionais, das discussões de gênero, além de avançar nos debates de valorização docente e de políticas de socialização do trabalho doméstico em prol da classe trabalhadora.

⁹⁴ Os quadros encontram-se preenchidos no Apêndice 2.

2.4 O ESTADO DO CONHECIMENTO E O PANORAMA EDIFICADO

Estabelecido o percurso trilhado para a concepção do Estado do Conhecimento, faz-se legítimo acompanhar os resultados encontrados, o cenário final e as motivações para a presente dissertação declarar-se original nos campos que se estabelece: Educação, Políticas Públicas Educacionais e estudos de gênero. Para tanto, previamente, discutiremos – ainda neste capítulo – o panorama das teses e dissertações brasileiras que discutem e refletem pontualmente o trabalho docente feminino da Educação Básica aliado ao trabalho doméstico não remunerado (DD).

Como já foi revelado anteriormente, a pesquisa se construiu no interior dos bancos de teses e dissertações da CAPES, da BDTD e do PPGED/UESB⁹⁵, utilizando os descritores “trabalho docente” AND “mulheres” AND “educação básica” e “trabalho docente” AND “mulheres” AND “trabalho doméstico” para a CAPES e BDTD e os descritores “trabalho docente”, “mulheres” e “trabalho doméstico” (separadamente) para o PPGED. O recorte temporal escolhido foi de 2014 a 2023 (até 18 de novembro).

Após todas as 12 etapas finalizadas, foi possível mensurar os resultados desses descritores perante essas plataformas. Infelizmente, devido ao fôlego de uma dissertação, não será possível apresentar todos os 11 quadros e 77 gráficos construídos⁹⁶, mas será viável expor os frutos finais e discuti-los. Os dados debatidos aqui se concentrarão após o crivo, isto é, trabalhos repetidos e/ou classificados como ND (trabalhos que não dialogam com o tema, mas apareceram na busca por deficiência dos filtros) e como DP (trabalhos que dialogam parcialmente com o tema, ou seja, abordam questões relacionadas ao trabalho docente, mas sem a marca do gênero) serão excluídos.

No total, 21 trabalhos encontrados na CAPES e na BDTD centralizam suas discussões nas especificidades do gênero na docência. São eles e seus respectivos objetivos:

1. A dissertação “Vozes de mulheres na academia: dismantling traps for invisibilization”⁹⁷ (2020): Compreender a situação e narrar as vivências das mulheres das universidades – alunas e professoras – e professoras da Educação Básica. A partir da trajetória de seis mulheres, o trabalho busca perceber as dominações sexuais, raciais e de classe;

⁹⁵ Em 18 de novembro de 2023, quando a pesquisa foi realizada, o PPGED/UESB não tinha publicações de teses no seu banco, visto que seu doutorado havia sido aprovado pela CAPES há poucos meses. Logo, somente teses foram encontradas.

⁹⁶ Os quadros preenchidos poderão ser consultados nos Apêndices 1 e 2.

⁹⁷ BEZERRA, Carolina Salviano.

2. A dissertação “O mal-estar docente no trabalho de professoras da educação infantil e a busca de alternativas para minimizar seus efeitos”⁹⁸ (2021): Identificar, analisar e descrever os principais problemas de saúde relatos pelas professoras de creches públicas e privadas da cidade de São Luís – MA, bem como as alternativas utilizadas por elas para amenizá-los;
3. A tese “O trabalho docente e o nó dialético: gênero, raça e classe”⁹⁹ (2023) Compreender as mediações do nó dialético gênero, raça e classe na constituição dos sentidos atribuídos para o trabalho docente; Apreender as funções sociais atribuídas ao exercício da docência nas suas respectivas etapas e áreas; Situar a docência no seio das contradições capitalistas, constituídas por relações de gênero, raça e classe; Compreender os processos de exploração-opressão e alienação do trabalho docente;
4. A dissertação “As representações sociais de docentes da educação básica quanto a qualidade de vida/trabalho”¹⁰⁰ (2020): Analisar as representações sociais da qualidade de vida e de trabalho de professores e professoras da rede municipal de uma cidade do interior do estado de São Paulo. Dentre o universo de professores/as da pesquisa, 83% são mulheres;
5. A dissertação “Estudo acerca das relações de gênero e suas repercussões sobre o trabalho docente na rede municipal de ensino de São Paulo”¹⁰¹ (2020): Compreender as repercussões das relações de gênero sobre o trabalho docente, visto que estas são mais sujeitas à precarização, sobrecarga, acúmulo de jornadas e baixos salários;
6. A tese “Ser professora em tempo de Covid-19: situação laboral de mulheres docentes da Educação Infantil e Fundamental I do sistema privado de ensino do Rio de Janeiro nos anos de 2020 e 2021”¹⁰² (2022): Compreender os novos padrões de expropriação e exploração do trabalho docente no contexto pandêmico, com o enfoque nas professoras da Educação Infantil e Ensino Fundamental da rede privada do Rio de Janeiro.
7. A dissertação “Homens pedagogos: uma análise do trabalho docente na Educação Infantil da rede municipal de Goiânia (2018-2022)”¹⁰³ (2022): Refletir sobre os processos que permeiam as práticas docentes na primeira infância, assim como as

⁹⁸ COSTA, Lana Rakel Silva da.

⁹⁹ SOUSA, Fernando Santos.

¹⁰⁰ PINTO, Vanessa Cristine Binotto de Moraes.

¹⁰¹ DEODATO, Mariana Fonte Boa.

¹⁰² BARATA, Jade Prata Bueno.

¹⁰³ ANDRADE, Thiago Nicolau Ferreira de.

- configurações de gênero e dos papéis sexuais entre pedagogos homens e mulheres nas instituições escolares;
8. A dissertação “Condições de trabalho docente da Educação Infantil na rede municipal de Campinas – SP”¹⁰⁴ (2021): Analisar as condições físicas, materiais e de relacionamento das professoras da Educação Infantil, bem como investigar os supostos vínculos com o aumento de casos de adoecimento entre docentes;
 9. A tese “Percurso de homens e de mulheres à gestão escolar: um estudo consubstanciado por classe, gênero e raça”¹⁰⁵ (2022): Compreender os percursos de homens e mulheres até à função de gestão nas escolas brasileiras, perpetrados pelas relações de gênero, classe e raça;
 10. A dissertação “Gestão feminina na escola pública paulista: a concepção docente”¹⁰⁶ (2019): Analisar as percepções de professores e professoras de escolas da Rede Estadual do estado de São Paulo acerca da efetividade da gestão escolar feminina;
 11. A tese “Professoras da Amazônia Acreana: trabalho docente e condições de vida de mulheres que lecionam no meio rural de Feijó – AC”¹⁰⁷ (2022): Examinar o cotidiano, as condições de vida e de trabalho de professoras que viveram e/ou lecionaram em Feijó – AC, egressas da 3ª edição de oferta do curso de Pedagogia do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica promovida pela Universidade Federal do Acre;
 12. A tese “Da jardineira à tia da Educação Infantil: o espectro da alienação no trabalho de professoras da Educação Infantil”¹⁰⁸ (2021): Investigar a alienação e processos de precarização e desvalorização do trabalho docente, sobretudo o feminino.
 13. A dissertação “Características do trabalho docente e gênero: um estudo sobre os professores da Educação Básica do Brasil (2007-2014)”¹⁰⁹ (2017): Analisar as características demográficas e ocupacionais dos professores da Educação Básica brasileira, em especial no que se refere às concepções de gênero.
 14. A dissertação “Processos de medicalização e trabalho docente: reflexões sobre o adoecimento de professoras da rede pública de Salvador/BA”¹¹⁰ (2022): Analisar

¹⁰⁴ SIQUEIRA, Laura Hellen Silva.

¹⁰⁵ BERNARDES, Carliene Freitas da Silva.

¹⁰⁶ PEREIRA, Carla Avelina Silva.

¹⁰⁷ RIBEIRO, Leticia Mendonca Lopes.

¹⁰⁸ NASCIMENTO, Maria Luzirene Oliveira do.

¹⁰⁹ SILVA, Juliana de Jesus.

¹¹⁰ SILVA, Érika Carvalho.

- como os processos de adoecimento e de medicalização atravessam o trabalho docente das professoras da rede pública municipal de Salvador – BA;
15. A dissertação “Auxiliar de atividades educativas na Educação Infantil: constituição histórica e tensões de uma ocupação no âmbito da rede municipal de educação de Goiânia”¹¹¹ (2014): Analisar o movimento histórico de gênese e de desenvolvimento da ocupação de Auxiliar de Atividades Educativas de Centros Municipais de Educação Infantil e de escolas municipais que possuam pré-escola em Goiânia – GO;
 16. A dissertação “Docência e Educação Infantil: condições de trabalho e profissão docente”¹¹² (2017): Analisar a situação profissional, formação e condições de trabalho das docentes brasileiras na Educação Infantil.
 17. A dissertação “Impactos da precarização do trabalho sobre a saúde das docentes da Educação Infantil”¹¹³ (2015): Analisar criticamente as condições de trabalho na Educação Infantil, a fim de estabelecer relações com o processo de adoecimento, tomando como referência as professoras da Educação Infantil da rede municipal de Belém – PA;
 18. A dissertação “Recorte de gênero, problemas de voz e faltas dos professores ao trabalho nas Escolas da Educação Básica no Brasil”¹¹⁴ (2017): Verificar a produção científica nos últimos dez anos sobre a frequência e os fatores associados às faltas ao trabalho por problemas de voz, descrevendo quanto a questões de gênero;
 19. A dissertação “Ser mulher e professora na educação básica: do trabalho múltiplo a Síndrome de Burnout”¹¹⁵ (2020): Problematizar a relação entre mulher, professora e o adoecimento físico e psíquico – especialmente pela Síndrome de Burnout – devido à sobrecarga do trabalho docente e trabalho doméstico;
 20. A dissertação “A dupla jornada de trabalho feminino: realidade, implicações e perspectivas”¹¹⁶ (2016): Investigar a dupla jornada de trabalho feminino – remunerado e doméstico – e as implicações desta, em vários aspectos, na vida de professoras de Educação Infantil, sob a perspectiva de gênero;
 21. A dissertação “Efeitos da Covid-19 sobre o tempo social dos professores da educação básica pública em Minas Gerais: uma abordagem da economia feminista”¹¹⁷ (2022):

¹¹¹ EDIR, Eliane Garcia de Brito.

¹¹² OLIVEIRA, Tiago Grama de.

¹¹³ SOLIMÕES, Andréa Cristina Cunha.

¹¹⁴ LAGES, Luciana Daniella.

¹¹⁵ COSTA, Renata Raquel.

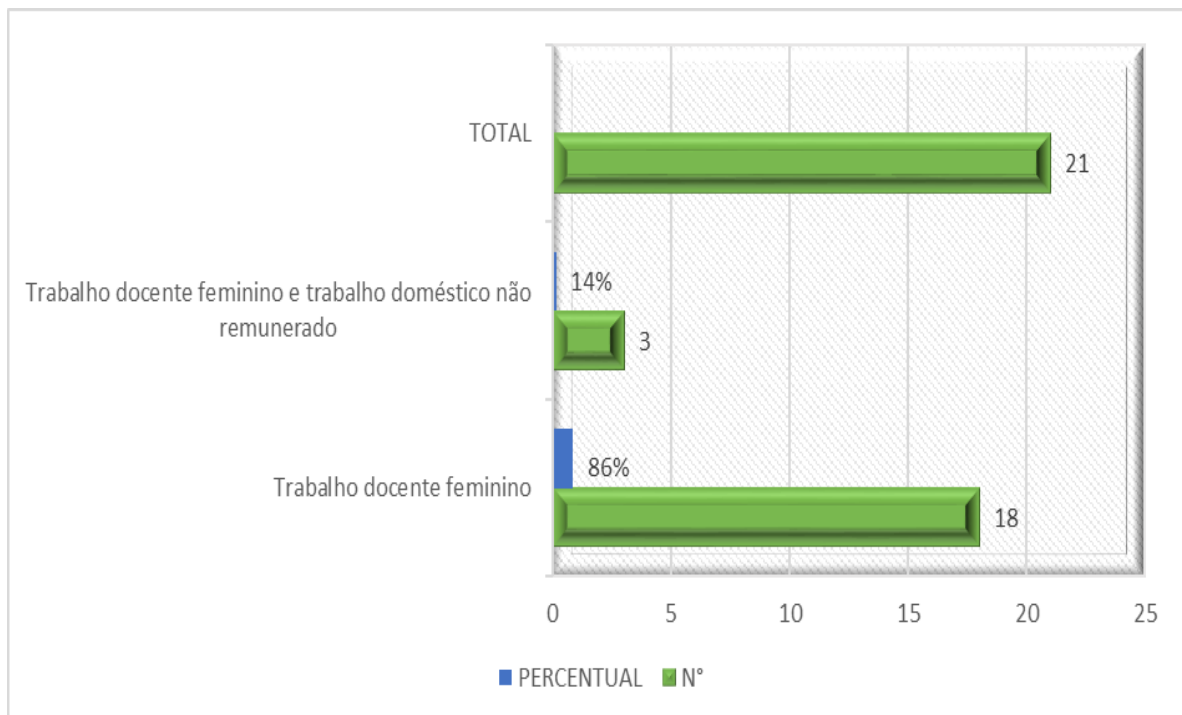
¹¹⁶ SIQUEIRA, Osmarina Mota.

¹¹⁷ SILVA, Josiane Patrícia Resende.

Analisar os efeitos da pandemia de Covid-19 sobre o tempo social dos professores da rede pública estadual de Minas Gerais, a partir de uma perspectiva da divisão sexual do trabalho.

Aqui, todas essas 21 pesquisas foram categorizadas em dois grupos: teses e dissertações que têm como centralidade o “Trabalho docente feminino” e as que têm como epicentro o “Trabalho docente feminino e o trabalho doméstico não remunerado”.

Gráfico 1 – Percentual de pesquisas por categoria



Fonte: Gráfico produzido para a pesquisa, 2023.

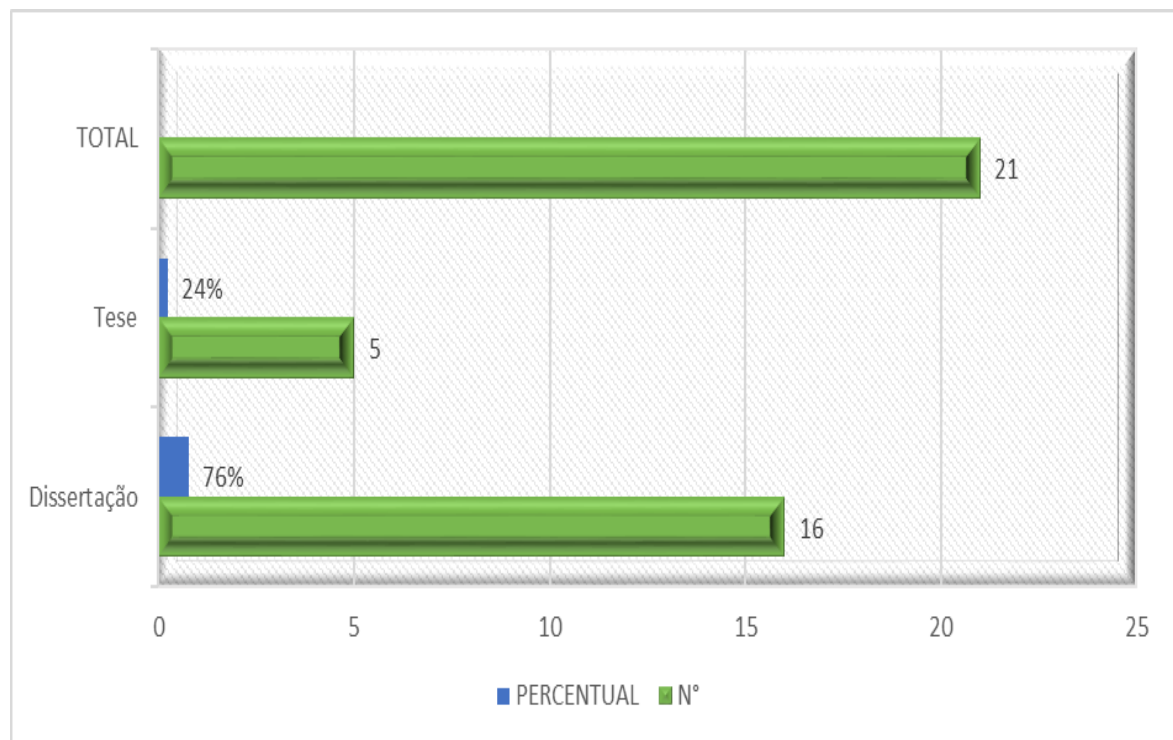
Como é possível perceber no Gráfico I, o primeiro grupo é mais volumoso, somando 18 produções, enquanto o segundo grupo reúne somente 3 obras. É importante constatar que, embora umas mais, outras menos, quase todas as obras dedicaram algum esforço para discutir o trabalho doméstico não remunerado realizado por mulheres professoras, mas somente 3 fazem uso da categoria “trabalho doméstico não remunerado” na sua centralidade. Nessas três, o trabalho doméstico não remunerado ganha holofotes na problemática, enquanto nas outras 18 o tema se solidifica nos argumentos secundários, ora para demarcar a diferenciação entre homens e mulheres na docência, ora para aprofundar a precarização e o adoecimento das mulheres professoras¹¹⁸. Em muitas, o trabalho docente aparece de forma volumosa na fala

¹¹⁸ Para fazer essa discussão, foi necessária a leitura de todos os capítulos de introdução das 21 teses e dissertações. Também foi feita a busca dos termos “doméstico”, “doméstica” e “casa” dentro das obras.

das professoras durante as entrevistas, mas a temática não ganha grande relevância por não ser o enfoque de determinadas pesquisas. Já as obras categorizadas como “Trabalho docente feminino e o trabalho doméstico não remunerado” são elas: a dissertação “Efeitos da Covid-19 sobre o tempo social dos professores da educação básica pública em Minas Gerais: uma abordagem da economia feminista”¹¹⁹ (2022), a dissertação “A dupla jornada de trabalho feminino: realidade, implicações e perspectivas”¹²⁰ (2016) e a dissertação “Ser mulher e professora na educação básica: do trabalho múltiplo a Síndrome de Burnout”¹²¹ (2020).

Essas 21 obras também foram classificadas em níveis da Pós-graduação (mestrado e doutorado):

Gráfico 2 – Percentual de pesquisas por nível



Fonte: Gráfico produzido para a pesquisa, 2023.

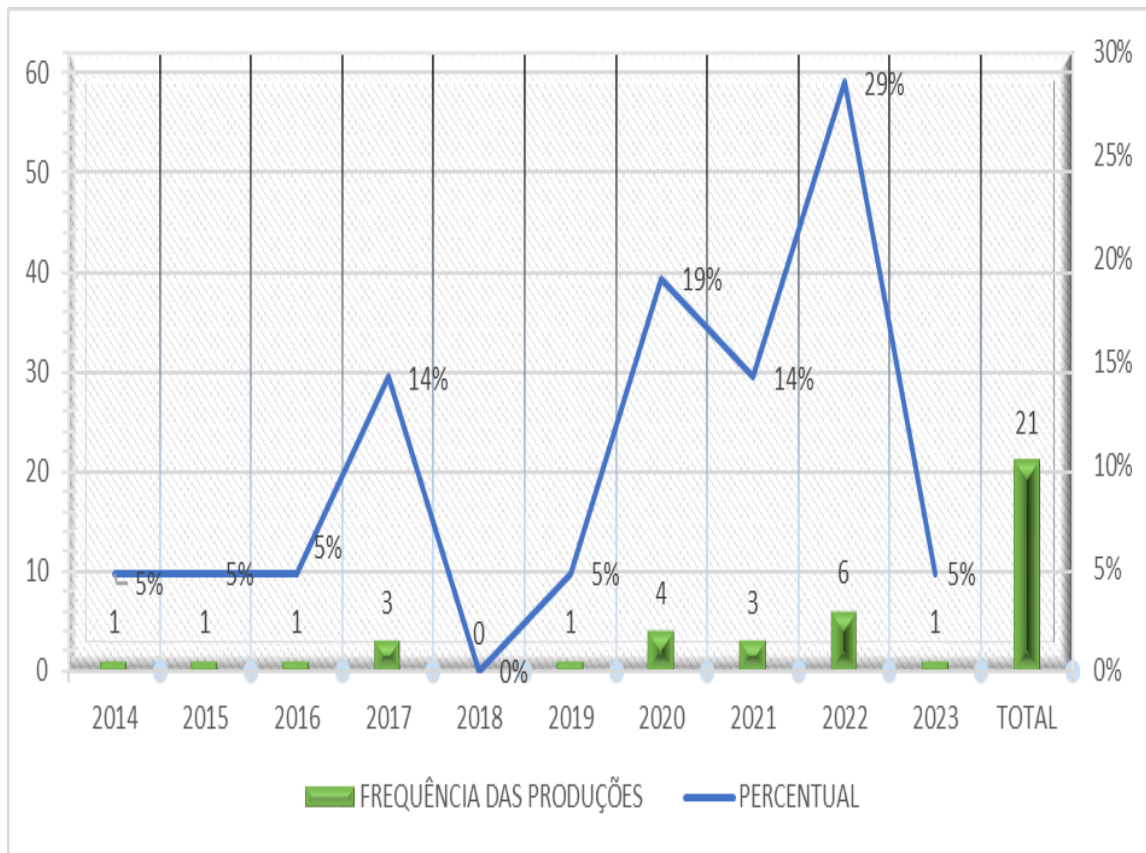
No total, dos 21 trabalhos dentro dos bancos da CAPES e da BDTD, foram encontradas 16 dissertações e 5 teses com o enfoque na temática. Evidentemente, existe um número superior de dissertações em relação ao número de teses, devido à quantidade excedente de Programas de Pós-graduação *stricto sensu* que possuem somente mestrado.

A temática igualmente foi analisada a partir da sua frequência no Gráfico 3:

¹¹⁹ SILVA, Josiane Patrícia Resende.

¹²⁰ SIQUEIRA, Osmarina Mota.

¹²¹ COSTA, Renata Raquel.

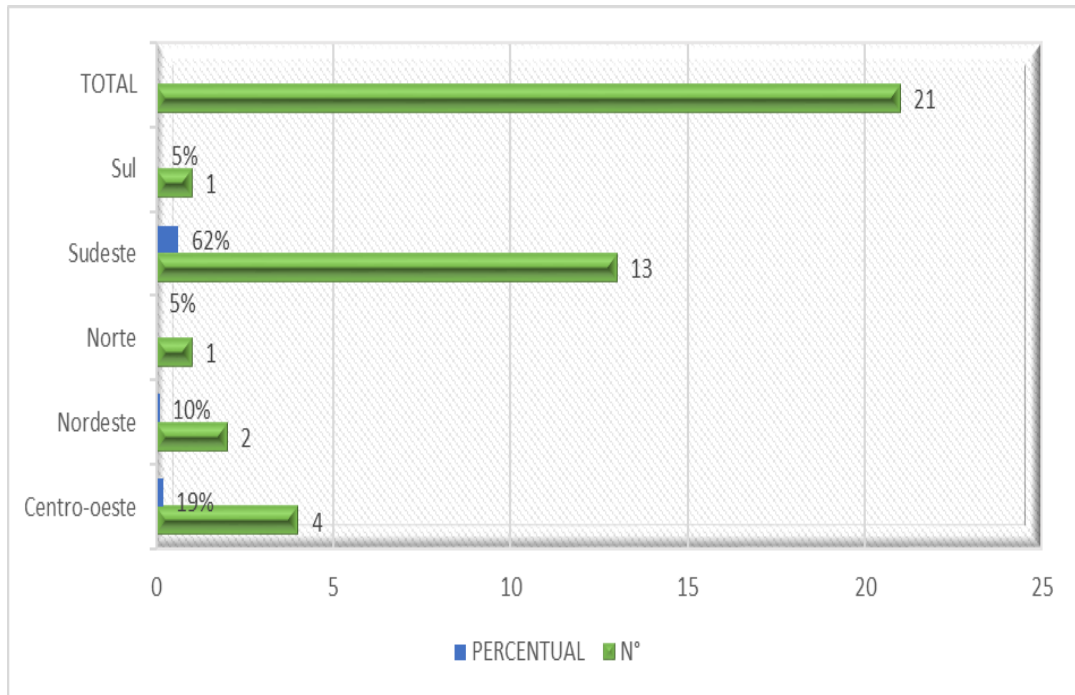
Gráfico 3 – Frequência das produções por ano – 2014/2023

Fonte: Gráfico produzido para a pesquisa, 2023.

No gráfico, constata-se que, nos 10 anos do recorte temporal (2014-2023), a temática manteve-se em uma baixa e estável frequência nos primeiros anos, embora com indicações de hiato, como em 2018, e de pico como em 2020 e 2023, respectivamente, com 4 e 6 publicações. Acredita-se que esses dados refletem o próprio movimento de interiorização das universidades, bem como dos programas de pós-graduação, de crescimento do nível acadêmico da população brasileira, da chegada das classes mais populares ao nível superior, mas, de mesmo modo, retrata a ampliação dos debates e de gênero no âmbito acadêmico e nos movimentos sociais e a ocupação das mulheres no espaços de poder, decisão e de produção do conhecimento científico. Logo, esse contexto pode ter reverberado no progresso quantitativo dos estudos.

Similarmente, o número de produções, com base nas suas universidades, programas de pós-graduação, estados e macrorregiões revelam aspectos necessários.

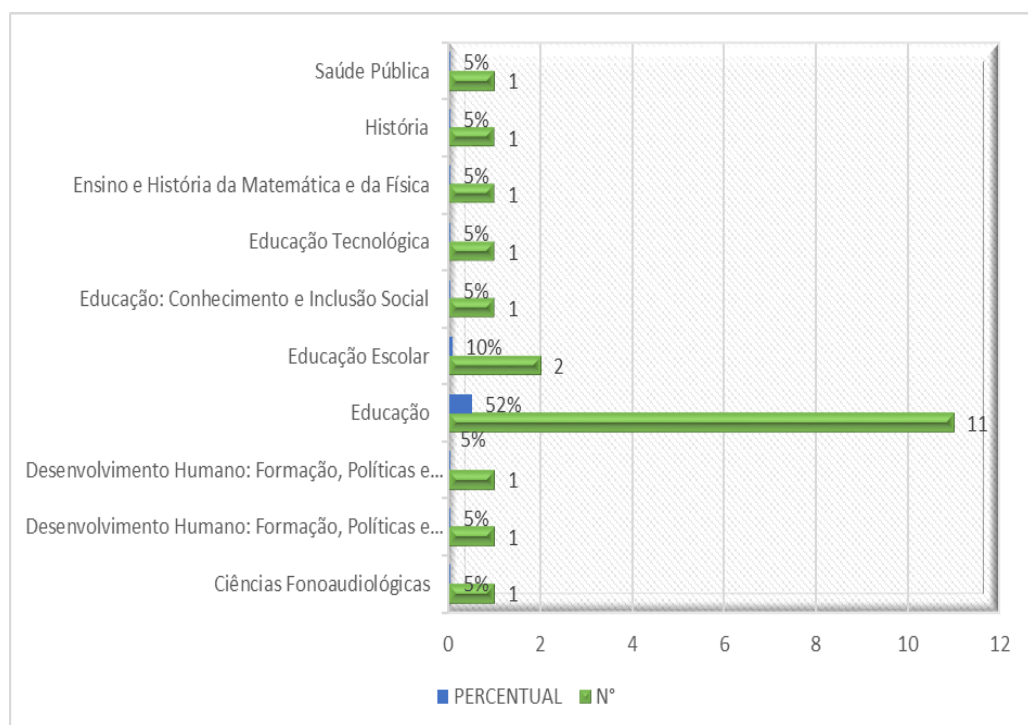
Gráfico 4 – Percentual de produções por macrorregiões



Fonte: Gráfico produzido para a pesquisa, 2023.

Fica evidente, a partir dos levantamentos, que as pesquisas se aglomeram nas regiões Sudeste, com 62% (13), e centro-oeste, com Centro-oeste, com 19% (4), e ainda são escassas sobretudo no Norte (1), Sul (1) e Nordeste (2).

Gráfico 5 – Percentual de pesquisas por Programa de Pós-graduação

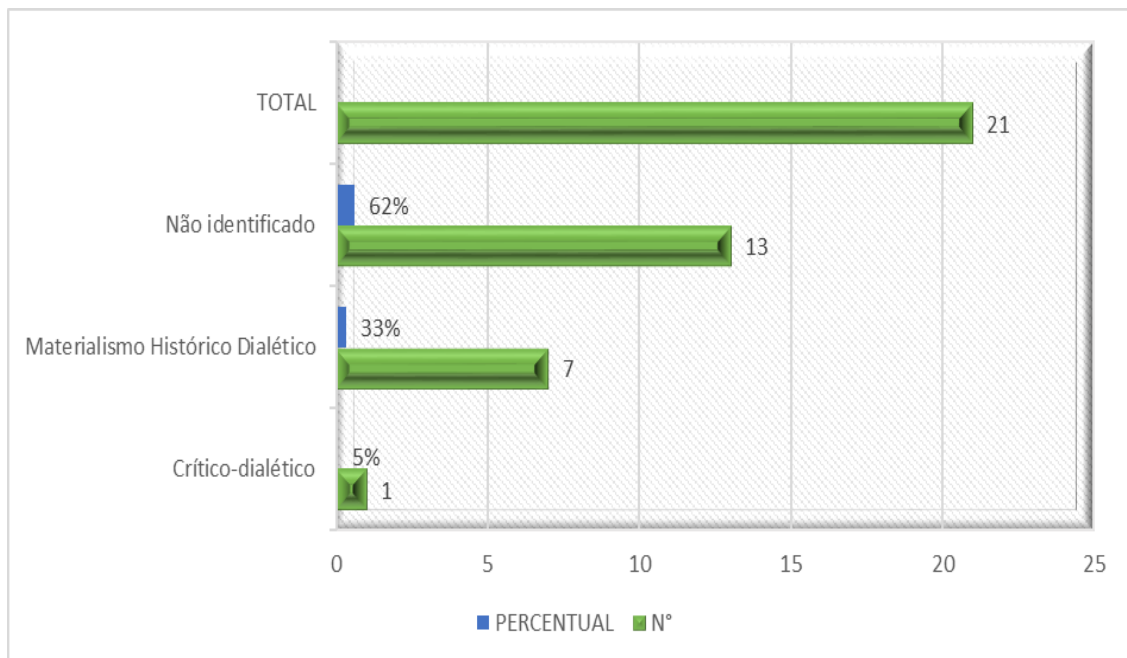


Fonte: Gráfico produzido para a pesquisa, 2023.

Esses indicadores reproduzem a estrutura da pós-graduação brasileira que, majoritariamente, concentra-se na região Sudeste, com 1.982 PPG segundo os dados mais atuais da Plataforma Sucupira e mais de 16.000 pesquisadores/as em 2016¹²². Enquanto isso, as outras macrorregiões contam com 406 PPG, no caso do Centro-oeste, 945 PPG, no caso do Nordeste, 316 PPG no caso do Norte e 967 PPG na casa do Sul¹²³. Em relação aos Programas de Pós-graduação, preponderantemente, as pesquisas concentram-se nos curso de Educação, com 52%.

O método foi outra categoria a ganhar evidência na análise a partir do gráfico 6.

Gráfico 6 – Percentual de pesquisas por método



Fonte: Gráfico produzido para a pesquisa, 2023.

Cabe salientar que os métodos dos trabalhos foram levantados durante as etapas 6 – leitura dos resumos – e 7 – tabulação de dados específicos. Por isso, os dados indicados no quadro refletem as informações explicitadas pelo autor nos resumos. Ou seja, nenhum dado deveria ser deduzido por livre interpretação e, de mesmo modo, não seria contabilizado caso fosse indicado no corpo da dissertação ou tese.

Igualmente, essas duas etapas (6 e 7) da pesquisa foram cruciais no sentido de compreender os padrões de deficiência dos resumos encontrados nas teses e dissertações

¹²² Conforme o levantamento da Plataforma Lattes em 2016.

¹²³ O total de Programas de Pós-graduação foi obtido no site da Plataforma Sucupira.

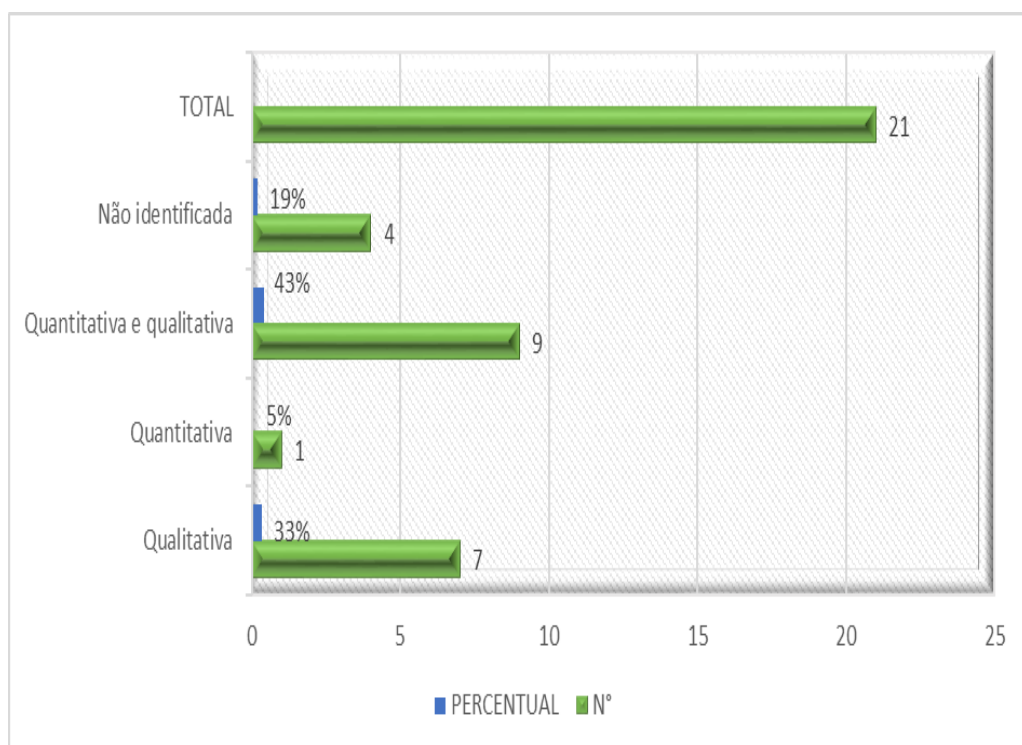
brasileiras, as informações imprescindíveis nos resumos, a necessidade da objetividade para auxiliar os/as futuros/as pesquisadores/as do campo e, em especial, a frequência que os/as autores/as confundem o sentido de método. Em muitos momentos, os/as autores/as indicavam uso do “método qualitativo”, a título de exemplo.

Nessa etapa, igualmente, tivemos a possibilidade de conjecturar uma explicação a uma das questões mais latentes desde o início da pesquisa: “com que frequência os pesquisadores que se alicerçam no Materialismo Histórico Dialético têm refletido o trabalho docente feminino da Educação Básica aliado ao trabalho doméstico não remunerado?”. Ainda que a associação entre o trabalho doméstico e o docente apareça em algumas pesquisas mais e em outras menos, a conclusão desenha-se: com muita frequência, visto que é o método mais utilizado nas pesquisas que detêm esse recorte.

Essa informação é substancial na presente pesquisa, pois demonstra que o método selecionado por esta para alicerçá-la – o Materialismo Histórico Dialético – não tem se feito alheio à presença do gênero na classe trabalhadora e compreende o demarcador em meio à totalidade, às contradições e às múltiplas determinações que condicionam o trabalho docente feminino na Educação Básica brasileira aliado ao trabalho doméstico não remunerado mediante uma conjuntura de dominação capitalista, neoliberal e patriarcal.

A natureza também foi uma categoria a ganhar evidência na análise a partir do gráfico.

Gráfico 7 – Percentual de pesquisas por natureza

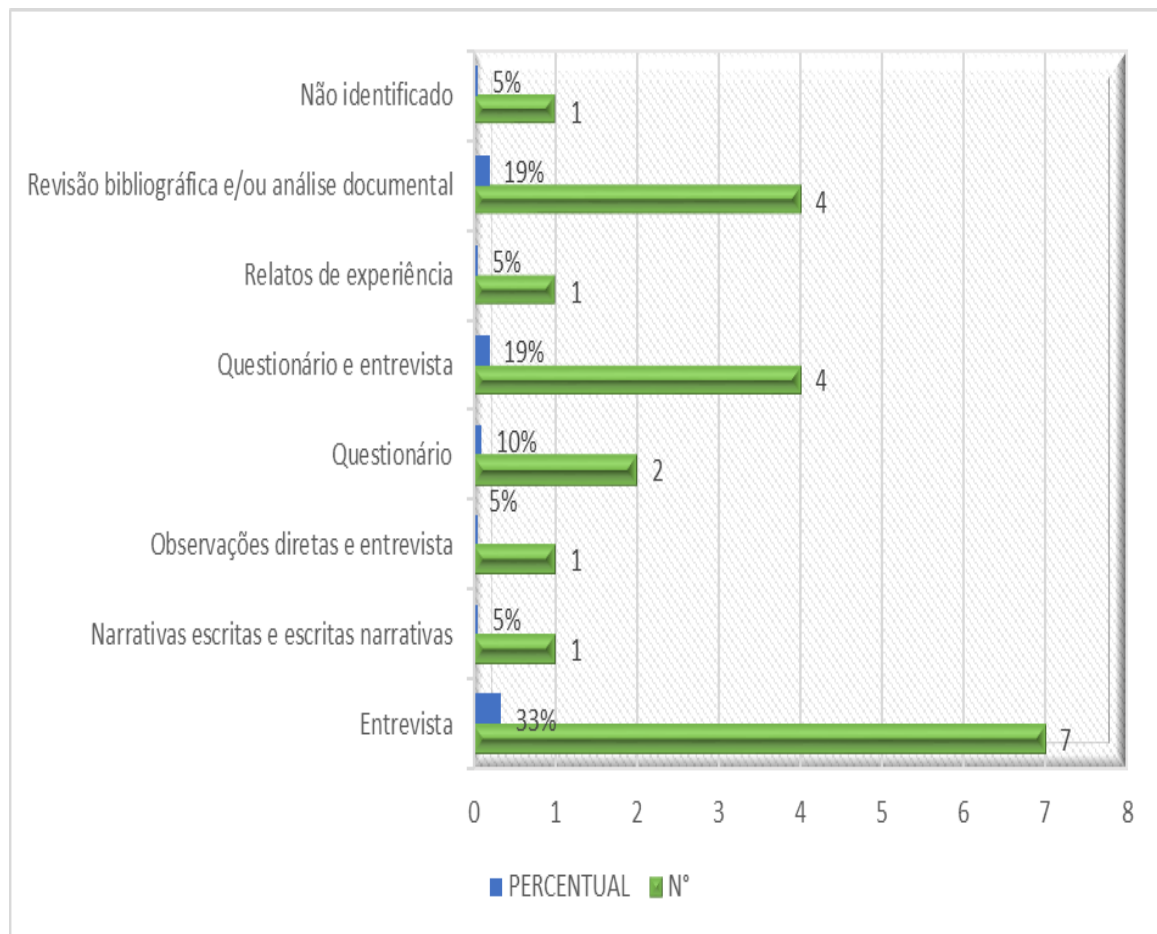


Fonte: Gráfico produzido para a pesquisa, 2023.

Dos 21 trabalhos, 43% são de natureza quali quantitativa, 33% de natureza qualitativa, 5% de natureza quantitativa e 19% de natureza não identificada. É comum que esse tipo de pesquisa se manifeste enquanto quali quantitativa ou qualitativa, visto suas inúmeras possibilidades de investigação, abordagem e interpretação de aspectos da vida humana difíceis de serem mensurados de outro modo.

Os instrumentos de coleta, identicamente, foram avaliados e ilustrados a partir do gráfico 8,

Gráfico 8 – Percentual de instrumentos de coleta

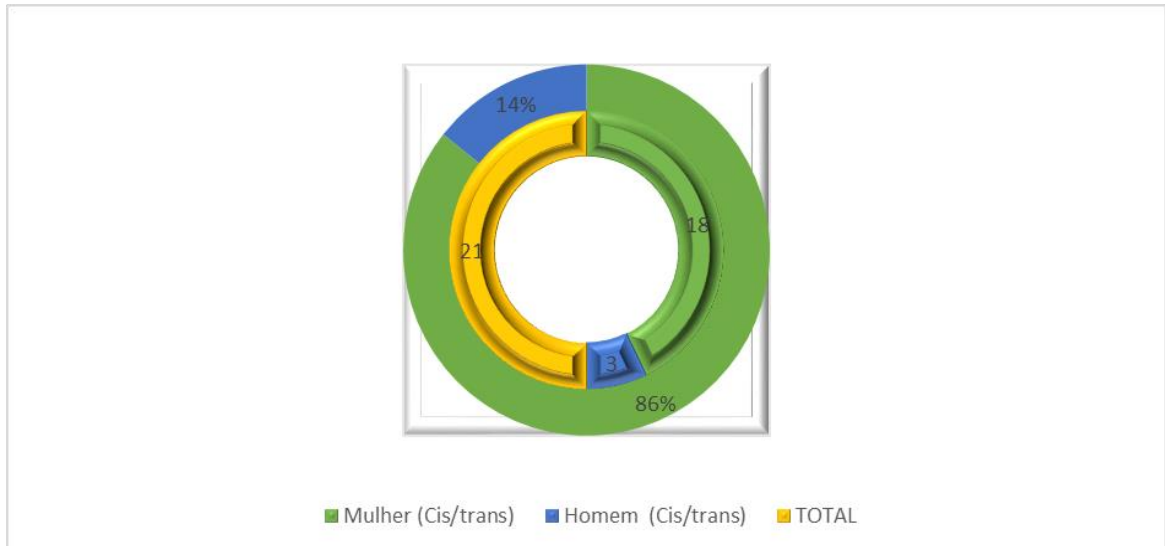


Fonte: Gráfico produzido para a pesquisa, 2023.

Entre as pesquisas, os instrumentos mais utilizados foram, respectivamente, a entrevista com 33%, a revisão bibliográfica e/ou análise documental com 19%, o questionário aliado à entrevista com 19% e o questionário com 10%. Todos esses instrumentos são comuns em pesquisas de abordagem qualitativa, então, estão em consonância com o gráfico anterior.

Por fim, no intuito de elucidar a questão “as mulheres pesquisadoras são maioria no estudo da temática?”, podemos observar o gráfico 9.

Gráfico 9 – Percentual de autores por gênero



Fonte: Gráfico produzido para a pesquisa, 2023.

O gráfico em pizza indica que o gênero dos/as pesquisadores/as segue o padrão dos estudos de gênero e sexualidade: as mulheres são as que mais pesquisam a temática, compondo 86%, como é possível constatar no gráfico 9. Estas ainda são as mais atingidas por esses demarcadores e, possivelmente, são as mais interessadas em discuti-los.

Os dados mais recentes também já revelam que, para além dos estudos de gênero, as mulheres são, pela primeira vez, maioria entre mestres e doutores. Segundo informações do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, as mulheres representam, em 2024, 56,8% dos mestres e 55,6% dos doutores titulados no Brasil. No entanto, as disparidades em oportunidades e salariais perduram, uma vez que, de acordo o mesmo estudo do MCTI, as mestras recebem 27% menos e as doutoras 16,4% em relação aos homens de mesma titulação (referência).

No panorama final, expomo-nos a constatar que, apesar de haver um número considerável de teses e dissertação que abordem a marca do gênero no magistério – 21 pesquisas – poucas se dedicam à relação com trabalho doméstico não remunerado. Elas se padronizam como dissertações, em sua maioria, publicadas com picos entre os anos de 2020 a 2022, concentradas na macrorregião Sudeste, com métodos não definidos, de natureza qualiquantitativa, utilizando as entrevistas como instrumentos de coleta e escritas por mulheres pesquisadoras do campo da Educação.

Ao tomarmos como referência o cenário edificado pelo presente Estado do Conhecimento e tendo acesso às teses e dissertações da CAPES, BDTD e do PPGED/UESB que discutem a relação entre trabalho docente feminino e trabalho doméstico não remunerado nos últimos 10 anos (2014 – 2023), é possível reafirmar a originalidade deste trabalho. A partir da leitura na íntegra dos três trabalhos categorizados como Trabalho Docente Feminino e Trabalho Doméstico Não Remunerado (TDFTDNR), da leitura dos resumos e dos capítulos de introdução dos outros 18 trabalhos categorizados como Trabalho Docente Feminino (TDF) e realizada a busca pelos termos “socialização do trabalho doméstico”, “socialização” e “políticas públicas”, foi possível constatar que, embora muitas tenham sido as pesquisas, os enfoques, os métodos e as abordagens, em nenhum dos 21 trabalhos existe a discussão ou mesmo a menção de proposições de políticas públicas de socialização do trabalho doméstico para mulheres professoras.

3 TRABALHO, ALIENAÇÃO, TRABALHO DOCENTE E TRABALHO DOCENTE FEMININO SOB O CAPITAL: POLÍTICAS PÚBLICAS DE VALORIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO

O trabalho, como criador de valores de uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem – quaisquer que sejam as formas de sociedade –, é necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza e, portanto, de manter a vida humana.

Karl Marx¹²⁴

O presente capítulo propõe analisar as concepções teóricas das categorias “trabalho” e “alienação” sob a ótica de Karl Marx e do Materialismo Histórico Dialético. De mesmo modo, considerando o avanço do neoliberalismo na educação, o capítulo tenciona o uso dessas categorias para elucidar o contexto do magistério na Educação Básica brasileira, a “feminização do magistério” enquanto um fator agravante da alienação do trabalho docente e a urgência de políticas públicas que visem à valorização do magistério, bem como a predominância feminina nele.

Segundo Marx, o trabalho é entendido como o processo que media a relação entre o homem e a natureza, ou seja, é o modo pelo qual o ser humano satisfaz suas necessidades materiais e transforma seu meio. Para além das concepções iniciais que Karl Marx faz sobre o trabalho, o capítulo também aborda suas reflexões acerca das novas nuances do trabalho sob o Capital, em especial, em relação os aspectos da alienação laboral.

Em meio ao modo de produção capitalista, contraditoriamente, o trabalho deixa de ser princípio fundamental de produção e reprodução da vida humana e torna-se um instrumento de opressão, que distancia o trabalhador de sua própria produção, o desumaniza, o empobrece e o priva do desenvolvimento integral de suas capacidades. Assim, o texto busca estabelecer as categorias “trabalho” e “alienação” no contexto do magistério da Educação Básica brasileira diante do avanço das ideias e políticas neoliberais na educação.

Logo, faz-se necessário compreender a progressão do neoliberalismo, já que o esse modelo educacional visa a ampliação da oferta de vagas, a redução de custos, a adaptação dos currículos e a precarização e alienação do trabalho docente. Portanto, o trabalho docente é afetado pelas legislações que diluem e flexibilizam direitos, pelas jornadas extensivas e pela ampliação das funções de natureza organizacional, relacional, curricular, acadêmica, pedagógica e sociopolítica. Esse cenário afetou diretamente as condições do trabalho docente,

¹²⁴ Manuscritos Econômico-filosóficos (2017).

elevando os níveis de estressores psicossociais relacionados à docência, bem como a incidência de adoecimentos físicos e mentais extremos na profissão.

Este capítulo também busca, no demarcador “gênero” e na “feminização do magistério”, os agravantes da alienação do trabalho docente, tendo em vista que ainda que tanto os professores quanto as professoras estejam subordinados/as às dominações capitalistas no espaço escolar, as mulheres, ao contrário dos homens, enfrentam também a opressão patriarcal no ambiente doméstico e profissional. Essa imbricação – do trabalho docente feminino na Educação Básica brasileira e do trabalho doméstico não remunerado – reforça a desumanização, o processo de alienação e o adoecimento do magistério sob o Capital.

Dessa forma, compreende que assimilar tal contexto – considerando a totalidade, as contradições e as múltiplas determinações do trabalho, do trabalho alienado, do trabalho docente, do trabalho docente feminino e do trabalho doméstico não remunerado – torna-se imprescindível para refletir sobre o avanço das medidas neoliberais na educação, a precarização das condições de trabalho docente no Brasil e a urgência de políticas públicas de valorização do magistério que pautem a marca feminina no magistério e de socialização do trabalho doméstico.

3.1 TRABALHO, TRABALHO ALIENADO E O TRABALHO PARA ALÉM DO CAPITAL

A alienação do trabalhador no seu produto significa não só que o trabalho se transforma em objeto, assume uma existência externa, mas que existe independentemente, fora dele e a ele estranho, e se torna um poder autônomo em oposição com ele; que a vida que deu ao objeto se torna uma força hostil e antagônica.

Karl Marx¹²⁵

Marx dedicou quase toda a sua trajetória a compreender e explicar o modo de produção capitalista, abordando seus primórdios, contradições, sustentáculos, desenvolvimento, mecanismos e, da mesma forma, suas consequências para a humanidade e para a natureza. Nessa perspectiva, Marx analisou o trabalho como o meio pelo qual o homem interage e se apropria da natureza, a fim de sobreviver, moldar sua realidade e atender às suas necessidades.

De acordo com Luz (2008), durante a fase nômade nos primórdios da humanidade, os seres humanos subsistiam através da coleta dos alimentos disponíveis. Conforme os grupos foram se sedentarizando ao longo da história humana, novas relações com o meio passaram a

¹²⁵ O Capital (1982).

surgir: ao consumirem rapidamente os alimentos de determinado território, precisavam ser rapidamente repostos, especialmente pelas atividades agropecuárias. As condições adversas (tais como frio, calor, chuva, animais perigosos etc.) também exigiam novos meios, instrumentos e habilidades. Essa superação de adversidades proporciona ao homem uma nova forma de lidar com a natureza, consigo mesmo e com os outros à sua volta.

Para Marx,

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos –, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhe forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza¹²⁶.

Sem dúvida, a categoria trabalho é central nos escritos de Marx, visto que é através dele que o homem mantém as suas condições materiais para a sua sobrevivência. No entanto, esse mesmo trabalho não é imóvel nem imutável, mas está sujeito ao sentido dialético da história e se transforma perante os modos de produção edificados ao longo da trajetória humana. Quanto mais complexo o modo de produção, mais complexas são as relações de trabalho.

Sob o capitalismo, essa categoria ganhou novas nuances em relação às contradições próprias do sistema e gera algo que passa a ser intrínseco ao capitalismo: o trabalho alienado. Segundo Ricardo Santos da Luz, “após uma visão geral sobre o trabalho, [...] sob a égide do sistema capitalista de produção, adquire um forte caráter de alienação, e que o trabalho alienado constitui um substrato que possibilita a existência e o desenvolvimento do capitalismo”¹²⁷.

É o trabalho que, contraditoriamente, media a relação entre o homem a natureza ao passo que o separa da sua própria produção, o desumaniza e o transforma em uma simples mercadoria. Enquanto o trabalho, para Marx, deveria ser para manter apenas o necessário para a sobrevivência do homem, o trabalho alienado é penoso, sem sentido e torna-se instrumento de opressão do homem sobre o homem em uma sociedade pautada na extrema acumulação e na desigualdade.

Ao invés de ser responsável pelo desenvolvimento das potencialidades humanas, o trabalho alienado estranha, desumaniza e animaliza, pois não serve para suprir as necessidades homem, somente as do Capital. Sob esse modo de produção, os polos se

¹²⁶ MARX, 2004, p. 211.

¹²⁷ 2008, p. 11.

invertem e o trabalhador aliena a si mesmo, uma vez que trabalha apenas para manter sua subsistência e torna-se a própria mercadoria¹²⁸. De acordo Luz¹²⁹,

[...] o trabalho alienado aliena o homem do produto do seu trabalho, do seu próprio trabalho, do seu ser genérico e dos demais seres humanos. Isso impede que ele possa desenvolver as suas potencialidades, bem como que ele possa desenvolver a sua humanidade. Ele transforma-se, pura e simplesmente, numa atividade vital, onde o trabalho representa, tão somente, uma possibilidade de subsistência. Na sua condição de trabalhador, equipara-se a uma máquina, que deve integrar-se perfeitamente no processo produtivo, e que pode ser descartada tão logo não atenda as exigências desse processo.

Fromm reitera dizendo

Necessita de seu trabalho para viver, porém seu papel é essencialmente passivo. Desempenha uma pequena função isolada em um processo de produção muito complicado e organizado, e não se confronta nunca com 'seu' produto como um todo, pelo menos não como produtor, mas apenas como consumidor, sempre que disponha de dinheiro para comprar o 'seu' produto em uma loja. Não lhe concernem nem o produto acabado em seus aspectos materiais nem seus aspectos sociais e econômicos, muito mais amplos. É colocado em determinado lugar e tem de realizar determinada tarefa, porém não participa da organização nem da direção do trabalho. Não sabe nem lhe interessa saber por que produz essa e não outra mercadoria, nem que relação tem o que produz com as necessidades sociais em geral. Os sapatos, os automóveis, as lâmpadas elétricas são produzidas 'pela empresa' empregando máquinas. Ele é mais parte da máquina do que seu senhor como agente ativo. A máquina, em vez de estar a seu serviço e fazer para ele o trabalho que antes ele tinha de fazer com pura energia física, converteu-se em sua senhora. Em vez de ser a máquina um substituto de energia humana, o homem é que se converteu em substituto da máquina. Pode definir-se seu trabalho como a execução de atos que as máquinas ainda não podem executar.¹³⁰

Segundo Luz (2008), a divisão social do trabalho é um desdobramento do trabalho alienado, uma vez que, ao executar tarefas fracionadas e repetitivas, o trabalhador não compreende o processo produtivo como um todo. Embora essa divisão não seja um fenômeno exclusivo da sociedade capitalista, “sob esse sistema, atinge seu nível mais alto de perniciosidade”¹³¹. Conforme Braverman,

A divisão do trabalho na sociedade é característica de todas as sociedades conhecidas; a divisão do trabalho na oficina é produto peculiar da sociedade capitalista. A divisão social do trabalho divide a sociedade entre ocupações, cada qual apropriada a certo ramo de produção; a divisão pormenorizada do trabalho destrói ocupações consideradas neste sentido, e torna o trabalhador inapto a acompanhar qualquer processo completo de produção. No capitalismo, a divisão social do trabalho é forçada, caótica e anarquicamente, pelo mercado, enquanto a divisão do trabalho na oficina é imposta pelo planejamento e controle. Ainda no capitalismo, os produtos da divisão social do trabalho são trocados como mercadorias, enquanto os resultados da operação do trabalhador parcelado não são trocados dentro da fábrica como no mercado, mas são todos possuídos pelo mesmo

¹²⁸ LUZ, 2008.

¹²⁹ 2008, p. 36.

¹³⁰ apud LUZ, 2008, p. 2008.

¹³¹ LUZ, 2008, p. 44.

capital. Enquanto a divisão social do trabalho subdivide a sociedade, a divisão parcelada do trabalho subdivide o homem, e enquanto a subdivisão da sociedade pode fortalecer o indivíduo e a espécie, a subdivisão do indivíduo, quando efetuada com menosprezo das capacidades e necessidades humanas, é um crime contra a pessoa e contra a humanidade.¹³²

Na sociedade capitalista, a divisão social do trabalho é um dos mais importantes pilares, garantindo um aumento imensurável da riqueza, sem que o trabalhador participe dos benefícios gerados, pois “é explorado até o limite de suas forças e igualado a um simples portador da força de trabalho”¹³³.

De acordo Marx,

O trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria tão mais barata, quanto maior número de bens produz. Com a valorização mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz apenas mercadorias; produz-se também a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e justamente na mesma proporção com que produz bens.¹³⁴

Sob o Capital, o ser humano é reduzido à sua capacidade produtiva. O trabalho não serve para melhorar suas condições de vida; ao contrário, torna-se um instrumento de opressão, subordinação e desumanização. Assim, ocorre uma inversão: o ser humano passa a estar a serviço do trabalho, e não o trabalho a serviço do ser humano.¹³⁵

Ao afirmar que “o trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão”, Marx não se refere exclusivamente às condições materiais da classe proletária, mas à transformação do homem em mercadoria, uma mera peça na engrenagem do Capital. A divisão social do trabalho alienado usurpa a capacidade criativa e transformadora do indivíduo e o impede de desenvolver suas habilidades e sua plenitude¹³⁶. Oprimido sob o trabalho alienado, o proletariado trabalha unicamente para manter as necessidades básicas da sua subsistência, enquanto a condição de ser humano fica relegada a um plano secundário¹³⁷.

Para Marx e para os marxistas, a superação do trabalho alienado, bem como do próprio modo de produção, só se dará através da consciência de classe e da conscientização da classe trabalhadora. Essa tarefa “somente é possível, à medida que os trabalhadores – já conscientes da sua condição de classe oprimida – consigam compreender que o capitalismo existe

¹³² LUZ, 2008, P. 47-48.

¹³³ LUZ, 2008, p. 50.

¹³⁴ MARX, 1964, p. 159.

¹³⁵ LUZ, 2008.

¹³⁶ Como veremos mais adiante, a divisão sexual do trabalho e o trabalho doméstico não remunerado também se enquadram como trabalho alienado.

¹³⁷ LUZ, 2008.

historicamente e que, por isso, pode ser transformado através de uma ação consciente”¹³⁸. No entanto, segundo Luz, essa ação “não pode estar separada de um arcabouço teórico que lhe dê sustentação, pois, nesse caso, ela ocorreria de forma desordenada, sem que os agentes transformadores da realidade social soubessem contra o que estão lutando, quais as estratégias a serem utilizadas para realizarem sua luta e qual o ponto a que gostariam de chegar”¹³⁹. De mesmo modo, a classe trabalhadora é a única capaz de se instrumentalizar – através da teoria – e assumir a função de sujeito protagonista “da transformação revolucionária das estruturas de opressão vigentes”¹⁴⁰, já que de nenhum modo interessaria a classe dominante alterar um modelo social que tanto lhe favorece.

3.2 TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA SOB O CAPITAL: A URGÊNCIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE VALORIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

“As reflexões pontuadas acerca das condições de trabalho docente delineiam um quadro preocupante. As reformas educacionais no contexto de redefinição do papel do Estado apresentam novas formas de organização na estrutura e na gestão das instituições, que traz implicações para a profissão docente. Num mundo globalizado e marcado pelo capitalismo em expansão, a educação se transformou em uma mercadoria que pode garantir as bases do sistema de acumulação, controle social, competitividade e ajustamento estrutural, por meio de um ensino voltado para o desenvolvimento da capacidade produtiva do homem, adaptável às demandas do capital. Esse atual paradigma educacional impacta a vida dos professores na medida em que eles passam a assumir novas funções e responsabilidades. Ball (2005) afirma que duas tecnologias importadas do mundo empresarial têm aproximado a educação da lógica do mercado - a performatividade e o gerencialismo. Tais tecnologias empregadas na educação apontam para a necessidade de um novo professor e novas práticas pedagógicas. O novo professor deve ser um profissional competente e eficiente que apresente bom desempenho nas atividades. Esse desempenho tem sido avaliado com base nos resultados obtidos por seus alunos, nas avaliações realizadas em larga escala. Deste modo, o professor é responsável pelo sucesso e/ou insucesso dos alunos”

Regivane dos Santos Brito, Jany Rodrigues Prado e Claudio Pinto Nunes¹⁴¹

Na obra “A Reforma Empresarial da Educação: nova direita, velhas ideias”, Luiz Carlos de Freitas (2018) revela as relações entre o nascimento da nova direita, o neoliberalismo econômico e o autoritarismo social. Segundo o autor, o neoliberalismo tornou-se hegemônico após a crise do petróleo e a crise do Estado de Bem-estar Social do pós-guerra; nos Estados Unidos, durante o mandato do presidente Ronald Wilson Reagan (1981-1989), e na Inglaterra, sob o governo da primeira-ministra Margaret Thatcher (1979-1990), expandindo-se depois para outros países. No Brasil, a “nova direita” e seus ideais tiveram seu

¹³⁸ LUZ, 2008, p. 60.

¹³⁹ LUZ, 2008, p. 60.

¹⁴⁰ LUZ, 2008, p. 61.

¹⁴¹ As condições de trabalho docente e o pós-estado de bem-estar social (2017).

ápice após o fim da Ditadura Civil-Militar (1964-1985) e, posteriormente, após o golpe jurídico, parlamentar e midiático contra a presidente Dilma Rousseff (2011-2016).

Com o avanço das ideias neoliberais da “nova direita”, essa passou a disputar os rumos da educação, com o objetivo de forjar novas lideranças e treinar uma nova geração de pensadores capazes de lutar pelo livre mercado e pela retomada do liberalismo clássico. Assim, percebe-se que a hegemonia não se restringe apenas ao aspecto econômico, mas também ao ideológico, pois a “nova direita” visava estabelecer um sistema educacional pautado na defesa da propriedade privada, na acumulação contínua e na formação de mão de obra barata e crédula no mérito, no esforço individual e na competição entre seus semelhantes.

Com a nova direita, os fins são sempre justificáveis, ainda que os meios envolvam a formação de futuras gerações sem perspectiva de humanização ou transformação social nos processos educativos. A nova direita empenhou-se, então, em sequestrar a educação através do empresariado para garantir seus objetivos econômicos e ideológicos; a converteu em um serviço e a privou do seu caráter de direito social. Daí seu caráter reacionário e conservador.

Por essas razões, o neoliberalismo enxerga a educação a partir da lógica do livre mercado, acreditando que o Estado é incapaz de geri-la. Este teria unicamente a função de financiar essa educação para que o Capital a conduzisse por meio da padronização dos currículos, das avaliações, das plataformas, das formações e das políticas educacionais. Sob o Capital, o estudante, então, passaria da condição de aluno para a condição de cliente desse serviço.

A educação, aos moldes neoliberais, baseia-se na ampliação do número de vagas para formar a classe trabalhadora, no barateamento dos custos e na abreviação da formação docente e discente. Logo, o Capital arquitetou meios mais sintéticos e econômicos de instruir a classe trabalhadora, de forma que esta adquirisse conhecimentos elementares em um menor espaço de tempo. Por sua vez, esta formação abreviada elevaria o grau de especialização e produtividade por meio da progressão das técnicas e recursos de produção, mas sem encarecer a mão de obra. Consequentemente, a maximização da oferta foi acompanhada pela falta de estrutura, precarização do corpo docente e currículos sem intenção de uma formação intelectual.

Como visto anteriormente, as relações de trabalho de cada período sempre foram delimitadas pelas características dos modos de produção vigentes. Com o avanço do neoliberalismo e as mudanças profundas da ordem sociometabólica do Capital, o trabalho

docente também foi impactado pelas reformas educacionais neoliberais que buscavam gerir a escola aos moldes empresariais¹⁴².

A docência – enquanto “atividade laboral que requer habilidades, competências e qualificações ligadas às interações humanas, à capacidade de contextualização do saber dialógico e à recusa de dicotomização entre o fazer e o pensar”¹⁴³ – passa a seguir as orientações de uma agenda educacional permeada pelo pensamento neoliberal dos mecanismos internacionais.

Conseqüentemente, o trabalho docente aliena-se ao se deparar com essas transformações, que ampliaram as jornadas e as funções de natureza organizacional, relacional, curricular, acadêmica, pedagógica e sociopolítica. Ao mesmo tempo, o neoliberalismo também impactou as formulações legislativas de diluição e flexibilização de direitos, em especial com o aumento do número de contratos temporários em detrimento dos concursos públicos; o congelamento dos salários ou seu crescimento abaixo da inflação; o não cumprimento dos Planos de Carreira dos Profissionais do Magistério da Educação Básica Pública; os vencimentos abaixo do Piso Nacional do Magistério, especialmente para os profissionais sob regime de contrato temporário; e a ampliação da carga horária por meio de um trabalho invisível de planejamento realizado em casa, sem remuneração.

Logo, as/os docentes também foram impactados/as com as transfigurações do sistema capitalista que, ao longo dos séculos, precisou se reinventar para manter sua condição de hegemonia. É no seio dessas mudanças que irá se manifestar o neoliberalismo e suas prerrogativas do Estado-mínimo, isto é, desresponsabilizando o Estado do seu papel no desenvolvimento econômico e social. Esse movimento afetou bruscamente a democracia, o direito dos trabalhadores e os programas sociais, acarretando na precarização das condições de trabalho docente.

Sob o neoliberalismo, a escola passou a projetar nos/as professores/as as expectativas de ministrar aulas, dominar novas tecnologias, participar de reuniões pedagógicas, seminários, atividades extraescolares, conselhos de classe, formações, projetos, atender a dificuldades individuais dos alunos, assistir a alunos com necessidades especiais, dominar temas das mais diversas áreas, desenvolver trabalhos administrativos, planejamento e correção de atividades. Nesse interim, lidam com alunos vítimas da insegurança alimentar, violência, abuso sexual, desestrutura familiar, racismo, bullying, ansiedade, depressão e LGBT+fobia.

¹⁴² Qualificando o maior número de trabalhadores com o mínimo de gastos.

¹⁴³ GODINHO, 2018, p. 18.

De plano de fundo, os/as docentes se encontram em salas de aula superlotadas, escolas sem estrutura adequada, com poucos banheiros ou em condições impróprias, sem bibliotecas, laboratórios de informática, de biologia, química e física, atuando em disciplinas que não são de sua formação, sem tempo para qualificação, currículos e materiais didáticos impostos e distantes da realidade escolar, baixos salários, instabilidade devido aos contratos temporários e ausência de concursos públicos. Por consequência, o trabalho docente enquanto complexo e repleto de especificidades nas suas cargas intelectuais, pedagógicas, artesanais, artísticas, afetivas e sociais, precisa enfrentar a ausência de condições de trabalho, acrescidas às problemáticas sociais projetadas nas escolas e acúmulo de funções e exigências.

O trabalho docente, complexo e repleto de especificidades nas suas dimensões intelectuais, pedagógicas, artesanais, artísticas, afetivas e sociais, enfrenta a ausência de condições adequadas de trabalho, somadas às problemáticas sociais que se refletem nas escolas e ao acúmulo de funções e exigências. Essa conjuntura eleva o nível de estressores psicossociais relacionados à docência, sendo considerada pela Organização Internacional do Trabalho como um dos ofícios mais estressantes, com uma alta incidência de fatores que podem levar ao adoecimento físico e mental extremo.

Esse adoecimento manifesta-se em sintomas como dores, irritabilidade, cansaço, desmotivação, sentimentos de fracasso e impotência, isolamento, baixa autoestima, dificuldade de concentração e memorização, ansiedade e apatia. Quando esses sintomas se tornam constantes, podem configurar a Síndrome de Burnout, um estresse laboral crônico associado à desmotivação, desumanização, culpabilização e ao desenvolvimento de um trabalho precário, afetando principalmente profissionais de serviços de assistência, como enfermeiros, psicólogos, professores/as, médicos e assistentes sociais.

Um estudo intitulado “Docência e Exaustão Emocional”, de Tânia Maria de Araújo *et al.* (2006), investigou 808 professores da rede pública municipal de Vitória da Conquista, na Bahia, e analisou fatores de estresse laboral. Dentre os participantes, 70% relataram cansaço mental, 49,2% nervosismo, apenas 30,8% praticavam atividade física regularmente, 34,4% tinham práticas regulares de lazer e 32,1% trabalhavam em outra instituição de ensino. Do total, 94,1% eram mulheres, e 95,9% delas exerciam tarefas domésticas. Em relação à sobrecarga, 32,8% das mulheres relataram sentir-se sobrecarregadas, enquanto apenas 2,3% dos homens o fizeram. O estudo também identificou uma forte relação entre a presença de filhos e as atribuições e responsabilidades familiares, associando-as a fatores psicossomáticos.

Uma pesquisa realizada por Ana Claudia Braun e Mary Sandra Carlotto (2014) revelou que, quando o estresse laboral se intensifica e se torna crônico, desenvolvendo a

Síndrome de Burnout entre professores, os homens tendem a manifestar essa condição na dimensão da despersonalização, enquanto as mulheres apresentam pontuações mais elevadas na dimensão da exaustão emocional.

A partir desse cenário, podemos assumir a urgência de políticas públicas de valorização do trabalho docente. Essa valorização abrange diversos aspectos, tais como a obrigatoriedade de concursos públicos que garantam a estabilidade dos/as professores/as e o fim dos contratos temporários; a garantia de salários dignos com reajustes acima da inflação, do cumprimento do Piso Nacional do Magistério e da progressão salarial por meio da pós-graduação e tempo de carreira; escolas com estruturas adequadas; acompanhamento psicossocial a alunos e suas famílias, em especial à aqueles em situação de vulnerabilidade socioeconômica; obrigatoriedade de carga horária semanal destinada exclusivamente a continuada; disponibilidade de suporte tecnológico e material pedagógico de qualidade; auxílio para deslocamento e alimentação; políticas de saúde dedicadas aos/às docentes, com foco na promoção e prevenção de doenças; carga horária semanal para participação nos espaços de formação política e gestão democrática, tais como conselhos, sindicatos, fóruns, conferências e comitês; remuneração do tempo em casa dedicado à atividades como correção, planejamento e produção; ajuda de custo para incentivar o acesso a eventos culturais, como shows, cinemas, exposições, livros e música, bem como aparelhos tecnológicos, como notebooks e tablets.

3.3 FEMINIZAÇÃO DA DOCÊNCIA E TRABALHO DOCENTE FEMININO SOB O CAPITAL: A MARCA DO GÊNERO NO MAGISTÉRIO

“A história do magistério primário feminino brasileiro é, principalmente, uma história de mulheres, de uma força invisível que lutou consciente e espontaneamente em defesa de suas crenças e de sua vontade. Às vezes, acatavam as ideologias patriarcais, outras vezes as questionavam como uma forma de resistência, mas, todas elas, tanto no Brasil como em outros países do mundo ocidental capitalista, mantiveram-se coerentes com seus princípios e seus valores durante todo o tempo. Em momento algum deixaram de lado sua preocupação com a infância, com a família, ou deixaram de manifestar seu repúdio à violência e a todas as formas de exploração e opressão. Foram coerentes em desejar mais instrução, maiores conhecimentos e a preservação da unidade familiar. Isso aumentou seu poder, fosse pela radicalização de umas, fosse pela persistência de outras. O trabalho que desenvolveram no magistério fez parte de um movimento muito maior na educação e na sociedade, por desafiar os preconceitos do patriarcado e da existência feminina num meio eminentemente masculino. Atitudes que levaram a questionamentos da própria condição feminina e dos papéis sexuais desempenhados por homens e mulheres e do trabalho realizado por professores e professoras”

Jane Soares de Almeida¹⁴⁴

¹⁴⁴ Mulheres e Educação: A paixão pelo possível (1998).

A partir de uma percepção materialista, em que a produção e reprodução da vida tornam-se fatores decisivos para a trajetória humana, o imaginário patriarcal consolidado acerca da figura feminina se configurou fundamentado no surgimento dos conceitos de família, propriedade privada e organização estatal. Assim, o novo organismo social denominado “família” admite o pátrio poder do homem, o pater, perante seus bens, sua mulher, sua prole, seus escravizados, tal qual o poder sobre a vida e morte de todos esses. Foram essas as condições que despertaram a abolição do direito materno e o desprestígio das funções femininas, pois o direito paterno facilitaria a acumulação de riquezas e construção de uma hierarquia social baseada na distinção.

As relações patriarcais, bem como conhecemos, foram firmadas por meio das necessidades dos modos de produção e das lutas que emergiram no tecido social, concebendo os valores da família e o dualismo dos papéis sexuais, entre as incumbências dos homens políticos e mulheres domésticas.

Na esfera doméstica, elas simbolizavam objetos de prazer, ordem e violência, sem qualquer individualidade. Em função disso, o sexo feminino era dualmente caracterizado: ora como sensual e voluptuoso, ora como puro, inocente, fisicamente limitado, intelectualmente incapaz e emocionalmente sensível. Acreditava-se que proporcionar a uma mulher uma atividade pública destruiria a família e a estrutura natural da sociedade. Portanto, era esperado que ela se apresentasse como frágil e débil em relação às questões comunitárias, necessitando ser protegida do mundo exterior.

Perrot (1988) considera o século XIX como o auge da divisão das tarefas e da segregação sexual. Para a autora, a maternidade e a vida doméstica delimitavam o contexto feminino daquela época. O trabalho assalariado era visto como temporário, dependente das necessidades da família, e os salários eram baixos, dado que esse serviço era considerado “subordinado”. Assim, a mulher das classes baixas desempenhava três funções distintas: gerar e cuidar dos filhos e de suas necessidades; realizar os trabalhos domésticos; e contribuir com a renda familiar, seja para manter a subsistência ou como complemento para pequenas despesas.

Com a chegada do século XX, a urgência e a necessidade de expandir a educação formal para qualificar minimamente a classe operária em direção à industrialização promoveram uma reestruturação do Capital. Este começou a recrutar trabalhadoras de menor poder aquisitivo com a retórica de que o magistério era uma missão de abnegação, dedicação, altruísmo e sacrifício. Esse movimento resultou em um corpo coeso de profissionais que de baixos salários e cargas horárias extensas e, predominantemente, feminino. Para que a

escolarização se expandisse de maneira rápida e econômica, incentivou-se a uma massiva entrada de mulheres na profissão.

Nesse sentido, o magistério primário, especialmente para mulheres de classes pobres e média, tornou-se uma oportunidade ímpar de ingressar no mercado de trabalho, permitindo a combinação do trabalho doméstico, da maternidade e da remuneração. Embora os salários fossem baixos, a profissão conferia dignidade e prestígio em comparação a outras ocupações, como costureira, parteira ou governanta, além de oferecer direitos como o salário mínimo, menor carga horária e licença-maternidade. Segundo Jane Almeida (1998), para as mulheres, ser professora representava um equilíbrio entre a condição desejável e a possível, transformando-as de procriadoras incultas em pilares morais e fiéis guardiãs do lar cristão e patriótico.

Esse processo ficou conhecido como “feminização do magistério”, que, a priori, não representou um risco para a estrutura capitalista patriarcal, uma vez que as vantagens de alocar mulheres pobres como responsáveis pela educação das crianças também em espaço público eram evidentes. Com o passar das décadas, no entanto, a presença das mulheres no magistério, ou em qualquer outro ofício, não as desvinculou da incumbência das tarefas domésticas, sobrecarregando-as com o acúmulo de funções diante de jornadas longas, exaustivas e desumanas.

Tomando a feminização do magistério no Brasil como exemplo, percebemos que a divisão sexual é uma das formas centrais de exploração do Capital sobre o trabalho, segmentando e hierarquizando as funções socialmente construídas para homens e mulheres, subalternizando-as e naturalizando a precarização e a sobrecarga. Segundo Mirla Cisne (2015), essa subordinação e as habilidades consideradas femininas são apropriadas pelo Capital para a exploração da força de trabalho das mulheres, que são vistas como possuidoras de dons naturais, capazes de realizar tarefas “menos complexas”, enfrentando o desprestígio resultante. A falta de valorização faz com que muitas mulheres não se reconheçam como trabalhadoras, condicionando-as à passividade e impedindo-as de desenvolver uma consciência de classe.

A crise do capital, a partir de 1970, e a necessidade de reestruturação do modo de produção possibilitaram a intensificação desse processo. Nesse contexto, surgiu também a feminização do mercado de trabalho, que utilizou as trabalhadoras para assegurar tais transformações. Essa aparência de emancipação decorrente das lutas femininas revela-se, na essência, como uma grande vitória do capital na tentativa de manter sua hegemonia, além de obter mais lucros com uma mão de obra mais barata e precarizada.

Em 2014, os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira¹⁴⁵ mostraram que havia 436.873 professores do sexo masculino no Brasil, em contrapartida a 1.753.870 professoras do sexo feminino, ou seja, $\frac{3}{4}$ dos docentes brasileiros na Educação Básica eram mulheres. Quase 10 anos depois, os dados nacionais divulgados pelo Ministério da Educação mostram que, em 2023¹⁴⁶, 2,4 milhões de docentes estavam atuando na Educação Básica, dos quais 1,9 milhão (79,5%) eram mulheres.

Assim, a presença massiva de mulheres na Educação Básica impossibilita discutir o magistério sem considerar as questões de gênero. Embora, assim como os homens, estejamos sujeitas às dominações capitalistas, enfrentamos também a opressão do patriarcado tanto no âmbito doméstico quanto no escolar. Isso resulta em uma inevitável sobrecarga laboral, uma vez que a jornada de trabalho formal se soma ao trabalho doméstico, culturalmente atribuído às mulheres. Dessa forma, a contínua jornada feminina as submete a tarefas árduas e incessantes, sob o jugo da família burguesa e do capital.

Dessa forma, é evidente que tanto os professores quanto as professoras estão subordinados/as às dominações capitalistas no espaço escolar. No entanto, ao contrário dos homens, as mulheres também enfrentam a opressão patriarcal no espaço doméstico. Essa imbricação torna impossível discutir o magistério sem abordar as questões de gênero, levando em conta uma sobrecarga de trabalho resultante da soma da jornada laboral com as responsabilidades domésticas, invisibilizadas e atribuídas culturalmente às mulheres. Assim, a jornada contínua sujeita as mulheres a tarefas extenuantes, simultaneamente sob o controle da família burguesa e do Capital.

Já os professores do sexo masculino dedicam menos tempo a trabalhos domésticos e ao cuidado dos filhos, possuem maior disposição e tempo para se qualificar, o que resulta em melhores oportunidades de promoção e ascensão social, além de menores perspectivas de adoecimento. Nesse contexto, as mulheres do magistério enfrentam não apenas jornadas exaustivas, salários insuficientes e demandas abusivas no ambiente profissional, mas também são submetidas a imposições sociais que dominam seus corpos também na esfera doméstica.

A sobrecarga psicológica e física, aliada à ausência de tempo para lazer, descanso, sono, atividade física e alimentação adequada, dificulta a qualificação das professoras e reforça padrões de conflito e culpabilização pelo afastamento da família ou pela falta de êxito em suas demandas laborais. Além disso, a carência de serviços públicos de apoio às mulheres

¹⁴⁵ Resumo Técnico do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2014).

¹⁴⁶ Resumo Técnico do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2023).

trabalhadoras, como creches, escolas, cozinhas coletivas, lavanderias e serviços de limpeza, agrava essa sobrecarga e impulsiona o adoecimento.

Portanto, ao refletir sobre o magistério feminino, torna-se fundamental estabelecer um paralelo entre os gestos repetitivos do trabalho doméstico – historicamente atribuídos às mulheres – e a maneira como a opressão e a exploração se acumulam e se articulam nas esferas da vida doméstica, assalariada e política.

Por fim, é relevante discutir como as políticas públicas, assim como as pesquisas sobre as condições de trabalho dos professores, têm ignorado a composição majoritariamente feminina do magistério e como essas mulheres são constantemente divididas entre o trabalho docente, os cuidados com a casa, com os filhos e as demandas da docência. Se o trabalho doméstico não remunerado não existisse, o Estado se veria forçado a aumentar significativamente os salários dos trabalhadores para que pudessem arcar com serviços essenciais ou a subsidiá-los por meio de políticas públicas que socializassem o trabalho doméstico. No entanto, o Estado se desresponsabiliza ao não implementar políticas que transfiram esse ônus ao capital, mantendo as mulheres responsáveis pelas tarefas domésticas que são essenciais para a reprodução da força de trabalho.

Sob essa perspectiva, a opressão cultural e social das mulheres, manifestada no trabalho doméstico, combina-se com sua exploração econômica, reforçando-se mutuamente como obstáculos à sua participação na vida política. Além de desumanizá-las, essa situação agrava o processo de alienação e subtrai o tempo que necessitam para seu aprimoramento intelectual e artístico, isolando-as da produção material da sociedade ou relegando-as a papéis subalternos. Portanto, ao considerar as condições de trabalho docente e suas políticas públicas, é crucial abordar também as amarras patriarcais, pois estas são duas faces do mesmo sistema de produção e reprodução¹⁴⁷, colaborando para a manutenção da ordem sociometabólica do Capital.

Assim, pretende-se assimilar o cenário construído ao longo da dissertação – considerando a totalidade, as contradições e as múltiplas determinações do trabalho docente feminino na Educação Básica brasileira em conjunto com o trabalho doméstico não remunerado – para refletir sobre a urgência de políticas públicas de valorização do magistério e de socialização do trabalho doméstico.

¹⁴⁷ CISNE, 2015.

4 TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO SOB O CAPITAL E A SOCIALIZAÇÃO ATRAVÉS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

O que as mulheres seguram? O lar, a família, as crianças, a comida, as amizades, o trabalho, o trabalho do mundo e o trabalho de ser humana, as memórias, as dificuldades, as tristezas, os triunfos e o amor. Os homens também fazem isso, mas não da mesma forma.

Às vezes, quando estou me sentindo particularmente feliz ou satisfeita, penso que posso oferecer sustento para legiões de seres humanos, posso segurar o mundo inteiro em meus braços. Outras vezes, mal consigo atravessar a sala e deixo meus braços caírem, paralisada. Nunca há fim para o ato de segurar e, certamente, muitas vezes há a sensação de nunca fazer o suficiente.

E então vem o dia seguinte, e o próximo, e segue, e em mais um seguramos firme.

Maira Kalman¹⁴⁸

Na ambição de compreender o objeto central desta pesquisa – o trabalho docente feminino da Educação Básica aliado ao trabalho doméstico não remunerado – o presente capítulo aguça o entendimento acerca da divisão social e sexual do trabalho e das raízes materiais e históricas da subjugação feminina. De mesmo modo, o capítulo discute os demarcadores sociais do “nó dialético”¹⁴⁹ como essenciais para a manutenção da ordem sociometabólica do Capital, visto que este pauta-se na exploração, subordinação e opressão de uns sobre os outros.

O mesmo capítulo busca teorizar o “gênero”, não apenas como uma categoria de análise dentro do Materialismo Histórico Dialético, mas também como uma categoria social. Ao compreender o gênero, o texto coloca em perspectiva o fenômeno conhecido como patriarcado e sua importância na construção da hierarquização entre os gêneros e nas relações sociais do sexo.

Após explorar a divisão social e sexual do trabalho, bem como as percepções etimológicas e teóricas de gênero e patriarcado, é fundamental compreender a importância do trabalho doméstico não remunerado – enquanto trabalho reprodutivo – sob a ótica do Capital e suas correlações com os conceitos discutidos anteriormente. O texto dedica-se a trilhar os caminhos da origem e urgência das políticas públicas pela socialização do trabalho doméstico.

4.1 DIVISÃO SOCIAL E SEXUAL DO TRABALHO SOB O CAPITAL

Todo mundo nasce, se acasala e morre. O que é específico do ser humano é que o homem escolhe a forma como ele vai fazer isso. Por mais que seja dentro de limites estreitos, social e culturalmente dados, o homem escolhe como vai realizar estes fatos básicos da vida e atribui um sentido a suas escolhas. O que os estudos de parentesco fazem é justamente analisar o que o homem faz com estes fatos básicos

¹⁴⁸ Maira é a artista norte-americana responsável pelo projeto “Women Holding Things”, uma coletânea de pinturas de mulheres segurando coisas. O discurso citado foi apresentado durante o evento TEDxMet em 2013.

¹⁴⁹ Tese “O trabalho docente e o nó dialético: gênero, raça e classe” (2023) de Fernando Sousa.

da vida, por que ele faz, por que a es colha de uma alternativa em detrimento da outra e que implicações tem esta escolha.

Cynthia Andersen Sarti¹⁵⁰

A compreensão da divisão sexual do trabalho tem sido o epicentro de inúmeras pesquisas que têm as mulheres como objeto. Diante de várias perspectivas e abordagens sobre a temática, algumas dessas análises verificam a urgência de discutir a subjugação feminina em suas raízes e não apenas através de seus desdobramentos. Nessa perspectiva, o MDH, para além de perceber as raízes históricas e materiais do patriarcado, entende que essa discussão faz parte de um debate muito mais amplo sobre a exploração da classe trabalhadora e dos demarcadores que produzem, reproduzem e aprofundam as desigualdades, a marginalização e a subjugação de alguns grupos nela inseridos. Sem dúvida, o Capital utilizou desses demarcadores e dessas diferenciações (classe-gênero-raça) dentro da classe trabalhadora como sustentáculos do modo de produção.

Segundo o “nó dialético” da socióloga marxista Heleieth Saffioti, o patriarcado e racismo não poderiam se originar isoladamente, visto que não houve as condições materiais para tal, mas são consequências de um modo de produção baseado no lucro, na expropriação, da desigualdade extrema e da opressão entre entre sexos, etnias e classes. Sob o capital, esses demarcadores, segundo o “nó”, não predominam uns sobre os outros, ou seja, não é possível considerar “a raça em detrimento do gênero, nem o gênero sobre a raça, nem a classe sobre o gênero”¹⁵¹, pois essas categorias se reforçam mutuamente¹⁵².

A teoria de Saffioti enfatiza a interdependência entre classe, gênero e raça em uma sociedade capitalista que desvaloriza e precariza o trabalho feminino remunerado, ao mesmo tempo que atribui às mulheres a responsabilidade pelo trabalho doméstico não remunerado. De mesmo modo, o racismo, no modo de produção capitalista, subordina e explora determinados grupos étnicos¹⁵³, tais como negros, latinos, indígenas, ciganos e judeus.

Portanto, ainda que a discussão dessas categorias e demarcadores sejam urgentes, a luta feminista e a luta antirracista não se esgotam em si e são incapazes de instrumentalizar mulheres e grupos étnicos historicamente excluídos contra as estruturas de exploração. Assim, os “particularismos identitários”¹⁵⁴ e a fragmentação em “guetos” potencializam os aspectos individuais e a subjetividade, ao passo que fragilizam as lutas coletivas e privam da compreensão da totalidade material, histórica e dialética. No intuito de alcançar essa

¹⁵⁰ Contribuições da Antropologia para o estudo da família, 1992.

¹⁵¹ SOUSA, 2023, p. 73.

¹⁵² SOUSA, 2023.

¹⁵³ SOUSA, 2023.

¹⁵⁴ CISNE, 2018.

totalidade, faz-se necessário investigar as origens da subalternização desses grupos perante a divisão social e sexual do trabalho.

Historicamente, todas as comunidades humanas experimentaram algum nível de divisão do trabalho, seja com base na força física, nas habilidades individuais ou em outros fatores. No entanto, a divisão social do trabalho é distinta do conceito anterior. Além de representar uma organização de trabalho conjunto, planejado e fragmentado, a divisão social do trabalho envolve a exploração extrema do homem pelo homem e a segmentação do trabalho em duas categorias: trabalho qualificado (que requer mais tempo de formação, é mais valorizado e recebe maior remuneração) e trabalho de baixa qualificação (que pode demandar formação reduzida ou ser realizado sem nenhuma formação, sendo menos valorizado e recebendo menor remuneração). Independentemente dessa classificação, essa fragmentação resulta em trabalhadores e trabalhadoras que possuem conhecimento apenas de uma parte da produção, mas nunca do todo¹⁵⁵. Marx, no livro 1 do O Capital, diz

A habilidade detalhista do operador de máquinas individual, esvaziado, desaparece como coisa diminuta e secundária perante a ciência, perante as enormes potências da natureza e do trabalho social massivo que estão incorporadas no sistema da maquinaria e constituem, com este último, o poder do “patrão” (master).

Essa divisão social do trabalho, pautada na exploração e hierarquização das funções, foi de extrema importância para a instalação da sociedade de classes, já que os indivíduos produzem mais-valia desigualmente em suas diferentes atribuições.

Bem como a divisão do trabalho social se diferencia da divisão social do trabalho, o mesmo ocorre com a divisão sexual. Conforme Daniele Kergoat na obra Dicionário Crítico do Feminismo¹⁵⁶, este termo cunha a teorização da “forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo”, as quais é “historicamente adaptada a cada sociedade”. É crucial analisar as relações sociais de gênero e a divisão sexual do trabalho dialeticamente, compreendendo que, em muitas comunidades, elas poderiam se organizar hierarquicamente na “destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc.)”, como é caso da sociedade capitalista. Embora em outras sociedades as relações de gênero delineavam-se equânimes, tais como representa Sérgio Lessa em Abaixo a Família Monogâmica!¹⁵⁷

¹⁵⁵ DUARTE, 2018.

¹⁵⁶ 2009, p. 67-68.

¹⁵⁷ 2012, p. 18-19.

Nem as tarefas de criação dos filhos, preparação dos alimentos, etc. eram femininas ou masculinas; eram atividades coletivas que envolviam pessoas de ambos os sexos e de todas as idades. Pouquíssimas tarefas eram atividades divididas segundo o sexo e, quando o eram, era frequente caber aos homens atividades que hoje são tidas por femininas. E, além disso, a divisão das tarefas não implicava uma hierarquia de poder nem cancelava a autonomia de cada pessoa.

A título de exemplo, em muitas comunidades ameríndias pré-colombianas, incluindo algumas em território brasileiro, o trabalho era organizado a partir da lógica da divisão do trabalho social. No entanto, não havia uma divisão sexual em nível de hierarquização, na qual algumas atividades eram valorizadas enquanto outras eram subvalorizadas.

A divisão sexual do trabalho sob o Capital tem dois princípios construtivos: o da separação, em que as funções são segmentadas entre funções femininas e funções masculinas; e o da hierarquização, em que há uma valorização do trabalho masculino em detrimento do trabalho feminino.

A divisão sexual do trabalho é considerada como um aspecto da divisão social do trabalho, e nela a dimensão opressão/dominação está fortemente contida. Essa divisão social e técnica do trabalho é acompanhada de uma hierarquia clara do ponto de vista das relações sexuadas de poder [...]. A divisão sexual do trabalho é, assim, indissociável das relações sociais entre homens e mulheres, que são relações de exploração e de opressão entre duas categorias de sexo socialmente construídas.¹⁵⁸

Ao aproximar-se da análise proposta para esta seção – a divisão sexual do trabalho sob o capitalismo – é necessário afastar-se de uma perspectiva universalista de tipo universal, homogêneo, único e estático da família brasileira. Visto que esta família e sua formação é diversa, heterogênea, plural e dinâmica delineada por múltiplas determinações históricas, geográficas, políticas, econômicas, culturais, raciais e de gênero. Ainda que existissem e existam núcleos tradicionais patriarcais da aristocracia rural, existiam também famílias chefiadas por mulheres, por pessoas livres, escravizadas, por escravizados forros, com amigos e/ou parentes e amigos pobres agregados, compostas por brancos, pretos, pardos, indígenas, amarelos, imigrantes, pobres, ricos e residentes do campo ou da cidade.

Perante as condições que o capitalismo brasileiro se reestruturou entre o final do século XIX e meados do século XX, apartando trabalho produtivo do espaço reprodutivo familiar, recrutando trabalhadoras de menor poder aquisitivo e esculpindo um corpo estável de profissionais de baixos salários e cargas horárias extensas, ainda assim, a mulher não se desvinculou das funções domésticas, pois a maternidade e a casa cercam o contexto feminino.

¹⁵⁸ HIRATA, 2002. p. 280-281.

Esse movimento de reestruturação foi apontado, por muito tempo, como o princípio da emancipação feminina, mas que, em essência, é percebido como uma estratégia do Capital para manter sua hegemonia e obter lucros com uma mão de obra mais barata e precarizada.

4.2 GÊNERO, PATRIARCADO E TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO SOB O CAPITAL

Eu estou bem, e você, sim, cozinhando, costurando, cuidando do jardim, adubando as plantas do jardim, instalando uma rede no jardim, enfeitando o jardim com pequenas pedras cintilantes. Estou bem, contando histórias para as crianças, brincando com as crianças, brigando com as crianças, pedindo desculpas às crianças, lendo aquele livro que eu nunca li, bebendo chá de jasmim, vinho, a última garrafa de vinho, arrumando a despensa, limpando a casa, colocando a roupa no varal, tirando a roupa do varal, colocando novamente a roupa no varal. Enquanto isso. Enquanto isso.

Carola Saavedra¹⁵⁹

O grau de emancipação da mulher corresponde à medida natural do grau de emancipação geral.

Charles Fourier¹⁶⁰

Muitas obras, como a presente pesquisa, edificam os estudos de “gênero” em suas mais diversas perspectivas. Todavia, poucos autores e autoras, de fato, dedicam tempo para compreender a expressão cunhada, reproduzindo-a a um termo autoexplicativo ou de conhecimento geral. Já discutimos nos capítulos anteriores o gênero como categoria de análise dentro do Materialismo Histórico Dialético; porém, é crucial tratá-lo também sob a perspectiva de categoria social.

O termo “gênero” deriva de “gêndrado”, que, segundo a Associação de Leitura do Brasil, significa “algo inserido na dinâmica social e cultural relacionada à experiência sexuada e aos valores, normas, regras e configurações vinculados a essa experiência”. Assim, “gênero” refere-se às construções sociais e aos padrões sobre os sexos, considerando as dinâmicas econômicas, políticas, sociais e culturais ao longo da história humana.

O patriarcado, por sua vez, é uma forma de hierarquização entre os gêneros, na qual as desigualdades são estabelecidas socialmente. Para Saffioti, enquanto o gênero é uma categoria que antecede até mesmo a família, a propriedade privada e as classes, o patriarcado

[...] só se aplica a uma fase histórica, não tendo a pretensão de generalidade nem de neutralidade, e deixando propositadamente explícito o vetor da dominação-exploração. Perde-se em extensão, porém se ganha em compreensão. Entra-se, assim, no reino da História. Trata-se, pois, da falocracia, do androcentrismo, da primazia masculina. É, por conseguinte, um conceito de ordem política.

¹⁵⁹ Poema Um quarto é muito pouco (2022).

¹⁶⁰ apud DUARTE, 2018.

Diferentemente do gênero, o patriarcado refere-se à opressão, hierarquização e exploração de um gênero sobre o outro, com predominância masculina. Segundo o Dicionário Crítico do Feminismo, o termo tem sua etimologia no grego, combinando as palavras “pai” e “comando”, indicando assim a autoridade do pai. No entanto, ao longo da história, ele passou a definir relações sociais de sexo em que o feminino é subjugado pela figura masculina, mesmo na ausência de laços de parentesco.

É possível perceber que o patriarcado não é um fenômeno recente, pois está ligado à abolição dos direitos maternos, à origem da propriedade privada e à gênese da estrutura familiar monogâmica. Contudo, sob o capitalismo, o patriarcado incorporou novas nuances de desigualdade, opressão, exploração e violência. Para Silvia Federici (2017), em o “Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva”, o capitalismo necessita justificar as contradições em suas relações sociais, ainda que seja difamando a “natureza” daquelas e daqueles que explora e naturalizando a exploração. Esse processo, que vai além das mulheres, afeta negros, indígenas, escravizados, imigrantes, ciganos e judeus.

Por essas razões que, conforme Marx, não podemos fazer a luta parcial e apartada da emancipação humana.

É certo que os judeus alemães procuram a emancipação. Mas qual emancipação eles esperam? Certamente a emancipação civil, política. Bruno Bauer lembra que, na Alemanha, ninguém é politicamente emancipado. E podemos dizer que também nós não somos livres. Então, como poderemos libertá-los? Vocês, judeus, tornam-se egoístas se pedem para vocês, como judeus, uma emancipação especial. Sendo alemães, deveriam trabalhar pela emancipação política da Alemanha e, como homens, lutar pela libertação da humanidade. Vocês deveriam perceber a causa única da sua opressão e do seu infortúnio não como exceção à regra, mas como confirmação da regra.¹⁶¹

A práxis marxista, portanto, apresenta um projeto de sociedade comprometido com o rompimento definitivo do sistema capitalista e de qualquer opressão manifestada nele, seja de classe, gênero, etnia, idade ou qualquer outra. Embora Marx e Engels pouco tenham discutido a situação das mulheres, especialmente as da classe trabalhadora, encontramos em suas obras as bases para a compreensão da totalidade, das múltiplas determinações e das contradições do trabalho feminino, tanto na esfera doméstica quanto na assalariada. Da mesma forma, o marxismo e seu arcabouço teórico tornaram-se instrumentos de mudança da realidade, não apenas das mulheres, mas da classe trabalhadora como um todo.

Ao trilhar um caminho acerca da divisão social e sexual do trabalho e das percepções etimológicas e teóricas do gênero e do patriarcado, faz-se necessário compreender o trabalho

¹⁶¹ MARX, 2005, p. 13.

doméstico não remunerado sob o Capital e as suas correlações com os termos discutidos anteriormente neste mesmo capítulo.

Nas análises marxistas, a categoria trabalho ganhou uma enorme centralidade. É através dele que o ser humano se torna humano e cria sua relação com a natureza e com seus pares. No entanto, discutir trabalho enquanto categoria é também edificar sua segmentação – trabalho produtivo, improdutivo e reprodutivo – dentro do modo de produção capitalista.

Para Marx, o trabalho produtivo é todo aquele que excede o que é socialmente necessário e gera diretamente a mais-valia. Por outro lado, o trabalho improdutivo não resulta em excedente e na valorização do valor, é muito relacionado ao setor de serviços. Embora o termo improdutivo possa parecer pejorativo, ele se refere ao ponto de vista do capitalismo e sua importância no sociometabolismo de um sistema baseado no lucro e na exploração extrema. O próprio Marx disse no Livro I do O Capital¹⁶²

O mesmo trabalho, por exemplo, jardinagem, alfaiataria (gardening, tailoring), etc., pode ser realiza do pelo mesmo trabalhador (workingman) a serviço de um capitalista industrial ou de um consumidor direto. Em ambos os casos, estamos ante um assalariado ou diarista, mas, num caso trata-se de trabalhador produtivo, e noutro, de improdutivo, por que no primeiro caso esse trabalhador produz capital e no outro não; porque num caso seu trabalho constitui um momento do processo de autovalorização do capital, e no outro não.

No setor de serviços, uma parte bastante considerável é realizado por mulheres da classe trabalhadora, como é o caso das professoras e trabalhadoras domésticas. São essas funções que também estão mais sujeitas à precarização, baixos salários, acúmulo de funções e à invisibilidade.

Enfim, o trabalho reprodutivo é, igualmente, necessário dentro da organização socioeconômica capitalista. Embora esse tipo de trabalho seja muito anterior a este modo de produção e remonte aos agrupamentos humanos mais antigos, ele está subordinado a esse sistema e é essencial porque possibilita o trabalho assalariado, seja ele produtivo ou improdutivo. Para justificar a falta de remuneração dessas funções, naturalizou-se como labor feminino, intrínseco à sua biologia, e tornou-se sinônimo de amor e doação¹⁶³.

A estudiosa das relações de gênero e feminista classista Ana Montenegro, em “Ser ou não ser feminista”¹⁶⁴, descreve o trabalho reprodutivo como “reprodução da força de trabalho consumida diariamente” com a “educação e cuidado dos filhos, dos enfermos e dos velhos”. Já Jurema Gorski Brites o descreve como o trabalho “físico, mental e emocional necessário

¹⁶² 1978, p. 76.

¹⁶³ DUARTE, 2018.

¹⁶⁴ apud DUARTE, 2018, p. 84.

para a geração, criação e socialização de crianças, assim como a manutenção de casas [households] e pessoas (da infância até a velhice)”¹⁶⁵.

Ainda que Marx e Engels tenham feito alguma análise sobre as mulheres trabalhadoras e sobre o trabalho doméstico¹⁶⁶, Silvia Federici sedimenta duras críticas a ambos. Tanto na obra *O Patriarcado do Salário*, quanto em *Calibã e a Bruxa*, Silvia relata como Marx e Engels se omitem perante o demarcador gênero no capitalismo.

Em *O capital*, Marx não reconhece em nenhum momento que a produção da força de trabalho requer algum trabalho doméstico – preparar refeições, lavar e costurar as roupas, formar as crianças, fazer sexo. “Trabalho doméstico” para ele é o que hoje chamaríamos de trabalho assalariado realizado em casa. Nenhum trabalho, além do necessário para produzir os “meios de subsistência” que os salários podem comprar, é considerado por Marx como necessário para a reprodução da força de trabalho e como contribuição a seu valor. Portanto, ao considerar as necessidades que o trabalhador deve satisfazer e o que é essencial para a vida, Marx lista apenas “alimentação, vestimenta, aquecimento, habitação”, omitindo embaraçosamente o sexo, seja obtido no arranjo familiar, seja comprado. [...]. Há poucas passagens em que Marx chega perto de romper o silêncio sobre o trabalho doméstico das mulheres, embora se refira tal como “trabalho familiar”.

Embora Marx tenha dissertado sobre o trabalho doméstico de forma escassa, rasa e pontual¹⁶⁷ na sua teoria, seria desleal não concordar com Silvia Federici sobre a omissão do autor. Para ela, os escritos de Marx não percebiam a importância das relações de gênero para a acumulação do capital e falavam sobre um colapso das habilidades domésticas femininas, visto que as mulheres abandonavam seus afazeres pelo trabalho nas fábricas e pouco sabiam ou faziam no ambiente doméstico. No entanto, em *O Patriarcado do Salário*¹⁶⁸, Federici reflete

[...] a redução abismal do tempo e dos recursos necessários para a reprodução da mão de obra que Marx documentou não era uma condição universal. A mão de obra fabril era apenas de 20% a 30% da população feminina trabalhadora. Mesmo entre elas, muitas mulheres abandonavam o trabalho fabril assim que davam à luz. Além disso, em meados do século XIX, as operárias conquistaram uma tarde de sábado livre. Por mais que tenha sido “usurpado pelo capital”, o trabalho doméstico continuou sendo feito nos distritos industriais: à noite, aos domingos, realizado por jovens ou idosas que as operárias contratavam para cuidar de suas crianças.

O que Federici não nos deixa perder de vista é que Marx “não estava imune à tendência patriarcal de considerar o trabalho reprodutivo das mulheres uma atividade natural, instintiva, quase biológica”¹⁶⁹. De mesmo modo, a autora problematiza o próprio conceito de trabalho para o economista, já que ele só teria interesse de analisar aquele que fosse relevante

¹⁶⁵ apud DUARTE, 2018, p. 84.

¹⁶⁶ Em especial Engels na obra *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*.

¹⁶⁷ Muitas vezes, ele o faz em notas de rodapé.

¹⁶⁸ 2021, p. 73.

¹⁶⁹ 2021, p. 74.

para luta de classes. O trabalho doméstico não remunerado, por sua vez, era considerado algo primitivo e que ainda não tinha sido remodelado para atender às necessidades do Capital.

Marx não compreendia que o trabalho nas fábricas só era possível desde que a mulheres estivessem em casa¹⁷⁰ – e também nas fábricas – cozinhando, lavando, costurando, limpando, parindo e cuidando das crianças e dos idosos. Na verdade, ao contrário do que Marx pensava, o trabalho doméstico não remunerado não só tinha já sido cooptado pelo Capital, como também era condição de sua existência.

De acordo Joaze Bernardino Costa¹⁷¹

Ao ser concebida como trabalho simples – por ser natural do organismo feminino – e reprodutivo – por não colocar um produto no mercado – a força de trabalho da dona de casa e/ou da trabalhadora doméstica é absorvida pelo capital sem receber a devida recompensa monetária e o devido reconhecimento social. Mais ainda, na reconstrução da equação da constituição do valor, o trabalho doméstico – desempenhado seja pela dona de casa, seja pela trabalhadora doméstica – constitui-se no pilar da produção capitalista, sendo omitido da “acumulação primitiva de capital”, silenciada inclusive pelo próprio Marx.

Marx não contava que a mão de obra feminina, além de ser mais barata, estava sujeita a um trabalho essencial ao capitalismo também no ambiente doméstico. Logo, essas mulheres estavam mais vulneráveis à precarização, às violências e ao trabalho alienado, pois acumulavam outras funções além do ambiente fabril. No entanto, Lênin¹⁷² foi um estudioso do marxismo que avançou nos debates acerca da condição do trabalho doméstico feminino não remunerado, repetitivo e alienado.

A mulher continua sendo a escrava doméstica apesar de todas as leis libertadoras, porque a pequena economia doméstica a oprime, a sufoca, a embrutece, a humilha, destinando-a à cozinha, ao cuidado das crianças, obrigando-a a empregar suas forças em tarefas terrivelmente improdutivas, mesquinhas, enervantes, embrutecedoras, deprimentes. A verdadeira libertação da mulher não começará senão ali e no momento em que comece a luta de massas (dirigida pelo proletariado no poder) contra esta pequena economia doméstica, ou mais exatamente, depois da transformação ponderável na economia socialista.

São esses os motivos que levaram as estudiosas das relações de gênero de perspectiva materialista a reivindicar a “ressignificação do trabalho, considerando o mercado informal, o trabalho doméstico, a divisão sexual do trabalho”¹⁷³. Desse modo, para além das fábricas, se olharmos para as cozinhas, para as lavanderias, para os quartos, poderemos pautar a relevância do trabalho reprodutivo para a acumulação do capital e compreendê-lo como

¹⁷⁰ FEDERICI, 2021.

¹⁷¹ apud DUARTE, 2018, p. 76.

¹⁷² apud DUARTE, 2018, p. 67-68.

¹⁷³ SPECHT, 2009, p. 4.

crucial para a existência humana ao longo dos séculos¹⁷⁴. Essa compreensão é pressuposto para uma “transformação radical na forma como o ser humano reproduz, socialmente, seus meios de vida, ou seja, na revolução da produção social”¹⁷⁵.

4.3 SOCIALIZAÇÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO: “DIREITO NOSSO E DEVER DO ESTADO!”¹⁷⁶

Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres.

Rosa Luxemburgo¹⁷⁷

Na história do modo de produção capitalista, a mão de obra feminina foi demarcada pela precarização, pela exploração extrema e pelos baixos salários¹⁷⁸ em jornadas extensas. Mesmo assim, o trabalho remunerado nunca significou a desoneração ou divisão mais igualitária das funções domésticas. Ao contrário, as mulheres trabalhadoras ficaram mais sobrecarregadas ao acumular o trabalho assalariado e as atividades de cozer, lavar, varrer, arrumar, limpar e cuidar das crianças, idosos, doentes e dos seus companheiros.

Ao longo dos anos, o Capital apresentou alternativas para aligeirar o trabalho doméstico não remunerado, tais como a lavadora, secadora e vaporizador de roupas, o ferro elétrico, a lavadora de louça, o aspirador de pó, a babá-eletrônica, o *fast food* e a fritadeira e panela elétricas. Com essas alternativas, de nenhum modo, o Capital teve a intenção de melhorar as condições ou a situação das trabalhadoras, mas de liberar o tempo dessas mulheres dedicado a trabalho reprodutivo. Com menos tempo dedicado aos afazeres doméstico, mais tempo temos para dedicar ao mercado de trabalho. Porém, mesmo que um pouco mais aligeirado, esse trabalho ainda precisa ser exercido por elas/nós.

Como Marx não compreendia a importância do trabalho reprodutivo na manutenção da ordem sociometabólica do Capital e para manutenção da própria vida humana, ele o classificava como primitivo e, logo, poderia ser gradativamente mecanizado por meio da automação. Porém, como “podemos mecanizar a tarefa de banhar, consolar, vestir e alimentar uma criança”? Ou ajudar “pessoas enfermas ou idosas que não são autossuficientes”? Qual máquina seria capaz de “incorporar as habilidades e os afetos necessários para essas

¹⁷⁴ FEDERICI, 2021.

¹⁷⁵ DUARTE, 2018, p. 98.

¹⁷⁶ A frase faz referência a uma máxima dos movimentos pela Educação do Campo pública e de qualidade.

¹⁷⁷ apud EDITORA UNESP.

¹⁷⁸ As pesquisas historiográficas afirmam que a remuneração feminina, durante a Revolução Industrial Inglesa, chegava a 1/3 ou 1/2 da remuneração masculina nas fábricas, em especial, da indústria têxtil.

tarefas?”¹⁷⁹ Ainda que esses mecanismos de aligeiramento do trabalho doméstico não remunerado tenham sido introduzidos e incorporados, a maior parte dele é um trabalho vivo, de custo emocional e de natureza relacional¹⁸⁰.

Segundo Silvia Federici, Marx nunca destinou esforço para estudar o trabalho reprodutivo porque não enxergava sua relevância para a luta de classes. Entretanto, para as mulheres, a luta de classes inicia dentro de casa.

Como as feministas descobriram, a luta de classes deve se iniciar, muitas vezes, na família, já que, a fim de combater o capitalismo, as mulheres tiveram de se opor a maridos e pais [...]. Por fim, reconhecer que é o trabalho doméstico que produz a mão de obra nos permite compreender as identidades de gênero como funções do trabalho e as relações de gênero como relações de produção, um ato que liberta as mulheres da culpa sofrida sempre que desejamos recusar o trabalho doméstico e que amplia o sentido do princípio feminista de que “o pessoal é o político”.¹⁸¹

Mesmo que Marx não tenha criado um projeto político que repensasse o trabalho doméstico não remunerado e a situação das mulheres trabalhadoras domésticas não remuneradas, essas pautas emergiram após a Revolução Russa (1917) e a criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS (1922-1991)¹⁸².

Ao contrário das feministas modernas de perspectiva neoliberal, que falam sobre a redistribuição das tarefas domésticas com os membros da família, os revolucionários russos discutiam a reorganização do trabalho doméstico na esfera política. Lênin, a título de exemplo, o classificava como “banal”, “degradante”, “atrofiante” e já falava sobre socializar “o mais improdutivo, o mais selvagem e o mais árduo trabalho que a mulher pode fazer”¹⁸³.

De mesmo modo, o economista soviético Evgenii Preobrazhenskii¹⁸⁴ observou que o trabalho na família impedia que a mulher alcançasse igualdade ao lhe impor “um fardo”. Trótski, por sua vez, declarou que como a “lavagem [fosse] feita por uma lavanderia pública, a alimentação por um restaurante público, a costura por uma loja pública”¹⁸⁵, “o elo entre marido e mulher seria liberto de tudo que lhe é externo e acidental”¹⁸⁶.

Para os bolcheviques, o socialismo deveria libertar e emancipar as mulheres e homens do trabalho doméstico trivial, abolindo o conceito de família aos moldes do Capital. A família socialista, então, seria pautada na relação entre os iguais e mantida por laços não obrigatórios e de sentimentos mútuos de amor, respeito e afeto. Segundo Wendy Goldman, a visão

¹⁷⁹ FEDERICI, 2021, p. 112.

¹⁸⁰ FEDERICI, 2021.

¹⁸¹ FEDERICI, 2021, p. 102.

¹⁸² GOLDMAN, 2014.

¹⁸³ apud GOLDMAN, 2014, p. 23.

¹⁸⁴ apud GOLDMAN, 2014.

¹⁸⁵ apud GOLDMAN, 2014, p. 24.

¹⁸⁶ apud GOLDMAN, 2014, p. 24.

bolchevique era baseada “em quatro preceitos: união livre, emancipação das mulheres através do trabalho assalariado, socialização do trabalho doméstico e definhamento da família”¹⁸⁷. Desse modo, “moldavam a discussão do papel das mulheres de uma maneira completamente nova”¹⁸⁸.

Os líderes socialistas engajaram na luta pela socialização do trabalho doméstico e pela extinção da família aos moldes do Capital, no intuito de liberar as mulheres para a indústria. Os custos dessa socialização – como creches, restaurantes, lavanderias públicas – seriam “compensados pela nova, potencializada produtividade”¹⁸⁹ feminina.

A líder russa Nadejda Krupskaja¹⁹⁰ afirmou a urgência da priorização das necessidades das mulheres durante a revolução socialista de 1917. Conforme a bolchevique, era necessário criar as “condições materiais para a vida coletiva”¹⁹¹ e para “libertação das mulheres da escravidão do lar”¹⁹². Nesse sentido, era inevitável que, para libertar as mulheres, a família patriarcal aos moldes capitalistas fosse destruída.

Sob o Capital, a família patriarcal não surgiu, necessariamente, com a intenção de ser arquitetada sob laços de afeto, amor e respeito. Contrariamente, ela tornou-se uma unidade primária de produção efetiva para a exploração, onde a força de trabalho se reproduz, pautada na perpetuação da propriedade privada e na necessidade de subsistência.

Visto que os salários dos trabalhadores eram muito baixos, reunir vários membros assalariados em uma mesma casa – crianças, mulheres, homens e idosos – era uma alternativa para manter o lar. Como os salários das mulheres eram ainda muito menores que os trabalhos dos homens, a família patriarcal garantia a dependência das trabalhadoras, pois era a única condição de existência. Além disso, é na família patriarcal aos moldes do Capital que as mulheres cedem sua mão de obra de forma gratuita – lavando, passando, cozinhando, limpando – e liberam os demais membros para vender a força de trabalho¹⁹³.

Embora muitos ativistas e líderes políticos da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS tenham refletido a urgência da socialização do trabalho doméstico não remunerado e da libertação das mulheres das amarras patriarcais, esse projeto teve muita dificuldade na sua implementação. A Revolução Russa iniciou em 1917, ainda durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1917). O país, de economia agrária, estava assolado pela

¹⁸⁷ 2014, p. 31.

¹⁸⁸ GOLDMAN, 2014, p. 37.

¹⁸⁹ GOLDMAN, 2014, p. 366.

¹⁹⁰ apud GOLDMAN, 2014.

¹⁹¹ apud GOLDMAN, 2014, p. 366.

¹⁹² apud GOLDMAN, 2014, p. 366.

¹⁹³ GOLDMAN, 2014.

miséria e pelo autoritarismo dos czares mesmo antes do conflito se iniciar em 1914. Com o estopim da Grande Guerra, a situação socioeconômica da Rússia se aprofundou perante a fome, desestruturação da agricultura por falta de trabalhadores, órfãos, mães viúvas que não conseguiam sustentar suas crianças, ex-combatentes mutilados e traumatizados e dívidas astronômicas devido aos custos da guerra¹⁹⁴.

Essa conjuntura firmou uma série de dificuldades para a implementação dos ideais socialistas na URSS, em especial, na criação das crianças órfãs. Devido à fome e à desestrutura, muitas crianças cometiam furtos, assaltos, tornavam-se pedintes, viviam em situação de rua e de extrema vulnerabilidade¹⁹⁵. Mesmo quando eram alojadas em orfanatos ou adotadas, muitas delas fugiam devido aos maus tratos, negligências e abusos por parte dos tutores. Essa parcela ficou conhecida como besprizorniki¹⁹⁶ e denotou um dos problemas mais graves dos grandes centros durante o período.

A fragilidade econômica e a conseqüente falta de estrutura e investimento em políticas públicas de socialização do trabalho doméstico não remunerado também minaram qualquer esperança de libertação das mulheres. A ausência de creches, de formação e empregos formais mantinha as mulheres presas à família, dependentes dos salários dos maridos¹⁹⁷.

O que os líderes soviéticos passaram a perceber é que manter as mulheres como responsáveis pelo trabalho doméstico e de cuidado com as crianças era muito menos custoso à economia naquele momento. Logo, o projeto socialista passou a se aproximar muito das intenções do Capital perante o trabalho feminino não remunerado em ambiente doméstico. Tanto o modo de produção capitalista quanto a URSS utilizaram o trabalho feminino para suprir suas necessidades de reprodução da força de trabalho e da própria vida humana¹⁹⁸.

Mais de 100 anos depois, os debates sobre a socialização do trabalho doméstico nunca saíram de cena. Na verdade, o aprofundamento das desigualdades sociais, a precarização do trabalho, a acumulação de riquezas e a sobrecarga feminina diante do amadurecimento do Capital tornaram essa discussão ainda mais urgente. Na contemporaneidade, como nunca antes, discutir políticas públicas de socialização do trabalho doméstico se tornou uma pauta não só das mulheres, mas de toda a classe trabalhadora.

Entender o gênero como uma categoria é afirmar que as relações sociais do sexo não estão restritas ao ambiente doméstico. É compreender que não há nada mais público e mais

¹⁹⁴ GOLDMAN, 2014,

¹⁹⁵ GOLDMAN, 2014

¹⁹⁶ O termo pode ser traduzido para o português como os “delinquentes”. No entanto, para Wendy Goldman, essas crianças eram vistas como piolhos e pulgas humanos.

¹⁹⁷ GOLDMAN, 2014

¹⁹⁸ GOLDMAN, 2014

político do que o “privado”. Por isso, precisamos desfamiliarizar e desmercantilizar o trabalho doméstico historicamente atribuído às mulheres, elevando-o aos debates sobre políticas públicas de direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras.

Esse trabalho precisa ser desfamiliarizado no sentido de que deve sair dos limites da unidade produtiva que é a família patriarcal, construída segundo os moldes do Capital. Da mesma forma, deve ser desmercantilizado para construir a percepção de que, quando a mulher trabalhadora não consegue realizá-lo, é de sua obrigação remunerar outra mulher para que o faça, preferencialmente uma mulher preta, mais pobre e vulnerável o suficiente para aceitar condições ainda mais precárias e salários mais baixos.

Portanto, precisamos discutir a urgência de escolas públicas e de qualidade de Educação Integral em Tempo Integral para os filhos da classe trabalhadora; restaurantes populares; cozinhas e lavanderias comunitárias; Unidades Básicas de Saúde e hospitais públicos de qualidade; ações de promoção de equidade de gênero; ampliação das licenças-maternidade e paternidade; redução da carga horária semanal de mães/pais solos ou com filhos pequenos; e a criação de espaços de formação política e discussão sobre a reorganização do cuidado e do trabalho doméstico.

Embora essas políticas públicas possam representar conquistas paulatinas e pequenas concessões do Capital à classe trabalhadora, podem desresponsabilizar as mulheres pelo trabalho reprodutivo, ao passo que transferem essa responsabilidade para o Capital na esfera política e socioeconômica. No entanto, durante toda a história do modo de produção capitalista, o Estado se eximiu de sua responsabilidade – ao não implementar políticas que imponham o ônus ao Capital – e manteve as mulheres como as principais responsáveis pelas tarefas domésticas essenciais à reprodução da vida e da força de trabalho. Essas tarefas, somadas à exploração no mercado de trabalho, agravam o processo de alienação das mulheres, desumanizando-as e restringindo sua participação política e seu aprimoramento intelectual.

5 ENTRE A CASA E A ESCOLA – PROFESSORAS DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE BELO CAMPO: A URGÊNCIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS PELA SOCIALIZAÇÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO E DE VALORIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE

E em casa? O que espera a trabalhadora após o nefasto ambiente de trabalho? Talvez, quem sabe, uma cama em um cômodo confortável, um jornal liberal sobre a mesa, um ingresso para a estreia de Komissarjevskaja? Nada disso: uma moradia apertada, apinhada de gente, uma atmosfera sepulcral, sem nenhum ar fresco, o choro incômodo dos filhos famintos dos vizinhos, a comida dormida e uma longa noite de pesadelos no estreito catre para dois. Assim descansa a proletária, assim ela recupera as forças consumidas na produção de novos bens para os senhores capitalistas. E quando ela tem uma família para cuidar? Quando crianças pequenas esperam em casa? Sem tempo nem mesmo para apurar a coluna depois do trabalho na indústria, a mulher é obrigada a cuidar do minucioso trabalho doméstico.... Seus membros cansados doem, sua cabeça pesada pende.... Não há descanso para a mãe trabalhadora profissional.

Alexandra Kollontai¹⁹⁹

À luz do Materialismo Histórico Dialético e do “nó” de Saffioti, a presente dissertação discute a totalidade e as múltiplas determinações do trabalho docente feminino na Educação Básica brasileira aliado ao trabalho doméstico não remunerado. Para tanto, os capítulos anteriores analisaram, sob uma perspectiva teórica, a precarização e a alienação do trabalho, do magistério, do magistério feminino e do trabalho doméstico não remunerado, considerando uma conjuntura capitalista, neoliberal e patriarcal.

Este capítulo, por sua vez, busca compreender, a partir de uma perspectiva do cotidiano vivo das mulheres, a exploração do trabalho das professoras por meio das jornadas contínuas, repetitivas e estafantes na esfera doméstica não remunerada e profissional assalariada. Nesse sentido, o capítulo delinea uma metodologia própria para essa análise, tendo as mulheres professoras da rede municipal de ensino de Belo Campo como sujeitos da pesquisa.

Portanto, o capítulo está estruturado nas seguintes seções: “O eu e o objeto”, uma narrativa individual, escrita na primeira pessoa do singular, que percorre os caminhos até a escolha da temática e da sua abordagem materialista; “Belo Campo: a cabeça pensa onde os pés pisam”, que contextualiza o território – a nível econômico e social – e a Educação Básica de Belo Campo; “Metodologia”, uma produção metalinguística sobre possibilidades de levantamento, fontes, técnicas, métodos e instrumentos; “A totalidade: levantamentos a partir do Portal da Transparência, do Diário Oficial e das instituições de ensino da Rede Municipal de Ensino de Belo Campo”, um panorama da docência em Belo Campo com recorte de gênero, por meio de dados obtidos no Portal da Transparência e no Diário Oficial, além do

¹⁹⁹ A mulher trabalhadora na sociedade contemporânea (2017).

levantamento realizado a partir das 36 escolas municipais, da Secretaria Municipal de Educação, do Núcleo de Esporte, do Núcleo de Cultura e da Biblioteca Municipal; “Questionário: o que mais falta descobrir sobre as professoras da rede municipal de ensino de Belo Campo?”, que compreende o cenário das condições de trabalho – remunerado e não remunerado – e do cotidiano das professoras da rede pública municipal de Belo Campo; “Fonte oral: as entrevistas semiestruturadas com as mulheres professoras de Belo Campo” apresenta um panorama do universo doméstico e profissional dessas professoras, para além das tendências e divergências encontradas nos percentuais abordados nas seções anteriores. Por último, “O papel das políticas públicas: pela valorização do trabalho docente e a socialização do trabalho doméstico não remunerado” discute o trabalho docente feminino na Educação Básica brasileira em relação ao trabalho doméstico não remunerado e a relevância desse fenômeno para a construção das políticas públicas de valorização do trabalho docente e pela socialização do trabalho doméstico não remunerado.

5.1 O EU E O MEU OBJETO

Quando eu me for (se eu me for)
Vão até onde eu não fui
[...] Encontrem os meios da liberdade
e vão tão longe quanto possam.
Loreta Valadares²⁰⁰

Durante os 24 meses do mestrado, a escolha do meu tema veio à tona como um eco persistente. Desde a seleção no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, as minhas intenções e motivações sempre estiveram muito consolidadas na minha mente. No entanto, apesar de redigir sobre isso ter sido um dos pedidos pontuais da minha orientadora desde a nossa primeira reunião, as palavras escritas se mantiveram guardadas até aqui.

Por longos períodos, pensei que talvez nem fosse necessário compartilhar isso, já que a maioria das pesquisas da pós-graduação que encontrei não explorava a jornada íntima do/a pesquisador/a na escolha do tema. As produções que embasavam o Materialismo Histórico Dialético, em especial, pareciam objetivas e distantes desse tipo de discurso. Mas, na etapa final desta escrita, compreendo que esse tema me acompanhou por toda a vida. Não haveria como escapar dele. Ele é fio condutor que me liga ao meu passado e ao meu futuro. Eu o gerei a vida toda e ele também me gerou. Por isso, faz-se necessário mostrar, ao leitor e à leitora desta dissertação, o caminho que eu trilhei até esse tema:

²⁰⁰ As faces do feminismo (2014).

Em 1994, após concluir o magistério, minha mãe começou sua jornada como professora contratada na cidade de Belo Campo - Bahia. Em 1995, ela solidificou sua carreira ao ser aprovada em um concurso, tornando-se professora efetiva no mesmo município. Prontamente, ela aceitou o desafio de atuar em uma escola do campo distante, remota e de difícil acesso.

Em 1996, eu nasci fruto de um relacionamento da minha mãe com seu companheiro a época. Alguns meses depois, meu pai nos abandonou sem rastros, deixando minha mãe grávida e eu, ainda pequena. Minha mãe, solo, precisou garantir o nosso sustento.

A região onde foi alocada após o concurso, cercada pela distância e pela falta de transporte, tornava impossível o deslocamento diário para Belo Campo. Assim, ela precisava permanecer na localidade durante a semana. Com o tempo, minha mãe conseguiu um transporte e passou a voltar para casa todos os dias. No entanto, permanecia pouco tempo conosco, já que o trabalho doméstico e outras atividades remuneradas preenchiam suas horas e ajudavam a complementar a renda.

Logo, nos longos primeiros anos das nossas vidas, eu e minha irmã fomos criadas por outras pessoas. Pessoas essas que, por muitas vezes, foram muito, muito ruins. Essas situações causaram um enorme afastamento afetivo entre minha mãe e eu por muitos anos. Na verdade, por quase toda a minha vida. Por muito tempo a culpei por sua ausência e pelas circunstâncias que nos atingiram durante essa fase.

Anos mais tarde, em 2021, eu já havia me graduado em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, já era professora da rede pública e privada no município de Belo Campo e tive a oportunidade de me tornar Coordenadora Pedagógica de uma instituição municipal dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Lá, eu encontrei muitas outras mulheres professoras sobrecarregadas com o trabalho docente e trabalho doméstico não remunerado, adoecidas, privadas de saúde, lazer e sono e mães que não criaram seus filhos pela necessidade de mantê-los a nível material. Eu encontrei muitas outras como minha mãe e ter essa experiência nos aproximou como nunca.

Fazer esta pesquisa, para além de pré-requisito para obtenção do título de mestra em um programa de pós-graduação, foi sobre perdão, sobre criar laços, sobre compreender e complexificar o mundo a minha volta. Foi sobre entender que, sob o Capital, as experiências dificilmente são individuais. Foi sobre perceber que as injustiças não devem me entristecer, mas me radicalizar. Por isso, a presente pesquisa dedica-se a todas as mulheres trabalhadoras que também não puderam criar seus filhos e filhas, em especial, à minha mãe, que me ensinou sobre a importância da educação, do trabalho e da luta pela justiça social.

5.2 BELO CAMPO: “A CABEÇA PENSA A PARTIR DE ONDE OS PÉS PISAM”

A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiência tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte, e que esperanças o anima. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação.

Leonardo Boff²⁰¹

O município de Belo Campo – Bahia localiza-se a 567 km da capital do estado, no Território de Identidade Sudoeste Baiano, e possui uma área de 772,756 km² (IBGE, 2023). A cidade faz fronteira com os municípios de Tremedal, Vitória da Conquista, Anagé, Caraíbas e Cândido Sales e é constituído pela sede e povoados, entre eles: Amargoso, Andiroba, Arrasto, Baixa de Dentro, Baixa do Panela, Bandarro, Bela Vista, Boa Vista, Bomba, Cabeceiras, Caititu, Casa Nova, Coivaras, Deus Dará, Estreito, Farofa, Furadinho, Jatobá, Lagoa do Canto, Lagoa do Estevão, Lagoa do Martilino, Nova Esperança, Lagoinha, Lamarão, Mandacaru, Marimbondo, Morrinhos, Olho D’água, Oncinha, Ouriçanga, Pau de Espinho, Peixe, Periperi, Periperizinho, Poço da Vaca, Poço do Abílio, Quilombo do Bomba, Ribeirão da Toca, Sabiá, Salinas, Serrinha de João Marinho, Serrinha de José Moço, Sobradinho, Sussuarana, Tamanduá, Timbó, Três Lagoas e Vista Nova. A sede de Belo Campo é de pequeno porte, possui apenas duas avenidas e duas praças centrais, mas com grande parte das ruas com pavimentação e iluminação pública de led. Há dez bairros na cidade, entre eles, o Alvorada, Bela Vista, Bom Jardim, Bonito, Cidade Nova, Cruzeiro do Sul, Germon Viana, Morada Real, Portal da Cidade e Centro.

Em relação à população, Belo Campo tem um quantitativo estimado de 18.412 habitantes (IBGE, 2022), mas sem muitas informações sobre o perfil populacional nesse mesmo ano. No entanto, de acordo com o Censo IBGE, realizado em 2010, Belo Campo era, naquele ano, uma cidade majoritariamente urbana (56%), parda (66,7%), masculina (50,6%) e alfabetizada (65,9%).

Sua economia está alicerçada na agricultura familiar, na pecuária, no comércio e no serviço público. Essas características seguem um padrão nacional de cidades de mesmo porte, já que em muitas delas não existem grandes indústrias ou setores que absorvam massivamente a mão de obra, ficando sobre o encargo da Prefeitura Municipal empregar uma boa parte dela. Dados levantados pela Folha de São Paulo, em 2019, mostram que em 56% das cidades brasileiras existem mais pessoas empregadas no serviço público do que trabalhando com carteira assinada em empresas privadas. Ainda, direta ou indiretamente, são os funcionários

²⁰¹ A diguia e a galinha: uma metáfora da condição humana (1997).

públicos os consumidores da agricultura familiar, da pecuária e do comércio, retroalimentando a economia belo-campense. Segundo o Censo IBGE de 2022, 1.549 pessoas estão empregadas em Belo Campo e a média salarial dos trabalhadores formais é 1,9 salários mínimos.

Dados levantados no Portal da Transparência da Prefeitura Municipal de Belo Campo (2024) evidenciam que a educação tem uma enorme relevância na economia, visto que emprega mais de 50% servidores/as do município, tais como, professores/as, motoristas, merendeiras, auxiliares de serviços gerais, inspetores escolares, assistentes sociais, psicólogos/as, agentes e auxiliares administrativos, secretários/as escolares, coordenadores/as técnicos/as, nutricionistas, porteiros/as, vigilantes, zeladores/as, monitores/as, professores/as de apoio²⁰², cuidadores/as, chefes de divisão, serventes de limpeza, engenheiros/as, diretores/as, vice-diretores/as e coordenadores/as pedagógicos/as. Ainda segundo o Portal da Transparência, havia, no ano de 2024, 564 servidores/as na Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer, sendo que 390 desses estavam em cargos de magistério (professores/as, diretores/as, vice-diretores/as e coordenadores/as pedagógicos/as).

De acordo a presidente do Conselho Municipal de Educação (2024), esses profissionais estão dispostos em toda rede municipal de ensino da Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer, composta pela Biblioteca Municipal, Núcleo de Cultura, Núcleo de Esportes e 36 escolas que atendem às etapas Educação Infantil (EI), Anos Iniciais do Ensino Fundamental (EF I) e Anos Finais do Ensino Fundamental (EF II) e as modalidades de Educação do Campo (EC), Multisseriada (MULTI)²⁰³, Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação Integral de Tempo Integral (EITI) e Educação Especial e Inclusiva (EEI). Estas instituições estão organizadas do seguinte modo:

Quadro 4 – Escolas de Belo Campo por local, etapa e modalidade

NOME	Nº	LOCAL	EI	EF I	EF II	EJA	MULTI	EC	EITI	EEI
------	----	-------	----	------	-------	-----	-------	----	------	-----

²⁰² Segundo o Conselho Municipal de Educação de Belo Campo, os/as professores/as de apoio são os/as profissionais que auxiliam o/a docente regente da turma. Alguns/mas auxiliam toda a turma, já em outros casos são de dedicação exclusiva dos estudantes com deficiência ou necessidades especiais. Comumente, possuem uma remuneração menor do que os professores regentes,

²⁰³ A modalidade multisseriada foi separada da Educação do Campo porque nem todas as instituições de Educação do Campo a oferecem, como é o caso da Unidade Escolar Municipal Conveniada de Belo Campo. Apesar de cerca de 50% dos alunos serem provenientes do campo, a escola está localizada na cidade. Além do sistema de ensino cívico-militar não atender essa modalidade nunca houve essa necessidade devido ao quantitativo elevado de aluno por série.

De mesmo modo, nem todas as escolas dos círculos escolares integrados possuem turmas multisseriadas.

Círculo Escolar Integrado da Bela Vista	10	Campo	X	X		X	X	X		X
Círculo Escolar Integrado da Caatinga	9	Campo	X	X		X	X	X		X
Círculo Escolar Integrado do Peri Peri	8	Campo	X	X		X	X	X		X
Centro de Educação Integral Primeira Infância	1	Cidade	X	X					X	X
Creche Casulo Maria Neusa Nunes Ferraz	1	Cidade	X							X
Creche Municipal Morada Real	1	Cidade	X							X
Escola Municipal Arlivande Oliveira Rocho	1	Cidade		X		X			X	X
Escola Municipal Edvaldo Flores	1	Cidade		X		X				X
Escola Municipal Anísio Teixeira	1	Cidade		X						X
Colégio Municipal Leoni Lima	1	Campo			X	X		X		X
Unidade Escolar Municipal Conveniada de Belo Campo	1	Cidade			X			X		X
Escola Municipalizada Roberto Santos	1	Cidade			X	X				X
TOTAL	36	TOTAL	6	7	3	7	3	5	2	12
		CIDADE								
		8								
		CAMPO								
		28								

Fontes: Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer de Belo Campo e Conselho Municipal de Educação de Belo Campo, 2024.

A partir do quadro, podemos notar a composição complexa do sistema de ensino público municipal de Belo Campo. Em 2024, o município tinha 36 escolas, sendo que 27 delas estavam divididas entre os Círculos Escolares Integrados (Bela Vista, Caatinga e Peri Peri)²⁰⁴, 28 estavam localizadas no campo e 8 na cidade. Ainda que localizadas na sede, somente uma delas²⁰⁵ não atende à população do Campo, enquanto as outras ou estão localizadas em áreas rurais ou estão localizadas na cidade e atendem à população do Campo e da Cidade.

Outro fator a ser notado é a quantidade de escolas que possuem turmas multisseriadas. Segundo os levantamentos, todas estão localizadas nas escolas do Campo, mais especificamente, nos Círculos Escolares Integrados da Bela Vista, Caatinga e Peri Peri. Esse indicativo demonstra um interesse real na manutenção das escolas do Campo do município,

²⁰⁴ Segundo o Decreto Municipal 108/2017, os Círculos Escolares Integrados foram criados pela “necessidade de renomeação, reorganização, exclusão de escolas desativadas e inclusão de novas escolas” do Campo no município.

²⁰⁵ Centro de Educação Integral Primeira Infância.

visto que, pelo tamanho dos povoados, muitas turmas e escolas não se manteriam abertas de outro modo.

No entanto, é impossível deixar de notar que, apesar disso, 7 das 8 escolas da sede também recebem alunos do Campo. Logo, a oferta de vagas ainda é insuficiente perante à demanda²⁰⁶. Segundo o Conselho Municipal de Educação, as escolas da sede do Anos Iniciais do Ensino Fundamental²⁰⁷ e da Educação Infantil²⁰⁸ recebem um quantitativo muito pequeno do Campo, o que não pode ser dito das escolas da sede Anos Finais do Ensino Fundamental.

À exceção do Colégio Municipal Leoni Lima na região da Caatinga, a rede municipal de ensino não tem cobertura de Anos Finais do Ensino Fundamental no Campo. Por isso, todos os alunos de Ensino Fundamental das demais regiões precisam se deslocar até a cidade para cursar os anos finais na Escola Municipalizada Roberto Santos e, em especial, na Unidade Escolar Municipal Conveniada Belo Campo²⁰⁹. Segundo o CME, ainda que esta última esteja localizada na cidade, cerca de 50% das matrículas são oriundas de alunos do Campo.

Outro elemento do quadro a ser notado é o quantitativo de Escolas municipais de Educação Integral em Tempo Integral. Apesar de uma rede municipal bastante ampla, o município de Belo Campo possui somente duas escolas de pequeno porte que se enquadram nessa modalidade, sendo uma dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e outra de Educação Infantil e 1º ano do Ensino Fundamental. A primeira, a Escola Municipal Arlivande Oliveira Rocho²¹⁰, foi adaptada ao modelo na segunda metade de 2023. Enquanto a segunda, o Centro de Educação Integral Primeira Infância, foi inaugurada em junho de 2024²¹¹. Segundo o CME, o município tem consciência da necessidade de ampliação da modalidade, mas acaba esbarrando em questões estruturais das instituições e em questões orçamentárias.

²⁰⁶ Conforme o CME, algumas regiões rurais com poucos quilômetros de distância da sede não possuem instituições de ensino. Logo, as/os responsáveis pelas crianças se deslocam todos os dias até as escolas da cidade, na maioria das vezes de motocicleta ou bicicleta.

O mesmo acontece com alguns alunos da Educação de Jovens e Adultos que moram em áreas rurais muito próximas à sede.

²⁰⁷ São elas: Escola Municipal Edvaldo Flores, Escola Municipal Anísio Teixeira e Escola Municipal Arlivande Oliveira Rocho.

²⁰⁸ São elas: Creche Casulo Maria Neusa Ferraz e Creche Municipal Morada Real.

²⁰⁹ A Unidade Escolar Municipal Conveniada Belo Campo segue o modelo das escolas cívico-militares. Este foi implementado em 2019 perante o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (PECIM).

²¹⁰ Conforme o Conselho Municipal de Educação de Belo Campo, a Escola Municipal Arlivande Oliveira Rocho foi selecionada como a primeira escola municipal de Educação Integral de Tempo Integral por estar localizada em um bairro periférico.

²¹¹ É válido ressaltar que ambas as escolas foram adaptadas/criadas durante a gestão da Ex-secretária de Educação Vanusa Ruas, aqui já citada durante o Capítulo 2 e aluna egressa da primeira turma de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Um componente igualmente notável no Quadro 4 é o quantitativo de escolas municipais que ofertam a Educação Especial e Inclusiva. De acordo o CME, a Secretaria Municipal de Educação possui uma Coordenação Pedagógica específica para orientar a Educação Especial e Inclusiva, visto que todas as instituições listadas possuem professores/as de apoio, cuidadores, psicólogos/as, professores/as de Atendimento Educacional Especializado e Assistentes Sociais. A totalidade das escolas da cidade e algumas do Campo também possuem salas de recursos equipadas para o Atendimento Educacional Especializado.

Por último, uma outra modalidade evidente no Quadro 4 é a Educação de Jovens e Adultos. A exceção das creches, da Escola Municipal Anísio Teixeira e da Unidade Escolar Municipal Conveniada Belo Campo, todas as outras escolas municipais e Círculos Escolares ofertam a modalidade. Diante das informações prestadas pelo CME, o município de Belo Campo proporciona uma cobertura adequada para a modalidade, mas esbarra em questões muito mais amplas e estruturais, tais como os altos índices de evasão e reprovação.

Toda essa complexa estrutura dispõe-se para atender a 3.541 alunos/as da rede municipal de ensino (Censo Escolar, 2023) dispostos em:

Quadro 5 – Matrículas da rede municipal de Belo Campo por local, etapa e modalidade

ETAPA/MODALIDADE	Nº DE MATRÍCULAS	CAMPO	CIDADE
Educação Infantil	672	191	481
Anos Iniciais do Ensino Fundamental	1.171	511	660
Anos Finais do Ensino Fundamental	1.042	108	934
Educação de Jovens e Adultos	440	301	139
Educação Especial e Inclusiva	216	63	153
TOTAL	3.541	1.174	2.367
PERCENTUAL	100%	33%	77%

Fonte: Censo Escolar de 2023.

O quadro 5 apresenta o número de matrículas na rede municipal de ensino de Belo Campo, divididas entre áreas urbana e rural. A Educação Infantil possui 672 matrículas, com 191 no campo e 481 na cidade. Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, são 1.171 matrículas, sendo 511 no campo e 660 na cidade. Já nos Anos Finais do Ensino Fundamental, há 1.042 matrículas, com 108 no campo e 934 na cidade. A Educação de Jovens e Adultos conta com 440 matrículas, 301 no campo e 139 na cidade. Por fim, a Educação Especial e

Inclusiva possui 216 matrículas, com 63 no campo e 153 na cidade. No total, há 3.541 matrículas, sendo 1.174 no campo (33%) e 2.367 na cidade (77%).

Embora os dados do IBGE acerca da concentração da população belo-campense no Campo e na cidade não estejam atualizados para aprofundarmos na compreensão, percebemos uma predominância urbana nas matrículas. Essa informação pode indicar uma evasão rural massiva nos últimos anos – devido à falta de condições e oportunidades no Campo – e/ou, de mesmo modo, pode indicar a ausência de vagas disponíveis nas escolas do Campo, em especial no Ensino Fundamental II, onde só uma região atendida pela etapa em toda rede municipal.

5.3 METODOLOGIA

Escrever uma história das mulheres é um empreendimento relativamente novo e revelador de uma profunda transformação: está vinculado estreitamente à concepção de que as mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução, que elas são agentes históricos e possuem uma historicidade relativa às ações cotidianas, uma historicidade das relações entre os sexos. Escrever tal história significa levá-la a sério, querer superar o espinhoso problema das fontes (‘Não se sabe nada das mulheres’, diz-se em tom de desculpa). Também significa criticar a própria estrutura de um relato apresentado como universal, nas próprias palavras que o constituem, não somente para explicitar os vazios e os elos ausentes, mas para sugerir uma outra leitura possível. Ambiciosa, com certeza, esta pesquisa tem se desenvolvido no mundo ocidental há vinte anos. Com efeito, há uma teoria e uma historiografia da história das mulheres a partir das quais se pode elaborar os primeiros balanços críticos e se questionar sobre o sentido, as dificuldades, os efeitos destas pesquisas. Seria especialmente interessante elaborá-los, nos diversos espaços nacionais, com um espírito comparativo e aberto.

Michelle Perrot²¹².

Assim como foi estabelecido nos capítulos anteriores²¹³, a presente dissertação tem um compromisso metalinguístico²¹⁴ sobre a produção do conhecimento acadêmico a nível de pós-graduação. Os acadêmicos e acadêmicas, no intuito de alcançar seus respectivos objetos ao longo das suas vidas acadêmicas, podem conhecer possibilidades de levantamentos, de fontes, técnicas, métodos, análises e de produção do conhecimento científico a partir da metodologia contida aqui. Para tanto, assim como no capítulo 2, intitulado de “O Estado do Conhecimento e a singularidade do objeto de pesquisa”, construiu-se de uma metodologia própria que alcançasse a totalidade e múltiplas determinações que condicionam o “trabalho docente feminino na Educação Básica aliado ao trabalho doméstico não remunerado” a partir de uma perspectiva material da realidade.

²¹² Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência (2008).

²¹³ Especialmente no capítulo 2, intitulado de “Do Estado do Conhecimento: à singularidade do objeto de pesquisa”.

²¹⁴ A “metalinguagem” é uma figura da linguagem que se refere a textos verbais e não verbais que se voltam para si mesmos, como um filme que debate cinema, ou mesmo um poema que fala sobre poesia.

Mesmo que a presente pesquisa não esteja alicerçada em um programa de pós-graduação em História, a ciência histórica tem muito a nos ensinar sobre possíveis caminhos metodológicos da pesquisa acadêmica, especialmente no que se refere às possibilidades de fontes utilizadas. Para os/as pesquisadores/as marxistas, a seleção rigorosa, o tratamento e a interpretação das fontes são fundamentais para compreensão da totalidade das múltiplas determinações do objeto.

Por muitos séculos, as abordagens tradicionais da História basearam-se quase que exclusivamente nas fontes escritas e almejavam as funções de memorizar os acontecimentos grandiosos, criar heróis e educar gerações moral e politicamente. Logo, essas abordagens proporcionaram um apagamento contínuo da história das mulheres, dos trabalhadores, das culturas dizimadas e de quaisquer outros grupos minoritários ou excluídos dos espaços de poder. Visto que, historicamente, foram essas as parcelas excluídas dos ambientes de educação formal e, de mesmo modo, não foram alfabetizadas para sequer escrever as fontes ou construir a própria História.

A partir do século XIX, o capitalismo comercial-industrial deu espaço para a ascensão de outras duas grandes linhas: o Materialismo Histórico Dialético e a Escola dos Annales. Tanto o MHD quanto a Escola dos Annales vão afastar-se da “monumentalização” dos homens, dos fatos históricos e das relações humanas.

Os marxistas enxergaram a crise de legitimidade da historiografia como fruto da prática de uma historiografia ideológica burguesa a serviço da reprodução da sociedade capitalista. O primeiro passo para a superação dessa crise seria a adoção do MHD enquanto método e construção da centralidade das relações econômicas e sociais. Sob o MHD, a História passa a ter a atribuição de possibilitar a compreensão do contemporâneo e formar sujeitos históricos que capazes ordenar suas próprias ações e moldar suas realidades.

Ainda que desde o início esta pesquisa tenha se declarado materialista, é impreterível notar a importância da Escola dos Annales na construção da metodologia da presente dissertação. Dentro da historiografia, a Escola dos Annales foi a responsável pela introdução das discussões sobre as novas fontes e as temáticas até então marginalizadas, como é o caso do uso da fonte oral²¹⁵ e do estudo da história das mulheres.

²¹⁵ Embora ouvir testemunhas e atores de determinadas conjunturas não seja algo exclusivo da Escola dos Annales — uma prática já utilizada desde a Antiguidade para descrever acontecimentos — a chamada História Oral “moderna” surgiu em 1948, com a invenção do gravador de fita. Hoje, a narrativa oral se tornou o epicentro de uma metodologia que visa relatar, analisar e problematizar a vivência de grupos específicos.

A História nos revela a importância de adotar uma metodologia comprometida com o rigor científico, com a objetividade²¹⁶ e com a crítica às fontes. Da mesma forma, compreendemos como delimitar um objeto com clareza e traçar um caminho que conduza a responder às questões levantadas em relação a ele. Para isso, o/a pesquisador/a precisa formular as perguntas adequadas às fontes²¹⁷, compreender onde encontrá-las, organizá-las de maneira metódica e aprender a interpretá-las. Por isso, a presente dissertação – bebendo do rigor científico da História – entendeu a necessidade da construção de um caminho próprio capaz de abarcar, mapear, responder e interpretar as questões suscitadas acerca do trabalho docente feminino e do trabalho doméstico não remunerado.

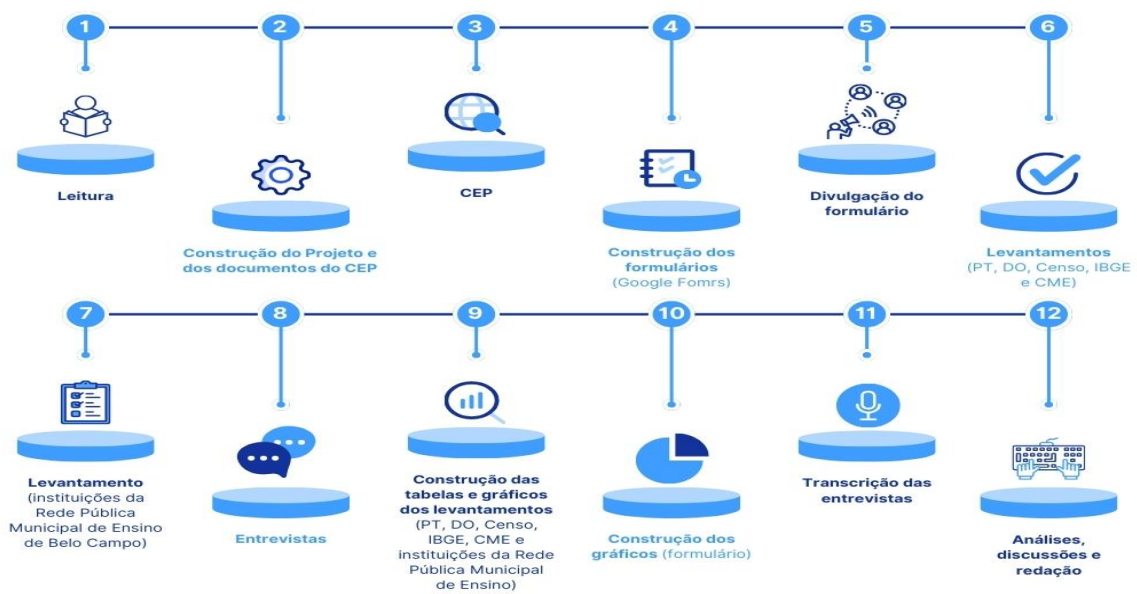
Como no capítulo 2, ainda que os modelos encontrados em inúmeras pesquisas sejam bastante abrangentes e contundentes, as questões específicas relacionadas ao objeto em questão exigem uma nova trajetória capaz de responder às indagações levantadas e de edificar um panorama singular sobre as mulheres professoras da rede municipal de ensino de Belo Campo - Bahia. De mesmo modo, visa relacionar esse panorama a um universo muito mais amplo de uma sociedade capitalista, neoliberal, patriarcal, racista e que constantemente ataca o direito dos trabalhadores e trabalhadoras, precariza o trabalho dos professores e professoras da Educação Básica, desvaloriza o trabalho feminino no mercado e usufrui propositalmente do trabalho feminino não remunerado.

Devido ao compromisso metalinguístico da presente pesquisa, delinearemos – de forma objetiva – os passos dados para analisar o trabalho docente feminino na Educação Básica e sua intersecção com o trabalho doméstico não remunerado. A Figura 4 ilustra as etapas percorridas nesta investigação.

Figura 4 – Metodologia do levantamento

²¹⁶ A objetividade científica refere-se à interpretação do dado de forma verificável e não tem relação com a neutralidade.

²¹⁷ Uma questão fundante na produção historiográfica é a fonte histórica, bem como suas diversas formas de apropriação, suas abordagens e seus métodos e técnicas específicos para cada tipo de vestígio humano. Todo historiador tem a sua disposição um leque de fontes históricas que podem ser selecionadas perante o seu objeto, seu tempo histórico, seus recursos, suas condições materiais, sua perspectiva e suas questões sobre ele. Para os historiadores marxistas, a seleção minuciosa, o manuseio e a interpretação das fontes históricas são cruciais para alcançar a totalidade, a raiz e as múltiplas determinações daquele objeto.



Fonte: Imagem produzida para a pesquisa, 2024.

O passo inicial deste capítulo era compreender as formas e possibilidades de levantamento de dados com as mulheres professoras da rede municipal de Belo Campo, como estes poderiam ser viabilizados a nível de proteção da integridade dessas mulheres, quais os dados que poderiam ser levantados, ondes essas informações poderiam ser encontradas, quais as fontes mais adequadas para as perguntas suscitadas nos capítulos anteriores, de que maneira essas fontes deveriam ser analisadas e quais os critérios de inclusão e exclusão para a seleção das entrevistadas.

Para responder às dúvidas tão latentes, foi necessário compreender como outros pesquisadores e pesquisadoras, mais experientes, faziam esse levantamento, quais eram os padrões de análise e quais instrumentos poderiam ser mais úteis para alcanças os objetivos da presente dissertação. Nesse sentido, o capítulo 2 auxiliou em dois pontos: primeiro no sentido de elencar produções a nível de pós-graduação que tinham temáticas próximas ao objetivo desta dissertação; segundo, no sentido de entender numericamente o padrão de instrumentos de pesquisa perante essa temática.

No primeiro ponto, elencamos três pesquisas que têm o “Trabalho docente feminino e o trabalho doméstico não remunerado” na centralidade, são elas: a dissertação “Efeitos da Covid-19 sobre o tempo social dos professores da educação básica pública em Minas Gerais: uma abordagem da economia feminista”²¹⁸ (2022), a dissertação “A dupla jornada de trabalho feminino: realidade, implicações e perspectivas”²¹⁹ (2016) e a dissertação “Ser mulher e

²¹⁸ SILVA, Josiane Patrícia Resende.

²¹⁹ SIQUEIRA, Osmarina Mota.

professora na educação básica: do trabalho múltiplo a Síndrome de Burnout”²²⁰ (2020). Para além dessas, duas outras obras guiaram o presente capítulo: a tese “O trabalho docente e o nó dialético: gênero, raça e classe”²²¹ (2023) e o livro “Condições de trabalho e saúde do professor”²²² (2020) de Claudio Pinto Nunes, Berta Leni Costa Cardoso e Erivan Coqueiro Sousa (organizadores).

No segundo ponto, em relação aos instrumentos de produção dos dados, observou-se que, entre as 21 pesquisas selecionadas pelo critério das categorias Trabalho Docente Feminino (TDF) e Trabalho Docente Feminino e Trabalho Doméstico Não Remunerado (TDFTDNR), 33% utilizam apenas entrevistas, 10% usam apenas questionários, 19% fazem uso somente de revisão bibliográfica e/ou análise documental, e 19% combinam questionários com entrevistas.

Inicialmente, pensou-se em utilizar somente os questionários aliados às entrevistas, visto que eram os dois instrumentos de produção de dados mais comuns nas pesquisas da pós-graduação. No entanto, percebeu-se que, se a intenção era a compreensão da totalidade e fazer um panorama da docência no município de Belo Campo, esses instrumentos ainda deixariam dúvidas e lacunas muito profundas. Afinal, se somente os dados das mulheres professoras da rede municipal de ensino de Belo Campo fossem levantados através do questionário e entrevistas, como saberíamos sobre o percentual de mulheres? Como entenderíamos onde homens e mulheres estão concentrados? Qual a percepção de precarização das relações de trabalho sem notar o quantitativo real de contratos e efetivos? Como construiríamos um padrão de professoras e professores a partir das suas idades, residências, locais de trabalho e nível de formação?

Todas essas questões deixariam omissões inadmissíveis para uma pesquisa que se autointitula como do Materialismo Histórico Dialético, visto que tal método se compromete com a compreensão da totalidade e não de fragmentos da realidade. Logo, os levantamentos bibliográficos e documentais não puderam ser excluídos da pesquisa e, por fim, tornou-se um dos instrumentos de produção de dados da dissertação.

Estabelecida a temática, o recorte e os instrumentos, construiu-se o projeto submetido ao Comitê de Ética da Pesquisa e toda a documentação auxiliar, tais como a Declaração de

²²⁰ COSTA, Renata Raquel.

²²¹ SOUSA, Fernando Santos.

²²² A obra revela o atual cenário educacional brasileiro de precarização do trabalho docente sob diversas perspectivas, tais como os baixos salários, a sobrecarga de trabalho, as exigências burocráticas e o crescente descrédito da profissão. O livro demonstra como a conjuntura acarreta problemas de saúde física, mental e psicológica dos educadores da Educação Básica.

Compromissos para Pesquisas com Seres Humanos, o Termo de Autorização para Uso de Imagens e Depoimentos²²³, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a Autorização para a Coleta de Dados. Toda a documentação foi devidamente assinada pelos seus respectivos responsáveis. Após alguns ajustes solicitados, o Comitê de Ética da Pesquisa aprovou²²⁴ a presente pesquisa através do Parecer Consubstanciado nº 6.998.401.

Inicialmente, a pesquisa comprometeu-se em ser realizada com as professoras da Educação Básica da rede municipal de Belo Campo por meio de um questionário do Google Forms. Entre as 78 questões, dados acerca da idade, tempo de carreira, carga horária semanal, remuneração, formação inicial e continuada, estado civil, vínculo empregatício, média de horas de sono, tempo gasto com trabalho doméstico não remunerado, qualidade da alimentação, problemas de saúde, tempo dedicado a lazer, tempo utilizado com planejamento escolar foram solicitados. O questionário²²⁵ foi construído através de questões pertinentes para o panorama da docência e da docência feminina de Belo Campo, bem como sua intersecção com o trabalho doméstico não remunerado dessas mulheres professoras. Esse questionário foi divulgado massivamente por e-mail, em grupos de WhatsApp, Instagram, Facebook e presencialmente através de visitas nas instituições da rede municipal de ensino de Belo Campo. Como resultado, o questionário alcançou um total de 134 mulheres²²⁶.

Concomitantemente, a pesquisa comprometeu-se em fazer levantamentos de dados oficiais no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Censo Escolar, Portal da Transparência da Prefeitura Municipal de Belo Campo, Diário Oficial da Prefeitura Municipal de Belo Campo, o Conselho Municipal de Educação e todas as instituições da rede municipal de ensino de Belo Campo, sendo elas, Secretaria Municipal de Educação, Biblioteca Municipal, Núcleo de Cultura, Núcleo de Esportes, Círculo Escolar Integrado da Bela Vista (10 escolas), Círculo Escolar Integrado da Caatinga (9 escolas), Círculo Escolar Integrado do Peri Peri (8 escolas), Centro de Educação Integral Primeira Infância, Creche Casulo Maria Neusa Nunes Ferraz, Creche Municipal Morada Real, Escola Municipal Arlivande Oliveira Rocho, Escola Municipal Edvaldo Flores, Escola Municipal Anísio Teixeira, Colégio Municipal Leoni Lima, Unidade Escolar Municipal Conveniada de Belo Campo e Escola Municipalizada Roberto Santos.

²²³ Embora a presente pesquisa tenha se dedicado a preservar a identidade das professoras, a fim de proteger a integridade da dissertação, todas assinaram o Termo de Autorização para Uso de Imagens e Depoimentos antes das entrevistas.

²²⁴ Aprovado em 08 de agosto de 2024.

²²⁵ Apêndice 3.

²²⁶ O questionário ficou disponível entre o dia 01 e 15 de setembro de 2024.

Os dados do primeiro levantamento²²⁷ (junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Censo Escolar, Portal da Transparência da Prefeitura Municipal de Belo Campo, Diário Oficial da Prefeitura Municipal de Belo Campo e Conselho Municipal de Educação) foram utilizados, majoritariamente, para contextualizar o município, como feito na seção 5.2 deste mesmo capítulo, intitulada “Belo Campo: a cabeça pensa onde os pés pisam”. Esses dados, embora volumosos, eram de fácil acesso e estavam disponíveis a qualquer cidadão/ã. No entanto, a segunda fase dessa etapa não contou com a mesma disponibilidade de dados, visto que a Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer de Belo Campo não possuía nenhum banco de dados que organizasse as informações necessárias para esta dissertação. Embora a SME de Belo Campo tivesse o quantitativo de profissionais por escola, professores/as que trabalhavam em mais de uma instituição eram contabilizados/as mais de uma vez; não era possível determinar com precisão a carga horária de cada profissional no município; os dados não eram segregados por sexo biológico ou idade; não havia levantamento do quantitativo de profissionais por nível de formação (Ensino Médio, Magistério, Graduação, Especialização, Mestrado e Doutorado); não era possível saber o local de moradia ou de trabalho de cada professor; e não tínhamos conhecimento da situação funcional dos/as docentes em Belo Campo. Essas limitações obrigaram a realização de uma pesquisa *in loco* nas 36 escolas da rede municipal de ensino de Belo Campo, na Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer, na Biblioteca Municipal, no Núcleo de Cultura e no Núcleo de Esportes²²⁸. Esse levantamento foi um trabalho árduo, mas que, por fim, possibilitou algumas respostas às questões levantadas anteriormente.

Posteriormente, a pesquisa selecionou e entrevistou 7 professoras da rede municipal de ensino de Belo Campo, com o intuito de compreender, por meio de entrevistas semiestruturadas, o cotidiano dessas mulheres tanto no ambiente doméstico quanto profissional. As entrevistadas foram escolhidas com base na diversidade: mães solas, mães em relacionamentos estáveis e mulheres sem filhos; contratadas, efetivas e comissionadas; professoras da Educação do Campo e de escolas da cidade; com muitos ou poucos anos de carreira; que trabalham apenas na docência ou que possuem outra fonte de renda; e aquelas que detêm a renda principal da casa ou não.

Para a realização das entrevistas²²⁹, foi feito um contato prévio com as professoras, durante o qual elas recebiam as pautas e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

²²⁷ Realizado em novembro de 2024.

²²⁸ Realizado em novembro de 2024.

²²⁹ As entrevistas foram realizadas entre novembro e dezembro de 2024.

(TCLE). Caso o contato fosse positivo, as professoras podiam indicar o local, a data e o horário mais apropriados para a entrevista. Todas as entrevistas foram gravadas perante o consentimento e assinatura do TCLE e, em média, duraram entre 30 e 50 minutos. Estas foram realizadas nas residências das professoras, em cômodos onde não havia a presença de outros familiares²³⁰.

Já com todos levantados em mãos, iniciou-se o cruzamento entre os dados disponíveis no Portal da Transparência, Diário Oficial de Belo Campo, IBGE, Censo Escolar e os ofertados pelas instituições e pelo CME. Logo, foi possível a construção dos quadros e gráficos²³¹ disponíveis neste capítulo.

Feito isso, introduziu-se a transcrição das sete entrevistas com as professoras de Belo Campo. A transcrição foi realizada por meio do microfone do teclado do Google e, posteriormente, foram feitas as correções das palavras que não foram compreendidas pela inteligência artificial²³².

Por fim, os dados foram organizados no intuito construir um panorama detalhado da docência e das mulheres professoras da rede municipal de ensino de Belo Campo – Bahia. Esse cenário será relacionado a um contexto mais amplo, caracterizado por uma sociedade capitalista, neoliberal, patriarcal e racista, que ataca os direitos dos/as trabalhadores/as, dos/as professores/as, das mulheres e se apropria, de forma deliberada, do trabalho doméstico não remunerado.

5.4 A TOTALIDADE: LEVANTAMENTOS A PARTIR PORTAL DA TRANSPARÊNCIA, DO DIÁRIO OFICIAL E DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE BELO CAMPO DE BELO CAMPO

A intenção desta seção é construir um panorama da docência em Belo Campo, considerando recortes de gênero, faixa etária, nível de formação e compartimentar esses/as professores/as em relação a seus vínculos, carga horária semanal, cargos ocupados, local de moradia e trabalho, além da situação funcional. Assim, a partir desses dados, podemos refletir sobre a realidade das condições e relações de trabalho dos/as professores/as/as da rede pública municipal de Belo Campo, sem desconsiderar a presença feminina no magistério da Educação Básica.

²³⁰ A exceção de filhos pequenos que necessitavam de cuidado constante.

²³¹ No software Microsoft Excel.

²³² É válido ressaltar que existem softwares pagos dedicados a essa transcrição, mas que, de mesmo modo, tem dificuldade de fazer uma transcrição fidedigna.

No que se refere aos dados levantados perante a aba de “Servidores” municipais no Portal da Transparência²³³ durante o ano de 2024, 564 matrículas estavam ligadas à pasta da Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer de Belo Campo, sendo que 390 dessas estavam em cargos de magistério (professores/as, diretores/as, vice-diretores/as e coordenadores/as pedagógicos/as). No entanto, desse quantitativo, 23 servidores/as tinham duas matrículas²³⁴, contabilizando um universo de 367 servidores em cargos de magistério.

Para além desses, os dados levantados nas instituições demonstram-se que existem ao menos 91 profissionais na rede atuando como professores/as de oficinas ou cursos de curta duração (Biblioteca, Núcleo de Cultura, Núcleo de Esporte e escolas de Educação Integral em Tempo Integral), professores/as de apoio e cuidadores/as, mas que, segundo o CME, só possuem Ensino Médio e não são contabilizados/as como servidores/as do município no Portal da Transparência, visto que recebem como prestadores de serviço. A dificuldade de identificar a real situação desses profissionais e a falta de formação na docência, nos impossibilitou de integrá-los ao panorama geral, que ficará restrito unicamente aos 367 profissionais do magistério enumerados pelo Portal da Transparência da Prefeitura Municipal de Belo Campo.

No que se refere ao gênero, os números nacionais publicados pelo Ministério da Educação demonstram que, em 2023, 2,4 milhões de docentes atuaram na Educação Básica e, nesse universo, 1,9 milhão (79,5%) eram mulheres. De mesmo modo, o MEC divulgou que dos 144 mil profissionais que estavam cargos de direção, 117 mil eram diretoras (81,6%). Em 2024, Belo Campo seguiu padrões muito próximos. Confira no Quadro 6.

Quadro 6 – Professores/as de Belo Campo por sexo/gênero

GÊNERO	Nº	PERCENTUAL
Mulher	303	83%
Homem	64	17%
TOTAL	367	100%
GÊNERO NAS ESCOLAS DO CAMPO E CIDADE	Nº	PERCENTUAL
Professoras nas escolas da cidade	201	55%
Professoras nas escolas do campo	93	25%
Professoras nas escolas da cidade e campo	9	<3%
Professores nas escolas da cidade	36	10%
Professores nas escolas do campo	27	7%

²³³ Utilizando o filtro “Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer” e mês de “novembro de 2024”.

²³⁴ Segundo CME, alguns profissionais foram admitidos perante dois concursos. Outros trabalhavam sob o vínculo de contrato e foram admitidos em dois momentos diferentes.

Professores nas escolas da cidade e campo	1	0%
TOTAL	367	100%

Fontes: Portal da Transparência de Belo Campo e escolas da Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer de Belo Campo, 2024.

Nota-se que, dos 367 profissionais do magistério da rede municipal de Belo Campo, 303 (83%) são mulheres e 64 (17%) são homens, o que reflete um padrão em relação aos parâmetros da Educação Básica brasileira. No entanto, quando analisamos os cargos de direção das instituições, observamos uma divergência considerável. Enquanto a nível nacional as mulheres representam 82% das diretoras, em Belo Campo essa proporção é de apenas 62%.

Esses dados indicam que, embora as mulheres constituam a maioria na docência e na sociedade brasileira, muitas vezes, essa maioria não se reflete nos cargos mais altos das instituições. No Brasil, apesar de 55% da população ser feminina (IBGE, 2022), o percentual de mulheres no Senado Federal é de aproximadamente 12% (IBGE, 2023). Além disso, nas posições de liderança e chefia no setor público e privado, as mulheres representam cerca de 37% (IBGE, 2023).

No que diz respeito à faixa etária, com base nos dados do Censo Escolar realizado em 2022 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), a média de idade de professores e professoras no Brasil está entre 40 e 45 anos. Conforme os levantamentos, Belo Campo mantém-se nos padrões nacionais, como é possível constatar no Quadro 7.

Quadro 7 – Professores/as de Belo Campo por faixa etária

IDADE	MÉDIA	MENOR	MAIOR
Mulher	41,3	20	70
Homem	44,7	25	63
Geral	42,9	20	70

Fontes: Portal da Transparência de Belo Campo e escolas da Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer de Belo Campo, 2024.

Na média geral, os professores e professoras da rede municipal apresentam aproximadamente 42,9 anos. Já a média de idade entre as mulheres é de 41,3 anos, enquanto entre os homens é de 44,7 anos. Além disso, observa-se que a menor idade entre os professores é de uma professora de 20 anos, enquanto a maior idade registrada é de uma professora de 70 anos.

Esse dado é crucial para remeter ao fenômeno conhecido nos últimos anos como “apagão das licenciaturas”. Ou seja, o Brasil enfrenta enormes dificuldades para atrair e formar novos/as professores/as para a Educação Básica, uma vez que esses profissionais são constantemente afetados por baixos salários, desvalorização e sobrecarga de trabalho. Esse “apagão” impossibilita a formação de novos/as docentes e eleva a média de idade do corpo docente no Brasil e, possivelmente, em Belo Campo.

Em relação ao vínculo, conforme o Quadro 8, Belo Campo demonstra um dos dados mais alarmantes e que refletem informações importantes para compreensão do nível de precarização da docência no município e no país.

Quadro 8 – Professores/as de Belo Campo por vínculo

VÍNCULO	Nº	PERCENTUAL
Estatutário	116	32%
Contrato temporário	251	68%
TOTAL	367	100%
VÍNCULO	Nº	PERCENTUAL
Comissionado estatutário	15	4%
Comissionado contrato temporário	37	10%
Professor/a estatutário	101	28%
Professor/a contrato temporário	214	58%
TOTAL	367	100%

Fontes: Portal da Transparência de Belo Campo e escolas da Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer de Belo Campo, 2024.

Percebe-se, através do Quadro 8, que 68% dos profissionais do magistério da rede municipal de Belo Campo estão sob regime de contrato temporário. Entre as mulheres professoras, das 303, 215 são contratadas (71%) e 88 são concursadas (29%). Entre os homens professores, dos 64, 36 são contratados (54%) e 28 são concursadas (44%). Esse dado reflete um longo período sem concursos públicos no município contexto da pesquisa, visto que o último foi realizado em 2006, mas também como as mulheres professoras ainda são as mais propensas a contratos temporários e mais sujeitas à precarização.

Percentuais como esses evidenciam o nível de precarização da docência, já observado em âmbito nacional. Conforme os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep, 2023), o número de professores/as concursados/as nas redes estaduais caiu de 68,4% em 2013 para 46,5% em 2023. Enquanto isso, os contratos temporários que representavam 31,1% do total em 2013 aumentaram para 51,6% em 2023.

No que se refere à divisão de funções, podemos notar, conforme o Quadro 8, que 86% dos profissionais da educação são professores/as (315 professores/as, sendo 101 professores/as concursados/as e 214 professores/as sob regime de contrato temporário) e 14% estão em cargo de gestão (52 gestores/as, sendo 13 diretoras/es, 13 vice-diretoras/es e 26 coordenadoras/es). Nesse universo de servidores, 35% trabalham com carga horária semana de 20 horas e 65% com carga horária de 40 horas. Segundo o Edital 001-02/2020, publicado em Diário Oficial, a Secretaria Municipal de Educação abriu um Processo de Enquadramento/Ampliação de Carga Horária Magistério Público Municipal, em que os/as professores/as efetivos/as que haviam ingressado nos concursos de 1995, 1997 e 2006 poderiam ampliar a jornada de trabalho, em conformidade com Lei Municipal nº51/2019.

Quadro 9 – Professores/as de Belo Campo por cargo e carga horária semanal

CARGO	Nº	PERCENTUAL
Professor/a	315	86%
Gestão	52	14%
TOTAL	367	100%
CARGO	Nº	PERCENTUAL
Professor/a estatutário	101	28%
Professor/a contratado	214	58%
Coordenador/a	26	7%
Vice-diretor/a	13	<4%
Diretor/a	13	<4%
TOTAL	367	100%
CARGA HORÁRIA SEMANAL	Nº	PERCENTUAL
20 horas	130	35%
40 horas	237	65%
TOTAL	367	100%

Fontes: Portal da Transparência de Belo Campo e escolas da Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer de Belo Campo, 2024.

O artigo 61 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece que todos os professores e professoras da Educação Básica devem ter formação específica de nível superior, obtida por meio de cursos de licenciatura em suas respectivas áreas de atuação. Entretanto, uma análise das informações divulgadas pelo MEC em 2020 sobre a adequação da formação docente revela que, naquele ano, somente 86,6% dos/as professores/as da Educação Básica tinham cursado Nível Superior e apenas 43% tinham feito algum curso de Pós-graduação. De mesmo modo, podemos notar, em 2024, um padrão muito próximo no município de Belo Campo, mas com algumas divergências, conforme o Quadro 10.

Quadro 10 – Professores/as de Belo Campo por nível de formação e gênero

NÍVEL DE FORMAÇÃO	Nº	PERCENTUAL
EM / Magistério	19	5%
Graduação (Licenciatura)	210	57%
Especialização	130	35%
Mestrado	8	<3%
Doutorado	0	0%
TOTAL	367	100%
NÍVEL DE FORMAÇÃO POR GÊNERO	Nº	PERCENTUAL
Professoras com EM / Magistério	14	4%
Professoras com Graduação (licenciatura)	171	47%
Professoras com Especialização	113	31%
Professoras com Mestrado	5	1%
Professores com EM / Magistério	5	1%
Professores com Graduação (licenciatura)	39	11%
Professores com Especialização	17	5%
Professores com Mestrado	3	1%
TOTAL	367	100%

Fontes: Escolas da Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer de Belo Campo, 2024.

Dos/as professores/as mapeados/as, somente 5% não possuíam formação em alguma licenciatura. Entretanto, não podemos perder de vista que, além dos 367 profissionais listados na aba de servidores do Portal da Transparência, o município conta com pelo menos 91 profissionais que não possuem nível superior e estão atuando como professores/as de oficinas ou cursos de curta duração (nas áreas de Biblioteca, Núcleo de Cultura, Núcleo de Esporte e escolas de Educação Integral em Tempo Integral), além de professores/as de apoio e cuidadores/as. Assim, esse número pode ser bem maior.

Dentro do inteiro estudado, dos 367 profissionais, 95% possuem Licenciatura, sendo que 35% possuem especialização, 2% possuem mestrado e nenhum profissional possui doutorado. Ainda que o número de mulheres professoras na rede municipal de ensino de Belo Campo seja quase cinco vezes maior em relação ao número de professores, quase a metade dos mestres da rede são homens.

Em relação ao local de moradia, conforme demonstrado no Quadro 11, os dados indicam que 80% dos/as professores/as residem na sede de Belo Campo, 14% em áreas rurais da cidade, 5% em Vitória da Conquista – BA e somente 1 em Tremedal – BA.

Quadro 11 – Professores/as de Belo Campo por local de moradia trabalho

LOCAL DE RESIDÊNCIA	Nº	PERCENTUAL
----------------------------	-----------	-------------------

Belo Campo - Bahia (Sede)	293	80%
Belo Campo - Bahia (Campo)	53	14%
Vitória da Conquista – Bahia	20	5%
Tremedal – Bahia	1	<1%
TOTAL	367	100%
LOCAL DE TRABALHO	Nº	PERCENTUAL
Cidade	237	65%
Campo	120	33%
Cidade / Campo	10	<3%
TOTAL	367	100%

Fontes: Escolas da Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer de Belo Campo, 2024.

Quanto ao local de trabalho, 65% atuam exclusivamente na sede, 33% apenas no campo e 3% trabalham em escolas tanto do campo quanto da cidade dentro do município de Belo Campo. Além disso, entre os/as professore/as que moram em comunidades rurais, 1 atua em escolas tanto do campo quanto da cidade, 5 trabalham somente na cidade e 47 estão alocados exclusivamente no campo. Entre os/as docentes que residem na cidade, 211 trabalham apenas na sede, 73 somente no campo e 9 atuam em escolas tanto no campo quanto na área urbana. Dos 21 professores/as que residem em outros municípios, todos/as exercem funções em escolas da sede.

Quadro 12 – Situação funcional dos/as professores/as de Belo Campo

SITUAÇÃO FUNCIONAL	Nº	PERCENTUAL
Ativa/o	356	97%
Licença não remunerada	4	1%
Licença médica	4	1%
Sindicato	2	1%
Cedida/o	1	0%
TOTAL	367	100%

Fontes: Portal da Transparência de Belo Campo e escolas da Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer de Belo Campo, 2024.

Quanto à situação funcional dos/as professores/as de Belo Campo, conforme evidenciado no Quadro 12, 356 estão ativos, 4 estão em licença não remunerada, 4 em licença médica, 2 estão afastados para assumir funções em sindicatos, e 1 está cedido para assumir funções no Colégio Estadual do município. Contudo, as escolas apontam que esses números podem divergir dos registros disponíveis no Portal da Transparência, pois alguns professores e professoras afastados/as por licença médica eram classificados como “ativos” no sistema. A

pesquisa, por sua vez, optou por apresentar os dados oficiais divulgados pela Prefeitura Municipal de Belo Campo.

Ao construirmos um padrão dos/as professores/as da rede municipal de ensino de Belo Campo, podemos afirmar que, majoritariamente, são mulheres (83%), com média de idade de 42,9 anos, sob regime de contrato temporário (68%), ocupam o cargo de professor/a (86%), com carga horária de 40 horas (65%), possuem licenciatura sem especialização (57%), residem na sede municipal (80%), trabalham nas escolas da cidade (65%) e têm situação funcional ativa (97%).

5.5 QUESTIONÁRIO: O QUE MAIS FALTA DESCOBRIR SOBRE AS PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE BELO CAMPO?

A escolha das fontes e instrumentos de produção de dados é uma decisão complexa dentro da pesquisa acadêmica. Optar por uma outra é uma escolha metodológica e, de mesmo modo, uma escolha política. É metodológica no sentido que é necessário erguer as ferramentas para garantir a precisão e confiabilidade das informações levantadas e que orientarão as discussões. Logo, esses caminhos também são políticos, já que são essas escolhas que garantirão o nível de rigor na obtenção de dados e compromisso com a ciência, com a universidade pública e de qualidade e com a pós-graduação. Produzir conhecimento científico com ferramentas sólidas e capazes de construir visões abrangentes sobre a realidade concreta é um compromisso com a sociedade.

Por isso, a presente dissertação entende que, ainda que os dados levantados na seção anterior sejam cruciais para entender o panorama do trabalho docente e do trabalho docente feminino em uma sociedade regida pela ordem sociometabólica do Capital, existem limitações para os dados objetivos alcançados através do Portal da Transparência, Diário Oficial e dos levantamentos feitos junto as instituições de ensino da rede pública municipal.

Nesse sentido, a pesquisa, igualmente, realizou um levantamento de informações junto às mulheres da Educação Básica da rede municipal de Belo Campo por meio de um questionário do Google Forms²³⁵. Entre as 78 questões do questionário²³⁶, informações pessoais (tais como idade, etnia, local de residência), informações acerca do trabalho docente (tal qual formação inicial, formação continuada, carga horária, remuneração) e acerca do

²³⁵ O questionário foi enviado por e-mail e grupos de WhatsApp (a partir da autorização do Comitê de Ética da Pesquisa e da Secretaria Municipal de Educação) e tinha a intenção alcançar a totalidade profissionais.

²³⁶ Com questões majoritariamente objetivas, as professoras direcionavam um média de 15 minutos para respondê-las.

trabalho doméstico não remunerado (como tempo gasto em atividades domésticas, funções exercidas em casa) foram solicitadas²³⁷.

As informações levantadas pelo questionário buscavam compreender as relações e condições do trabalho, bem como o cotidiano das professoras da rede pública municipal de Belo Campo sujeitas ao trabalho docente e trabalho doméstico não remunerado. De mesmo modo, interessávamos em contribuir com o panorama – já edificado na seção anterior – com informações mais específicas e contribuam para a compreensão da realidade concreta das mulheres trabalhadoras da Educação Básica belo-campense e brasileira.

Por intermédio do questionário, realizou-se uma análise detalhada de um amplo grupo de mulheres²³⁸, abrangendo aspectos como tempo de carreira, remuneração, formação, estado civil, hábitos de sono, trabalho doméstico não remunerado, lazer e planejamento escolar, impossíveis de obter através de outros instrumentos.

Então, o que mais falta descobrir sobre as professoras da rede municipal de ensino de Belo Campo?

Identificamos, por meio do questionário, que das 134 profissionais que responderam à pesquisa, 59,7% se autodeclararam pardas, 26,1% são brancas, 10,4% são pretas/negras, 3% são amarelas e 0,7% não desejavam declarar.

Em relação à religião, foi possível constatar que 62,7% são cristãs/católicas, 16,4% são cristãs/evangélicas, 8,2% dizem não ter religião, 7,5% são cristãs, 3,7% tinham outra religião que não estava listada, 0,7% são da umbanda e 0,7% são espíritas. No que se refere ao Estado Civil, 61,2% das mulheres são casadas, 20,8% são solteiras, 9% são divorciadas e 9% estão em união estável.

Entre as 134 mulheres, 91,8% das profissionais disseram trabalhar somente na rede pública municipal de Belo Campo, 3% trabalham na rede pública municipal de Belo Campo e na rede privada de Belo Campo, 3% trabalham na rede pública municipal de Belo Campo e na rede estadual em Belo Campo e 3% na rede pública municipal de Belo Campo e na rede municipal/estadual/privada de outro município.

Entre as professoras que responderam ao questionário, 79,9% dizem não ter outra fonte de renda para além da docência, enquanto 20,1% dizem complementar seus ganhos

²³⁷ A professora que optou por respondê-lo só conseguiria avançar quando concordasse com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLC disponível na página.

²³⁸ Os critérios de inclusão da presente pesquisa foram as categorias: mulher (trans ou cis), professora, docente da rede de ensino pública municipal, professora efetiva ou contratada da rede de ensino de Belo Campo. Os critérios de exclusão da presente pesquisa serão as categorias: homem (trans ou cis), profissionais de outras áreas que não a docência, professores que não atuam na rede de ensino pública municipal de Belo Campo.

como artesãs, decoradoras de festas, empreendedoras, cabeleireiras, trabalhadoras domésticas, costureiras, maquiadoras e fotógrafas.

Das 134 profissionais, 58,2% concluíram sua formação em instituição privada e 41,8% em instituição pública, sendo que 29,9% foi na modalidade de Educação à Distância, 40,3% presencial e 29,9% semipresencial. Apesar da formação, 80,6% atuam na área de formação e 19,4% não atuam na área de formação.

Entre as mulheres, 48,5% disseram que não realizaram nenhum curso de formação continuada, enquanto 51,5% afirmaram que não realizam atualmente. Quando questionadas sobre as dificuldades de realizar formações continuadas, 52,2% dizem não ter tempo, 23,9% dizem que faltam recursos financeiros, 35,8% dizem que é devido à demanda com a família e filhos, 35,8% dizem que é pelo excesso de trabalho doméstico, 9,7% dizem não ter apoio de terceiros, 21,6% responderam que é devido a distância das instituições de ensino e 38,1% relataram que é decorrente de cansaço físico e/ou mental.

A obra “Formação Continuada de Professores: Perspectiva Humana e Emancipatória” (2024), de Ione Farina e Dilva Bertoldi Benvenuti, destaca que a formação dos/as educadores/as está “intimamente interligada ao pensar e operacionalizar fazeres pedagógicos”. Nesse sentido, a formação continuada, fundamentada em uma perspectiva humanizadora e emancipatória, proporciona aos/às educadores/as a oportunidade de se reconhecerem como indivíduos em constante transformação. Isso permite que eles/elas desenvolvam abordagens que transcendam o tecnicismo e o instrumentalismo, promovendo a reflexão crítica do ensino, o aprimoramento das habilidades pedagógicas e a construção de um conhecimento coletivo.

Os fatores que impossibilitam a formação continuada listados pelas professoras – em especial a falta de tempo, os afazeres domésticos, o cuidado com o outro e o cansaço físico e/ou mental – demonstram como a falta de condições de acesso e permanência das mulheres professoras podem intensificar a precarização e a alienação do trabalho.

Quando questionadas se desejavam progredir academicamente através de um mestrado ou doutorado, 66,4% relataram interesse e 33,6% disseram não ter interesse. Quando questionadas sobre possíveis empecilhos de progressão acadêmica nas suas carreiras, 53,6% afirmam não ter tempo, 39,2% não possuem recursos, 29,9% relatam a dinâmica com a família e filhos, 25,8% dizem de excesso de trabalho na escola, 21,6% dizem sobre o excesso de trabalho doméstico, 12,4% falam de falta de apoio, 38,1% dizem sobre a distância das universidades e 34% que estão constantemente cansadas física ou mentalmente.

Quando questionadas sobre a satisfação para com a profissão, 78,4% dizem que estão satisfeitas, 6% dizem não estar satisfeitas e 15,7% dizem não saber ou preferem não dizer. Entre elas, 63,4% dizem não ter a intenção de mudar de profissão futuramente, 20,9% sinalizam uma futura intenção e 15,7% disseram não saber ou preferiram não dizer. Para as mulheres, os maiores desafios da docência são: a baixa remuneração (61,4%), a falta de valorização (68,2%), o adoecimento físico (19,7%), o adoecimento mental (55,3%), a estrutura física das escolas (24,2%), a relação com as famílias (38,6%), o comportamento/indisciplina dos alunos (53%), dificuldade de diálogo com a gestão (3,8%), relações pessoais entre colegas (5,3%), situações de violência na escola (5,3%), condições socioeconômicas dos alunos (15,9%), insuficiência de material pedagógico (15,2%), dificuldade de se adaptar às novas tecnologias (5,3%), quantidade de alunos com necessidades especiais (32,6%), falta de formação continuada (9,1%) e excesso de trabalho burocrático (0,8%).

Em relação às horas diárias utilizadas para o planejamento ou correção de atividades em casa, 38,8% relatam utilizar de 1 a 2 horas, 29,1% utilizam de 2 a 3 horas, 20,1% utilizam 3 a 4 horas, 7,5% utilizam de 4 a 5 horas e 4,5% utilizam mais de 5 horas. O Relatório Internacional sobre Professores e Diretores de Escola (2013)²³⁹ revelou que os/as professores/as brasileiros estão entre os que dedicam o maior número de horas por semana ao ensino, com uma carga de 25 horas semanais, o que representa 6 horas a mais do que a média dos 34 países analisados. Mesmo com uma carga horária excessiva nas escolas, de acordo com o relatório de 2018, os/as professores/as brasileiros dedicam, em média, cerca de 10 a 12 horas semanais a atividades escolares em casa, como planejamento e correção de atividades. No entanto, essa média pode variar conforme as diferentes etapas e modalidades em que esses profissionais atuam, a exemplo dos/as docentes de turmas multisseriadas, da Educação Infantil, do Ensino Fundamental I e/ou que possuem alunos com necessidades especiais e que precisam de adaptação de atividades.

Essa carga horária, somada ao tempo dedicado ao trabalho reprodutivo e, muitas vezes, a outras atividades remuneradas, resulta em uma sobrecarga para as professoras, que precisam equilibrar suas responsabilidades profissionais com a vida doméstica. Essa situação lhes retira o tempo necessário para lazer, descanso, alimentação, exercício físico e convívio com amigos e familiares.

²³⁹ O Relatório é elaborado com base na Pesquisa Internacional sobre o Ensino e Aprendizagem (Teaching and Learning International Survey - TALIS), que compila dados que possibilitam comparações globais sobre o ambiente de aprendizagem e as condições de trabalho dos professores nas escolas.

Acerca da vida pessoal, cotidiano e trabalho doméstico não remunerado, quando questionadas sobre a quantidade de pessoas que residem em suas casas, 3,7% moram sozinhas, 18,7% moram com mais uma pessoa, 24,6% moram com mais duas pessoas, 35,1% moram com mais três pessoas, 14,2% moram com mais quatro pessoas, 2,2% moram com mais cinco pessoas e 1,5% moram com mais seis pessoas. Em relação à situação da casa dessas mulheres, 70,9% moram em casa própria quitada, 14,2% moram em alugada, 11,2% em emprestada/cedida e 3,7% em casa própria em financiamento.

Essas mulheres dizem que em 48,5% das casas não possuem local específico para estudo ou trabalho, em 24,6% possuem um espaço compartilhado e 26,9% possuem um local específico e individual; 98,5% das mulheres dizem ter acesso à internet em suas casas, embora só 64,2% delas possuem um computador pessoal, 24,6% possuam um computador compartilhado e 11,2% não possuem computador.

Em 49,3% dos lares dessas mulheres, seus salários são a renda principal da casa, sendo que 38% delas ganham até R\$ 2.000,00, 33,6% ganham entre R\$ 2.000,00 e R\$ 3.500,00, 18,7% ganham entre R\$ 3.500,00 e R\$ 5.000,00, 1,5% ganham mais de R\$ 5.000,00 e 8,2% preferiram não informar. Essas diferenças salariais se agravam perante os vínculos empregatícios dessas mulheres.

Conforme as informações do Portal da Transparência, os professores e professoras de Belo Campo com vínculo de contrato não recebem o Piso Nacional do Magistério. Segundo o Conselho Municipal de Educação (CME, 2024) de Belo Campo, o último reajuste para os/as contratados/as ocorreu em 2022, durante o governo Bolsonaro. Enquanto estes recebem, sem descontos, R\$ 3.845,63²⁴⁰ – referente ao Piso de 2022 –, os/as professores/as efetivos/as tiveram seus respectivos reajustes em 2023 e 2024, totalizando o Piso, sem descontos, em R\$ 4.580,57²⁴¹ (2024). Simultaneamente, os/as profissionais do magistério efetivos/as têm direito ao terço de férias e às progressões graduais por tempo de serviço e por pós-graduação²⁴².

Outro agravante na situação da categoria é o rompimento anual dos contratos temporários. Segundo o Conselho Municipal de Educação de Belo Campo (2024), os/as docentes costumam ser demitidos no início de dezembro e não recebem o salário integral daquele mês. Posteriormente, são recontratados em março do ano seguinte, recebendo o pagamento apenas no início de abril. Isso resulta em uma perda salarial de aproximadamente 2 a 3 meses a cada ano. Como quase metade das mulheres professoras de Belo Campo detém

²⁴⁰ Portal da Transparência de Belo Campo.

²⁴¹ Portal da Transparência de Belo Campo.

²⁴² Conforme o Plano de Carreira e Remuneração do Magistério Público de Belo Campo (2010).

a renda principal das suas casas, esse fator pode causar um impacto extremo no nível de precarização e no sustento das suas famílias.

Quando questionadas sobre a média diária de horas utilizadas para o trabalho doméstico e/ou cuidado com os filhos, 27,6% disseram utilizar mais de 5 horas, 23,1% utilizam de 3 a 4 horas, 20,1% utilizam de 4 a 5 horas, 15,7% utilizam de 1 a 2 horas e 13,4% utilizam de 2 a 3 horas. Essas mulheres afirmam que realizam atividades como cuidar dos filhos (65,7%), cuidar das plantas (44%), cuidar de idosos (9,7%), cuidar do companheiro/a (49,3%), cuidar das pessoas doentes (17,9%), cuidar dos animais (35,1%), fazer compras/feira (77,6%), organizar compras (77,6%), lavar e secar a louça (82,1%), preparar refeições (87,3%), servir refeições (52,2%), lavar roupas (86,6%), passar roupas (46,3%), limpar móveis (72,4%), varrer a casa (82,8%), arrumar camas (82,8%), trocar lençóis, toalhas e tapetes (81,3%), lavar banheiros (76,9%), limpar janelas (66,4%) e organizar a casa (88,1%).

Em relação à maternidade, 76,6% das mulheres são mães. Destas, 21,3% são mães solo, 69,9% são mães de crianças menores de 12 anos, 91,2% são as principais responsáveis por cuidar dos filhos (alimentar, vestir, ajudar no cotidiano), 90,2% são as principais responsáveis por cuidar dos filhos quando estão doentes e 78,6% são as principais responsáveis por ajudar nas atividades escolares dos filhos.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua 2022, elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022), revela que as mulheres brasileiras gastam uma média de 21,3 horas semanais nas atividades domésticas e de cuidado com o outro, enquanto os homens gastam 11,7 horas. Segundo o estudo, 148,1 milhões (referente a 85,4% da população do Brasil) de pessoas se dedicaram ao trabalho doméstico não remunerado naquele ano, sendo 91,3% das mulheres e 79,2% dos homens.

Outro dado atrai interesse na pesquisa do Pnad é que os homens com maior instrução e/ou que moram sozinhos costumam gastar uma média maior de horas semanais no trabalho doméstico e de cuidado. No entanto, mulheres com menor instrução e/ou que moram com outras pessoas dedicam mais tempo aos afazeres domésticos (até 24,1 horas semanais). A pesquisa também aponta que as mulheres pretas e nordestinas são as mais propensas a realizar trabalho doméstico não remunerado.

Em relação a práticas relacionadas à saúde mental e física, 46,3% não praticam nenhuma atividade física, 73,1% afirmam que o trabalho como professora, as atividades domésticas e/ou a maternidade impactam negativamente o seu sono, 79,9% das mulheres dizem que sua alimentação é boa ou razoável, 44% relatam realizar atividades de lazer apenas uma vez por mês e 14,2% dizem não ter lazer. No que se refere aos problemas de saúde,

distúrbios vocais (2%), dores nas costas constantes (38,2%), dores de cabeça constantes (32,4%), enxaquecas constantes (23,5%), hipertensão (18,6%), diabetes (4,9%), ansiedade (44,1%), depressão (3,9%), câncer (1%), esclerose (1%), artrose (1%), baixa visão (1%), obesidade (1%), taquicardia (1%), arritmia (1%), osteopenia (1%) e asma (1%).

Na totalidade, 88,8% afirma que o trabalho como professora as desgasta fisicamente ou mentalmente e 90,3% afirmam que o trabalho doméstico as desgasta fisicamente ou mentalmente. Para 35,8% delas, ambos desgastam igualmente, para 25,4% o trabalho docente é mais desgastante e para 32,8 % o trabalho doméstico não remunerado é mais desgastante.

Majoritariamente, as professoras de Belo Campo são mulheres negras²⁴³ (70,1%), católicas (62,7%), casadas (61,2%), que trabalham somente na rede pública municipal de Belo Campo (91,8%), não têm outra fonte de renda além da docência (79,9%), concluíram sua formação em instituições privadas (58,2%), atuam na área de formação (80,6%), não realizam cursos de formação continuada (51,5%), desejam progredir academicamente (66,4%), estão satisfeitas com a docência (78,4%), não têm intenção de mudar de profissão (63,4%), enxergam a falta de valorização como o maior desafio da docência (68,2%), gastam de 1 a 2 horas por dia com planejamento e correção de atividades fora do ambiente escolar (38,8%), moram com mais de três pessoas (35,1%), residem em casa própria quitada (70,9%), não têm a própria renda como a principal da família (50,7%), ganham até R\$ 2.000,00 (38%), realizam trabalho doméstico não remunerado (100%), utilizam mais de 5 horas diárias para o trabalho doméstico e/ou cuidado com os filhos (27,6%), são mães (76,6%) de crianças menores de 12 anos (69,9%), são as principais responsáveis por cuidar dos filhos (91,2%), não praticam nenhuma atividade física (46,3%), têm o sono impactado pelo trabalho docente ou doméstico não remunerado (73,1%), realizam alimentação saudável (79,9%), realizam atividades de lazer apenas uma vez por mês (44%), são acometidas pelo transtorno de ansiedade (44,1%), afirmam que o trabalho como professora as desgasta fisicamente ou mentalmente (88,8%) e que o trabalho doméstico as desgasta fisicamente ou mentalmente (90,3%).

As informações levantadas pelo questionário delinearam um perfil das professoras da rede municipal de ensino de Belo Campo, revelando o nível de precarização e sobrecarga laboral dessas mulheres. Todas elas fazem parte da classe trabalhadora, provenientes de camadas de menor poder aquisitivo (recebendo menos de R\$ 2.000,00). Além do marcador de classe, também são afetadas pela raça/etnia, com a maioria se autodeclarando negra (pretas ou pardas). A maior parte das professoras tem a docência como principal fonte de renda, mas mais de 20% delas possuem pluriempregos.

²⁴³ Entende-se como negras as mulheres que se autodeclararam pretas ou pardas.

Essas mulheres são, em sua maioria, casadas e mães de crianças pequenas, sendo as principais cuidadoras. Esses fatores são refletidos no percentual de 100% das entrevistadas que realizam algum tipo de trabalho doméstico em sua rotina, dedicando muitas horas a essas atividades. A maioria indicou gastar mais de 5 horas diárias com afazeres domésticos ou cuidados, totalizando cerca de 35 horas semanais, valor que está acima da média nacional de 21 horas entre as mulheres. Ou seja, as professoras de Belo Campo dedicam aproximadamente 1 dia e 11 horas por semana aos afazeres domésticos e de cuidado.

Levando em consideração as respostas e que essas mulheres trabalham majoritariamente sob regime de contrato e com carga horária de 40 horas semanais²⁴⁴, durante a semana, elas passam ao menos 8 horas diárias no ambiente escolar, menos de 30 minutos de deslocando, 5 horas realizando trabalho doméstico não remunerado e 2 horas realizando com planejamento ou correção de atividades em casa. Assim, comumente, elas possuem 8:30 horas por dia para sono, alimentação, exercício físico e lazer.

5.6 FONTE ORAL: AS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS COM AS MULHERES PROFESSORAS DE BELO CAMPO

Cada página uma vitória.
Quem preparava os banquetes da vitória?
[...] Tantas histórias. Tantas perguntas.
Bertolt Brecht²⁴⁵

Os dados apresentados anteriormente, obtidos por meio de levantamentos em plataformas públicas oficiais e por questionário, evidenciam um cenário da docência em Belo Campo e no Brasil e trazem questões muito importantes, tais como o nível de precarização do trabalho docente através dos contratos temporários, a tendência ao “apagão das licenciaturas” e os impactos do trabalho docente, do trabalho doméstico não remunerado e da maternidade na vida pessoal, profissional e na saúde mental e física das mulheres professoras.

Para além de compreender as tendências e divergências encontradas no panorama elaborado a partir dos dados, esta pesquisa teve a intenção de perceber o cotidiano vivo dessas mulheres no ambiente doméstico e profissional. Nesse sentido, essa seção tem a intenção de apresentar e analisar os dados produzidos por meio de entrevista semiestruturada.

Esse instrumento/procedimento, como uma fonte oral, combina elementos de entrevistas estruturadas e não estruturadas, ou seja, o/a entrevistador/a pode utilizar guia com

²⁴⁴ Conforme o levantamento no Portal da Transparência de Belo Campo.

²⁴⁵ apud DUARTE, 2018.

pautas pré-definidas, mas possui flexibilidade para explorar outros tópicos, se aprofundar ou até mesmo interagir, caso julgue necessário. Com essa finalidade, a pesquisa selecionou e entrevistou sete professoras da rede municipal de ensino de Belo Campo no intuito de compreender como esses números acontecem na prática.

A pesquisa selecionou e fez o contato prévio com sete professoras²⁴⁶ da rede municipal de ensino de Belo Campo, quando recebiam informações sobre o método das entrevistas e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No intuito de garantir a confidencialidade dessas mulheres, utilizamos os seguintes codinomes:

Quadro 13 – Codinomes das entrevistas semiestruturadas

Codinome	Cor/etnia	Idade	Vínculo	Funções	Trabalho	Filhos
Mirla	Branca	49	Efetiva	Coordenadora e empresária	Cidade	3
Silvia	Branca	53	Efetiva	Professora (EF II e EJA)	Cidade	3
Simone	Branca	45	Contratada	Professora (EI e EEI)	Campo	2
Angela	Preta	28	Contratada	Professora (EI) e empresária	Cidade	
Lélia	Preta	29	Contratada	Professora (EF I e EJA)	Cidade e Campo	2
Wendy	Parda	46	Efetiva	Professora (EI)	Cidade	2
Joana	Parda	48	Contratada	Professora (EI) e empresária	Cidade	3

Fonte: Quadro produzido para a pesquisa, 2024.

Esses codinomes foram escolhidos com o objetivo de manter a integridade das entrevistadas e homenagear estudiosas do feminismo e da luta das mulheres.

1. Mirla faz referência a Mirla Cisne e mantém em sigilo a identidade de uma coordenadora pedagógica efetiva e empresária de 49 anos, que trabalha na sede, se autodeclara branca e é mãe de três filhas.

²⁴⁶ As entrevistadas foram selecionadas com base na diversidade: mães solo, mães em relacionamentos estáveis e mulheres sem filhos; contratadas, efetivas e comissionadas; professoras da Educação do Campo e de escolas urbanas; com muitos ou poucos anos de carreira; que trabalham exclusivamente na docência ou que têm outras fontes de renda; e aquelas que são ou não as principais provedoras da renda familiar.

2. Silvia faz referência a Silvia Federici e mantém anônima a identidade de uma professora efetiva de 53 anos, que trabalha na sede com Ensino Fundamental II e Educação de Adultos, se autodeclara branca e é mãe de três filhos.
3. Simone faz referência a Simone de Beauvoir e omite a identidade de uma professora contratada de 45 anos, que trabalha no campo com Ensino Fundamental I e na Educação Especial e Inclusiva, se autodeclara branca e é mãe de dois filhos.
4. Angela é uma alusão a Angela Davis e mantém a integridade de uma professora contratada e empresária de 28 anos, que se autodeclara preta, trabalha na cidade com Educação Infantil e não tem filhos.
5. Lélia é uma referência a Lélia Gonzalez e intitula uma professora contratada de 29 anos, que se autodeclara preta, trabalha na sede com Educação Fundamental I e no campo com Educação de Jovens e Adultos, e é mãe de duas crianças.
6. Wendy faz referência a Wendy Goldman e pertence a uma professora efetiva de 45 anos, que se autodeclara parda, trabalha na cidade com Educação Infantil e é mãe de duas crianças.
7. Joana faz referência a Joana El-Jaick Andrade e pertence a uma professora contratada de 49 anos, que se autodeclara parda, trabalha na cidade com Educação Infantil e é mãe de três filhos.

Estabelecidos os fundamentos, é importante ressaltar que o guia com pautas pré-definidas foi dividido em três tomos²⁴⁷: dados pessoais, informações profissionais e trabalho doméstico não remunerado. Ao iniciar as entrevistas, cada professora foi convidada a se apresentar e informar alguns dados pessoais e profissionais.

Sobre sua vida, as professoras apontam

Me chamo Mirla, nasci em São Paulo, no Butantã. Atualmente, moro em Belo Campo; vim para cá com 7 anos de idade e, desde então, continuo no mesmo local, na mesma cidade. Sou casada e me considero uma mulher branca. Tenho 3 filhas e sou católica. Atualmente, estou na gestão, mas sou professora concursada no município de Belo Campo.

Iniciei como professora no município de Belo Campo pela prefeitura em 1994, como contratada. Em 1995, fiz o concurso, passei e, em 1996, tomei posse no primeiro concurso que fiz para a prefeitura de Belo Campo. Trabalhei como professora da Educação do Campo por alguns anos e, em 2000-2001, assumi um cargo de direção, como diretora das escolas da zona rural.

Assumi alguns cargos de gestão como coordenadora municipal e depois retornei para a sala de aula, onde atuei como professora da Educação de Jovens e Adultos. Também lecionei no Ensino Fundamental II, ficando um tempo atuando com as disciplinas de Língua Portuguesa. Também tive um contrato do estado, assumindo algumas turmas do Ensino Médio.

²⁴⁷ Apêndice 4.

Trabalhei também na sala de recursos como professora de Atendimento Educacional Especializado por algum tempo e, depois, retornei para a gestão, aproximadamente em 2017, e desde então assumi o cargo de coordenadora pedagógica na [nome da instituição]. Além da prefeitura, também sou empresária e atuo no ramo da educação. Na verdade, todos os cargos que assumi sempre foram pautados e voltados para a educação. (Professora Mirla)

Meu nome é Silvia, sou moradora por toda vida aqui de Belo Campo. Tenho 53 anos de idade, sou mãe solo, me divorciei tem 19 anos, sou mãe de 3 filhos, professora, dona de casa, um pouquinho de cada coisa, né? Trabalho na educação há quase 35 anos e durante todo esse tempo eu corri, não foi só aqui. Trabalhei aqui e trabalhei fora também pra poder sustentar a casa, pra dar uma qualidade de vida melhor pros meus filhos, pra poder colocar na universidade, né? Então durante todo esse período, trabalhei muito, sozinha, lutando para cria-los.

Hoje eu tenho 40 horas, mas teve tempo na minha vida que eu já trabalhei 80 horas. Eu não sei como é que eu dava conta disso, né? 80 horas, imagina ai! Além da casa e dos filhos, e a maior parte era, assim, uns cuidando dos outros, [nome do filho 2] cuidava de [nome do filho 3], porque era pequena ainda, né? E [nome do filho 1] cuidava de [nome do filho 2] e vice-versa, todo mundo um ajudando outro nessa grande correria. (Professora Silvia)

Meu nome é Simone. Nasci na Caatinga, em Caetité de Otávio. Com 14 anos, vim para Belo Campo para continuar os estudos; fiz até o 7º ano na época. Depois, me casei e fui para São Paulo, onde fiz o 8º e o 9º ano. Depois voltei e concluí os estudos. Tive uma oportunidade de fazer faculdade à distância e finalizei o curso de Pedagogia.

Hoje tenho 45 anos e sou casada. Comecei a trabalhar em 2007 como substituta; depois fui contratada e continuo até hoje. Trabalho com educação infantil na Escola [nome da instituição], com carga horária de 40 horas. Atualmente, também atuo como cuidadora de uma criança especial, além de ser professora. (Professora Simone)

Meu nome é Angela. Sou de São Paulo, saí de lá e vim para Belo Campo quando tinha 9 anos. Resido aqui desde então. Atualmente, tenho 28 anos, sou uma pessoa negra, sou católica, solteira, porém tenho uma união estável há uns 11 anos. Hoje moro na sede em Belo Campo. Graduei em pedagogia e fiz pós-graduação em psicopedagogia. Atuo na [nome da instituição], sou cabeleireira também e trabalho na Educação Infantil. Sou empreendedora e tenho um salão há 4 anos, especializado em cabelos naturais. Hoje, tenho 20 horas no município e já faz 2 anos que estou atuando. Tem quase três anos que me formei. (Professora Angela)

Meu nome é Lélia. Eu nasci aqui, tenho 29 anos, eu me declaro negra, e sou casada há 10 anos, né? Moro, sempre morei aqui na cidade, sempre, sempre, fiz a faculdade aqui, trabalho aqui e moro aqui nunca saí daqui.

Eu trabalho no município de Belo Campo tem 5 anos, né? Eu desde que eu comecei a trabalhar foi na modalidade de Ensino Fundamental I, e na reserva técnica. Aqui na sede trabalho com reserva técnica e na zona rural eu trabalho como professora da EJA.

Eu sou pedagoga, e tenho pós em Alfabetização, uma de gestão com ênfase em políticas públicas e sou psicopedagoga também.

Eu trabalho no povoado de [nome], em escola de Fundamental I, lá trabalho na EJA, no segmento I, do 1º ao 5º ano. (Professora Lélia)

Meu nome é Wendy, nasci na zona rural de Belo Campo, em Casa Nova, e hoje estou com 47 anos. Sou parda, sou cristã, casada e tenho dois filhos. Moro atualmente em Belo Campo, vim com 12 anos de idade, moro em casa própria, no Bairro Alvorada,

Eu trabalho com Educação Infantil, né? Sou formada em biologia e também pedagogia. Eu fiz Biologia na EAD aqui em Belo Campo e pedagogia eu fiz lá em Conquista, né, na UESB.

Eu trabalho com a Educação Infantil, mas antes de eu trabalhava com os Anos Iniciais, na zona rural. Eu comecei a trabalhar com a educação em 2001, então tem bastante tempo, aí trabalhei os primeiros anos com os Anos Iniciais, depois fui para A Educação Infantil. Depois que meus filhos nasceram, aí eu vim para Belo Campo e aqui eu fui trabalhar na [nome da instituição], e tô até hoje. Também, eu fiz por último agora uns pós em psicopedagogia e educação especial. (Professora Wendy)

Meu nome é Joana. Tenho 48 anos e atualmente resido em Belo Campo. Nasci em Vitória da Conquista, morei por um bom tempo da minha vida, estudei e fiz até a 8ª série. Depois, fui para Quaraçu e foi lá que conheci meu esposo. Fui para São Paulo, onde fiquei por 5 anos, mas não estudei, apenas trabalhei. Depois, voltei para Belo Campo, onde retomei meus estudos com 28 anos e depois fiz faculdade.

Hoje, minha profissão é professora. Trabalho 20 horas no município como contratada, com vínculo de contrato. Atuo na Educação Infantil, mas já trabalhei em várias áreas, incluindo o Ensino Fundamental I, do 1º ao 5º ano. Atualmente, estou na Educação Infantil e me encontrei nessa área, que eu gosto muito. Já se passaram 15 anos desde que comecei como professora. (Professora Joana)

Ao analisar a trajetória dessas sete mulheres, percebemos que todas nasceram ou moram há muitos anos em Belo Campo e possuem um sentimento de pertença intrínseco em suas falas, visto que, em nenhum momento, relataram o desejo de mudar de cidade. Da mesma forma, percebemos que todas são oriundas da classe trabalhadora e utilizam o trabalho docente como ferramenta de mudança de suas realidades e das de seus pares. Elas construíram seus lares, estabeleceram vínculos de afeto, criaram raízes e educaram seus filhos no município.

Um indicativo desse demarcador social de classe na fala dessas mulheres encontra-se, em especial, quando elas relatam “fiz até o 7º ano na época”²⁴⁸ ou “fiz até a 8ª série”²⁴⁹. Esses relatos demonstram que algumas delas tiveram muita dificuldade de estudar de forma contínua e precisaram interromper a formação em determinados momentos pelas suas condições materiais.

Um estudo publicado pela Agência Brasil em julho de 2020²⁵⁰ mostra que, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019, 39,1% dos jovens (14 a 29 anos) abandonaram a escola pela necessidade de trabalhar. Conforme a PNAD, esse é o

²⁴⁸ Professora Simone.

²⁴⁹ Professora Joana.

²⁵⁰ TOKARNIA, 2020.

fator prioritário da evasão escolar entre os jovens brasileiros. No entanto, para as mulheres da mesma faixa etária, o principal motivo seria o desinteresse de estudar (24,1%), seguido pela gravidez (23,8%), pela necessidade de trabalhar fora (23,8%) e pela prioridade de realizar afazeres domésticos ou cuidar de outros membros da família (11,5%). Este último fator foi indicado por apenas 0,7% dos homens.

Um estudo realizado pelo CEDECA (Centro de Defesa da Criança e do Adolescente) do Ceará em 2018²⁵¹ aponta que, no Brasil, meninas e mulheres têm 29 vezes mais chance de abandonar a escola do que os homens para cuidar da casa ou de alguém, especialmente nas regiões de maior concentração das desigualdades sociais, como Norte e Nordeste.

Nos capítulos anteriores, também discutimos a feminização do mercado de trabalho formal durante o século XX e do magistério primário enquanto uma estratégia do Capital que precisava de uma reestruturação pautada em uma mão de obra mais barata. Concomitantemente, o Capital também precisava expandir uma educação formal que qualificasse minimamente a classe proletária rumo à industrialização. Assim, a educação passou a recrutar mulheres da classe trabalhadora – sob discurso de magistério enquanto missão e paixão – e esculpiu uma categoria de profissionais mal remuneradas e precarizadas.

O resultado desse processo evidencia-se quando olhamos para os percentuais das mulheres atuando na educação: dos 367 profissionais da rede municipal de ensino de Belo Campo, 83% são mulheres; das 303 mulheres nos cargos de magistério, 71% estão sob o vínculo de contrato temporário. Ainda que o número de mulheres seja quase 5 vezes maior do que o número de homens na rede municipal, quase a metade dos profissionais com mestrado são homens. Isto é, mesmo compondo 83% da docência belo-campense, as mulheres só ocupam 62% dos cargos de gestão.

Logo, percebemos que a feminização do magistério, e não por acaso, para as mulheres pobres, torna-se uma oportunidade ímpar para o Capital e para as mulheres que desejavam adentrar ao mercado de trabalho. Nesse sentido, podemos notar sobre as motivações da escolha pela docência nas falas das mulheres professoras de Belo Campo.

Quando fui fazer o Ensino Médio, na época só existia o Ensino Médio profissionalizante, que era o magistério aqui em Belo Campo. Então, nessa época, que foi mais ou menos entre 1989 e 1990, me matriculei no curso de magistério. [...]. Na verdade, não fui eu quem escolhi ser professora; a situação acabou que, como era o único curso que tinha, acabei me matriculando e fazendo o curso. Mas foi nos estágios que comecei a tomar gosto da coisa e, desde então, nunca mais saí. Desde essa época, todos os meus empregos foram voltados para a educação. Sempre trabalhei na educação e, logo depois, em 2001, fiz minha primeira graduação em Letras. Também sou graduada em Pedagogia, sou pós-graduada em

²⁵¹ MADEIRO, 2019.

Gestão Escolar, em Psicopedagogia Clínica Institucional e especialista nos Impactos da Violência na Escola. (Professora Mirla)

Eu sou professora. Esse é um sonho pessoal meu: ser professora. Sempre gostei disso. No início, comecei em 1990, quando eu tinha 18 anos. Trabalhava como professora da Educação Infantil; eu era alfabetizadora e gostava muito disso. Naquela época, tinha muito pique e gás para cuidar dessa função. Com o passar do tempo, comecei a trabalhar no Ensino Fundamental II como professora de Ciências e Língua Portuguesa. De verdade, eu gostava mais de Língua Portuguesa. Naquela época, fiz apenas o magistério, porque era muito difícil entrar numa faculdade, e só depois é que fiz Letras. Hoje, atuo como professora de Língua Portuguesa, trabalhando com o 8º e 9º ano e também trabalho no eixo do 8º e 9º ano, que é o ciclo II, na EJA. (Professora Silvia)

Eu fiz Pedagogia. Primeiro, fiz o Normal Superior na FTC à distância e, depois, fiz mais dois anos de Pedagogia. Inicialmente, foi falta de opção; o que veio para mim, eu peguei. Aí, eu comecei a estudar e gostei do curso de Pedagogia. Comecei a fazer Biologia, mas depois mudei. Fiquei satisfeita com essa mudança. (Professora Simone)

Na época, eu trabalhava em outro salão e a remuneração baixa. Então, vi a oportunidade na docência. Como eu queria fazer Psicologia, ganhei uma parte da bolsa, mas não tive como pagar o restante por conta do valor que eu recebia. Assim, a Pedagogia era um curso mais acessível para mim, e optei por isso. (Professora Angela)

Tenho cinco anos de carreira, cinco anos que trabalho. Sempre gostei muito de ser professora. Graças a Deus, sempre tive bons professores ao longo da minha trajetória. Quando procurei uma faculdade, a Pedagogia foi o curso que mais se alinhou ao meu trabalho, porque não poderia me deslocar para tão longe para trabalhar. Na época, eu era doméstica quando comecei a estudar. Sempre me interessei por essa área e gosto muito, muito mesmo. Não mudaria de profissão. (Professora Lélia)

Eu não escolhi a docência. Depois que terminei o científico, em 2001, me convidaram para dar aula, e fui sem nenhuma experiência. Cheguei lá e, assim, não tinha nenhuma formação; meu estágio começou na sala de aula, sem experiência nenhuma. Nesse ano em que comecei a trabalhar, fiz o magistério em Conquista. E assim, estou até hoje na educação, mas não foi uma escolha; foi um convite, né? Me convidaram para dar aula e eu fui. (Professora Wendy)

As narrativas das mulheres professoras sobre sua inserção na docência retratam o processo já analisado anteriormente: a feminização do magistério da Educação Básica brasileira. Enquanto para todas essas mulheres, advindas da classe trabalhadora, à docência foi a possibilidade de adentrar ao mercado de trabalho, uma alternativa de remuneração, de certa estabilidade econômica através dos concursos públicos e do sonho de dar continuidade a

formação, para o Capital, promover o ingresso massivo de mulheres pobres nas salas de aula, foi uma ferramenta de manutenção da sua hegemonia perante uma crise.

Para que isso se efetivasse, implantou-se uma série de cursos de magistério nos municípios no final do século XX. O número de curso e matrículas de licenciaturas cresceu expressivamente nesse período. Com a expansão da Educação Superior privada, cresceu também o alcance dessas instituições nos lugares mais remotos, com propostas cada vez mais simplificadas e acessíveis. Em contrapartida, governos municipais ampliavam o número de vagas na Educação Básica, absorvendo cada vez mais profissionais – através de concursos públicos ou contratos temporários – e, não por acaso, cada vez mais mulheres.

Por isso, dentro dessa conjuntura, torna-se muito comum falas como “na verdade, não fui eu quem escolhi ser professora; a situação acabou que, como era o único curso que tinha, acabei me matriculando e fazendo o curso”²⁵², “inicialmente, foi falta de opção; o que veio para mim, eu peguei”²⁵³ ou “[...] não foi uma escolha; foi um convite, né? Me convidaram para dar aula e eu fui.”²⁵⁴.

Quando questionadas sobre as maiores dificuldades de ser professora na contemporaneidade e como essas dificuldades têm se modificado ao longo do tempo, respondem

Hoje, as maiores dificuldades e desafios encontrados na docência, tanto na gestão quanto como professora, são em relação à defasagem de aprendizagem dos nossos alunos, que ficou mais evidente após a pandemia. Os desafios existem e vão mudando ao longo do tempo. Antigamente, o nosso maior desafio estava relacionado à questão da estrutura, do material e de uma formação adequada. A educação, há algum tempo, não chegava para todos; o acesso era mais restrito. Hoje, percebemos que conseguimos atender a um número maior de pessoas. A educação alcança quase todos (Professora Mirla).

Gosto muito da educação, mas não me vejo por muito tempo nela. Pretendo sair e ficar somente no salão. A docência é mais desgastante, tanto fisicamente quanto mentalmente, pois surgem muitas questões sociais em relação às crianças, e acabo absorvendo muito disso. Não consigo deixar essas questões apenas na escola, então acabo trazendo para a minha vida, e me sinto doente psicologicamente por conta disso. O cansaço psicológico é muito grande. (Professora Angela)

Os desafios estão totalmente diferentes. Antigamente, o aluno tinha um pouco mais de respeito pelo professor e hoje não tem esse respeito, né? Porque, assim, o professor era como se fosse um segundo pai, e hoje o aluno já não vê mais assim. Acho que é mais ou menos baseado nisso.

²⁵² Mirla.

²⁵³ Simone.

²⁵⁴ Wendy.

Eu não mudaria de profissão, mas satisfeita a gente nunca fica, né? O fato é que o salário do professor é horrível, gente; é um caos. Eu nem tenho palavras para definir essa situação. É a tristeza que está em cada professor que se dedica aos alunos e faz tudo isso, e o salário é muito baixo. (Professora Joana)

Os relatos das professoras da rede municipal de Belo Campo seguem o mesmo cenário das pesquisas feitas a nível nacional e dos percentuais levantados pelo questionário utilizado. Segundo conferimos, as mulheres indicaram que os maiores desafios e dificuldades encontrados na docência vinculam-se à baixa remuneração (61,4%), falta de valorização (68,2%), adoecimento mental (55,3%), relação com as famílias (38,6%), comportamento/indisciplina dos alunos (53%) e das condições socioeconômicas dos estudantes (15,9%).

Assim, encontramos essas mesmas nuances nas narrativas das professoras entrevistadas. No entanto, percebemos novos aspectos em relação às informações produzidas por meio de outros instrumentos. Ao serem cogitadas as dificuldades, elas lembraram as mudanças ao longo de suas carreiras. Em especial para Mirla e Wendy, que têm, respectivamente, 31 e 23 anos de carreira, as transformações são evidentes.

Enquanto, outrora, a escola era restrita a uma parcela da população, as maiores dificuldades concentravam-se em questões de financiamento, remuneração, estrutura, formação, material e transporte. Mas, quando a escola passou a ampliar o número de vagas e atender a parcelas cada vez mais pobres e vulneráveis, outros aspectos passaram a influenciar a educação. Os problemas sociais, a indisciplina e a dificuldade de diálogo com famílias com outras configurações/vulnerabilidades ganharam destaque e se somaram às problemáticas anteriormente não resolvidas. Essa conjuntura, acrescida às políticas neoliberais que precarizaram gradativamente à docência, tem resultado no adoecimento físico e mental dos profissionais da educação. Como as mulheres são a maioria no magistério, acabam sendo as mais afetadas por essa realidade.

O livro *Condições de Trabalho e Saúde do Professor* (2020)²⁵⁵ demonstra como o avanço das políticas neoliberais e das reformas educacionais impactam diretamente o magistério. A flexibilização, os arrochos orçamentários, as extensas cargas horárias, as condições socioeconômicas dos alunos e a perda de controle do processo educacional desencadearam, ao longo dos anos, doenças, distúrbios e transtornos físicos ou psicossomáticos relacionados as condições trabalhistas e aos altos níveis de estressores.

Em especial, destaca-se os distúrbios vocais ocasionados pela quantidade excessiva de horas-aula, número de turmas, número de alunos por turma e comportamento dos alunos;

²⁵⁵ Dos professores Cláudio Pinto Nunes, Berta Leni Costa Cardoso e Erivan Coqueiro Sousa.

dores físicas constantes relacionadas às horas que os/as professores/as precisam ficar na mesma posição; dores de cabeça ou enxaquecas relacionadas ao barulho contínuo e ao estresse; ansiedade pela preocupação e pressão constante; e a síndrome de Burnout, que pode ter uma relação intrínseca com toda a conjuntura já firmada. Segundo a obra²⁵⁶, as condições a que os professores e professoras estão submetidos precisam extrapolar as pesquisas educacionais e atingir uma esfera dentro das discussões sobre saúde pública.

Outro elemento de grande destaque nas falas das mulheres, nos percentuais do questionário e nas pesquisas nacionais é tempo gasto para atividades da docência no ambiente doméstico. Sobre isso, elas relatam

[...] temos muitas atividades de trabalho, planejamento, correção, relatório. Eu passo muito tempo em casa trabalhando. Além das leituras e dos estudos que você precisa fazer e no trabalho não tem essa condição. [...] acabamos tirando muito tempo de dentro de sua casa, da sua família, para leituras, para relatórios, para atualização de sistema. (Professora Mirla)

O planejamento muda a dinâmica da vida sim e isso aí é o tempo inteiro. A gente faz isso em casa, né, o tempo inteiro preparando aula, às vezes à noite, depois que termina tudo, que todos vão dormir pra você preparar a sua aula, pra planejar, pra corrigir. É o tempo inteiro assim. A gente não para, né, e trabalha mais em casa do que na escola. (Professora Silvia)

Na educação infantil, a gente não tem, assim, atividade para estar corrigindo, né? A gente tem mais, assim, que produzir material, porque a gente não faz atividade de pesquisa com eles. Aí eles produzem na sala que a gente vai corrigindo, na sala de aula mesmo.

[...] A gente faz uma parte do planejamento na escola, [...], mas o que a gente planeja na escola é executado dentro de casa. Como lá tem apenas um computador e o meu computador é fixo, eu não posso carregar, então, eu trabalho em casa. Aí é mais ou menos uns 2 dias para preparar as atividades. Eu gasto uns 2 dias, eu divido em etapa, assim 2 dias, né, procurando as atividades, selecionando todas, e no outro dia eu vou colocar em ordem, produzir o material e enviar pra imprimir na escola. (Professora Wendy)

Perante as informações fornecidas pelas professoras a partir do questionário, 38,8% delas relatam utilizar de 1 a 2 horas do seu dia para o planejamento ou correção de atividades em casa, enquanto 29,1% delas utilizam de 2 a 3 horas, 20,1% utilizam de 3 a 4 horas, 7,5% utilizam de 4 a 5 horas e 4,5% utilizam mais de 5 horas diárias. Esse tempo utilizado acaba sendo particular de cada etapa ou modalidade. A exemplo, percebemos nos dados levantados que professoras que cumprem a reserva técnica²⁵⁷ – como é o caso de Lélia – tem uma

²⁵⁶ Condições de Trabalho e Saúde do Professor (2020).

²⁵⁷ Segundo o CME de Belo Campo, durante um dia da semana, as/os professoras/es regentes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental 1 dedicam-se exclusivamente ao planejamento, correção e qualificação.

demanda maior de planejamento e correção. O mesmo acontece com professoras da Educação Infantil, que acabam tendo que produzir muito material para a realização das atividades na sala. De mesmo modo, as professoras têm grande propensão a realizar atividades profissionais no ambiente doméstico, visto que as demandas da gestão muitas vezes podem ocorrer fora horário de trabalho, nas suas férias, nos feriados e finais de semana. E isso atinge mais as mulheres que também são responsáveis pela casa, filhos e demais familiares.

Durante as entrevistas semiestruturadas, as mulheres professoras relatam sobre sua rotina e seu cotidiano, tanto no ambiente doméstico, quanto nas escolas.

Tenho uma rotina bem corrida; trabalho o dia todo. Todos os dias, saio para trabalhar e tenho que ter um horário certo para almoçar. Então, ao levantar, às vezes eu preciso adiantar o almoço, cuidar dos cachorros e colocar a roupa para bater. Chego às 12 horas e tenho que terminar de fazer o almoço, almoçar e arrumar a cozinha. Volto para o trabalho e, quando chego às 18 horas, é o horário em que poderia fazer um exercício físico ou alguma coisa, sabe? Mas o tempo é curto porque tenho outras tarefas da casa para fazer. No final de semana, não tenho que trabalhar fora, mas também não tenho ninguém que me ajude em casa; assim, tenho mais trabalho e preciso fazer praticamente tudo sozinha também. (Professora Mirla)

No meu dia-a-dia, trabalho na escola e aqui na rotina da casa. Acordo cedo, tenho que levantar às 5:00 da manhã para ir à academia, porque preciso ter esse tempo, né? Vou para a academia e, às 7:00, já tenho que estar pronta para sair para a escola. Aí, tenho que fazer o café e deixar a comida encaminhada. Chego da escola às 11:30. À tarde, não trabalho; trabalho à noite. Durante a tarde, cuido de lavar e passar roupa, essas coisas. À noite, tenho aula e, ao retornar, vou adiantar a comida para o dia seguinte. Eu devo dormir às 23:30 ou meia noite; é o horário pra acordar no outro dia às 5 horas. (Professora Silvia)

Eu levanto às 5 horas da manhã e vou para a academia. Chegando em casa, faço minha marmitta. Às vezes, nem dá tempo de tomar banho; tomo café e já vou para a zona rural, onde almoço. Os alunos são liberados às 11:30, só que o ônibus só passa meio dia. Aí tenho que entregar os que são pequenos, e vou almoçar por volta de meio dia e meia. Uma hora já começa o segundo turno, e eu chego aqui às 17:50. Começa o terceiro turno, que é a organização da casa e o almoço em seguida. No final de semana, é faxina, lavar e passar roupa; é uma rotina bem pesada. (Professora Simone)

Eu levanto às 7:00, né? Para poder dar café para as meninas. Aí eu dou o café para elas às 8:00 e vou fazer o planejamento da EJA, que é à noite, e da escola aqui. Como aqui eu sou de mais turmas e as salas têm mais alunos, preciso deixar tudo corrigido e pra noite já deixar tudo impresso. Porque quando eu saio daqui meio dia, só vou chegar às 22:30 da noite; porque de uma escola já vou para a outra. Saio da escola às 17:00, pego o ônibus e vou direto para a zona rural. [...] Sobre as tarefas domésticas, quando chego às 22:30, vou lavar a louça e ajeitar a janta, assim já fica

Enquanto isso, suas turmas ficam sob a responsabilidade das professoras da Reserva Técnica. Normalmente, essas profissionais acabam lecionando em todas as turmas da escola e podem ter um número de horas de planejamento muito superior aos demais docentes.

pronta para o almoço. Aí eu tomo banho e, à noite, é quando organizo a casa. Quando meu marido chega, ele me ajuda bastante também; o que tiver para fazer, ele vai fazendo. (Professora Lélia)

De manhã, eu levanto às 6:10 para preparar um café e colocar meus filhos para a escola. Aí eu já saio para trabalhar também. Tenho uma menina que me ajuda; ela faz o almoço e limpa a casa, e depois eu volto para a escola. Quando eu volto da escola, às 17:00, preparo um café para eles, um lanche e a janta para meu esposo. Daí, quando vou tomar banho, já é 21 horas. Então, já estou esgotada, né? Trabalho fora e, quando chego em casa, também tenho as obrigações. Essa é a rotina. No final de semana, eu acho que tenho mais trabalho ainda, porque vou dar uma faxina na casa, lavar o quintal, lavar o banheiro, essas coisas, e lavar roupa. Então, no final de semana, é mais trabalho ainda em casa. (Professora Wendy)

A rotina retratada por essas mulheres, por meio de suas narrativas, revela como seus cotidianos estão profundamente entrelaçados entre duas esferas: a escola e a casa. Em nenhum momento, mencionaram situações ou interesses que se afastassem, mesmo que minimamente, da educação, da casa, dos filhos ou da família. Essas mulheres parecem estar completamente imersas nesse universo, a ponto de seu trabalho se tornar tão repetitivo e mecânico que tende a se tornar alienado, sem sentido e sem uma função social percebida por elas mesmas.

Bem como Darcy Ribeiro disse que “a crise da educação no Brasil não é uma crise; é um projeto”²⁵⁸, a rotina dessas mulheres, de mesmo modo, é um projeto político, econômico, social e ideológico do Capital. Essas professoras precisam se preocupar, constantemente e incansavelmente, com a manutenção contínua das condições materiais, com as suas casas, com suas famílias, com seus alunos, com suas múltiplas funções nas escolas. Pouco tempo, ou quase nenhum, lhes resta para qualificação profissional, para arte, para lazer, para participação da vida pública, para política, para as discussões de valorização do trabalho docente e de garantia de direito das mulheres e para os debates das políticas públicas que mudam o rumo da educação e da sociedade.

As falas dessas mulheres sobre suas rotinas nos elucidam uma série de questões dignas de debate e aprofundamento. A fala de Mirla²⁵⁹ exemplifica o que já foi compreendido na seção anterior: com menos de 9 horas diárias disponíveis, essas professoras dificilmente têm tempo para passar com a família ou realizar exercícios físicos, exceto se adotarem uma rotina como a de Simone, que acorda às 5 horas da manhã para ir à academia.

As rotinas das professoras Simone e Lélia igualmente chamam a atenção pois ambas são professoras da Educação do Campo e são marcadas por uma carga horária intensa e uma

²⁵⁸ Apud LUZ, 2014, p. 38.

²⁵⁹ “Volto para o trabalho e, quando chego às 18 horas, é o horário em que poderia fazer um exercício físico ou alguma coisa, sabe? Mas o tempo é curto porque tenho outras tarefas da casa para fazer. No final de semana, não tenho que trabalhar fora, mas também não tenho ninguém que me ajude em casa.”

divisão de responsabilidades que evidencia o quanto o exercício da docência pode ser extenuante. Simone, por exemplo, inicia seu dia às 5 horas da manhã com uma ida à academia, prepara sua marmita e desloca-se para a localidade onde trabalha e faz todas as suas refeições do dia. Depois de garantir que os alunos menores sejam entregues, Simone almoça rapidamente e às 13:00 inicia seu segundo turno. Sua jornada se estende até às 17:50, momento em que inicia o terceiro turno, dedicado à organização da casa e ao jantar. Seus finais de semana são igualmente atarefados, reservados para faxina, lavar e passar roupa.

Lélia, por sua vez, inicia seu dia às 7:00, preparando o café da manhã para suas filhas. Em seguida, dedica-se ao planejamento das aulas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) que ocorrem à noite, além das atividades das turmas diurnas. Sua jornada se inicia ao meio-dia, quando sai de uma escola e segue direto para outra, no Campo, retornando para casa apenas às 22:30. Mesmo nesse horário, Lélia ainda se dedica a lavar a louça, organizar a casa, fazer o jantar e deixar o almoço do dia seguinte pronto.

Outro fator que se destaca nas narrativas dessas mulheres é que, apesar do esforço contínuo em seus afazeres em casa e na escola, nenhuma delas, exceto Lélia, compartilha o trabalho doméstico não remunerado com seus companheiros. Ainda assim, quando o faz, Lélia afirma que seu marido a “ajuda”, ressaltando que a renda dela é a principal da casa, o que exige maior dedicação de seu tempo. Essa afirmação demonstra que, historicamente e socialmente, o trabalho doméstico é de responsabilidade da mulher e, para o homem, este sempre foi facultativo.

Em suas falas sobre o trabalho doméstico não remunerado, as professoras descrevem

Realizo tudo dentro de casa: comida, lavar roupa, passar roupa, tudo, tudo, né? Olha, eu nem posso falar a quantidade de tempo que uso para fazer as coisas em casa, porque, às vezes, quando eu chego da escola à noite, ainda vou fazer comida para o dia seguinte, já que tenho que sair cedo para trabalhar. Então, estou usando o tempo inteiro; só quando estou dormindo é que não trabalho. Fora isso, estou trabalhando o tempo inteiro. Quando não estou na escola, estou trabalhando em casa. Dentro de casa, realizo tudo: arrumo a casa, faço comida, passo roupa; tudo sou eu! E, se sobrar um tempinho, mexo nas plantas. Tenho uma menina que faz faxina para mim uma vez por semana (Professora Silvia)

Eu que faço tudo; não pago ninguém. Eu lavo, passo, cozinho, faço feira de mercado, feira de verduras, faxina; tudo em relação à casa sou eu. Acredito que gasto umas 3 horas todos os dias. [...] eu acordo às 4:40, vou para a academia, chego aqui, faço uma marmita, tomo banho, tomo meu café, coloco as coisas para fora, alimento os cachorros e vou para a zona rural. Vou para a rua pegar o ônibus e vou trabalhar. Lá, trabalho até 11:30, depois vou almoçar e retorno para o segundo turno. Trabalho à tarde cuidando de uma criança especial. Às 5 horas, libero a criança; o pai vai buscar e eu fico esperando o ônibus. O ônibus chega aqui entre 17:40 e

17:50. Aí vou cuidar da casa: faço a janta, varro a casa, limpo o banheiro. Na quinta-feira e no domingo, ainda vou para o culto na igreja. (Professora Simone)

Eu lavo, passo cozinho, cuido das crianças, limpo a casa, tudo, tudo, tudo, tudo. Faço o mercado, a feira, tudo sou eu. Acho que é 4 até 6 horas, assim, seguidas, né? Porque depois a gente sempre tem que tá mexendo de novo à noite, durante o dia, porque criança bagunça muito. Sou só eu, não tenho ninguém que ajuda, mas meu marido também contribui bastante com tudo, tipo assim, tudo que eu tenho pra fazer ele também faz. Se tiver que organizar as coisas da escola, aí ele já lava a louça, faz a comida, sempre cuida das crianças pra mim, porque ele entende, né, que o meu trabalho é a principal renda da casa e preciso me dedicar. (Professora Lélia)

Em casa, eu faço o almoço, a faxina na casa, eu que dou. Eu gosto de faxinar, eu não gosto de colocar alguém pra faxinar, eu mesmo gosto de fazer. Porque pagar e depois você falar assim, olhar e não ficar satisfeito, eu mesma faço. Eu lavo roupa, os trabalhos mais pesados, [...] serviço de lavar quintal, de lavar roupa sou eu. Eu que cuido dos meus filhos, sou eu também. Pra tá orientando nos trabalhos de escola, pra estudar pras provas, pra fazer trabalhos, então eu tenho que tá orientando eles. (Professora Wendy)

As falas como as de Silvia, quando diz “só quando estou dormindo é que não trabalho”, evidenciam o que esta pesquisa tem argumentado, pois a quantidade de horas trabalhadas por essas mulheres professoras, de forma remunerada e não remunerada, é incalculável. Sob a perspectiva do Materialismo Histórico Dialético é possível compreender e problematizar radicalmente o papel das mulheres trabalhadoras e do trabalho doméstico não remunerado no funcionamento sociometabólico do Capital. Para que essa apropriação se concretizasse, o Capital se apropriou do trabalho produtivo, improdutivo e reprodutivo dessas mulheres, as quais tiveram suas contribuições são subvalorizadas e a sobrecarga é naturalizada por meio da internalização de valores e práticas hegemônicas. Impactando a vida das trabalhadoras, que constantemente são expropriadas de seu tempo, energia, lazer, autocuidado e qualidade de vida.

Nesse sentido, as mulheres entrevistadas também foram questionadas sobre a prática regular de atividade física, rotina de lazer e qualidade de sono e alimentação. Elas relatam que

A rotina de trabalho impacta muito na qualidade de vida. Vejo que poderia melhorar minha rotina e, conseqüentemente, também a qualidade do sono. Quando chegam quinta e sexta-feira, já sinto o peso do trabalho e o cansaço. O problema é conseguir tempo para deitar e dormir mais de seis horas.

[...] Hoje, tenho mais tempo livre, porque elas [as filhas] já trabalham, posso sair nos finais de semana e passear com elas. Antes, eu não sentia que tinha muito tempo porque as meninas dependiam de mim. Qualquer dinheiro que você tirasse do orçamento ia fazer falta. Assim, às vezes tínhamos vontade e necessidade de nos divertir, de sair e passear um pouco, mas sempre faltava tempo ou dinheiro. (Professora Mirla)

Eu faço academia e preciso ir às 5 horas da manhã. Se eu deixar para ir durante o dia, não dá tempo; e se eu deixar para a noite, estou cansada e também não dá tempo, porque tenho que fazer as coisas dentro de casa.

[...] Meu sono, eu acho bom; assim, tem dias que eu durmo melhor e dias que eu não durmo tão bem, mas eu acho que as preocupações acabam atrapalhando o sono.

[...] Minha alimentação melhorou bastante. Eu me alimento bem, mas não tenho tempo adequado para me preparar tudo. Assim, o tempo que eu tenho, eu aproveito para fazer o melhor. O trabalho acaba atrapalhando o horário certo de me alimentar e o modo de preparar. Às vezes, eu não tenho tempo de levar o lanche; por exemplo, às 10 horas, eu acabo comendo alguma coisa dentro da escola que eu devia ter levado, mas, como não é saudável, acaba comendo o que não devia.

[...] o cansaço da semana faz com que, quando chega o final de semana, eu prefira ficar em casa. Quando tenho tempo de lazer, vou um pouco mais na casa de um amigo, a uma pizzaria, a uma sorveteria ou à praça, mas não é sempre. (Professora Simone)

Praticamente não tenho tempo para lazer; eu não tiro assim um tempo. Geralmente, eu tenho só o domingo, e, no domingo, geralmente me dedico ao trabalho doméstico. Às vezes, até quando sobra um tempinho, estou tão cansada que prefiro ficar em casa sem fazer nada. (Professora Angela)

Eu durmo bem pouquinho; acho que 4 ou 5 horas, é bem pouco. Chego às 23:00 da noite, né, e, mesmo assim, vou organizar a casa. [...] As atividades na escola e as atividades de casa impactam, sim; eu tenho muita ansiedade, né, e aí tenho dificuldade para desligar das coisas. Aí já vou dormir pensando que tem coisa para fazer, atividade para corrigir; isso junta com as coisas da casa, né, que você não consegue terminar para ficar descansada. Ah, tem que organizar, tem que limpar, eu já durmo pensando.

[...] Eu me alimento bem corrido para dar tempo de tudo. Não acho que é 100%, mas é uma alimentação boazinha, embora sempre na correria. Até porque eu tenho que me alimentar e alimentar minha filha junto, né? O trabalho impacta muito na alimentação, com toda certeza, até porque eu só tenho almoço, né, de 100%, porque à tarde eu estou na escola e à noite eu estou na EJA. (Professora Lélia)

O lazer é mais no final de semana, mas não são todos; assim, é uma vez ou outra que a gente sai. Vamos na zona rural ou em Conquista, né? Em Belo Campo não tem muito o que fazer; ou vamos à praça, mas, assim, é muito raro. Vou na pizzaria ou na praça com as crianças para comer lanche ou sair um pouco, também, para ir a uma sorveteria. No final de semana, sempre com os filhos. Às vezes, você tem tempo, mas se sente cansada, mais desgastada para sair; muitas vezes, prefiro ficar no sofá assistindo a um filme do que sair, mesmo tendo tempo. (Professora Wendy)

Uma temática que tem ganhado notoriedade entre os pesquisadores e pesquisadoras da educação é a saúde mental e física dos profissionais do magistério. Uma pesquisa realizada por Nayara Ribeiro Gomes (2019)²⁶⁰ no Programa de Pós-graduação em Ciências Fonoaudiológicas da Universidade Federal de Minas Gerais ouviu 5,6 mil docentes brasileiros e portugueses, no intuito de reconhecer os impactos de fatores relacionados à docência na saúde e adoecimento dos professores. Segundo o estudo, além da exposição a ruídos que

²⁶⁰ Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

podem provocar doenças vocais, os baixos salários, a falta de apoio social, a vulnerabilidade a situações de violência e a desvalorização tem causado danos à saúde e repercutem no desempenho e satisfação. Dentre os principais problemas de saúde relacionados à docência, estão os Transtornos Mentais Comuns (TMC), como ansiedade, depressão e sofrimento emocional (53,3%) e as Dores Musculoesqueléticas (DME), na região lombar, nos ombros, braços e nas pernas (26,7%).

As pesquisas no âmbito nacional e internacional, como as mencionadas nessa dissertação, apontam que a prática regular de atividade física, lazer e qualidade de sono e alimentação podem ter uma relação direta com a saúde e adoecimento desses profissionais. Em Belo Campo, 46,3% das mulheres do magistério não realizam nenhuma atividade física e, quando realizam, precisam sacrificar o tempo de sono para darem conta de todas as demandas que envolvem o trabalho fora de casa e em casa. Além disso, 73,1% afirmam que o trabalho como professora, as responsabilidades domésticas e/ou a maternidade afetam negativamente a qualidade do seu sono. Quanto à alimentação, 79,9% das mulheres avaliam sua dieta como boa ou razoável. No que diz respeito ao lazer, 44% mencionam participar de atividades recreativas apenas uma vez por mês e 14,2% afirmam não ter momentos de lazer.

Esses dados refletem diretamente na vida das professoras em Belo Campo. Quando questionadas sobre problemas de saúde, 38,2% relatam dores constantes nas costas, 32,4% enfrentam dores de cabeça frequentes, 23,5% apresentam enxaquecas persistentes, 18,6% são hipertensas, e 44,1% relatam ansiedade.

Durante as entrevistas, algumas mencionam dificuldade para dormir, especialmente devido ao acúmulo de preocupações relacionadas ao trabalho docente, às tarefas domésticas e/ou aos filhos. Elas expressam preocupação com uma alimentação balanceada e saudável, mas muitas vezes encontram dificuldade em preparar as refeições com calma, já que possuem uma rotina agitada e passam bastante tempo fora de casa. Algumas conseguem praticar atividade física – especialmente na academia – de forma regular, mas outras afirmam que acabam se sentindo sobrecarregadas pelas diversas funções que desempenham e não conseguem manter a constância nos exercícios.

No entanto, um ponto em comum entre todas as entrevistadas é a relação entre lazer e docência, especialmente no início da carreira ou no caso das mães com filhos pequenos. Todas essas mulheres, quando mães de crianças menores de 12 anos, sentem muita dificuldade de praticar atividades prazerosas de lazer, visto que o lazer se torna muito mais caro. No início de suas carreiras, elas enfrentam situações mais instáveis, ficando submetidas

a um maior nível de precarização e baixos salários. Logo, em ambas as situações o lazer torna-se escasso.

Outra observação interessante e comum entre algumas professoras é a relação entre o lazer e o cansaço físico e mental. Algumas relatam que, muitas vezes, estão tão fatigadas que preferem ficar em casa a realizar qualquer atividade de lazer. O que podemos perceber, nesse sentido, é que, além dos estressores provocados pela precarização – como escolas com estrutura inadequada, baixa remuneração, acúmulo de funções e pressão por prazos e metas – as professoras também são privadas do tempo necessário para exercer atividades que amenizem os impactos do trabalho docente, como lazer, alimentação saudável, sono de qualidade e atividade física regular.

Um outro ponto muito persistente nas narrativas das mulheres é a maternidade, visto que, das sete entrevistadas, seis são mães. As entrevistadas relatam

É muito difícil ser mãe. As duas primeiras filhas eu criei sozinha. Às vezes, você fica pensando que vai enlouquecer, que não vai dar conta, principalmente quando elas adoecem ou têm algum problema de saúde, e você se sente um pouco impotente, muito culpada por muitas coisas que acontecem. Às vezes, você pensa que não tem tempo para cuidar delas; ou, quando você tem tempo, vê que elas estão passando por necessidades. Então, é uma loucura essa questão de ser mãe e cuidar de tudo. Ser mãe e sustentar a casa é muito difícil, porque você fica nessa divisão de sentimentos: ou você tem tempo para cuidar, ou você cuida e falta alguma coisa e elas passam por necessidades.

Quando elas eram pequenas era uma correria. Eu pagava uma pessoa; sempre tive que trabalhar fora e, assim, tinha que pagar alguém para me ajudar a cuidar. Mas era muito corrido, porque, além de tudo isso, ainda tinha que dar conta da educação das meninas, sentar e estudar junto, acompanhar as atividades da escola e as consultas. Então, é realmente muito corrido (Professora Mirla).

Tenho 3 filhos. Fui mãe aos 17 anos e hoje sou mãe solo; sou mãe solo há 19 anos. Não tenho filhos pequenos hoje, não; minha caçula tem 23 anos. Sempre fui responsável por cuidar dos meus filhos. [nome do filho 2] é como se fosse o pai de [nome do filho 3]; ele que cuidava dela para mim quando eu ia pra escola. Então, sempre fomos eu e eles, uns cuidando dos outros.

[...] Conciliar a maternidade com o trabalho não era fácil, não. Era muito difícil, principalmente quando eu dava aula à noite em São Felipe. Às vezes, o carro quebrava e eu chegava meia noite. Eu deixava a [nome do filho 3] na casa da minha mãe e tinha que passar para pegar, porque ela não gostava de dormir lá. Aí eu tinha que pegar ela meia noite, levá-la pra casa, porque no outro dia ela saía cedo para a escola. Então, foi assim uma luta até eles crescerem.

[...] Eu acho que eles não sentiram muito a minha ausência, sabe? Porque, apesar de tudo isso, é o que estou lhe falando, [nome do filho 3] não gostava de dormir fora. Então, eu ia buscá-la para dormir em casa. E eles nunca foram de rua; eram muito caseiros. Até quando eu ia corrigir minhas atividades, [nome do filho 2] me ajudava, [nome do filho 3] me ajudava; sempre me ajudavam. Sabe? Então, assim, não houve ausência. (Professora Silvia)

Tá bem puxado; é uma criança de seis anos e uma de cinco meses, é bem difícil. Eu fui mãe aos 23 anos. Sou casada; é uma união estável, casada no religioso.
 [...] Minha mãe é quem olha elas para mim durante a semana. E, quando não é minha mãe, sou eu e meu marido. [...] Hoje, quem alimenta, veste e cuida no cotidiano normalmente sou eu e a minha mãe, né? Porque meu marido chega às 17 horas e ele só cuida das meninas a partir das 17 horas.
 [...] E, quando elas estão doentes, só eu levo ao postinho, ao médico, e tudo.
 [...] Normalmente, nas atividades da escola, os trabalhos, tudo sou eu.
 [...] Conciliar hoje a maternidade com o trabalho é um pouco frustrante, né? A gente acaba não ganhando muito e não vê muito, assim, com o crescimento delas. A gente tem que focar 100% no trabalho, porque não pode deixar de trabalhar por conta das crianças, né? Mas a gente não pode ficar 100% no trabalho; fico bem dividida (Professora Lélia).

Percebemos, a partir dos relatos, que, assim como o gênero é um fator agravante nas condições de trabalho e na qualidade de vida das trabalhadoras da educação, a maternidade – especialmente a maternidade solo – intensifica essas desigualdades²⁶¹. Além das funções docentes remuneradas, as mulheres dedicam muito tempo e repetidamente a atividades como lavar, passar, cozinhar, cuidar dos animais e das plantas, limpar a casa, entre muitas outras. Junto a essas tarefas, as responsabilidades da maternidade também geram estressores emocionais. Muitas vezes, essas mulheres precisam trabalhar para garantir o sustento dos filhos, mas isso resulta em distanciamento, pois conseguem passar pouco tempo com eles. Esses fatores geram sentimentos de culpabilidade entre algumas mães, que expressam: “nessa divisão de sentimentos: ou você tem tempo para cuidar, ou você cuida e falta alguma coisa, e elas passam por necessidades”²⁶² e “conciliar a maternidade com o trabalho hoje é um pouco frustrante, né? A gente acaba não ganhando muito e não vê muito, assim, com o crescimento delas”²⁶³.

Finalmente, as entrevistadas foram questionadas sobre os tipos de desgastes ocasionados pela docência e pelo trabalho doméstico não remunerado.

A atividade docente desgasta, sim, sem dúvida. A convivência é muito difícil; nos deparamos com problemas sociais que mexem muito com o emocional. Então, sem sombra de dúvidas, os problemas sociais acabam desgastando você, não tem jeito de você não se envolver. É isso acaba mexendo muito com a gente. [...] No trabalho, é um desgaste mais mental; você precisa cumprir com a obrigação, responsabilidade e compromisso, precisa cumprir tudo.

O trabalho doméstico desgasta fisicamente; é muito mais cansativo que, às vezes, você chega tão cansada e percebe que ainda precisa cuidar da casa. [...] Quando você chega em casa, é um desafio físico e, às vezes, um pouco emocional, porque você já chega abalada e se sente na obrigação de cuidar da casa, de cuidar de todo mundo

²⁶¹ Perante as informações levantadas pelo questionário, 76,6% das professoras são mães, sendo que 21,3% delas são mães solo. Além disso, 69,9% têm filhos menores de 12 anos. Quando se trata de cuidados diários, 91,2% são as principais responsáveis por alimentar, vestir e ajudar seus filhos nas atividades cotidianas. Em situações de doença, 90,2% assumem a responsabilidade de cuidar deles, enquanto 78,6% participam ativamente das atividades escolares.

²⁶² Mirla.

²⁶³ Lélia.

que está ali. É como se todo mundo ali fosse de sua responsabilidade, e você se sente assim, às vezes, um pouco até sem força. É como se tudo que não está no lugar, que está faltando, que não foi feito, a culpa fosse sua. Por mais que não seja, a sua tarefa ou obrigação dentro da casa, mas você sente que tudo ali tem que estar organizado e que a culpa e a responsabilidade são suas. (Professora Mirla)

[...] no trabalho de casa, eu gosto muito de cuidar da minha casa; eu gosto muito disso. Assim, eu não sou aquela pessoa perfeccionista, mas sou organizada. Então, eu faço ao meu tempo o que dá para eu fazer. Às vezes, arrumo a casa à noite, porque quero deixá-la arrumada. Às vezes, eu falo: “Vou arrumar para já ficar tudo organizadinho”. [...] Quando tinha filho pequeno, era mais complicado, porque você tinha que arrumar, lavar; era aquela luta, correria, toda hora tinha que providenciar uma coisa. Às vezes, eu saía, dava aula em outra cidade e tinha que deixar tudo pronto: a merenda, a comida. Nunca teve outra pessoa; nunca tive outra pessoa para cuidar. Era eu e meus meninos. Era muito pesado.

O trabalho como professora desgasta muito, e às vezes eu chego da escola aqui e falo “meu Deus do céu!” Porque não tem como você não trazer os problemas da escola pra sua casa, né? Tem situações lá que você fala: “Poxa, será que eu vivi isso mesmo?” E aí a gente acaba trazendo; não tem como não trazer. É um desgaste mental, porque os jovens de hoje são bem complicados. E eu não sei, parece que eu tenho um dom de bater o olho e eles trazem os problemas para mim, sabe? A gente acaba carregando os problemas deles e trazendo para casa. Não tem como evitar, e aí você fica pensando: “O que eu posso fazer? Como eu posso ajudar?” E são situações bem complicadas, né? [...] Pelo lado emocional, eu acho que a escola hoje pesa muito. O aluno, o pai do aluno, não respeitam a gente. Eu passei por uma situação bem complicada, há pouco tempo, de um pai de aluno me faltar com respeito. Em minha vida e carreira, há quase 35 anos, eu nunca tinha passado por aquilo; foi bem complicado. E isso deixa a gente desestimulada, porque você está ali para cuidar. Eu sempre respeitei o meu aluno; na escola, eu sou a mãe, a psicóloga, a professora, a irmã e a tia. Sou um pouquinho de cada coisa, e isso desgasta, e a gente se sente desrespeitado, né? (Professora Silvia).

O que me desgasta mais é o trabalho doméstico. Eu gosto dessa correria de ir e voltar para a escola; eu acho que minha mente fica melhor. O trabalho doméstico me desgasta fisicamente. O professor não é tão valorizado, mas o trabalho doméstico é ainda mais desvalorizado. Eu acho que o esforço acaba machucando o corpo, a coluna; aquela agitação, aquela movimentação de ter que fazer as coisas rápido, porque você tem que fazer a comida, porque tem que ter horário certo de almoçar, eu acho cansativo. Porque não é só uma coisa que você tem que fazer, não. É limpar a casa, fazer comida, forrar uma cama, colocar uma toalha no sol, varrer o quintal. Então, não é só uma coisa; uma cozinheira só cozinha e vai embora, e uma dona de casa não faz só isso; são várias coisas (Professora Simone)

O trabalho tem um desgaste mental, porque acaba sendo muito estressante, com muitos alunos, muitas atividades. É uma demanda muito grande, com muitas exigências. [...] O trabalho docente é mais desgastante, porque ele não tem fim. Lá você vai e trabalha, e depois vê o que tem que trazer para casa. No trabalho doméstico, meu marido pode me ajudar, mas na docência sou só eu; não tenho ninguém que vai fazer por mim, né?

Eu nem sei, acho que o mais desgastante é a rotina mesmo. Assim, sabe, é o ir e vir, são muitos alunos e muitas atividades. Como eu sou da reserva técnica, eu pego todos os alunos da escola, e acaba que são muitas atividades que eu tenho que corrigir por semana (Professora Lélia)

O trabalho como professor desgasta fisicamente e mentalmente, porque são muitos projetos, um em cima do outro. Na Educação Infantil, a gente trabalha muito com projetos, então você cansa tanto fisicamente quanto mentalmente. Hoje, o trabalho doméstico desgasta mais fisicamente; mentalmente, não, porque eu gosto de executar, mas você fica cansada. Às vezes, eu sinto que deveria ter mais atenção; eu acho que deveria acompanhar mais na escola. Às vezes, marcam uma reunião na escola e eu não posso estar presente. Então, eu acho que eu cobro mais de mim. [...] O trabalho doméstico, eu acho que é mais cansativo que o docente, porque no trabalho docente você executa e vem outro projeto diferente para você executar, mas no doméstico não; é repetitivo, é a mesma coisa todo dia. Eu acho que o trabalho doméstico é mais cansativo (Professora Wendy).

A docência desgasta fisicamente; você sofre por vários fatores, fora o financeiro, que a gente não vai colocar muito em pauta. Mas o trabalho em casa me cansa mentalmente. A gente fica pensando, né? “Vou ficar aqui, tenho que fazer comida, tenho que lavar roupa, tenho que lavar o quintal, arrumar o closet.” Então, isso aí, mentalmente, cansa, porque você já se cansa sem fazer. O trabalho dentro de casa cansa mais (Professora Joana).

Os dados produzidos por meio do questionário revelam que, entre as mulheres professoras de Belo Campo, 88,8% afirmam que o trabalho como professora as desgasta fisicamente ou mentalmente, enquanto 90,3% relatam que o trabalho doméstico não remunerado também as sobrecarrega. Para 35,8% dessas mulheres, ambos os tipos de trabalho causam desgaste semelhante; 25,4% consideram o trabalho docente mais exaustivo, enquanto 32,8% acreditam que o trabalho doméstico não remunerado é mais cansativo.

Esses percentuais são corroborados pelas falas das professoras e revelam que ambos os trabalhos podem ser equânimes em termos de sobrecarga física e mental, embora haja uma predominância nas falas das mulheres sobre a intensificação do desgaste mental na docência e do desgaste físico no trabalho doméstico não remunerado. O cenário – construído a partir das fontes e das análises realizadas a partir delas – mostra uma situação de intensa e desumana sobrecarga laboral entre as mulheres professoras, tanto no âmbito profissional quanto no doméstico, devido à ampliação de suas atribuições e às precárias condições do trabalho docente, somadas às tarefas domésticas não remuneradas historicamente atribuídas.

De muitos modos, a precarização do trabalho docente, a falta de tempo, o acúmulo de funções no trabalho doméstico não remunerado, a maternidade tem criado um corpo de docentes – majoritariamente feminino – adoecidos e culpabilizados. Mas, perante esse cenário, quais os rumos tomar?

5.7 O CENÁRIO CONSTRUÍDO E O PAPEL DAS POLÍTICAS PÚBLICAS: COMO SE TRANSFORMA UMA SOCIEDADE?

Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo.

Karl Marx em *A Ideologia Alemã* (2007)²⁶⁴

Em dezembro de 2023, o diretor grego Yorgos Lanthimos lançou o aclamado “Pobres Criaturas”. O longa-metragem é uma obra de ficção científica com fortes referências aos clássicos “Frankenstein” (1931) e “Metrópolis” (1927). A narrativa, ambientada em uma era vitoriana distópica, é conduzida pelo arco de Bella Baxter²⁶⁵, uma mulher que é fruto de um experimento realizado pelo cientista Godwin Baxter. No enredo, Bella mal sabe falar, andar e pouco conhece das convenções sociais, mas foge de God, seu pai e criador, para conhecer o mundo e, conseqüentemente, questioná-lo. Ao conhecer a crueldade e as injustiças, Bella revolta-se e é acalentada pela personagem Kathryn Hunter quando diz “dessa forma, podemos entender o mundo. E uma vez entendido... o mundo é nosso”.

O aclamado filme de Lanthimos questiona profundamente as concepções morais e os padrões de gênero e, a partir dessa máxima, rememora a verdadeira concepção das práxis: compreender para transformar. O caminho trilhado até aqui teve a intenção de interpretar a totalidade e as múltiplas determinações do trabalho docente feminino na Educação Básica brasileira aliado ao trabalho doméstico não remunerado, mediante a conjuntura da dominação capitalista, neoliberal e patriarcal.

Mas como se transforma uma sociedade? Como se transforma uma sociedade que há milênios dominou os corpos e as mentes das mulheres? Como mudamos um mundo que deu às vítimas os mesmos pensamentos dos algozes? Talvez, uma frase de ordem do movimento feminista responda todos esses questionamentos: tudo é político quando se é mulher. Somente através da política, da luta, do conhecimento científico e dos movimentos sociais poderemos atacar radicalmente²⁶⁶ as injustiças do patriarcado. Patriarcado esse que não age suspenso da realidade, mas se insere num contexto de um modo de produção que sobrevive da exploração do homem sobre o homem, do homem sobre a mulher e das pessoas brancas sobre as pessoas de qualquer outro grupo étnico.

²⁶⁴ apud MARX, Karl; ENGELS, Friedrich; 2007.

²⁶⁵ No filme, Bella possui o corpo de uma mulher grávida que cometeu suicídio, mas teve seu cérebro ser substituído pelo da filha que não nasceu.

²⁶⁶ Ou seja, atacar em sua raiz, e não no sentido reformista do movimento feminista neoliberal, que está constantemente preocupado com o “empoderamento” estético, mas pouco ou nada, se dedica a entender e combater as origens e formas de desigualdades do patriarcado.

Durante o estudo, compreendemos como as mulheres foram impreteríveis para a manutenção, produção e reprodução da ordem sociometabólica do Capital mesmo, contraditoriamente, tendo suas funções invisibilizadas e desvalorizadas. De mesmo modo, construímos um cenário do magistério com mulheres professoras em jornadas estafantes que lhes/nos aliena, embrutece e priva do aprimoramento intelectual e da participação da vida política. Nesse contexto, entendemos a urgência das políticas públicas – em Belo Campo, na Bahia, no Brasil e até mesmo em outros países – que poderem as demandas da classe trabalhadora, a precarização do trabalho docente e a sobrecarga das mulheres sob o trabalho doméstico não remunerado.

Discutir políticas públicas de valorização do trabalho docente e, conseqüentemente, do trabalho docente feminino, envolve pautar a urgência de concursos públicos que assegurem a estabilidade dos/as professores/as; salários dignos que promovam a manutenção das condições materiais dos/as docentes e de suas famílias, evitando a necessidade de acumular uma segunda fonte de renda; escolas com estruturas adequadas, que ultrapassem um padrão mínimo de qualidade; incentivos à progressão salarial por meio da pós-graduação; acompanhamento psicossocial para alunos e famílias; formação inicial e continuada de qualidade, com professores/as que tenham tempo e condições para realizá-las; material pedagógico de qualidade; suporte tecnológico; transporte gratuito ou ajuda de custo para deslocamento; alimentação gratuita ou ajuda de custo para alimentação; diálogos coerentes e atentos com os sindicatos de docentes; políticas de saúde para professores/as, especializada em promoção e prevenção; discussão sobre a remuneração do tempo em casa utilizado para correção, planejamento e produção; ajuda de custo para incentivar o acesso a shows, cinemas, exposições, livros e música; promoção de espaços de formação política; e incentivo a pesquisas a nível de pós-graduação que analisem a educação e as condições de trabalho dos profissionais da educação.

Igualmente, debater a socialização do trabalho doméstico não remunerado é pautar a desfamiliarização e desmercantilização do trabalho reprodutivo, ou seja, do cuidado e do trabalho doméstico, por meio de escolas públicas e de qualidade de Educação Integral em Tempo Integral, em especial, para a primeira infância; restaurantes populares; cozinhas e lavanderias comunitárias; Unidades Básicas de Saúde e hospitais públicos de qualidade; ações de promoção de equidade de gênero; ampliação das licenças-maternidade e paternidade; redução da carga horária semanal de mães/pais solos ou com filhos pequenos; e criação de espaços de formação política e discussão sobre a reorganização do cuidado e do trabalho doméstico.

Ainda que o objeto central da presente dissertação seja o magistério feminino na Educação Básica brasileira aliado ao trabalho doméstico não remunerado, compreende-se que ele compõe o fragmento de uma totalidade pautada na exploração e opressão da classe trabalhadora perante as contradições do Capital. Logo, os panoramas e análises constituídos até aqui não têm a intenção de galgar igualdade ou equidade entre homens e mulheres, mas a de abolir toda e qualquer forma de desigualdade, subalternização, opressão e exploração.

Para tanto, as políticas públicas de valorização do trabalho docente e de socialização do trabalho doméstico não remunerado, ainda que signifiquem conquistas paulatinas da classe trabalhadora na sociedade capitalista, podem representar avanços contínuos para condições dignas de vida e de trabalho para professoras e professores.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi aprendendo a ler olhando mundo à volta
 E prestando atenção no que não estava à vista.
 Assim nasce um comunista.
 [...] Os comunistas guardavam sonhos
 Os comunistas! Os comunistas!
 Caetano Veloso²⁶⁷

Logo na introdução desta dissertação, a pesquisa apresenta uma citação da romancista inglesa Virginia Woolf (1882-1941) em “Profissões para mulheres e outros artigos feministas”. Originalmente escrita em 1931, a obra reúne ensaios que questionam as posições sociais tradicionalmente edificadas – na esfera profissional e intelectual – para as mulheres. Embora a autora tenha sido uma das escritoras precursoras do debate sobre as condições das mulheres, Virginia Woolf foi educada em casa por tutores, tinha acesso à biblioteca do seu pai jornalista e conviveu desde a infância com artistas e intelectuais da sua época. Na obra em questão, todas as vezes que Virginia iniciava a sua escrita, dizia receber a presença desse fantasma que sussurrava: “Querida, você é uma moça. Está escrevendo sobre um livro que foi escrito por um homem. Seja afável; seja meiga; lisonjeei; engane; use todas as artes e manhas de nosso sexo. Nunca deixe ninguém perceber que você tem opinião própria”²⁶⁸. Cansada de ouvir o Anjo do Lar, a romancista mata-o como “parte da atividade de uma escritora”. Mas, o que fazem as mulheres que não podem matar seu “Anjo do Lar”? O que fazem as garotas que não têm “um quarto só seu”²⁶⁹ ou seu próprio tinteiro?

As biografias de Virginia Woolf indicam que ela sofreu abuso sexual na infância, além de ter tido sua homossexualidade reprimida ao longo da vida adulta. Esses fatores causaram um adoecimento mental extremo a Virginia, que cometeu suicídio aos 59 anos. Embora Virginia Woolf tenha enfrentado muitas dificuldades e violências de gênero, sua trajetória diverge daquelas das mulheres estudadas nesta pesquisa.

Enquanto a romancista matava seu “Anjo do Lar” e dedicava-se à literatura e à docência voluntária, as mulheres da classe trabalhadora nunca tiveram a mesma liberdade. Durante as horas, dias e anos que Virginia escrevia, quem fazia seu jantar? Quem cuidava dos filhos de Marx enquanto ele construía a sua teoria que revolucionária acerca da compreensão do modo de produção capitalista? Quem limpava para Caetano enquanto ele escrevia as músicas do seu

²⁶⁷ Canção Um comunista do álbum Abraço (2012).

²⁶⁸ WOOLF, 2020, p. 12.

²⁶⁹ “Um quarto só seu” faz referência a obra de Woolf de mesmo nome, em que ela pondera sobre a liberdade intelectual das mulheres.

novo álbum? Ao longo dos séculos, o trabalho das mulheres foi apagado da história e elas/nós foram/fomos invisibilizadas.

Edificada sob o Materialismo Histórico Dialético, a presente dissertação refletiu acerca do trabalho docente feminino na Educação Básica brasileira aliado ao trabalho doméstico não remunerado e utilizou essa conjuntura para afirmar a urgência de políticas públicas. Fazendo uso das categorias totalidade, contradição, classe, gênero, trabalho e alienação, a pesquisa levantou um robusto arcabouço teórico e instrumentos de coleta capazes de alcançar a realidade concreta e suas múltiplas determinações que condicionam as jornadas contínuas, repetitivas e estafantes que alienam, embrutecem e privam as mulheres professoras da participação política e do aprimoramento intelectual.

Conforme previamente exposto, esta dissertação adota o MHD como arcabouço teórico-metodológico, por compreender que esse método oferece uma abordagem abrangente, integrada e concreta da realidade social, capaz de conferir solidez científica à pesquisa. Para tanto, o trabalho analisou as obras de Karl Marx nas quais ele aborda especificamente os conceitos de seu método, bem como as obras de autores que o interpretaram, o criticaram, mas que também construíram máximas sobre o MHD.

De forma inteligível, a dissertação historiciza a dialética e o MHD, investigando seus contextos históricos, suas questões e categorias centrais, como a relação entre essência e aparência e as categorias trabalho, totalidade, contradição e práxis. No percurso, o texto buscou compreender as condições que moldaram Karl Marx, seus debates e ideias e como suas contribuições podem ser significativas para as pesquisas científicas quase 200 anos após a publicação de algumas das suas maiores obras. A seguir, a pesquisa interpretou o MHD aliado à categoria gênero e pautou a urgência de desomogeneizar a classe trabalhadora e de aprofundar o entendimento sobre como as relações de gênero, as desigualdades e violências entre mulheres e homens que forjaram os mecanismos pelos quais o Capital se apropriou do trabalho feminino na esfera da produção e na da reprodução social a realidade como conhecemos.

Conclui-se, portanto, que incorporar a categoria gênero às pesquisas científicas fundamentadas no Materialismo Histórico Dialético não implica na formulação de um “Materialismo Histórico Feminista”, mas sim na integração dessa categoria aos elementos constitutivos de um método que é, simultaneamente, materialista, histórico e dialético. Diferentemente de determinadas abordagens teóricas que tendem a isolar o feminismo em perspectivas restritas e a propor soluções unilaterais, a perspectiva marxista possibilita uma compreensão da essência dos fenômenos sociais. Esse método permite, então, ir além da

concepção reducionista de uma “luta entre os sexos” e alcançar a totalidade, as contradições e as múltiplas determinações de um sistema estruturado perante as dinâmicas de desigualdade e opressão — de gênero, etnia e classe — que se articulam e se reforçam mutuamente.

De mesmo modo, a análise edificada nesta dissertação demonstrou que compreender as categorias “trabalho” e “alienação” à luz do Materialismo Histórico Dialético torna-se imprescindível para apreender a totalidade, as contradições e as múltiplas determinações do trabalho docente e do trabalho docente feminino na Educação Básica brasileira em sob o Capital. Em meio a lógica gerencialista neoliberal da educação capitalista, as relações de produção do labor docente de professores e professoras são constantemente demarcadas pela desumanização, sobrecarga, defasagem salarial e intensificação das exigências e intenso adoecimento físico e mental.

Assim, ao evidenciar a “feminização do magistério”, o trabalho revelou como as relações patriarcais intensificam esses demarcadores e revela um aprofundamento da alienação do trabalho docente feminino. As professoras, que compõem majoritariamente o magistério da Educação Básica brasileira, enfrentam e conciliam jornadas contínuas de trabalho remunerado e não remunerado a profissão com o trabalho doméstico não remunerado. Dessa forma, torna-se improvável debater, em uma perspectiva da totalidade do MHD, as relações de trabalho do magistério na Educação Básica brasileira sem considerar a marca do gênero, a divisão sexual do trabalho e a reprodução das desigualdades no interior da escola ou da casa dessas mulheres.

Somente a partir da compreensão da totalidade, das contradições e das múltiplas determinações que articulam o trabalho, o trabalho docente, o trabalho feminino, a alienação e o gênero sob a lógica do Capital, será possível formular estratégias e caminhos possíveis e efetivos de transformação da realidade e de construção de uma educação emancipadora verdadeiramente comprometida com os interesses da classe trabalhadora. A urgência de estudos e políticas públicas de valorização do magistério deve se expressar, portanto, não somente em aspectos salariais, estruturais e pedagógicos, mas de mesmo modo nas políticas públicas de socialização, desfamiliarização e desmercantilização do trabalho doméstico para a construção de uma sociedade emancipadora e genuinamente justa e equânime para todas as pessoas.

Mediante uma conjuntura capitalista, neoliberal e patriarcal, o texto constrói um panorama que relaciona a exploração e alienação do trabalho das mulheres professoras – nas esferas assalariada e doméstica – e fomenta a relevância desse fenômeno perante as políticas públicas de valorização do trabalho docente e de socialização do trabalho doméstico

historicamente atribuído às mulheres. Esse cenário — constituído por meio dos panoramas e análises apresentadas — reflete a totalidade da exploração e opressão da classe trabalhadora sob o Capital. As políticas públicas que visam valorizar o trabalho docente e reconhecer o trabalho doméstico não remunerado, embora constituam conquistas graduais da classe trabalhadora no contexto capitalista, podem também promover avanços significativos para garantir condições dignas de vida e trabalho a professores e professoras. Compreender esse fenômeno em suas diversas dimensões não busca apenas alcançar igualdade ou equidade entre homens e mulheres, mas abolir todas as formas de desigualdade, subalternização, opressão e exploração, em prol de um projeto societário emancipador.

Esse recorte de gênero, sob uma perspectiva material da realidade, utilizou as mulheres professoras da rede municipal de ensino de Belo Campo para compreender o cotidiano vivo, para além dos dados, das relações de opressão e exploração do trabalho feminino que se acumulam e se articulam nas esferas da vida doméstica, assalariada e política. Da mesma forma, ao considerar esse contexto, é essencial não perder de vista a dominação capitalista, assim como as amarras patriarcais e raciais, entendendo que são duas faces de um mesmo modo de produzir e reproduzir a vida, e que corroboram para a manutenção da ordem sociometabólica do Capital.

Ainda que essa pesquisa afirme-se enquanto singular — pois é uma dissertação no campo da Educação, na linha das políticas públicas educacionais, escrita no interior da Bahia e para o interior da Bahia e que não só analisa a marca do gênero no magistério, mas também menciona a urgência de políticas públicas de valorização docente e de socialização do trabalho doméstico a partir de uma perspectiva material e feminista classista —, ainda há muito avançar nos demarcadores referentes a totalidade do trabalho docente feminino na Educação Básica brasileira, em conjunto com o trabalho doméstico não remunerado. Visto que a dissertação ainda é um trabalho de médio fôlego, muitas são as interrogações acerca do impacto das políticas públicas já existentes e, bem como, a raça/etnia, a maternidade, a baixa remuneração, à docência do Campo e os vínculos temporários de trabalho podem aprofundar o nível de precarização e alienação do trabalho remunerado e não remunerado das mulheres do magistério.

Portanto, esta dissertação reafirma que não há como compreender o trabalho docente feminino na Educação Básica brasileira sem considerar os múltiplos atravessamentos que compõem a vida concreta das mulheres: o peso do trabalho doméstico, as desigualdades de gênero, raça, classe e território, a precarização das condições laborais e o adoecimento físico e

mental. Tais elementos não são dissociáveis da lógica do Capital, que se estrutura e se reproduz a partir da exploração intensiva da força de trabalho das mulheres.

A partir do referencial do Materialismo Histórico Dialético, e ancorada em uma perspectiva feminista classista, esta pesquisa buscou não apenas compreender a realidade, mas também contribuir para sua transformação. É necessário tencionar a naturalização da sobrecarga das mulheres, o silêncio sobre o trabalho doméstico e a invisibilização da vida das professoras, sobretudo aquelas que vivem nos interiores do país, como em Belo Campo. É preciso reivindicar políticas públicas de valorização dos profissionais da educação aliadas às políticas de socialização do trabalho doméstico não remunerado, historicamente atribuídas às mulheres e essencial a produção e reprodução da vida humana em sociedade.

Como canta Caetano Veloso ao evocar o baiano Carlos Marighella em *Um Comunista*, “estamos aprendendo a ler olhando o mundo à volta, prestando atenção no que não está à vista, guardando nossos sonhos — porque vida sem utopias não acreditamos que exista”. Inspirado por esse olhar, este trabalho afirma o conhecimento científico como ferramenta de instrumentalização e de radicalização da classe trabalhadora, em defesa de um projeto societário verdadeiramente emancipador.

REFERÊNCIAS

- ALAMBERT, Zuleika. **Feminismo**: o ponto de vista marxista. São Paulo: Nobel, 1986.
- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulheres e Educação**: A paixão pelo possível. São Paulo: UNESP, 1998.
- ALVES, Branca Moreira. **Ideologia e feminismo**: A luta da mulher pelo voto no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1980.
- ANDRADE, Joana El-Jaick. O feminismo marxista e a demanda pela socialização do trabalho doméstico e do cuidado com as crianças. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 18, p. 265-300, set./Jun. 2015.
- ANDRADE, Thiago Nicolau Ferreira de. **Homens pedagogos**: uma análise do trabalho docente na Educação Infantil da rede municipal de Goiânia (2018–2022). 2022. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-graduação em Educação, Goiânia – GO, 2022.
- AQUINO, Estela Maria Leão de. **Gênero, trabalho e hipertensão arterial**: um estudo de trabalhadoras de enfermagem em Salvador, Bahia. 1996. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador — BA, 1996.
- ARAÚJO, José Júlio César do Nascimento; SOUZA, José Valderí Farias de. O trabalho docente na Educação do Campo. **Revista Espacios**, vol. 38, n. 30, p. 11-23, 2017.
- ARAÚJO, Tânia Maria de et al. Docência e Exaustão Emocional. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 27, n. 94, p. 229-253, Jan./Abr. 2006.
- ARAÚJO, Tânia Maria et al. Saúde e trabalho docente: dando visibilidade aos processos de desgaste e adoecimento docente a partir da construção de uma rede de produção coletiva. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 37, p. 183-212, Jul. 2003.
- ARIÉS, P. DUBY, G. (org.). **História da vida privada**: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial. Volume 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BARATA, Jade Prata Bueno. **Ser professora em tempo de Covid-19**: situação laboral de mulheres docentes da Educação Infantil e Fundamental I do sistema privado de ensino do Rio de Janeiro nos anos de 2020 e 2021. 2022. Tese (Doutorado) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Educação, Rio de Janeiro – RJ, 2022.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009.
- BELO CAMPO**. Lei Municipal Ordinária n° 13 de 2010. Estabelece o Plano de Cargos e Salários do Magistério Público do Município de Belo Campo, institui o respectivo. 2010.
- BELO CAMPO**. Portal da Transparência de Belo Campo, [s.d.]. Disponível em: <https://belocampo-ba.portaltp.com.br/consultas/pessoal/servidores.aspx>. Acesso em: 30 nov. 2024.
- BELO CAMPO**. Diário Oficial de Belo Campo, [s.d.]. Disponível em: <https://www.belocampo.ba.gov.br/Site/DiarioOficial>. Acesso em: 30 nov. 2024
- BERNARDES, Carliene Freitas Da Silva. **Percursos de homens e de mulheres à gestão escolar: um estudo consubstanciado por classe, gênero e raça**. 2022. Tese (Doutorado) — Universidade de Uberaba, Programa de Pós-graduação em Educação, Uberaba – MG, 2022.
- BEZERRA, Carolina Salviano. **Vozes de mulheres na academia**: desmantelando armadilhas para nos invisibilizar. 2020. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Rio De Janeiro, Programa de Pós-graduação em Ensino e História da Matemática e da Física, Rio de Janeiro – RJ, 2020.
- BOFF, Leonardo. **A diguia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BRANDAU, Ricardo; MONTEIRO, Rosangela; BRAILE, Domingo M. Importância do uso correto dos descritores nos artigos científicos. **Revista Brasileira de Cirurgia**

Cardiovascular, São José do Rio Preto, v. 20, n. 3, p. 323-328, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-76382005000300019>.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica, 2014.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica, 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo Escolar da Educação Básica 2023: resumo técnico. Brasília, DF: INEP, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/cento-escolar>. Acesso em: 30 nov. 2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo Escolar da Educação Básica. Brasília, DF: INEP, [s.d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/cento-escolar>. Acesso em: 30 nov. 2024

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Microdados do Censo Escolar da Educação Básica 2022. Brasília, DF: INEP, 2023. Disponível em: <https://inep.gov.br/microdados>. Acesso em: 30 nov. 2024

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 30 nov. 2024

BRASIL. Ministério da Educação. Pesquisa internacional revela perfil de professor e diretor. Brasília, DF: MEC, 18 jul. 2024. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/20550-pesquisa-internacional-revela-perfil-de-professor-e-diretor>. Acesso em: 30 nov. 2024

BRAUN, Ana Claudia. CARLOTTO, Mary Sandra. Burnout em professores: diferença e análise de gênero. **Contextos Clínicos**, v. 7, n. 1, p. 86-93, Jan./Jun. 2014.

BRITO, Regivane dos Santos; PRADO, Jany Rodrigues; NUNES, Claudio Pinto. As condições de trabalho docente e o pós-estado de bem-estar social. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, p. 165-174, 2017.

BRUSCHINI, Cristina. Mulher e trabalho: uma avaliação da década da mulher (1975-1985). In: CARVALHO, Nanci (Org.). **A condição feminina**. São Paulo: Vértice, 1988.

COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Org.). **Uma questão de Gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Plataforma Sucupira. Brasília, DF: CAPES, [s.d.]. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br>. Acesso em: 30 nov. 2024

CARDOSO, Jafé da Silva; NUNES, Claudio Pinto; MOURA, Juliana Silva. Adoecimento docente: Uma Breve Análise da Saúde de Professores do Município de Medeiros Neto/BA. **Revista Teias**, v. 20, n. 57, p. 149-155, Abr./Jun. 2019.

CARLOTTO, Mary Sandra et al. O papel mediador da autoeficácia na relação entre a sobrecarga de trabalho e as dimensões de Burnout em professores. **PSICO-USF**, Itatiba, v. 20, n. 1, p.13-23, Abr. 2015.

CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. Porto Alegre: L&PM, 1998.

CASTRO NETA, Abília Ana de et al. Contextos da Precarização Docente na Educação Brasileira. **Revista Exitus**, Santarém/PA, Vol. 10, p. 1-25, e020037, 2020.

CASTRO NETA, Abília Ana de et al. A Precarização do Trabalho Docente e o Adoecimento Mental no Contexto Neoliberal. **Revista Profissão Docente**, Uberaba-MG, v.19, n.40, p. 01-17, Jan/Abr. 2019.

CASTRO NETA, Abília Ana de; CARDOSO, Berta Leni Costa; NUNES, Claudio Pinto. O Adoecimento Docente: Um Produto do Capitalismo. **Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, Ano 25, n. 46, p. 117-147, Set./Dez. 2020.

CASTRO, Ricardo Alexandre. **A Agroecologia e a Educação do Campo no Projeto Político Pedagógico de Escolas do Campo em Assentamentos do MST no Território de Identidade do Sudoeste Baiano**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Educação, Vitória da Conquista – BA, 2022.

CISNE, Mirla. Feminismo e marxismo: apontamentos teórico-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 132, p. 211-230, Maio/Ago. 2018.

CISNE, Mirla. **Gênero, Trabalho e Serviço Social**. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Plataforma Lattes. Brasília, DF: CNPq, [s.d.]. Disponível em: <https://lattes.cnpq.br>. Acesso em: 30 nov. 2024

COSTA, Renata Raquel. **Ser mulher e professora na Educação Básica: do trabalho múltiplo à Síndrome de Burnout**. 2020. Dissertação (Mestrado) — Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Educação Tecnológica, Belo Horizonte – MG, 2020.

CUNHA-PRADO, Elianne Madza De Almeida et al. Esgotamento Profissional em Professores de Educação Básica. **II Congresso Brasileiro de Ciências da Saúde**, s.l., s.d.

DAMETTO, Jarbas; ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. Mãe, Mulher... Professora! Questões de Gênero e Trabalho Docente na Agenda Educacional Contemporânea. **Acta Scientiarum. Human And Social Sciences**, Maringá, v. 37, n. 2, p. 149-155, Jul./Dez. 2015.

DELCOR, N.S. et al. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 187-203, 2004.

DEODATO, Mariana Fonte Boa. **Estudo acerca das relações de gênero e suas repercussões sobre o trabalho docente na rede municipal de ensino de São Paulo**. 2020. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Educação, São Paulo – SP, 2020.

DUARTE, Bárbara Almeida. **A divisão sexual do trabalho como fenômeno social: uma crítica feminista ao trabalho doméstico**. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação m Ciência Política, Belo Horizonte – MG, 2018.

EDIR, Eliane Garcia de Brito. **Auxiliar de atividades educativas na Educação Infantil: constituição histórica e tensões de uma ocupação no âmbito da rede municipal de educação de Goiânia**. 2014. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-graduação em Educação, Goiânia – GO, 2014.

EDITORA UNESP. **Clássicos do Catálogo | Rosa Luxemburgo em três volumes**. Fundação Editora Unesp, São Paulo, 26 jan. 2025. Disponível em: <<https://editoraunesp.com.br/blog/classicos-do-catalogo-rosa-luxemburgo-em-tres-volumes>>.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Alfa-Omega, s/d.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2008.

FARINA, Ione; BENVENUTTI, Dilva Bertoldi. **Formação continuada de professores: uma perspectiva humana e emancipatória**. São Miguel do Oeste: Unoesc, 2024. Disponível em: <https://www.unoesc.edu.br/wp-content/uploads/2024/03/Formacao-continuada-de-rofessores-1.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2025.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e Caça às Bruxas**. São Paulo: Boitempo, 2019.

- FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. *Educação & Sociedade*, São Paulo, ano 23, n. 79, p.257-272, ago. 2002.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d’Água, 2003.
- FREITAS, Luiz Carlos. **A Reforma Empresarial da Educação: nova direita, velhas ideias**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- GODINHO, Luís Flávio Reis. **Sentidos do trabalho docente**. Cruz das Almas – BA: UFRB, 2018
- GOLDMAN, Wendy. **Mulher, Estado e Revolução**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- GRESPLAN, Jorge. **Marx: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade**. São Paulo: Boitempo, 2002.
- HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise et al. **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.
- HOBBSAWM, E. J. **A Era do Capital: 1848-1875**. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Belo Campo – BA**. Rio de Janeiro: IBGE, [s.d.]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/belo-campo.html>. Acesso em: 30 nov. 2024
- KALMAN, Maira. O que as mulheres seguram? **Discurso proferido no evento TEDxMet**, Nova York, 2013. Disponível em: https://www.ted.com/talks/maira_kalman_the_illustrated_woman. Acesso em: 28 jul. 2023.
- KOLLONTAI, Alexandra M. A mulher trabalhadora na sociedade contemporânea. In: Schneider, Graziela (Org.). **A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- KOLLONTAI, Alexandra. **Autobiografia de uma mulher comunista sexualmente emancipada**. São Paulo: Editora Sundermann, 2007.
- KOLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. 2. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- KONDER, Leonardo. **O que é Dialética?** São Paulo: Brasiliense, 2008.
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- LAGES, Luciana Daniella. **Recorte de gênero, problemas de voz e faltas dos professores ao trabalho nas Escolas da Educação Básica no Brasil**. 2017. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Ciências Fonoaudiológicas, Belo Horizonte – MG, 2017.
- LEAL, Murilo. **À esquerda da esquerda: Trotskistas, comunistas e populistas no Brasil Contemporâneo (1952--1966)**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- LESSA, Sérgio. **Abaixo a família monogâmica**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.
- LEVY, Gisele Cristine Tenório de Machado et al. Síndrome de Burnout em professores da rede pública. **Production**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 458-465, 2009.
- LOBO, Elisabeth Souza. **A classe operária tem dois sexos: Trabalho, dominação e resistência**. São Paulo: Expressão Popular, 1991.
- LUZ, Marcos André Pizarro da. **Livros didáticos: um estudo dos conceitos da educação Geográfica para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. Rio de Janeiro: Universidade Federa, 2014. Disponível em: <http://www2.unirio.br/unirio/cchs/educacao/graduacao/pedagogia->
- LUZ, Ricardo Santos da. **Trabalho alienado em Marx: a base do capitalismo**. 2008. Dissertação (Mestrado) — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Filosofia, Porto Alegre – RS, 2008.

- MADEIRO, Carlos. 23 % das mulheres que abandonam a escola precisam cuidar da casa, diz estudo. **Universa** (UOL), São Paulo, 13 dez. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/12/13/23-das-mulheres-que-abandonam-escola-precisam-cuidar-da-casa-ou-de-alguem.htm>. Acesso em: 30 jul. 2024.
- MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Global, 1982.
- MARX, Karl. **Para a Crítica da Economia Política**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- MARX, Karl. **O Capital**. Vol. 1/1. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004
- MARX, Karl. Crítica da Filosofia do Direito de Hegel – Introdução. In: **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2017.
- MASSA, Lilian Dias Bernardo et al. Síndrome de Burnout em professores universitários. **Rev. Terapia Ocupacional**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 180-9, 2016.
- MASSON, Gisele. Materialismo Histórico e Dialético: uma discussão sobre as categorias centrais. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p.105-114, dez. 2007.
- MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni. Estado do conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul.-dez. 2014.
- MOROSINI, Marília Costa; NASCIMENTO, Lorena Machado do; NEZ, Egeslaine de. Estado de Conhecimento: a metodologia na prática. **Revista Humanidades & Inovação**, v.8, n. 55. ISSN:2358-8322. 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4946>.
- NASCIMENTO, Maria Luzirene Oliveira do. **Da jardineira à tia da Educação Infantil: o espectro da alienação no trabalho de professoras da Educação Infantil**. 2021. Tese (Doutorado) — Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza – CE, 2021.
- NUNES, Claudio Pinto. Conversas interativo-provocativas como opção teórico-metodológica nas ciências humanas e na educação. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v.16, n. 37, 2020.
- NUNES, Claudio Pinto; OLIVEIRA, Dalila Andrade. Trabalho, carreira, desenvolvimento docente e mudança na prática educativa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 43, p. 65-80, 2017.
- OLIVEIRA, Tiago Grama de. **Docência e Educação Infantil: condições de trabalho e profissão docente**. 2017. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, Belo Horizonte – MG, 2017.
- PEDRO, Joana Maria; MELLO, Soraia Carolina de; OLIVEIRA, Veridiana Bertelli Ferreira de. O feminismo marxista e o trabalho doméstico: discutindo com Heleieth Saffioti e Zuleika Alambert. **História Unisinos**, v. 9 n. 2, p. 132-138, Maio/Ago. 2005.
- PEREIRA, Carla Avelina Silva. **Gestão feminina na escola pública paulista: a concepção docente**. 2019. Dissertação (Mestrado) — Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Pós-graduação em Educação, São Paulo – SP, 2019.
- PEREIRA, Sidnéia Ribeiro. ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatt. Mulheres e professoras: repercussões da dupla jornada nas condições de vida e no trabalho docente. **Educar em Revista**, Curitiba, n. especial 2, p. 259-276, 2010.
- PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 4, p. 9–28, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1733>. Acesso em: 4 jul.

2024.

PESSOA, Amanda Raquel Rodrigues; MOURA, Marla Maria Moraes; FARIAS, Isabel Maria Sabino de. A Composição do Tempo Social de Mulheres Professoras Durante a Pandemia. **Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 24, n. 1, p. 161–194, Mar. 2021.

PINTO, Vanessa Cristine Binotto de Moraes. **As representações sociais de docentes da educação básica quanto à qualidade de vida/trabalho**. 2020. Dissertação (Mestrado) — Universidade de Taubaté, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais, Taubaté – SP, 2020.

PINSKY, Carla B. (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

POOR THINGS. Direção: Yorgos Lanthimos. Reino Unido: Film4, 2023.

QEdu – Plataforma de Dados Educacionais. Belo Campo (BA): perfil educacional. São Paulo: QEdu, [s.d.]. Disponível em: <https://qedu.org.br/municipio/2903508-belo-campo>. Acesso em: 30 nov. 2024

QEdu – Plataforma de Dados Educacionais. Censo Escolar – Belo Campo (BA). São Paulo: QEdu, [s.d.]. Disponível em: <https://qedu.org.br/municipio/2903508-belo-campo/cento-escolar>. Acesso em: 30 nov. 2024

RIBEIRO, Júlia Cecília de Oliveira Alves; NUNES, Claudio Pinto. Formação de professores no contexto neoliberal. **Colloquium Humanarum**, v. 15, p. 57-71, 2018.

RIBEIRO, Leticia Mendonca Lopes. **Professoras da Amazônia Acreana: trabalho docente e condições de vida de mulheres que lecionam no meio rural de Feijó – AC**. 2022. Tese (Doutorado) — Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Educação, Belo Horizonte – MG, 2022.

ROIZ, Diogo da Silva; SANTOS, Jonas Rafael. **As transferências culturais na historiografia brasileira: leituras e apropriações do movimento dos Annales no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

SAAVEDRA, Carola. **Um quarto é muito pouco**. São Paulo: Quêlônio, 2022.

SAFFIOTI, Heleieth. **Emprego Doméstico e capitalismo**. Rio de Janeiro: Avenir, 1978.

SAFFIOTI, Heleieth. **Força de trabalho feminina no Brasil: no interior das cifras**. Perspectivas, São Paulo, v. 8, p. 95-141, 1985.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth. Quem tem medo dos esquemas patriarcais de pensamento? **Crítica Marxista**, São Paulo, n. 11, p. 71-75, out. 2000.

SAFFIOTI, Heleieth. Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade. **Lutas Sociais**, 2004, 59–79. <https://doi.org/10.23925/ls.v0i2.18789>.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SANTOS, Arlete Ramos dos et al. **Relatório técnico do projeto de pesquisa Política Educacionais do Plano de Ações Articuladas (PAR) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em municípios da Bahia: desafios e perspectivas**. Vitória da Conquista, 2022.

SANTOS, Arlete Ramos dos. **Ocupar, resistir e produzir, também na educação: o MST e a burocracia estatal: negação e consenso**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

SANTOS, Arlete Ramos dos. **Os movimentos sociais do campo e a reforma agrária do consenso**. 2016. Relatório final (Pós-Doutorado em Educação) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Júlio Mesquita Filho, Araraquara, 2016.

SANTOS, Arlete Ramos dos; NUNES, Cláudio Pinto. **Reflexões sobre políticas públicas educacionais para o campo no contexto brasileiro**. 1ª ed. Salvador: EDUFBA, 2020.

- SARTI, Cynthia Andersen. Contribuições da antropologia para o estudo da família. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 3, n. 1-2, p. 69–76, 1992. DOI: 10.1590/S1678-51771992000100007. Disponível em: <https://revistas.usp.br/psicousp/article/view/34459>. Acesso em: 19 maio. 2024.
- SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. Campinas. SP: SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1983.
- SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Dermeval Saviani. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.
- SENAI, Patrícia Sinara Gomes Santos. NUNES, Claudio Pinto. Condições de trabalho: sentidos de ser professor do ensino médio. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. SILVA, Anne Patrícia da; SOUZA, Roberta Teixeira de; VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. O Estado da Arte ou o Estado do Conhecimento. *Educação*, [S. l.], v. 43, n. 3, p. e37452, 2020. DOI: 10.15448/1981-2582.2020.3.37452. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/37452>. Acesso em: 3 maio de 2024.
- SILVA, Daniela Oliveira Vidal Da; NUNES, Claudio Pinto. Plano de carreira enquanto estratégia de resistência para a valorização docente no território de identidade do sudoeste baiano. **Revista Educação e Emancipação (UFMA)**, São Luís, v. 12, p. 93-113, 2019.
- SILVA, Érika Carvalho. **Processos de medicalização e trabalho docente: reflexões sobre o adoecimento de professoras da rede pública de Salvador/BA**. 2022. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-graduação em Educação, Salvador – BA, 2022.
- SILVA, Josiane Patrícia Resende. **Efeitos da Covid-19 sobre o tempo social dos professores da educação básica pública em Minas Gerais: uma abordagem da economia feminista**. 2022. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de São João Del-Rei, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Planejamento e Território, São João Del Rei– MG, 2022.
- SILVA, Juliana de Jesus. **Características do trabalho docente e gênero: um estudo sobre os professores da Educação Básica do Brasil (2007–2014)**. 2017. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Saúde Pública, Belo Horizonte – MG, 2017.
- SILVANY-NETO, Annibal Muniz et al. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino na Bahia. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Salvador, v. 24, n. 3/4, p. 42-56, 2000.
- SIQUEIRA, Laura Hellen Silva. **Condições de trabalho docente da Educação Infantil na rede municipal de Campinas – SP**. 2021. Dissertação (Mestrado) — Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-graduação em Educação Escolar, Campinas – SP, 2021.
- SIQUEIRA, Osmarina Mota. **A dupla jornada de trabalho feminino: realidade, implicações e perspectivas**. 2016. Dissertação (Mestrado) — Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-graduação em História, Goiânia – GO, 2016.
- SOLIMÕES, Andréa Cristina Cunha. **Impactos da precarização do trabalho sobre a saúde das docentes da Educação Infantil**. 2015. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-graduação em Educação, Belém – PA, 2015.
- SORJ, Bernardo. Trabalho remunerado e trabalho não remunerado. In: OLIVEIRA, S.; RECAMÁN, M.; VENTURI, G. (Org.) **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SOUSA, Fernando Santos. **O trabalho docente e o nó dialético: gênero, raça e classe**. 2023. Tese (Doutorado) — Universidade de Brasília, Programa de Pós-graduação em Educação, Brasília – DF, 2023.

- SPECHT, Analine Almeida. Economia feminista. **Cadernos Brasil Local**: Desenvolvimento e Economia Solidária, Suplemento Julho, a. 2009, pp. 04-12.
- TOKARNIA, Mariana. Necessidade de trabalhar é principal motivo para abandonar escola. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 15 jul. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-07/necessidade-de-trabalhar-e-principal-motivo-para-abandonar-escola>. Acesso em: 30 jul. 2024.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Fatores psicossociais e insatisfação com o trabalho estão relacionados ao adoecimento de professores, afirma estudo. UFMG – Faculdade de Medicina, Belo Horizonte, 10 out. 2023. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/fatores-psicossociais-e-insatisfacao-com-o-trabalho-provocam-adoecimento-de-professores>. Acesso em: 30 jul. 2024.
- VALADARES, Loreta. **As faces do feminismo**. Salvador: Assembleia Legislativa, 2014.
- VELOSO, Caetano. Um Comunista. In: **Abraço**. Universal Music, 2012.
- VIANA, Vanusa Ruas Freire. **Efeitos da participação de atores escolares na gestão e execução de programas em escolas municipais de Belo Campo – BA**. 2024. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Educação, São Paulo – SP, 2024.
- WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros ensaios feministas**. Porto Alegre: L&PM, 2020.
- WOOLF, Virginia. **Três guinéus**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- WOOLF, Virginia. **Um quarto só seu**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

APÊNDICE 1 – QUADROS DO ESTADO DO CONHECIMENTO

BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES

DESCRITORES									DATA	
									18/11/2023	
"trabalho docente" AND "mulheres" AND "educação básica"										
TRABALHOS			DISSERTAÇÕES				TESES			
Nº		%	Nº		%		Nº		%	
28		100%	19		67,8%		9		32,1%	
ANO DE DEFESA (2014-2023)										
2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	
0	0	0	0	0	5	6	6	8	3	
TRABALHOS POR PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO										
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO								Nº	%	
Ciência da Saúde								1	3,57%	
Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais								1	3,57%	
Desenvolvimento, Planejamento e Território								1	3,57%	
Educação								17	60,7%	
Educação e Tecnologia								1	3,57%	
Educação Escolar								1	3,57%	
Educação Física								1	3,57%	
Educação Tecnológica								1	3,57%	
Ensino								1	3,57%	
Ensino e História da Matemática e da Física								1	3,57%	
Formação Docente para a Educação Básica								1	3,57%	
Saúde Pública								1	3,57%	
PESQUISAS POR MACRORREGIÃO DO BRASIL										
MACRORREGIÃO	Nº		UNIVERSIDADE					UF	Nº	
Centro-oeste	4		Universidade de Brasília					DF	1	
			Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul					MS	1	
			Universidade Federal de Goiás					GO	1	
			Universidade Federal do Tocantins					TO	1	
Nordeste	4		Universidade Estadual do Ceará					CE	2	
			Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia					BA	1	
			Universidade Federal do Maranhão					MA	1	
			Universidade Estadual do Ceará					CE	2	
Norte	1		Universidade Federal do Acre					AC	1	
Sudeste	15		Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais					MG	1	
			Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais					MG	1	
			Universidade de São Paulo					SP	1	
			Universidade de Taubaté					SP	1	
			Universidade de Uberaba					MG	2	
			Universidade Estadual de Campinas					SP	1	
			Universidade Estadual de Montes Claros					MG	1	
			Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho					SP	1	
			Universidade Federal de São João Del-Rei					MG	1	
			Universidade Federal de São Paulo					SP	1	
Universidade Federal de Viçosa					MG	1				

		Universidade Federal do Rio de Janeiro	RJ	2
		Universidade Municipal de São Caetano Do Sul	SP	1
Sul	4	Instituto Federal Sul-Rio-Grandense	RS	1
		Universidade de Santa Cruz Do Sul	RS	1
		Universidade Estadual de Londrina	PR	1
		Universidade Estadual do Norte Do Paraná	PR	1
TRABALHOS E RELAÇÃO COM A TEMÁTICA			Nº	%
Trabalhos que dialogam diretamente com o tema (DD)			14	50%
Trabalhos que dialogam parcialmente com o tema (DP)			4	14,2%
Trabalhos sem relação com o tema (ND)			10	35,8%
NATUREZA DA PESQUISA (DD e DP)			Nº	%
Qualitativa			8	44,4%
Quantitativa			0	0%
Quali-quantitativa			8	44,4%
Não identificada			2	11,2%
MÉTODO (DD e DP)			Nº	%
Materialismo Histórico Dialético			6	66,6%
Não identificado			12	33,4%
INSTRUMENTO DE COLETA (DD e DP)			Nº	%
Entrevista			8	44,4%
Narrativas escritas e escritas narrativas			1	5,6%
Questionário			1	5,6%
Questionário e entrevista			5	27,6%
Questionário e exames físicos			1	5,6%
Relatos de experiência			1	5,6%
Revisão bibliográfica e/ou análise documental			1	5,6%
GÊNERO DOS/AS AUTORES/AS (DD e DP)			Nº	%
Mulher (Cis/trans)			14	77,8%
Homem (Cis/trans)			4	22,2%
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
1	D	2020	Vozes de mulheres na academia: desmantelando armadilhas para nos invisibilizar (DD)	BEZERRA, Carolina Salviano (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Federal do Rio De Janeiro			Sudeste	RJ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Ensino e História da Matemática e da Física				
NATUREZA DA PESQUISA			Qualitativa	
MÉTODO			Não identificado	
INSTRUMENTO DE COLETA			Entrevista	
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Compreender a situação e narrar as vivências das mulheres das universidades – alunas e professoras – e professoras da Educação Básica. A partir da trajetória de seis mulheres, o trabalho busca perceber as dominações sexuais, raciais e de classes.				
SUJEITOS				
Professoras da Educação Básica e professoras e alunas do Ensino Superior.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
2	D	2020	Ser mulher e professora na educação básica: do trabalho múltiplo a Síndrome de Burnout (DD)	COSTA, Renata Raquel (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais			Sudeste	MG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação Tecnológica				
NATUREZA DA PESQUISA			Quali-quantitativa	
MÉTODO			Materialismo Histórico Dialético	
INSTRUMENTO DE COLETA			Entrevista	
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				

Problematizar a relação entre mulher, professora e o adoecimento físico e psíquico – especialmente pela Síndrome de Burnout – devido à sobrecarga do trabalho docente e trabalho doméstico.				
SUJEITOS				
Professoras da Educação Básica da rede (no resumo, não fica evidente se a pesquisa se trata da rede estadual ou municipal).				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
3	D	2021	O mal-estar docente no trabalho de professoras da educação infantil e a busca de alternativas para minimizar seus efeitos (DD)	COSTA, Lana Rakel Silva da (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade de Santa Cruz do Sul			Sul	RS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação				
NATUREZA DA PESQUISA			Qualitativa	
MÉTODO			Não identificado	
INSTRUMENTO DE COLETA			Entrevista	
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Identificar, analisar e descrever os principais problemas de saúde relatos pelas professoras de creches públicas e privadas da cidade de São Luís – MA, bem como as alternativas utilizadas por elas para amenizá-los.				
SUJEITOS				
Professoras de creches públicas e privadas da cidade de São Luís – MA.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
4	T	2023	O trabalho docente e o nó dialético gênero, raça e classe (DD)	SOUSA, Fernando Santos (H)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade de Brasília			Centro-oeste	DF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação				
NATUREZA DA PESQUISA			Quali-quantitativa	
MÉTODO			Materialismo Histórico Dialético	
INSTRUMENTO DE COLETA			Narrativas escritas e escritas narrativas	
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Compreender as mediações do nó dialético gênero, raça e classe na constituição dos sentidos atribuídos para o trabalho docente; Apreender as funções sociais atribuídas ao exercício da docência nas suas respectivas etapas e áreas; Situar a docência no seio das contradições capitalistas, constituídas por relações de gênero, raça e classe; Compreender os processos de exploração-opressão e alienação do trabalho docente.				
SUJEITOS				
Professores e professoras da rede estadual do Distrito Federal.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
5	M	2019	Leitura literária e a formação do leitor: os “contos de mistério” no material didático do Programa “Ler e Escrever” (ND)	COSTA, Valnice Ferreira de Lima (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul			Centro-oeste	MS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação				
Embora tenha sido indicado pelo banco, o trabalho não dialoga com a temática da presente dissertação.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
6	D	2020	A temática do feminismo na escola como uma (form)ação preventiva à violência contra a mulher (ND)	GRUPPELLI, Camila Asso de Carvalho (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense			Sul	RS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação e Tecnologia				

Embora tenha sido indicado pelo banco, o trabalho não dialoga com a temática da presente dissertação.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
7	D	2022	(Trans)vestilizar a educação: ser professora trans e negra na Educação Básica em Vitória da Conquista – BA (DP)	CRUZ, Icaro Dias (H)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia			Nordeste	BA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Ensino				
NATUREZA DA PESQUISA			Qualitativa	
MÉTODO			Não identificado	
INSTRUMENTO DE COLETA			Entrevista	
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Analisar as narrativas de Denise Ventura – transexual e negra de Vitória da Conquista – enquanto docente em espaços escolares violentos e heteronormativos.				
SUJEITOS				
Professores e professoras travestis/transsexuais em instituições escolares, especialmente Denise Ventura, professora transexual e negra de Vitória da Conquista – BA.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
8	D	2020	As representações sociais de docentes da educação básica quanto a qualidade de vida/trabalho (DD)	PINTO, Vanessa Cristine Binotto de Moraes (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade de Taubaté			Sudeste	SP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais				
NATUREZA DA PESQUISA			Quali-quantitativa	
MÉTODO			Não identificado	
INSTRUMENTO DE COLETA			Questionário e entrevista	
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Analisar as representações sociais da qualidade de vida e de trabalho de docentes professores e professoras da rede municipal de uma cidade do interior do estado de São Paulo, atuantes no serviço público. Dentre o universo de professores da pesquisa, 83% são mulheres.				
SUJEITOS				
Professores e professoras da rede municipal de uma cidade do interior do estado de São Paulo.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
9	D	2020	Estudo acerca das relações de gênero e suas repercussões sobre o trabalho docente na rede municipal de ensino de São Paulo (DD)	DEODATO, Mariana Fonte Boa (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Federal de São Paulo			Sudeste	SP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação				
NATUREZA DA PESQUISA			Quali-quantitativa	
MÉTODO			Materialismo Histórico Dialético	
INSTRUMENTO DE COLETA			Entrevista	
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Compreender as repercussões das relações de gênero sobre o trabalho docente, visto que estas são mais sujeitas à precarização, sobrecarga, acúmulo de jornadas e baixos salários.				
SUJEITOS				
Professoras dos anos finais do Ensino Fundamental da rede pública municipal de São Paulo.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
10	T	2022	Ciclos de vida dos professores de Educação Física (DP)	FAVATTO, Naline Cristina (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Estadual de Londrina			Sul	PR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação Física				

NATUREZA DA PESQUISA		Qualitativa		
MÉTODO		Não identificado		
INSTRUMENTO DE COLETA		Questionário e entrevista		
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Desenvolver estudos acerca dos Ciclos de Vida dos professores de Educação Física, considerando idade biológica, questões pessoais e profissionais (Início da Carreira Profissional, Aperfeiçoamento Profissional e Constituição de Família, Autoconfiança e Afirmação Profissional, Maturidade Profissional e Distanciamento da Profissão), considerando professores da rede municipal de Maringá e do Núcleo Regional de Maringá.				
SUJEITOS				
Professores da rede municipal de Maringá e do Núcleo Regional de Maringá (25 municípios do norte do estado do Paraná).				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
11	T	2022	Ser professora em tempo de Covid-19: situação laboral de mulheres docentes da Educação Infantil e Fundamental I do sistema privado de ensino do Rio de Janeiro nos anos de 2020 e 2021 (DD)	BARATA, Jade Prata Bueno (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Federal do Rio de Janeiro			Sudeste	RJ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação				
NATUREZA DA PESQUISA		Quali-quantitativa		
MÉTODO		Materialismo Histórico Dialético		
INSTRUMENTO DE COLETA		Relatos de experiência		
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Compreender os novos padrões de expropriação e exploração do trabalho docente no contexto pandêmico, com o enfoque nas professoras da Educação Infantil e Ensino Fundamental da rede privada do Rio de Janeiro.				
SUJEITOS				
Professoras da Educação Infantil e Ensino Fundamental da rede privada do Rio de Janeiro.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
12	D	2019	O que pensam, sentem e almejam os alunos concluintes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Acre em relação a sua formação profissional (DP)	DAMIAO, Alisson Lima (H)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Federal do Acre			Norte	AC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação				
NATUREZA DA PESQUISA		Qualitativa		
MÉTODO		Não identificado		
INSTRUMENTO DE COLETA		Entrevista		
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Compreender as percepções e anseios dos estudantes concluintes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Acre (Campus de Rio Branco e Cruzeiro do Sul) que, em sua maioria, são mulheres das classes populares, autodeclaradas brancas/pardas, solteiras e com renda mensal de até um salário mínimo.				
SUJEITOS				
Concluintes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Acre (Campus de Rio Branco e Cruzeiro do Sul).				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
13	D	2022	Homens pedagogos: uma análise do trabalho docente na Educação Infantil da rede municipal de Goiânia (2018-2022) (DD)	ANDRADE, Thiago Nicolau Ferreira de (H)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Federal de Goiás			Centro-oeste	GO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação				

NATUREZA DA PESQUISA		Qualitativa		
MÉTODO		Não identificado		
INSTRUMENTO DE COLETA		Questionário e entrevista		
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Refletir sobre os processos que permeiam as práticas docentes na primeira infância, assim como as configurações de gênero e dos papéis sexuais entre pedagogos homens e mulheres nas instituições escolares.				
SUJEITOS				
Professores homens nos Centros Municipais de Educação Infantil em Goiânia – GO.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
14	D	2021	Condições de trabalho docente da Educação Infantil na rede municipal de Campinas – SP (DD)	SIQUEIRA, Laura Hellen Silva (M)
INSTITUIÇÃO			SIQUEIRA, Laura Hellen Silva (M)	UF
Universidade Estadual de Campinas			Sudeste	SP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação Escolar				
NATUREZA DA PESQUISA		Quali-quantitativa		
MÉTODO		Crítico-dialético		
INSTRUMENTO DE COLETA		Entrevista		
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Analisar as condições físicas, materiais e de relacionamento com gestores das professoras da Educação Infantil, bem como investigar os supostos vínculos com o aumento de casos de adoecimento entre docentes.				
SUJEITOS				
Professoras da Educação Infantil da rede pública municipal de Campinas – SP.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
15	T	2022	Percursos de homens e de mulheres à gestão escolar: um estudo consubstanciado por classe, gênero e raça (DD)	BERNARDES, Carliene Freitas Da Silva (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade de Uberaba			Sudeste	MG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação				
NATUREZA DA PESQUISA		Quali-quantitativa		
MÉTODO		Materialismo Histórico Dialético		
INSTRUMENTO DE COLETA		Revisão bibliográfica e/ou análise documental		
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Compreender os percursos de homens e mulheres até à função de gestão nas escolas brasileiras, perpetrados pelas relações de gênero, classe e raça.				
SUJEITOS				
Gestores e gestoras da Educação Básica brasileira.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
16	D	2019	Francisca Doneta Leite: formação educativa e atuação no magistério na cidade do Crato – CE (ND)	SOUZA, Antoniele Silvana de Melo. (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Estadual do Ceará			Nordeste	CE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação				
Embora tenha sido indicado pelo banco, o trabalho não dialoga com a temática da presente dissertação.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
17	D	2019	Gestão feminina na escola pública paulista: a concepção docente (DD)	PEREIRA, Carla Avelina Silva (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Municipal de São Caetano do Sul			Sudeste	SP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				

Educação				
NATUREZA DA PESQUISA		Qualitativa		
MÉTODO		Não identificado		
INSTRUMENTO DE COLETA		Questionário e entrevista		
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Analisar as percepções de professores e professoras de escolas da Rede Estadual do estado de São Paulo acerca da efetividade da gestão escolar feminina.				
SUJEITOS				
Professores e professoras de escolas da Rede Estadual do estado de São Paulo.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
18	T	2022	Professoras da Amazônia Acreana: trabalho docente e condições de vida de mulheres que lecionam no meio rural de Feijó – AC (DD)	RIBEIRO, Leticia Mendonca Lopes (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais			Sudeste	MG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação				
NATUREZA DA PESQUISA		Qualitativa		
MÉTODO		Não identificado		
INSTRUMENTO DE COLETA		Questionário e entrevista		
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Examinar o cotidiano, as condições de vida e de trabalho de professoras que viveram e/ou lecionaram em Feijó – AC, egressas da 3ª edição de oferta do curso de Pedagogia do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica promovida pela Universidade Federal do Acre.				
SUJEITOS				
Pedagogas – que viveram e/ou lecionaram em Feijó (AC) – egressas da 3ª edição de oferta do curso de Pedagogia do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica promovida pela Universidade Federal do Acre.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
19	D	2021	Práticas pedagógicas de aprendizagem histórica nos anos iniciais do ensino fundamental: contribuições da Pedagogia Histórico-Crítica (ND)	ASSIS, Gabriela Aparecida de (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Estadual do Norte do Paraná			Sul	PR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação				
Embora tenha sido indicado pelo banco, o trabalho não dialoga com a temática da presente dissertação.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
20	D	2023	Inserção profissional de egressos das licenciaturas interdisciplinares: trajetórias de graduados em Ciências Humanas (ND)	NASCIMENTO, Jessica Rodrigues do (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Federal do Maranhão			Nordeste	MA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação				
Embora tenha sido indicado pelo banco, o trabalho não dialoga com a temática da presente dissertação.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
21	T	2021	Da jardineira à tia da Educação Infantil: o espectro da alienação no trabalho de professoras da Educação Infantil (DD)	NASCIMENTO, Maria Luzirene Oliveira do (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Estadual do Ceará			Nordeste	CE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação				
NATUREZA DA PESQUISA		Quali-quantitativa		
MÉTODO		Materialismo Histórico Dialético		
INSTRUMENTO DE COLETA		Entrevista		

CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Investigar a alienação e processos de precarização e desvalorização do trabalho docente, sobretudo o feminino.				
SUJEITOS				
Professoras da Educação Infantil de uma instituição pública da região metropolitana de Fortaleza – CE.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
22	D	2019	Educação do Campo, valorização da cultura e construção da identidade do homem do campo: análise curricular em duas escolas públicas rurais de Araguari - MG (ND)	ALVES, Maria Luiza de Borba (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade de Uberaba			Sudeste	MG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Formação Docente para a Educação Básica				
Embora tenha sido indicado pelo banco, o trabalho não dialoga com a temática da presente dissertação.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
23	T	2023	Trabalho dos professores em estados e capitais do Brasil: da exclusão à inclusão educacional, precarização e reflexos sobre a saúde (ND)	SIMÕES, Elaine Cristina (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade de São Paulo			Sudeste	SP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Saúde Pública				
Embora tenha sido indicado pelo banco, o trabalho não dialoga com a temática da presente dissertação.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
24	D	2022	Efeitos da Covid-19 sobre o tempo social dos professores da educação básica pública em Minas Gerais: uma abordagem da economia feminista (DD)	SILVA, Josiane Patrícia Resende (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Federal de São João Del-Rei			Sudeste	MG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Desenvolvimento, Planejamento e Território				
NATUREZA DA PESQUISA			Não identificada	
MÉTODO			Não identificado	
INSTRUMENTO DE COLETA			Questionário	
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Analisar os efeitos da pandemia de Covid-19 sobre o tempo social dos professores da rede pública estadual de Minas Gerais, a partir de uma perspectiva da divisão sexual do trabalho.				
SUJEITOS				
Professores da rede pública estadual de Minas Gerais.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
25	D	2021	Impactos da participação em programas de incentivo à docência na formação inicial e desenvolvimento profissional de professores de Educação Física atuantes na Educação Básica (ND)	CASTRO, Caroline Marques de (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Federal de Viçosa			Sudeste	MG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação				
Embora tenha sido indicado pelo banco, o trabalho não dialoga com a temática da presente dissertação.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
26	T	2021	Histórias não silenciadas de professoras: saberes, mobilizações e inclusão (ND)	ROCHA, Naiara Chierici da (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho			Sudeste	SP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				

Educação					
Embora tenha sido indicado pelo banco, o trabalho não dialoga com a temática da presente dissertação.					
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO	
27	T	2022	Saúde ocupacional e fatores associados em professores da Educação Básica da rede pública estadual de Montes Claros: Projeto ProfSMoc (DP)	MAGALHAES, Tatiana Almeida de (M)	
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF	
Universidade Estadual de Montes Claros			Sudeste	MG	
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO					
Ciências da Saúde					
NATUREZA DA PESQUISA			Não identificada		
MÉTODO			Não identificado		
INSTRUMENTO DE COLETA			Questionário e exames físicos		
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES					
Identificar questões associadas à saúde ocupacional e fatores associados entre professores da Educação Básica da rede pública (no resumo, não fica evidente se a pesquisa se trata da rede estadual e/ou municipal) de Montes Claros – MG. No texto, a autora identifica diferenciais de gênero, indicando que mulheres tendem a apresentar um perfil laboral mais precário e pior qualidade de vida, ainda que tenham melhores hábitos.					
SUJEITOS					
Professores da Educação Básica da rede pública (no resumo, não fica evidente se a pesquisa se trata da rede estadual e/ou municipal) de Montes Claros – MG.					
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO	
28	D	2020	Aposentadoria e velhice: uma experiência entre docentes universitários (ND)	LUZ, Claudia Noletto Maciel (M)	
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF	
Universidade Federal do Tocantins			Centro-oeste	TO	
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO					
Educação					
Embora tenha sido indicado pelo banco, o trabalho não dialoga com a temática da presente dissertação.					

BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA BDTD

DESCRITORES								DATA	
								18/11/2023	
"trabalho docente" AND "mulheres" AND "educação básica"									
TRABALHOS			DISSERTAÇÕES			TESES			
Nº	%		Nº	%		Nº	%		
16	100		14	87,5%		2	12,5%		
ANO DE DEFESA (2014-2023)									
2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
2	1	1	3	4	0	2	1	1	1
TRABALHOS POR PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO									
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO								Nº	%
Administração								1	6,3%
Educação								10	62,2%
Educação: Conhecimento e Inclusão Social								1	6,3%
Gestão de Ensino da Educação Básica								1	6,3%
Química								1	6,3%
Saúde Pública								1	6,3%
Saúde Coletiva								1	6,3%
PESQUISAS POR MACRORREGIÃO DO BRASIL									
MACRORREGIÃO	Nº		UNIVERSIDADE				UF	Nº	
Centro-oeste	3		Universidade Federal de Goiás				GO	3	
Nordeste	3		Universidade Federal da Bahia				BA	1	
			Universidade Federal do Maranhão				MA	2	

Norte	1	Universidade Federal do Pará	PA	1
Sudeste	7	Universidade Federal de Minas Gerais	MG	3
		Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	RJ	1
		Universidade Federal de São Paulo	SP	1
		Universidade Federal de Viçosa	MG	1
Sul	2	Universidade Estadual de Londrina	PR	1
		Universidade Federal do Rio Grande do Sul	RS	1
TRABALHOS E RELAÇÃO COM A TEMÁTICA			Nº	%
Trabalhos que dialogam diretamente com o tema (DD)			7	43,8%
Trabalhos que dialogam parcialmente com o tema (DP)			3	18,8%
Trabalhos sem relação com o tema (ND)			6	37,4%
NATUREZA DA PESQUISA (DD e DP)			Nº	%
Qualitativa			4	40%
Quantitativa			1	10%
Quali-quantitativa			2	20%
Não identificada			3	30%
MÉTODO (DD e DP)			Nº	%
Materialismo Histórico Dialético			2	20%
Sociologia do Trabalho			1	10%
Sociologia Crítica			1	10%
Não identificado			6	60%
INSTRUMENTO DE COLETA (DD e DP)			Nº	%
Entrevista			3	30%
Grupo focal			1	10%
Observações diretas e entrevista			1	10%
Questionário e entrevista			2	20%
Revisão bibliográfica e/ou análise documental			2	20%
Não identificado			1	10%
GÊNERO DOS/AS AUTORES/AS (DD e DP)			Nº	%
Mulher (Cis/trans)			8	80%
Homem (Cis/trans)			2	20%
Outro			0	0
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
1	D	2017	Características do trabalho docente e gênero: um estudo sobre os professores da Educação Básica do Brasil (2007-2014) (DD)	SILVA, Juliana de Jesus (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Federal de Minas Gerais			Sudeste	MG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Saúde Pública				
NATUREZA DA PESQUISA			Quantitativa	
MÉTODO			Não identificado	
INSTRUMENTO DE COLETA			Revisão bibliográfica e/ou análise documental	
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Analisar as características demográficas e ocupacionais dos professores da Educação Básica brasileira, em especial no que se refere às concepções de gênero.				
SUJEITOS				
Professores da Educação Básica do Brasil.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
2	D	2018	Possibilidades para um trabalho docente feminista: professoras mulheres da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, feminismos e a narrativa conservadora da “ideologia de gênero (DP)	DALMASO, Bruna Junqueira (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Federal do Rio Grande do Sul			Sul	RS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação				
NATUREZA DA PESQUISA		Qualitativa		
MÉTODO		Sociologia Crítica		
INSTRUMENTO DE COLETA		Grupos focais		
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Analisar como professoras mulheres da rede municipal de ensino de Porto Alegre – RS relacionam o trabalho docente e a narrativa conservadora da “ideologia de gênero”.				
SUJEITOS				
Professoras mulheres da rede municipal de ensino de Porto Alegre – RS.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
3	T	2018	A emergência da educação infantil e o trabalho docente: um estudo da rede pública de ensino no norte do Tocantins (DP)	LOCATELLI, Arinalda Silva (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Federal de Minas Gerais			Sudeste	MG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação				
NATUREZA DA PESQUISA		Quali-quantitativa		
MÉTODO		Sociologia do Trabalho		
INSTRUMENTO DE COLETA		Entrevista		
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Analisar o trabalho e a profissão docente na Educação Infantil – considerando os processos de expansão da etapa – e a realidade dos sujeitos docentes do norte de Tocantins.				
SUJEITOS				
Professores, gestores e Secretário de Educação da microrregião do Bico de Papagaio, norte de Tocantins.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
4	D	2020	Processos de medicalização e trabalho docente: reflexões sobre o adoecimento de professoras da rede pública de Salvador/BA (DD)	SILVA, Érika Carvalho (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Federal da Bahia			Nordeste	BA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação				
NATUREZA DA PESQUISA		Qualitativa		
MÉTODO		Não identificado		
INSTRUMENTO DE COLETA		Observações diretas e entrevista		
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Analisar os processos de adoecimento e de medicalização atravessam o trabalho docente das professoras da rede pública municipal de Salvador – BA.				
SUJEITOS				
Professoras da rede pública municipal de Salvador – BA.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
5	D	2022	Homens pedagogos: uma análise do trabalho docente na Educação Infantil da rede municipal de Goiânia (2018-2022) (DD)	ANDRADE, Thiago Nicolau Ferreira de (H)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Federal de Goiás			Centro-oeste	GO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação				
NATUREZA DA PESQUISA		Qualitativa		
MÉTODO		Não identificado		
INSTRUMENTO DE COLETA		Questionário e entrevista		
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Refletir sobre os processos que permeiam as práticas docentes na primeira infância, assim como as configurações de gênero e dos papéis sexuais entre pedagogos homens e mulheres nas instituições				

escolares.				
SUJEITOS				
Professores homens nos Centros Municipais de Educação Infantil em Goiânia – GO.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
6	D	2020	Estudo acerca das relações de gênero e suas repercussões sobre o trabalho docente na Rede municipal de ensino de São Paulo (DD)	DEODATO, Mariana Fonte Boa (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Federal de São Paulo			Sudeste	SP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação				
NATUREZA DA PESQUISA		Quali-quantitativa		
MÉTODO		Materialismo Histórico Dialético		
INSTRUMENTO DE COLETA		Entrevista		
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Compreender as repercussões das relações de gênero sobre o trabalho docente, visto que estas são mais sujeitas à precarização, sobrecarga, acúmulo de jornadas e baixos salários.				
SUJEITOS				
Professoras dos anos finais do Ensino Fundamental da rede pública municipal de São Paulo.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
7	D	2021	Impactos da participação em programas de incentivo à docência na formação inicial e desenvolvimento profissional de professores de Educação Física atuantes na Educação Básica (ND)	CASTRO, Caroline Marques de (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Federal de Viçosa			Sudeste	MG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação				
Embora tenha sido indicado pelo banco, o trabalho não dialoga com a temática da presente dissertação.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
8	D	2014	Auxiliar de atividades educativas na Educação Infantil: constituição histórica e tensões de uma ocupação no âmbito da rede municipal de educação de Goiânia (DD)	EDIR, Eliane Garcia de Brito (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Federal de Goiás			Centro-oeste	GO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação				
NATUREZA DA PESQUISA		Qualitativa		
MÉTODO		Não identificado		
INSTRUMENTO DE COLETA		Entrevista		
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Analisar o movimento histórico de gênese e de desenvolvimento da ocupação de Auxiliar de Atividades Educativas de Centros Municipais de Educação Infantil e de escolas municipais que possuam pré-escola em Goiânia – GO.				
SUJEITOS				
Auxiliares de Atividades Educativas de Centros Municipais de Educação Infantil e de escolas municipais que possuam pré-escola em Goiânia – GO.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
9	D	2018	Ensino de ciências e questões de relação de gênero em instrumentos didáticos do ensino Fundamental (ND)	SILVA, Heline Maria Furtado (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Federal do Maranhão			Nordeste	MA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Gestão de Ensino da Educação Básica				
Embora tenha sido indicado pelo banco, o trabalho não dialoga com a temática da presente dissertação.				

Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
10	D	2017	Docência e Educação Infantil: condições de trabalho e profissão docente (DD)	OLIVEIRA, Tiago Grama de (H)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Federal de Minas Gerais			Sudeste	MG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação: Conhecimento e Inclusão Social				
NATUREZA DA PESQUISA			Não identificada	
MÉTODO			Não identificado	
INSTRUMENTO DE COLETA			Revisão bibliográfica e/ou análise documental	
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Analisar a situação profissional, formação e condições de trabalho das docentes brasileiras na Educação Infantil.				
SUJEITOS				
Professoras brasileiras na Educação Infantil.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
11	D	2016	Satisfação no trabalho e absenteísmo entre professores da rede estadual de ensino básico de Londrina (DP)	LEVORATO, Adrieli de Fatima Massaro (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Estadual de Londrina			Sul	PR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Saúde Coletiva				
NATUREZA DA PESQUISA			Não identificada	
MÉTODO			Não identificado	
INSTRUMENTO DE COLETA			Questionário e entrevista	
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Analisar a relação entre trabalho e absenteísmo em professores da Educação Básica.				
SUJEITOS				
Professores da rede estadual de Londrina.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
12	D	2015	Impactos da precarização do trabalho sobre a saúde das docentes da Educação Infantil (DD)	SOLIMÕES, Andréa Cristina Cunha (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Federal do Pará			Norte	PA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação				
NATUREZA DA PESQUISA			Não identificada	
MÉTODO			Materialismo Histórico Dialético	
INSTRUMENTO DE COLETA			Não identificado	
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Analisar criticamente as condições de trabalho na Educação Infantil, a fim de estabelecer relações com o processo de adoecimento, tomando como referência as professoras da Educação Infantil da rede municipal de Belém – PA.				
SUJEITOS				
Professoras da Educação Infantil da rede municipal de Belém – PA.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
13	D	2023	Inserção profissional de egressos das licenciaturas interdisciplinares: trajetórias de graduados em ciências humanas (ND)	NASCIMENTO, Jéssica Rodrigues do (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Federal do Maranhão			Nordeste	MA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação				
SUJEITOS				
Embora tenha sido indicado pelo banco, o trabalho não dialoga com a temática da presente dissertação.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
14	T	2014	Saberes profissionais para o exercício da	FIELD'S, Karla Amâncio

			docência em química voltado à educação inclusiva (ND)	Pinto (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Federal de Goiás			Centro-oeste	GO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Química				
Embora tenha sido indicado pelo banco, o trabalho não dialoga com a temática da presente dissertação.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
15	D	2017	Memoriais formativos como recurso avaliativo no ensino superior de ciências biológicas (ND)	BORALI, Heitor Luiz (H)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Metodista de São Paulo			Sudeste	São Paulo
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação				
Embora tenha sido indicado pelo banco, o trabalho não dialoga com a temática da presente dissertação.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
16	D	2018	“Você tem que tirar seu coração de dentro do Estado, entendeu?”: Trajetórias laborais de Especialista de Políticas Públicas e Gestão Governamental e Analista de Planejamento e Orçamento do Estado do Rio de Janeiro (ND)	SANTOS, Luana Sodrê da Silva (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro			Sudeste	RJ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Administração				
Embora tenha sido indicado pelo banco, o trabalho não dialoga com a temática da presente dissertação.				

BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES E BDTD (DD/DP)

DESCRITORES														DATA							
																		18/11/2023			
"trabalho docente" AND "mulheres" AND "educação básica" (DD e DP)																					
TRABALHOS				DISSERTAÇÕES				TESES													
Nº		%		Nº		%		Nº		%											
C	B			C	B			C	B												
18	10	100%		11	9	69%		7	1	31%											
26 (2 se repetem)				18 (2 se repetem)				8													
ANO DE DEFESA (2014-2023)																					
2014		2015		2016		2017		2018		2019		2020		2021		2022		2023			
C	B	C	B	C	B	C	B	C	B	C	B	C	B	C	B	C	B	C	B		
	1		1		1		2		2	2		4	2	3		8	1	1			
1		1		1		2		2		2		5 (1 se repete)		3		8 (1 se repete)		1			
4%		4%		4%		8%		8%		8%		19%		12%		31%		4%			
TRABALHOS POR PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO																					
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO												C	B	TOTAL	%						
Ciência da Saúde												1		1	4%						
Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais												1		1	4%						
Desenvolvimento, Planejamento e Território												1		1	4%						
Educação												10	7	15 (2 se repetem)	58%						
Educação Escolar												1		1	4%						
Educação Física												1		1	4%						
Educação Tecnológica												1		1	4%						

Educação: Conhecimento e Inclusão Social		1	1	4%	
Ensino	1		1	4%	
Ensino e História da Matemática e da Física	1		1	4%	
Saúde Coletiva		1	1	4%	
Saúde Pública		1	1	4%	
PESQUISAS POR MACRORREGIÃO DO BRASIL					
MACRORREGIÃO	Nº %	UNIVERSIDADE		UF	Nº
Centro-oeste	3	Universidade de Brasília		DF	1
	12%	Universidade Federal de Goiás		GO	2
Nordeste	4	Universidade Estadual do Ceará		CE	1
		Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia		BA	1
	15%	Universidade Federal da Bahia		BA	1
		Universidade Federal do Pará		PA	1
Norte	1	Universidade Federal do Acre		AC	1
	4%				
Sudeste	14	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais		MG	1
		Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais		MG	1
		Universidade de Taubaté		SP	1
	54%	Universidade de Uberaba		MG	1
		Universidade Estadual de Campinas		SP	1
		Universidade Estadual de Montes Claros		MG	1
		Universidade Federal de Minas Gerais		MG	3
		Universidade Federal de São João Del-Rei		MG	1
		Universidade Federal de São Paulo		SP	1
		Universidade Federal do Rio de Janeiro		RJ	2
Universidade Municipal de São Caetano Do Sul		SP	1		
Sul	4	Universidade de Santa Cruz Do Sul		RS	1
	15%	Universidade Estadual de Londrina		PR	2
		Universidade Federal do Rio Grande do Sul		RS	1
TRABALHOS E RELAÇÃO COM A TEMÁTICA		C	B	TOTAL	%
Trabalhos que dialogam diretamente com o tema (DD)		14	7	19 (2 se repetem)	73%
Trabalhos que dialogam parcialmente com o tema (DP)		4	3	7	27%
NATUREZA DA PESQUISA (DD e DP)		C	B	TOTAL	%
Qualitativa		8	4	10 (2 se repetem)	38%
Quantitativa		0	1	1	4%
Quali-quantitativa		8	2	10	38%
Não identificada		2	3	5	19%
MÉTODO (DD e DP)		C	B	TOTAL	%
Materialismo Histórico Dialético		6	2	7 (1 se repete)	27%
Sociologia do Trabalho			1	1	4%
Sociologia Crítica			1	1	4%
Não identificado		12	6	17 (1 se repete)	65%
INSTRUMENTO DE COLETA (DD e DP)		C	B	TOTAL	%
Entrevista		8	3	10 (1 se repete)	38%

Grupo focal		1	1	4%
Narrativas escritas e escritas narrativas	1		1	4%
Observações diretas e entrevista		1	1	4%
Questionário	1		1	4%
Questionário e entrevista	5	2	6 (1 se repete)	23%
Questionário e exames físicos	1		1	4%
Relatos de experiência	1		1	4%
Revisão bibliográfica e/ou análise documental	1	2	3	12%
Não identificado		1	1	4%
GÊNERO DOS/AS AUTORES/AS (DD e DP)		Nº	%	
Mulher (Cis/trans)		21	81%	
Homem (Cis/trans)		5	19%	
Outro				

BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES

DESCRITORES										DATA		
										23/11/2023		
"trabalho docente" AND "mulheres" AND "educação básica" AND "trabalho doméstico"												
TRABALHOS			DISSERTAÇÕES				TESES					
Nº		%	Nº		%		Nº		%			
2		100%	1		50%		1		50%			
ANO DE DEFESA (2014-2023)												
2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023			
0	0	0	0	0	0	0	0	2	0			
TRABALHOS POR PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO												
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO										Nº		%
Desenvolvimento, Planejamento e Território										1		50%
Educação										1		50%
PESQUISAS POR MACRORREGIÃO DO BRASIL												
MACRORREGIÃO		Nº		UNIVERSIDADE				UF		Nº		
Centro-oeste		0								0		
Nordeste		0								0		
Norte		0								0		
Sudeste		2		Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais				MG		1		
Sul		0		Universidade Federal de São João Del-Rei				MG		1		
										0		0
TRABALHOS E RELAÇÃO COM A TEMÁTICA										Nº		%
Trabalhos que dialogam diretamente com o tema (DD)										2		100%
Trabalhos que dialogam parcialmente com o tema (DP)										0		0
Trabalhos sem relação com o tema (ND)										0		0
NATUREZA DA PESQUISA (DD e DP)										Nº		%
Qualitativa										1		50%
Quantitativa										0		0
Quali-quantitativa										0		0
Não identificado										1		50%
MÉTODO (DD e DP)										Nº		%
Não identificado										2		100%
INSTRUMENTO DE COLETA (DD e DP)										Nº		%
Questionário										1		50%
Questionário e entrevista										1		50%
GÊNERO DOS/AS AUTORES/AS (DD e DP)										Nº		%

Mulher (Cis/trans)			2	100%
Homem (Cis/trans)			0	0
Outro			0	0
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
1	T	2022	Professoras da Amazônia Acreana: trabalho docente e condições de vida de mulheres que lecionam no meio rural de Feijó – AC (DD)	RIBEIRO, Leticia Mendonca Lopes (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais			Sudeste	MG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação				
NATUREZA DA PESQUISA			Qualitativa	
MÉTODO			Não identificado	
INSTRUMENTO DE COLETA			Questionário e entrevista	
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Examinar o cotidiano, as condições de vida e de trabalho de professoras que viveram e/ou lecionaram em Feijó – AC, egressas da 3ª edição de oferta do curso de Pedagogia do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica promovida pela Universidade Federal do Acre.				
SUJEITOS				
Pedagogas – que viveram e/ou lecionaram em Feijó (AC) – egressas da 3ª edição de oferta do curso de Pedagogia do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica promovida pela Universidade Federal do Acre.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
2	D	2022	Efeitos da Covid-19 sobre o tempo social dos professores da educação básica pública em Minas Gerais, uma abordagem da economia feminista (DD)	SILVA, Josiane Patrícia Resende (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Federal de São João Del-Rei			Sudeste	MG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Desenvolvimento, Planejamento e Território				
NATUREZA DA PESQUISA			Não identificado	
MÉTODO			Não identificado	
INSTRUMENTO DE COLETA			Questionário	
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Analisar os efeitos da pandemia de Covid-19 sobre o tempo social dos professores da rede pública estadual de Minas Gerais, a partir de uma perspectiva da divisão sexual do trabalho.				
SUJEITOS				
Professores da rede pública estadual de Minas Gerais.				

BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA BDTD

DESCRITORES							DATA		
							23/11/2023		
trabalho docente AND mulheres AND educação básica AND trabalho doméstico									
TRABALHOS			DISSERTAÇÕES				TESSES		
Nº	%		Nº	%		Nº	%		
8	100%		6	75%		2	25%		
ANO DE DEFESA (2014-2023)									
2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
1	0	1	2	0	0	3	0	0	1
TRABALHOS POR PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO									
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO								Nº	%
Administração								1	12,5%
Atenção à Saúde								2	25%
Ciências Fonoaudiológicas								1	12,5%
Educação								1	12,5%
Educação e Saúde na Infância e Adolescência								1	12,5%

Geografia		1	12,5%
História		1	12,5%
PESQUISAS POR MACRORREGIÃO DO BRASIL			
MACRORREGIÃO	Nº	UNIVERSIDADE	UF Nº
Centro-oeste	2	Pontifícia Universidade Católica de Goiás	GO 1
		Universidade Federal de Goiás	GO 1
Nordeste	0		0
Norte	0		0
Sudeste	6	Universidade Federal de Minas Gerais	MG 1
		Universidade Federal de São Paulo	SP 2
		Universidade Federal do Triângulo Mineiro	SP 2
		Universidade Metodista de São Paulo	SP 1
Sul	0		
TRABALHOS E RELAÇÃO COM A TEMÁTICA		Nº	%
Trabalhos que dialogam diretamente com o tema (DD)		4	50%
Trabalhos que dialogam parcialmente com o tema (DP)		0	0%
Trabalhos sem relação com o tema (ND)		4	50%
NATUREZA DA PESQUISA (DD e DP)		Nº	%
Qualitativa		0	0%
Quantitativa		0	0%
Quali-quantitativa		3	75%
Não identificada		1	25%
MÉTODO (DD e DP)		Nº	%
Materialismo Histórico Dialético		2	50%
Não identificado		2	50%
INSTRUMENTO DE COLETA (DD e DP)		Nº	%
Entrevista		1	25%
Questionário		1	25%
Revisão bibliográfica e/ou análise documental		1	25%
Não identificado		1	25%
GÊNERO DOS/AS AUTORES/AS (DD e DP)		Nº	%
Mulher (Cis/trans)		4	100%
Homem (Cis/trans)		0	0%
Outro		0	0%
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO AUTOR/A - GÊNERO
1	D	2014	Trabalho docente de mulheres em Goiânia – GO (DD) CAETANO, Daisy Luzia do Nascimento Silva (M)
INSTITUIÇÃO		MACRORREGIÃO UF	
Universidade Federal de Goiás		Centro-oeste	GO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO			
Geografia			
NATUREZA DA PESQUISA		Quali-quantitativa	
MÉTODO		Materialismo Histórico Dialético	
INSTRUMENTO DE COLETA		Não identificado	
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES			
Compreender a espacialização do trabalho docente de mulheres em Goiânia – GO – enquanto atividade profissional feminizada e carregada de precarização – a partir das condições de trabalho e da vida cotidiana das trabalhadoras.			
SUJEITOS			
Professoras da rede estadual de ensino do Estado de Goiás.			
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO AUTOR/A - GÊNERO
2	D	2017	Recorte de gênero, problemas de voz e faltas dos professores ao trabalho nas Escolas da Educação Básica no Brasil (DD) LAGES, Luciana Daniella (M)
INSTITUIÇÃO		MACRORREGIÃO UF	
Universidade Federal de Minas Gerais		Sudeste	MG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO			
Ciências Fonoaudiológicas			

NATUREZA DA PESQUISA		Não identificada		
MÉTODO		Não identificado		
INSTRUMENTO DE COLETA		Revisão bibliográfica e/ou análise documental		
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Verificar a produção científica nos últimos dez anos sobre a frequência e os fatores associados às faltas ao trabalho por problemas de voz e descrever diferenças, quanto a questões de gênero, entre professores da Educação Básica no Brasil que se afastaram do trabalho por esse motivo.				
SUJEITOS				
Professores da Educação Básica no Brasil.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
3	D	2020	Estudo acerca das relações de gênero e suas repercussões sobre o trabalho docente na Rede municipal de ensino de São Paulo (DD)	DEODATO, Mariana Fonte Boa (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Federal de São Paulo			Sudeste	SP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Educação				
NATUREZA DA PESQUISA		Quali-quantitativa		
MÉTODO		Materialismo Histórico Dialético		
INSTRUMENTO DE COLETA		Entrevista		
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Compreender as repercussões das relações de gênero sobre o trabalho docente, visto que estas são mais sujeitas à precarização, sobrecarga, acúmulo de jornadas e baixos salários.				
SUJEITOS				
Professoras dos anos finais do Ensino Fundamental da rede pública municipal de São Paulo.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
4	D	2016	A dupla jornada de trabalho feminino: realidade, implicações e perspectivas (DD)	SIQUEIRA, Osmarina Mota (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Pontifícia Universidade Católica de Goiás			Centro-oeste	GO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
História				
NATUREZA DA PESQUISA		Quali-quantitativa		
MÉTODO		Não identificado		
INSTRUMENTO DE COLETA		Questionário		
CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES				
Investigar a dupla jornada de trabalho feminino – remunerado e doméstico – e as implicações desta, em vários aspectos, na vida de professoras de Educação Infantil, sob a perspectiva de gênero.				
SUJEITOS				
Professoras de Centros Municipais de Educação Infantil da cidade de Goiânia.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
5	T	2020	Validação do WHODAS 2.0 e associações entre aspectos sociodemográficos, ocupacionais, exame físico e relato de sintomas em trabalhadores com LER/DORT (ND)	MARCACINE, Patrícia Ribeiro (M)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Federal do Triângulo Mineiro			Sudeste	MG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				
Atenção à Saúde				
Embora tenha sido indicado pelo banco, o trabalho não dialoga com a temática da presente dissertação.				
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A - GÊNERO
6	D	2023	Saúde e bem-estar na escola pública: a perspectiva de estudantes do ensino médio (ND)	MAIOTTI, Álvaro de Souza (H)
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF
Universidade Federal de São Paulo			Sudeste	SP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO				

Educação e Saúde na Infância e Adolescência					
Embora tenha sido indicado pelo banco, o trabalho não dialoga com a temática da presente dissertação.					
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTORA/A - GÊNERO	
7	T	2020	Envelhecimento ativo entre idosos residentes na Microrregião de Saúde de Uberaba, Minas Gerais (ND)	OLIVEIRA, Nayara Gomes Nunes (M)	
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF	
Universidade Federal do Triângulo Mineiro			Sudeste	MG	
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO					
Atenção à Saúde					
Embora tenha sido indicado pelo banco, o trabalho não dialoga com a temática da presente dissertação.					
Nº	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTORA/A - GÊNERO	
8	D	2017	Antecedentes do engajamento e da intenção em permanecerem projetos sociais: um estudo em instituições de ensino superior do estado de São Paulo (ND)	SILVA, Ana Rosa da (M)	
INSTITUIÇÃO			MACRORREGIÃO	UF	
Universidade Metodista de São Paulo			Sudeste	SP	
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO					
Administração					
Embora tenha sido indicado pelo banco, o trabalho não dialoga com a temática da presente dissertação.					

BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES E BDTD (DD/DP)

BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES E BDTD (DD/DP)																			
DESCRITORES																DATA			
																18/11/2023			
trabalho docente AND mulheres AND educação básica AND trabalho doméstico																			
TRABALHOS				DISSERTAÇÕES				TESES											
Nº		%		Nº		%		Nº		%									
C	B			C	B			C	B			C	B						
2	4	100%		1	4	83%		1	0	17%									
6				5				1											
ANO DE DEFESA (2014-2023)																			
2014		2015		2016		2017		2018		2019		2020		2021		2022		2023	
C	B	C	B	C	B	C	B	C	B	C	B	C	B	C	B	C	B	C	B
	1				1		1						1			2			
1				1		1						1				2			
17%				17%		17%						17%				33%			
TRABALHOS POR PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO																			
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO												C	B	TOTAL	%				
Ciências Fonoaudiológicas													1	1	17%				
Desenvolvimento, Planejamento e Território												1		1	17%				
Educação												1	1	2	33%				
Geografia													1	1	17%				
História													1	1	17%				
PESQUISAS POR MACRORREGIÃO DO BRASIL																			
MACRORREGIÃO		Nº %		UNIVERSIDADE										UF	Nº				
Centro-oeste		2		Pontifícia Universidade Católica de Goiás										GO	1				
		33%		Universidade Federal de Goiás										GO	1				
Nordeste																			
Norte																			
Sudeste		4		Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais										MG	1				
				Universidade Federal de Minas Gerais										MG	1				
		67%		Universidade Federal de São João Del-Rei										MG	1				
				Universidade Federal de São Paulo										SP	1				
Sul																			

TRABALHOS E RELAÇÃO COM A TEMÁTICA	C	B	TOTAL	%
Trabalhos que dialogam diretamente com o tema (DD)	2	4	6	100%
Trabalhos que dialogam parcialmente com o tema (DP)				
NATUREZA DA PESQUISA (DD e DP)	C	B	TOTAL	%
Qualitativa	1		1	17%
Quantitativa				0%
Quali-quantitativa		3	3	50%
Não identificada	1	1	2	33%
MÉTODO (DD e DP)	C	B	TOTAL	%
Materialismo Histórico Dialético		2	2	33%
Não identificado	2	2	4	67%
INSTRUMENTO DE COLETA (DD e DP)	C	B	TOTAL	%
Entrevista		1	1	17%
Questionário	1	1	2	33%
Questionário e entrevista	1		1	17%
Revisão bibliográfica e/ou análise documental		1	1	17%
Não identificado		1	1	17%
GÊNERO DOS/AS AUTORES/AS (DD e DP)		Nº	%	
Mulher (Cis/trans)		6	100%	
Homem (Cis/trans)				
Outro				

BANCO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

DESCRITORES								DATA	
								23/11/2023	
trabalho docente									
TRABALHOS			DISSERTAÇÕES				TESES		
Nº	%		Nº	%		Nº	%		
11	100%		11	100%		0	0%		
ANO DE DEFESA (2014-2023)									
2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
0	0	1	0	2	1	2	2	1	2
TRABALHOS E RELAÇÃO COM A TEMÁTICA								Nº	%
Trabalhos que dialogam diretamente com o tema (DD)								0	0
Trabalhos que dialogam parcialmente com o tema (DP)								11	100%
Trabalhos sem relação com o tema (ND)								0	0
ANO	AUTORA/A		TÍTULO	TIPO	ORIENTADOR/A				
2023	Marisa	Fernandes	Condições de Trabalho Docente, Questões Emocionais e o Adoecimento Psíquico em Professores/as de Santa Maria da Vitória - BA (DP)	Dissertação	Dra. Berta Leni Costa Cardoso				
2023	Davi	Amâncio de Souza	As contradições do trabalho docente: uma análise sobre a escola do MST e o desafio da contra-hegemonia (DP)	Dissertação	Dra. Arlete Ramos dos Santos				
2022	Karine	Barbosa dos Santos	Precarização do trabalho docente em tempos de ensino emergencial nas escolas do campo em Vitória da Conquista - BA (DP)	Dissertação	Drª Arlete Ramos dos Santos				

2021	Saulo Silva Teixeira	Condições de trabalho docente na pós-graduação strictu sensu na UESB: intensificação, produtivismo acadêmico, avaliação e precarização (DP)	Dissertação	Dr. Claudio Pinto Nunes					
2021	Nádia Batista de Carvalho	A relação entre a verticalização e o trabalho docente no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia – Campus Eunápolis (DP)	Dissertação	Drª Leila Pio Mororó					
2020	Paula Cristina Soares Silva de Almeida	Condições do trabalho docente: políticas e processos de desenvolvimento profissional (DP)	Dissertação	Dr. Claudio Pinto Nunes					
2020	Abília Ana de Castro Neta	A precarização do trabalho e os impactos para o processo de adoecimento da classe trabalhadora docente (DP)	Dissertação	Drª Berta Leni Costa Cardoso					
2019	Jafé da Silva Cardoso	As condições de trabalho docente na educação do campo no município de Medeiros Neto/BA: precarização e alienação (DP)	Dissertação	Drª Arlete Ramos dos Santos					
2018	Silvana Sousa Andrade	Políticas para formação de professores: os impactos do PARFOR na formação, na existência individual e no trabalho docente (DP)	Dissertação	Drª Leila Pio Mororó					
2018	Jany Rodrigues Prado	Os sentidos que professores de Educação Infantil do município de Guanambi atribuem a sua condição de trabalho docente (DP)	Dissertação	Dr. Claudio Pinto Nunes					
2016	Vanessa Cristina Meneses Fernandes	As condições do trabalho docente e os ciclos: de aprendizagem e de formação humana no contexto de Vitória da Conquista BA (2000 – 2010) (DP)	Dissertação	Dr. Cláudio Pinto Nunes					
DESCRITORES				DATA					
				23/11/2023					
Mulheres									
TRABALHOS		DISSERTAÇÕES		TESES					
Nº	%	Nº	%	Nº	%				
5	100%	5	100%	0	0%				
ANO DE DEFESA (2014-2023)									
2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
0	0	0	0	1	0	0	0	4	0
ANO	AUTOR/A		TÍTULO		TIPO		ORIENTADOR/A		

2022	Kátia Rosane Santos Pereira	As Mulheres do Brasil Colonial no Livro Didático de História (2012-2018) (ND)	Dissertação	Dr ^a Maria Cristina Dantas Pina					
2022	Mônica Clementino de Menezes	Mulheres negras nas salas de alfabetização de jovens e adultos no município de Porto Seguro - Bahia: diálogo entre as motivações, a interseccionalidade e as políticas públicas de EJA (ND)	Dissertação	Dr. Adenilson Souza Cunha Júnior					
2022	Marcielle Neres de Jesus	A trajetória escolar e acadêmica das mulheres quilombolas da comunidade Boi-Pindaí/BA: construindo estratégias de reexistências (ND)	Dissertação	Dr ^a Dinalva de Jesus Santana Macêdo					
2022	Grácia Lorena da Silva Jorge	Mulheres negras líderes no Médio Vale do Jequitinhonha: o saber como prática educativa por meio da educação não escolar (ND)	Dissertação	Dr ^a Cecília Conceição Moreira Soares					
2018	João Paulo Lopes dos Santos	Práticas curriculares e seus impactos na trajetória de escolarização de mulheres negras no Ensino Superior (ND)	Dissertação	Dr ^a Núbia Regina Moreira					
DESCRITORES				DATA 23/11/2023					
Trabalho doméstico									
TRABALHOS		DISSERTAÇÕES		TESES					
Nº	%	Nº	%	Nº	%				
0	0	0	0	0	0				
ANO DE DEFESA (2014-2023)									
2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TRABALHOS E RELAÇÃO COM A TEMÁTICA								Nº	%
Trabalhos que dialogam diretamente com o tema (DD)								0	0
Trabalhos que dialogam parcialmente com o tema (DP)								0	0
Trabalhos sem relação com o tema (ND)								0	0
ANO	AUTOR/A		TÍTULO		TIPO	ORIENTADOR/A			

APÊNDICE 2 – CATEGORIZAÇÃO DO ESTADO DO CONHECIMENTO

CENTRALIDADE DAS DISCUSSÕES	TIPO	ANO	TÍTULO	AUTOR/A	PPG/ UNIVERSIDADE	MÉTODO/ NATUREZA/ INSTRUMENTO
Trabalho docente feminino	D	2020	Vozes de mulheres na academia: desmantelando armadilhas para nos invisibilizar (DD)	BEZERRA, Carolina Salviano (M)	PPG Ensino e História da Matemática e da Física Universidad e Federal do Rio de Janeiro	NATUREZA: Qualit MÉTODO: Não identificado INSTRUMENTOS I COLETA: Entrevista
	D	2021	O mal-estar docente no trabalho de professoras da educação infantil e a busca de alternativas para minimizar seus efeitos (DD)	COSTA, Lana Raket Silva da (M)	PPG Educação Universidad e de Santa Cruz do Sul / RS	NATUREZA: Qualit MÉTODO: Não identificado INSTRUMENTOS I COLETA: Entrevista
	T	2023	O trabalho docente e o nó dialético gênero, raça e classe (DD)	SOUSA, Fernando Santos (H)	PPG Educação Universidad e de Brasília /DF	NATUREZA: Quali-quantitativa MÉTODO: Materiali Histórico Dialético INSTRUMENTOS I COLETA: Narrativas escritas e escritas narr
	D	2020	As representações sociais de docentes da educação básica quanto a qualidade de vida/trabalho (DD)	PINTO, Vanessa Cristine Binotto de Moraes (M)	PPG Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais Universidad e de Taubaté /SP	NATUREZA: Quali-quantitativa MÉTODO: Não identificado INSTRUMENTOS I COLETA: Questioná entrevista
	D	2020	Estudo acerca das relações de gênero e suas repercussões sobre o trabalho docente na rede municipal	DEODATO, Mariana Fonte Boa (M)	PPG Educação Universidad e Federal de São Paulo / SP	NATUREZA: Quali-quantitativa MÉTODO: Materiali Histórico Dialético INSTRUMENTOS I COLETA: Entrevista

			de ensino de São Paulo (DD)			
	T	2022	Ser professora em tempo de Covid-19: situação laboral de mulheres docentes da Educação Infantil e Fundamental I do sistema privado de ensino do Rio de Janeiro nos anos de 2020 e 2021 (DD)	BARATA, Jade Prata Bueno (M)	PPG Educação Universidad e Federal do Rio de Janeiro / RJ	NATUREZA: Quali-quantitativa MÉTODO: Materiali Histórico Dialético INSTRUMENTOS I COLETA: Relatos de experiência
	D	2022	Homens pedagogos : uma análise do trabalho docente na Educação Infantil da rede municipal de Goiânia (2018-2022) (DD)	ANDRADE, Thiago Nicolau Ferreira de (H)	PPG Educação Universidad e Federal de Goiás / GO	NATUREZA: Qualit MÉTODO: Não identificado INSTRUMENTOS I COLETA: Questioná entrevista
	D	2021	Condições de trabalho docente da Educação Infantil na rede municipal de Campinas – SP (DD)	SIQUEIRA, Laura Hellen Silva (M)	PPG Educação Escolar Universidad e Estadual de Campinas / SP	NATUREZA: Quali-quantitativa MÉTODO: Crítico-dialético INSTRUMENTOS I COLETA: Entrevista
	T	2022	Percursos de homens e de mulheres à gestão escolar: um estudo consubstanciado por classe, gênero e raça (DD)	BERNARD ES, Carliene Freitas Da Silva (M)	PPG Educação Escolar Universidad e de Uberaba / MG	NATUREZA: Quali-quantitativa MÉTODO: Materiali Histórico Dialético INSTRUMENTOS I COLETA: Revisão bibliográfica e/ou aná documental

	D	2019	Gestão feminina na escola pública paulista: a concepção docente (DD)	PEREIRA, Carla Avelina Silva (M)	PPG Educação Universidad e Municipal de São Caetano do Sul / SP	NATUREZA: Qualit MÉTODO: Não identificado INSTRUMENTOS I COLETA: Questionário entrevista
	T	2022	Professoras da Amazônia Acreana: trabalho docente e condições de vida de mulheres que lecionam no meio rural de Feijó – AC (DD)	RIBEIRO, Leticia Mendonca Lopes (M)	PPG Educação Pontifícia Universidad e Católica de Minas Gerais / MG	NATUREZA: Qualit MÉTODO: Não identificado INSTRUMENTOS I COLETA: Questionário entrevista
	T	2021	Da jardineira à tia da Educação Infantil: o espectro da alienação no trabalho de professoras da Educação Infantil (DD)	NASCIMENTO, Maria Luzirene Oliveira do (M)	PPG Educação Universidad e Estadual do Ceará / CE	NATUREZA: Quali-quantitativa MÉTODO: Material Histórico Dialético INSTRUMENTOS I COLETA: Entrevista
	D	2017	Características do trabalho docente e gênero: um estudo sobre os professores da Educação Básica do Brasil (2007-2014) (DD)	SILVA, Juliana de Jesus (M)	PPG Saúde Pública Universidad e Federal de Minas Gerais	NATUREZA: Quant MÉTODO: Não identificado INSTRUMENTOS I COLETA: Revisão bibliográfica e/ou análise documental
	D	2022	Processos de medicalização e trabalho docente: reflexões sobre o adoecimen	SILVA, Érika Carvalho (M)	PPG Educação Universidad e Federal da Bahia	NATUREZA: Qualit MÉTODO: Não identificado INSTRUMENTOS I COLETA: Observação diretas e entrevista

			to de professoras da rede pública de Salvador/BA (DD)			
	D	2014	Auxiliar de atividades educativas na Educação Infantil: constituição histórica e tensões de uma ocupação no âmbito da rede municipal de educação de Goiânia (DD)	EDIR, Eliane Garcia de Brito (M)	PPG Educação Universidad e Federal de Goiás / GO	NATUREZA: Qualit
						MÉTODO: Não identificado
						INSTRUMENTOS I COLETA: Entrevista
	D	2017	Docência e Educação Infantil: condições de trabalho e profissão docente (DD)	OLIVEIRA, Tiago Grama de (H)	PPG Educação: Conhecimento e Inclusão Social Universidad e Federal de Minas Gerais / MG	NATUREZA: Não identificada
						MÉTODO: Não identificado
						INSTRUMENTOS I COLETA: Revisão bibliográfica e/ou análise documental
	D	2015	Impactos da precarização do trabalho sobre a saúde das docentes da Educação Infantil (DD)	SOLIMÕES, Andréa Cristina Cunha (M)	PPG Educação Universidad e Federal do Pará / PA	NATUREZA: Não identificada
						MÉTODO: Materiali Histórico Dialético
						INSTRUMENTOS I COLETA: Não identificado
	D	2017	Recorte de gênero, problemas de voz e faltas dos professores ao trabalho nas Escolas da Educação Básica no Brasil (DD)	LAGES, Luciana Daniella (M)	PPG Ciências Fonoaudiológicas Universidad e Federal de Minas Gerais	NATUREZA: Não identificada
						MÉTODO: Não identificado
						INSTRUMENTOS I COLETA: Revisão bibliográfica e/ou análise documental
Trabalho docente feminino e trabalho	D	2020	Ser mulher e	COSTA, Renata	PPG Educação	NATUREZA: Quali-quantitativa

não remunerado			professora na educação básica: do trabalho múltiplo a Síndrome de Burnout (DD)	Raquel (M)	Tecnológica Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais / MG	MÉTODO: Materiali Histórico Dialético
						INSTRUMENTOS I COLETA: Entrevista
	D	2016	A dupla jornada de trabalho feminino: realidade, implicações e perspectivas (DD)	SIQUEIRA, Osmarina Mota (M)	PPG História Pontifícia Universidad e Católica de Goiás / GO	NATUREZA: Quali-quantitativa
						MÉTODO: Não identificado
						INSTRUMENTOS I COLETA: Questioná
	D	2022	Efeitos da Covid-19 sobre o tempo social dos professores da educação básica pública em Minas Gerais: uma abordagem da economia feminista (DD)	SILVA, Josiane Patrícia Resende (M)	PPG Desenvolvimento, Planejamento e Território Universidad e Federal de São João Del-Rei / MG	NATUREZA: Não identificada
					MÉTODO: Não identificado	
					INSTRUMENTOS I COLETA: Questioná	

APÊNDICE 3 – QUESTIONÁRIO

1. Deseja participar da pesquisa? (anexo)

- Sim, desejo

2. Está ciente e aceita as condições descritas no TCLE? (anexo)

- Aceito

3. Como usaremos seus dados? (anexo com a Lei Geral de Proteção de Dados)

- Aceito

4. Você participaria de uma entrevista presencial (anexo com as informações da entrevista)

- Sim
- Não

5. E-mail (caso tenha interesse de participar da entrevista):

DADOS PESSOAIS

6. Gênero

- Mulher (trans/cis)

7. Qual a sua idade?

- Até 25 anos
- De 25 a 30 anos
- De 31 a 35 anos
- De 36 a 40 anos
- De 41 a 45 anos
- De 46 a 50 anos

- De 51 a 55 anos
- Mais de 55 anos

8. Como você se declara em relação à cor/etnia?

- Branca
- Parda
- Preta
- Indígena
- Amarela
- Não desejo declarar

9. Religião?

- Cristianismo
- Cristianismo/Catolicismo
- Cristianismo/Evangélica
- Espiritismo
- Candomblé
- Umbanda
- Judaísmo
- Islamismo
- Budismo
- Não tenho religião
- Outra
- Qual?

10. Estado civil:

- Solteira
- Casada
- Em união estável
- Divorciada
- Viúva

11. Você mora em Belo Campo?

- Sim, em área urbana
- Sim, em área rural
- Não, moro em outra cidade

INFORMAÇÕES PROFISSIONAIS**12. Qual a sua função na rede pública municipal de Belo Campo?**

- Professora
- Professora de apoio/cuidadora
- Professora, mas atualmente em cargo de gestão escolar

13. Em qual etapa ou modalidade você atua na rede pública municipal de Belo Campo? (você pode marcar mais de uma alternativa)

- Educação infantil
- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Educação Especial
- Educação de Jovens e Adultos

14. Vínculo

- Efetiva
- Contratada

15. Onde trabalha?

- Somente na rede pública municipal de Belo Campo
- Na rede pública municipal de Belo Campo e na rede privada/estadual de Belo Campo
- Na rede pública municipal de Belo Campo e na rede municipal/estadual/privada de outro município

16. Qual seu tempo de carreira?

- 1 a 3 anos de carreira
- 4 a 6 anos de carreira
- 7 a 9 anos e carreira
- 10 a 12 de anos de carreira
- 13 a 16 anos de carreira
- 17 a 19 anos de carreira
- 20 a 22 anos de carreira
- 23 a 25 anos de carreira
- 26 a 28 anos de carreira
- 29 a 30 anos de carreira
- Mais de 30 anos de carreira

17. Trabalha em área urbana ou rural?

- Urbana
- Rural
- Urbana e Rural

18. Carga horária de trabalho semanal na docência?

- 20 horas
- 40 horas
- 60 horas
- 80 horas

19. Exerce alguma profissão além da docência?

- Sim
- Não

Se sim, qual?

20. Tempo de deslocamento até o trabalho (somando a ida e volta)

- Até 15 minutos
- Até 30 minutos
- Até 50 minutos
- Mais de 1 hora
- Mais de 2 horas
- Mais de 3 horas

21. Na maioria das vezes, como se desloca até o trabalho? (você pode marcar mais de uma alternativa)

- A pé
- Bicicleta
- Motocicleta
- Ônibus cedido pela prefeitura
- Ônibus de empresa privada
- Carro próprio
- Carro próprio com combustível financiado pelo poder público municipal
- Carona em carro de terceiros

22. Mensalmente, quanto costuma gastar com seu deslocamento até o trabalho?

- Não tenho custo com o deslocamento
- Meus custos com deslocamento são arcados pelo poder público municipal
- Até 100 reais
- De 100 a 200 reais
- De 200 a 300 reais
- Mais de 300 reais

23. Sua formação inicial foi em:

- Pedagogia
- História
- Matemática

- Letras
- Ciências Biológicas
- Geografia
- Física
- Química
- Educação Física
- Filosofia
- Ciências Sociais
- Artes
- Curso de licenciatura em andamento
- Não possuo Ensino Superior
- Outro
- Qual?

24. Sua formação inicial foi em:

- Instituição privada
- Instituição pública

25. Sua formação inicial foi:

- EAD
- Presencial
- Semi-presencial

26. Você faz algum curso de formação continuada?

- Sim
- Não

27. Qual sua maior dificuldade em adentrar e/ou prosseguir com uma formação continuada? (você pode marcar mais de uma alternativa)

- Falta de tempo
- Falta de recursos financeiros

- Cuidados com a família/filhos
- Excesso de trabalho
- Excesso de trabalho doméstico
- Falta de apoio
- Distância de universidades
- Cansaço físico/mental

28. Qual seu maior grau de formação atualmente?

- Ensino Médio
- Magistério
- Graduação
- Graduação em andamento
- Pós-graduação/Especialização
- Pós-graduação/Especialização em andamento
- Mestrado
- Mestrado em andamento
- Doutorado
- Doutorado em andamento
- Pós-doutorado
- Pós-doutorado em andamento

29. Você almeja progredir academicamente, fazendo mestrado ou doutorado, por exemplo?

- Sim
- Não
- Já tenho mestrado/doutorado

30. Caso tenha marcado “sim” na questão anterior, qual você acredita que seria sua maior dificuldade para adentrar ou para permanecer no mestrado ou doutorado? (você pode marcar mais de uma alternativa)

- Falta de tempo

- Falta de recursos financeiros
- Família/filhos
- Excesso de trabalho
- Excesso de trabalho doméstico
- Falta de apoio
- Distância de universidades
- Cansaço físico/mental

31. Quais motivos te levaram a escolher o magistério?

32. Está satisfeito com a profissão?

- Sim
- Não

33. Hoje, você mudaria de profissão?

- Sim
- Não

34. Para você, quais os maiores desafios da docência e dificuldades no cotidiano da escola? (você pode marcar mais de uma alternativa)

- Baixa remuneração
- Falta de valorização
- Adoecimento físico
- Adoecimento mental
- Estrutura física das escolas
- Relação com as famílias
- Comportamento/indisciplina dos alunos
- Dificuldade de diálogo com a gestão
- Relações pessoais entre colegas
- Violência na escola
- Condição socioeconômica dos alunos

- Insuficiência de material pedagógico
- Dificuldade de se adaptar às novas tecnologias
- Quantidade de alunos com dificuldades
- Falta de formação continuada
- Excesso de trabalho e de funções
- Excesso de exigências

35. Como você avalia a estrutura da instituição que trabalha?

- Muito boa
- Boa
- Razoável
- Ruim
- Muito ruim

36. O que você acha que poderia melhorar na estrutura física da sua escola?

37. Como você avalia o material pedagógico ofertado pela escola?

- A escola oferece uma quantidade suficiente para o desenvolvimento de atividades
- A escola oferece quantidade insuficiente para o desenvolvimento das atividades

38. Como você avalia o suporte pedagógico ofertado pela escola e/ou Secretaria de Educação?

- Muito bom
- Bom
- Razoável
- Ruim
- Muito ruim

39. Como você avalia o suporte tecnológico da escola (internet, computadores notebooks, projetores, caixa de som, etc)?

- Muito bom
- Bom
- Razoável
- Ruim
- Muito ruim

40. Quantas horas diárias, em média, você utiliza fazendo planejamento/correção de atividades em casa?

- 1 a 2 horas
- 2 a 3 horas
- 3 a 4 horas
- 4 a 5 horas
- Mais de 5 horas

41. Quantos livros você leu no último mês?

- Nenhum livro
- 1 a 3 livros
- 4 a 5 livros
- Mais de 5 livros

VIDA PESSOAL, COTIDIANO E TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO

42. Quantas pessoas moram na sua casa (incluindo você)?

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7

- 8 ou mais

43. Qual a sua renda líquida mensal?

- Até 1.500,00
- Até 2.000,00
- Até 2.500,00
- Até 3.000,00
- Até 3.500,00
- Até 4.000,00
- Até 4.500,00
- Até 5.000,00
- Até 6.000,00
- Mais de 6.000,00

44. O seu salário é a principal renda da casa?

- Não
- Sim

45. Qual a renda média mensal da sua família (incluindo todos os integrantes)?

- Até 2.000,00
- Até 3.000,00
- Até 4.000,00
- Até 5.000,00
- Até 6.000,00
- Até 7.000,00
- Até 8.000,00
- Até 9.000,00
- Até 10.000,00
- Mais de 10.000,00

46. Você mora com: (você pode marcar mais de uma alternativa)

- Seus pais/sua mãe/seu pai
- Seus avós/sua avó/seu avô
- Seus sogros/seu sogro/sua sogra
- Seu companheiro/sua companheira
- Seus filhos
- Sozinha
- Outros

47. Sua casa é:

- Alugada
- Própria/quitada
- Própria em financiamento
- Emprestada/cedida

48. Você tem um lugar específico para trabalho ou estudo em casa?

- Não
- Sim, é um espaço de exclusivamente meu
- Sim, mas é um espaço compartilhado

49. Na sua casa, tem acesso à internet?

- Não
- Sim
- Sim, mas não é de qualidade

50. Você tem computador?

- Sim
- Não

51. Se sim, seu computador é:

- Pessoal
- Compartilhado com outras pessoas

52. Quantas horas diárias, em média, você utiliza para o trabalho doméstico?

- 53. 1 a 2 horas
- 54. 2 a 3 horas
- 55. 3 a 4 horas
- 56. 4 a 5 horas
- 57. Mais de 5 horas

58. Quais as atividades você realiza em casa? (você pode marcar mais de uma alternativa)

- Cuidar dos filhos
- Cuidar das plantas
- Cuidar de idosos
- Cuidar do companheiro/companheira
- Cuidar das pessoas que estão doentes
- Cuidar dos animais
- Fazer compras/feira
- Organizar compras
- Lavar e secar a louça
- Preparar refeições
- Servir refeições
- Lavar roupas
- Passar roupas
- Limpar móveis
- Varrer a casa
- Limpar a casa
- Arrumar camas
- Trocar lençóis, toalhas e tapetes
- Lavar banheiros
- Limpar janelas

- Organizar e manter a casa

59. Você paga uma outra pessoa que desenvolve essas atividades na casa?

- Sim
- Não

60. Você tem algum problema de saúde? Se sim, marque a/as alternativa/alternativas (você pode marcar mais de uma alternativa)

- Distúrbios vocais
- Dores nas costas constantes
- Dores de cabeça constantes
- Enxaquecas constantes
- Hipertensão
- Diabetes
- Ansiedade
- Depressão
- Síndrome de Burnout
- Câncer
- Esclerose
- Fibromialgia
- Endometriose
- Lúpus
- Osteoporose
- Outro

61. Tem filhos?

- Não
- Sim, tenho 1
- Sim, tenho 2
- Sim, tenho 3
- Sim, tenho 4 ou mais

62. Você é mãe solo/mãe solteira?

- Sim
- Não
- Não sou mãe

63. Você tem filhos pequenos (até 12 anos)?

- Sim
- Não
- Não tenho filhos

64. Caso tenha filhos, quem costuma ser o principal responsável por cuidar deles (alimentar, vestir, ajudar no cotidiano)?

65. Caso tenha filhos, quem costuma ser o principal responsável por cuidar deles enquanto estão doentes?

66. Caso tenha filhos, quem costuma ser o principal responsável por ajudá-los nas atividades escolares?

67. Caso tenha filhos, quem costuma ficar responsável por eles na sua ausência?

68. Caso não tenha filhos, pretende ter?

- Tenho filhos
- Não tenho, mas pretendo ter
- Não tenho filho e não pretendo ter
- Não sei ou não gostaria de responder

69. Você consegue se dedicar a atividades físicas durante a semana?

- Não
- Sim, de 01 a 03 vezes por semana
- Sim, de 04 a 06 vezes por semana
- Sim, todos os dias

70. De modo geral, como você classificaria seu sono?

- Muito bom
- Bom
- Razoável
- Ruim
- Muito ruim

71. O trabalho como professora, as atividades domésticas e/ou a maternidade impactam negativamente o seu sono?

- Sim
- Não

72. De modo geral, como você classificaria sua alimentação no dia a dia?

- Muito boa
- Boa
- Razoável
- Ruim
- Muito ruim

73. Em média, com qual frequência você consegue realizar alguma atividade de lazer com a família ou amigos?

- Não consigo
- 1 vez por mês
- 2 vezes por mês
- 1 vez por semana

- 2 a 3 vezes por semana
- De 4 a 6 vezes por semana
- Todos os dias

74. Você sente que seu trabalho como professora te desgasta fisicamente ou mentalmente?

- Sim
- Não

75. Você sente que seu trabalho doméstico te desgasta fisicamente ou mentalmente?

- Sim
- Não

76. De modo geral, você conseguiria indicar qual é o trabalho mais desgastante: Trabalho docente ou o trabalho doméstico?

- O trabalho docente é mais desgastante
- O trabalho doméstico é mais desgastante
- Ambos são igualmente desgastantes
- Nenhum dos dois é desgastante

APÊNDICE 4 – GUIA PARA ENTREVISTAS

DADOS PESSOAIS

1. Conte um pouco da sua história sem deixar de indicar seu local de nascimento, idade, cor, religião, estado civil e local de moradia atual.

INFORMAÇÕES PROFISSIONAIS

2. Em um breve resumo, indique sua profissão, sua formação, etapa ou modalidade que atua, vínculo, local/locais onde trabalha, tempo de carreira, carga horária.

3. O que fez você escolher a docência?

4. Quais são as maiores dificuldades e desafios que você encontrou e encontra na docência? Você sente que os desafios estão mudando ao longo do tempo?

5. Está satisfeito com a profissão? Se não, por quê? Se não, mudaria de profissão?

6. Como avalia a estrutura física, tecnológica e o suporte pedagógico da instituição onde trabalha?

7. Você consegue dedicar tempo a qualificação profissional, lendo ou fazendo cursos, por exemplo? Pensa em progredir academicamente? Quais são ou seriam suas maiores dificuldades na qualificação profissional?

8. Você costuma utilizar seu tempo em casa planejamento/correção de atividades? Se sim, com que frequência? Se sim, quantas horas? O que isso acarreta?

VIDA PESSOAL, COTIDIANO E TRABALHO DOMÉSTICO NÃO REMUNERADO

9. Em breve resumo, descreva o seu cotidiano doméstico indicando com quem você mora, como se dá a divisão das contas da sua residência, situação da sua casa (própria/alugada/cedida).

10. Na sua casa, você tem um local próprio de estudo ou trabalho? Tem acesso à internet? Tem computador próprio?

11. Você realiza trabalho doméstico não remunerado? Se sim, quais os afazeres domésticos você realiza em casa? Se sim, quantas horas você gasta em trabalho doméstico? Se sim, existem outras pessoas que realiza trabalho doméstico não remunerado na sua casa? Você paga uma outra pessoa que desenvolve essas atividades na casa?

12. Como se dá seu cotidiano em casa?

13. Tem filhos? Se sim, com quantos foi mãe? Se sim, você é mãe solo/mãe solteira? Se sim, você tem filhos pequenos (até 12 anos)? Se sim, quem costuma ser o principal responsável por cuidar deles (alimentar, vestir, ajudar no cotidiano)? Se sim, quem costuma ser o principal responsável por cuidar deles enquanto estão doentes? Se sim, quem costuma ser o principal responsável por ajudá-los nas atividades escolares? Se sim, quem costuma ficar responsável por eles na sua ausência? Se sim, como consegue conciliar a maternidade e trabalho?

14. Você consegue se dedicar a atividades físicas durante a semana?

15. De modo geral, como você descreveria seu sono? O trabalho como professora, as atividades domésticas e/ou a maternidade impactam negativamente o seu sono? Se sim, como?

16. De modo geral, como você descreveria sua alimentação? O trabalho como professora, as atividades domésticas e/ou a maternidade impactam negativamente o seu sono? Se sim, como?

17. De modo geral, como você descreveria seu lazer? O trabalho como professora, as atividades domésticas e/ou a maternidade impactam negativamente o seu lazer? Se sim, como?

18. Você sente que seu trabalho como professora te desgasta fisicamente ou mentalmente? Se sim, como?

19. Você sente que seu trabalho doméstico te desgasta fisicamente ou mentalmente? Se sim, como?

20. De modo geral, você conseguiria indicar qual é o trabalho mais desgastante: Trabalho docente ou o trabalho doméstico? Explique.